



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional
Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer

Luiz Gustavo Nicácio

PRATICAR O (NO/COM) PARQUE:
experiências de lazer no Parque Nacional do Caparaó

Belo Horizonte
2025

Luiz Gustavo Nicácio

PRATICAR O (NO/COM) PARQUE:
experiências de lazer no Parque Nacional do Caparaó

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Estudos do Lazer.

Área de concentração: Lazer, Cultura e Educação.

Linha de Pesquisa: Identidade, sociabilidades e práticas de lazer

Orientador: Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli

Belo Horizonte

2025

N583p Nicácio, Luiz Gustavo
2025 Praticar o (no/com) parque: experiências de lazer no Parque Nacional do Caparaó. [manuscrito] / Luiz Gustavo Nicácio – 2025.
212 f.: il.

Orientador: José Alfredo Oliveira Debortoli

Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional.
Bibliografia: f. 144-150

1. Lazer – Teses. 2. Parques Nacionais – Brasil – Teses. 3. Reservas naturais – Brasil – Teses. I. Debortoli, José Alfredo Oliveira. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. III. Título.

CDU: 379.8

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Sheila Margareth Teixeira Adão, CRB 6: nº 2106, da Biblioteca da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da UFMG.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
EEFFTO - COLEGIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LAZER - SECRETARIA
ATA DA 111ª DEFESA DE TESE DE DOUTORADO
LUIZ GUSTAVO NICÁCIO

Às **14:00** horas do dia 15 de janeiro de 2025, reuniu-se no auditório Maria Lúcia Paixão, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais - EEFFTO/UFMG a Comissão Examinadora de Tese, indicada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer para julgar, em exame final, o trabalho “Praticar o (no/com) parque: experiências de lazer no Parque Nacional do Caparaó”, requisito final para a obtenção do Grau de Doutor em Estudos do Lazer. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Prof. Dr. José Alfredo Oliveira Debortoli, após dar a conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra para o candidato, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos(as) examinadores(as), com a respectiva defesa do candidato. Logo após, a Comissão se reuniu, sem a presença do candidato e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Foram atribuídas as seguintes indicações:

Membros da Banca Examinadora	Aprovado	Reprovado
Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)	X	
Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa (UFMG)	X	
Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni (UFES)	X	
Profa. Dra. Gabriela Baranowski Pinto (UEMG)	X	
Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)	X	

Após as indicações o candidato foi considerado: **APROVADO**

O **resultado final** foi comunicado publicamente, para o candidato pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar o Presidente encerrou a reunião e lavrou a presente **ATA** que será assinada por todos os membros participantes da Comissão Examinadora.

Belo Horizonte, 15 de janeiro de 2025.

Assinatura dos membros da banca examinadora:

Prof. Dr. Jose Alfredo Oliveira Debortoli (Orientador)

Prof. Dr. Altamiro Sérgio Mol Bessa (UFMG)

Profa. Dra. Ana Carolina Capellini Rigoni (UFES)

Profa. Dra. Gabriela Baranowski Pinto (UEMG)

Profa. Dra. Maria Cristina Rosa (UFMG)



Documento assinado eletronicamente por **Maria Cristina Rosa, Coordenador(a)**, em 06/02/2025, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jose Alfredo Oliveira Debortoli, Professor do Magistério Superior**, em 07/02/2025, às 13:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Altamiro Sergio Mol Bessa, Professor do Magistério Superior**, em 11/02/2025, às 11:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gabriela Baranowski Pinto, Usuário Externo**, em 06/03/2025, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Capellini Rigoni, Usuário Externo**, em 06/03/2025, às 13:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3817174** e o código CRC **BF886B3F**.

AGRADECIMENTOS

Ainda que a produção de uma tese seja um exercício monográfico, ele nunca se dá sozinho. A minha tentativa, ao longo do texto, foi buscar expressar que fazer pesquisa é um processo e, para agradecer, é preciso lembrar de inúmeras pessoas, lugares e experiências que fizeram parte deste processo, que não se iniciou com a entrada no doutorado.

Agradeço primeiramente ao meu pai (*in memoriam*) e a minha mãe, sem os quais não teria sido possível experienciar todas as trilhas que eu percorri, em especial a minha mãe que, desde a mais tenra idade, me levou a parques e a ambientes naturais. A minha irmã, meu anjo em forma de pessoinha, que cuidou e cuida de mim a vida toda e, além disso, me acompanhou em muitas aventuras. A minha esposa, que topou compartilhar a vida comigo, me apoiou na decisão de ingressar no doutorado e me proporcionou a maior e melhor aventura da vida, ser pai. A minha filha que, sem esforço, transformou (transforma todos os dias) em uma pessoa melhor o homem, menino, professor e pesquisador, só com um sorriso, um olhar, uma corridinha e tantos outros “só” que são tudo, menos “só”.

Aos meus vários e várias amigas, sim vários, tenho sorte demasiada nesse critério. E, se, para mim, o importante na vida são as pessoas, fui brindado com o que mais bonito há de pessoas nesse mundo como amigos.

Agradeço a minha avó, dona Clarinda, e ao meu avô Miguel (*in memoriam*) por todo amor ao longo da vida. Ao meu cunhado João, meu sogro Fernando, minha sogra Samira, minha sobrinha Yasmin, minha cunhada Fernanda e ao Rodrigo. Família é importante em cada passo, e eu tive sorte de a minha aumentar privilegiadamente.

Agradeço à Universidade Federal de Minas Gerais, na figura do Coltec, que me permitiu dois anos de afastamento para que eu pudesse, com qualidade, desenvolver a pesquisa e ser pai fazendo uma pesquisa de doutorado.

Ao meu orientador, Zé, generoso, paciente e dedicado, um amigo, um exemplo de ser humano, professor e pesquisador. Às professoras e professores Altamiro, Ana Carolina, Gabriela Baranowski e Maria Cristina, que compuseram a banca, meu muito obrigado pela leitura e avaliação do trabalho para qualificá-lo. E, além da avaliação, agradeço à professora Maria Cristina por todas as contribuições ao longo do doutorado, seja no Grupo Caparaó ou nas disciplinas que cursei sob sua responsabilidade. Ao professor Altamiro, a gentileza e o acolhimento ao cursar sua disciplina sobre teorias da paisagem.

Aos professores suplentes, o agradecimento por sua disponibilidade. Ao Sílvio, meu eterno agradecimento por suas contribuições ao longo de minha formação acadêmica e pela

amizade. Meu agradecimento a todos os colegas dos grupos NaPrática, Caparaó, GEFuT e Pensando a Educação Física Escolar, pela amizade e por todas as contribuições acadêmicas e profissionais.

À Eliene e ao Marquinhos, mais que colegas de trabalho, amigos que me deram todo o apoio para conseguir cuidar da Mariana e do doutorado durante o meu afastamento.

Aos professores e professoras do programa, por todas as suas contribuições. Ao Danilo, pela amizade, pela gentileza e pela ajuda com todas as demandas ao longo do doutorado. Mais que isso, agradeço a possibilidade de aprender a ser uma pessoa melhor com alguém extremamente generoso.

Agradeço imensamente ao CAPARAÓ, não só pela pesquisa, mas por todos os anos em que pude estar lá. Às pessoas que me concederam as entrevistas, pelo tempo cedido e por compartilharem tantas coisas. Agradeço profundamente às pessoas com quem estive no tempo em campo.

Meu muito obrigado a todas e a todos com quem pude compartilhar, ao longo desses quatro anos, os relatos e as vivências, sobre a pesquisa ou sobre a vida, pois as coisas não se dissociam.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi identificar e descrever práticas que acontecem no interior do Parque Nacional do Caparaó, buscando compreender como elas compõem as aproximações entre os sujeitos e o parque. Essas aproximações foram entendidas, neste trabalho, como “*nós*” (Ingold, 2015). Como caminho metodológico, o trabalho se inspirou inicialmente na deriva de Guy Debord (1958) e no caminhar como prática estética, conceito de Francesco Careri (2013). Assim, configura-se como um trabalho de características etnográficas, que lançou mão da observação e de conversas registradas em caderno de campo em formato de texto, em bloco de notas no celular; de gravações de áudio do próprio pesquisador; bem como de fotografias e vídeos dos períodos de campo. Após a qualificação, outra fonte de orientação se tornou a matriz instigadora da presença em campo, o peregrinar apresentado por Ingold (2015), mantendo as ferramentas de registro. Também foram realizadas três entrevistas, duas com condutores/guias do parque e uma com o proprietário de uma das fazendas de café especial da cidade de Alto Caparaó. As entrevistas foram não estruturadas (Minayo, 2010), ou seja, não obedeceram a um roteiro prévio, tendo sido orientadas por eixos de interesse que foram explicados previamente aos entrevistados. As ações em campo ocorreram em duas condições distintas, uma primeira parte exploratória aconteceu em período anterior à qualificação da pesquisa e a outra, posterior à qualificação. Embora pareçam simples, os dois movimentos se constituíram como etapas distintas: o primeiro, permitiu que fosse possível beber de uma fonte generosa de saberes na conversa com os pareceristas, o que se refletiu na postura, ao peregrinar durante o campo, e nos registros, que compuseram a segunda etapa. Foram aproximadamente 210 horas vividas no interior do parque, somadas a aproximadamente mais 160 horas de experiências na cidade de Alto Caparaó. A multiplicidade de práticas e de olhares dos praticantes sobre o parque, sobre si mesmos e sobre outros praticantes apontou caminhos que se tornaram mais heterogêneos ao pensar esses lugares. Do ponto de vista do lazer, cabe observarmos os movimentos que antecedem esse encontro de trilhas, que pode resultar em diferentes formas de habitar o espaço do parque. A dimensão da paisagem se mostrou uma constituinte significativa do desejo pela presença no parque e por um conjunto de práticas, sendo importante compreendê-las para além da ideia de um panorama natural (Besse, 2014). Os entrelaçamentos que se produzem por meio das práticas podem ser entendidos como uma importante centelha para orientar o trabalho de professores, gestores de parques, guias, condutores, sujeitos envolvidos com o turismo e gestores de políticas públicas.

Palavras-Chave: Parque Nacional do Caparaó; experiência da paisagem; experiências de lazer na montanha.

ABSTRACT

The objective of this work was to identify and describe practices that take place within the Caparaó National Park (Caparaó), seeking to understand how they compose the approximations between the subjects and the park. These approximations were conceptualized in this work as “knots” (Ingold, 2015). As a methodological approach, this work was initially inspired by Guy Debord’s drift (1958) and walking as an aesthetic practice, based on Francesco Careri (2013), for a study with ethnographic characteristics. The research relied on observation and field conversations recorded in a notebook on a cell phone, audio recordings by the researcher, as well as photographs and videos. After the qualification phase, another source of inspiration guided the fieldwork: the concept of wayfaring as presented by Ingold (2015), while maintaining the same recording tools. Three unstructured interviews (Minayo, 2010) were conducted: two with park guides and one with the owner of a specialty coffee farm in the city of Alto Caparaó. Fieldwork occurred in two distinct stages: an initial exploratory phase prior to the qualification of the research and a second phase after qualification. Although seemingly straightforward, the two stages were notably distinct, particularly influenced by discussions with the reviewers, which shaped the researcher’s approach to wayfaring and the methods of recording during fieldwork. Approximately 210 hours were spent inside the park, in addition to about 160 hours in the city of Alto Caparaó. The multiplicity of practices and perspectives of practitioners about the park, themselves, and other practitioners highlight the heterogeneity in understanding these places. From the leisure perspective, it is essential to observe the movements that precede the encounters on the trails, which can result in different ways of inhabiting the park space. The dimension of the landscape proved to be a significant aspect in the desire to be present in the park and engage in a variety of practices. It is important to understand this beyond the idea of a natural panorama (Besse, 2014). The interconnections produced through these practices can serve as an important spark to guide the work of teachers, park managers, guides, and public policy managers involved in tourism.

Keywords: Caparaó National Park; landscape experience; mountain leisure experiences.

RESUMEN

El objetivo de este trabajo fue identificar y describir prácticas que tienen lugar dentro del Parque Nacional del Caparaó (Caparaó), buscando comprender cómo estas componen las aproximaciones entre los sujetos y el parque. Estas aproximaciones fueron conceptualizadas en este trabajo como “nudos” (Ingold, 2015). Como enfoque metodológico, este trabajo se inspiró inicialmente en la deriva de Guy Debord (1958) y en el caminar como práctica estética, basado en Francesco Careri (2013), para un estudio con características etnográficas. La investigación se basó en la observación y conversaciones de campo registradas en un cuaderno de notas en el teléfono móvil, grabaciones de audio realizadas por el propio investigador, así como en fotografías y videos. Después de la etapa de calificación, otra fuente de inspiración guió el trabajo de campo: el concepto de caminar como “wayfaring” presentado por Ingold (2015), manteniendo las mismas herramientas de registro. Se realizaron tres entrevistas no estructuradas (Minayo, 2010): dos con guías del parque y una con el propietario de una finca de café de especialidad en la ciudad de Alto Caparaó. El trabajo de campo se llevó a cabo en dos etapas distintas: una fase inicial exploratoria antes de la calificación de la investigación y una segunda fase posterior a la calificación. Aunque aparentemente sencillas, las dos etapas fueron notablemente distintas, influenciadas en particular por las discusiones con los revisores, que moldearon el enfoque del investigador hacia el caminar y los métodos de registro durante el trabajo de campo. Se dedicaron aproximadamente 210 horas dentro del parque, además de unas 160 horas en la ciudad de Alto Caparaó. La multiplicidad de prácticas y perspectivas de los practicantes sobre el parque, sobre sí mismos y sobre otros practicantes resalta la heterogeneidad en la comprensión de estos lugares. Desde la perspectiva del ocio, es fundamental observar los movimientos que preceden los encuentros en los senderos, los cuales pueden resultar en diferentes formas de habitar el espacio del parque. La dimensión del paisaje demostró ser un aspecto significativo en el deseo de estar presente en el parque y participar en una variedad de prácticas. Es importante comprender esta dimensión más allá de la idea de un panorama natural (Besse, 2014). Las interconexiones producidas a través de estas prácticas pueden servir como una chispa importante para guiar el trabajo de profesores, gestores de parques, guías y gestores de políticas públicas involucrados en el turismo.

Palabras clave: Parque Nacional Caparaó; experiencia paisajística; experiencias de ocio en la montaña.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Entrada da cidade de Alto Caparaó.....	39
Figura 2- Portaria em Alto Caparaó - Parque Nacional do Caparaó	40
Figura 3 - Acesso ao Vale Verde interditado.....	41
Figura 4 - QR Code para áudio da Cachoeira.....	43
Figura 5 - QR Code para vídeo da cachoeira	43
Figura 6 Vista do Mirante da Tronqueira.....	44
Figura 7 - Camping Tronqueira	45
Figura 8 Camping Tronqueira	45
Figura 9 - Vídeo Vale Encantado.....	46
Figura 10 - Vídeo Vale Encantado - Trilha 1	46
Figura 11 - Vale Encantado - Trilha 2.....	46
Figura 12 - Vale Encantado - Trilha 3.....	46
Figura 13 - Vista da trilha para o Pico da Bandeira.....	48
Figura 14 - Trilha para o Pico da Bandeira	49
Figura 15 - Trilha para o Pico da Bandeira	49
Figura 16 - Trilha para o Pico da Bandeira	49
Figura 17 Trilha para o Pico da Bandeira -	49
Figura 18 - Vista do Terreirão.....	50
Figura 19 - Imagem e som na chegada ao Terreirão.....	52
Figura 20 - Trilha Pico da Bandeira	53
Figura 21 - Pico da Bandeira	53
Figura 22- Vista do Pico da Bandeira.....	59
Figura 23 - Mirante da Tronqueira	64
Figura 24- Vista de piscinas naturais no Vale Encantado sob neblina.....	69
Figura 25 - Placa sinalizando a trilha para o Pico da Bandeira	75
Figura 26 Cruzeiro do pico da Bandeira e caixa com o caderno de assinaturas.....	76
Figura 27 - Aranha no Pico da Bandeira	77
Figura 28- Josias e Luiz.....	90
Figura 29- Valéria, Amanda e Luiz.....	96
Figura 30 - Fazenda Ninho da Águia	103
Figura 31- Vista da janela da padaria - 15 de setembro - 7h05	113
Figura 32- Tronqueira dia 15 de setembro - 16h	117
Figura 33- Tronqueira dia 16 de setembro - 12h	122
Figura 34- Estante com troféus, embalagens do café da Fazenda Ninho da Águia em outros países e fotografias	123
Figura 35 -Fluxo do registro do dia 16 de setembro.....	124
Figura 36 - Conjunto de vídeos sobre o fluxo nos dias 12 e 13 de outubro de 2023	132
Figura 37 - Entrada da cidade de Alto Caparaó com faixas sobre os eventos.....	134
Figura 38 - Divulgação do Festival Sabores de Minas e do Festival de Esportes de Montanha	135

LISTA DE SIGLAS

ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
PARNA	Parque Nacional
Caparaó	Parque Nacional do Caparaó
UC	Unidade de Conservação

SUMÁRIO

1. ARRUMANDO A MOCHILA.....	13
2. CONHECENDO O CONDUTOR, A TRILHA E ALGUNS DOS EQUIPAMENTOS DE ORIENTAÇÃO	17
3. O PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ	36
4. ALINHANDO OS OLHARES E ALGUMAS PERCEPÇÕES.....	54
4.1 Sobre o tempo-clima e sobre o tempo	62
4.2 Vestir-se para além da moda, será preciso equipar-se?	66
4.3 A experiência e a conquista: a aventura e o risco	71
5. ENCONTRANDO AS <i>TRILHAS</i> – OS CAMINHOS METODOLÓGICOS...	79
6. SENDO GUIADO POR CAMINHOS CONHECIDOS, MAS COM O CONVITE A OLHARES DIFERENTES.....	89
6.1 Sr. Josias	89
6.2 Amanda e Valéria	95
6.3 Sr. Aídes	101
7. PRATICAR O PARQUE: NO E COM O PARQUE, EXPERIÊNCIAS DE LAZER NO CAPARAÓ.....	111
7.1 De 14 a 17 de setembro de 2023 - reconhecendo o que são trilhas	111
7.2 De 12 a 15 de outubro de 2023 – entre trilhas	124
7.3 De 9 a 13 de fevereiro de 2024 – encerrando o campo, mas não as trilhas.....	133
8. CONSIDERAÇÕES DO PERCURSO E DE TRILHAS FUTURAS	139
ANEXOS.....	148
Anexo 1 - Autorização SISBio para realização da pesquisa no Parque Nacional do Caparaó.	149
APÊNDICES	152
Entrevista Josias.....	152
Entrevista Amanda e Valéria	173
Entrevista Sr. Aídes.....	196

1. ARRUMANDO A MOCHILA

Em geral, é na introdução que apresentamos os elementos de um trabalho, suas motivações e a origem do problema de pesquisa, levando o leitor ao problema e começando a dialogar com as bases teóricas que nos orientam. Mas, aqui, senti a necessidade de desenvolver um ponto antes da introdução, tentando pavimentar o caminho ou ao menos demarcar um pouco melhor a trilha que produziu esta tese. Como praticante da montanha, acredito que uma mochila bem arrumada simplifica o estar em movimento e possibilita complexificar o praticar. No caso aqui, chamo de arrumar a mochila narrar um pouco do processo da pesquisa e as escolhas da escrita, apontando onde estarão algumas coisas e alguns dos porquês dessas posições e escolhas. Assim como buscar uma capa de chuva na mochila durante uma trilha na madrugada fica mais fácil sabendo onde ela está, explicitar algumas coisas pode ser um facilitador, podendo tornar a “trilha” da leitura mais agradável.

O texto aqui apresentado se divide em dois momentos tendo, no item que apresenta o percurso metodológico, um ponto de transição, como se houvesse dois tipos de vegetação coexistindo. É lá que ficará mais explícito como a própria prática da pesquisa a modelou, num diálogo com as reflexões e os convites apresentados na qualificação, nos encontros de orientação e na própria presença em campo, momentos fundamentais para a produção da tese. Aliás, aqui surge a oportunidade de apresentar uma questão importante sobre o texto, em termos de posições, normas e formalidades. Não há, no sumário, nenhuma numeração, o que foi feito de maneira intencional (a numeração incluída na versão enviada ao repositório é apenas proforme), uma vez que a leitura do trabalho pode ser feita em ordens distintas. Após a defesa desta tese, uma das integrantes da banca sugeriu que a parte que remete à metodologia viesse logo no início da tese. Após refletir sobre a questão, optei por mantê-la onde está, com essa função limítrofe, mas, incluindo esta passagem com o aviso de que a leitura da metodologia, antes mesmo da introdução, pode ser esclarecedora em vários pontos de um porvir. Entretanto, mantê-la onde estava trouxe a possibilidade de dialogar sobre partes do trabalho com pessoas de alguns grupos de pesquisa dos quais faço parte, na orientação individual e coletiva com meu orientador e colegas e em conversas menos formais sobre o trabalho, o que produziu inquietações que reverberaram no campo, ou seja, nas idas à cidade de Alto Caparaó e ao Parque Nacional do Caparaó (Caparaó) e na escrita.

A introdução, intitulada como “Conhecendo o condutor, a trilha e alguns dos equipamentos de orientação”, traz título quase idêntico ao que foi apresentado na qualificação, com pequenas inclusões no sentido de clarificar conceitos e ideias que não estavam bem

explicitados naquele momento. Além disso, o exercício da trama entre trajetória pessoal/profissional e diálogos com a produção acadêmica segue sendo entendido como importante para compreender o processo da pesquisa e algumas escolhas.

Os objetivos estão apresentados de forma nova, uma vez que sofreram transformações após a realização da primeira parte da pesquisa. É importante salientar que, mesmo sabendo que apenas os que compuseram a banca na qualificação poderão se lembrar dessa diferença, nessa arrumação da mochila, é importante situar que os objetivos já foram diferentes, tendo sido apresentados de outra forma. Escolher um novo formato na versão final da tese justifica-se pela necessidade de que os leitores possam apreender do que se tratavam as inquietações que emergiram do problema de pesquisa e entender a que se propôs este trabalho.

A apresentação do Parque Nacional do Caparaó, “O Parque Nacional do Caparaó”, segue imediatamente depois dos objetivos, e foi elaborada bebendo em fontes oficiais, embora tenha sido temperada com as percepções do pesquisador, que já vivenciava o parque sozinho e com pessoas próximas, além de ser um professor que, há mais de uma década, leva estudantes para lá. Também foi destacada, após a metodologia, outras costuras para reapresentar o parque a partir de relações de mais pessoas com o espaço. Mais do que seus hectares, o parque é a sua relação com os sujeitos. Assim, o correto, ainda que errado do ponto de vista da língua, seria dizer que o parque “são”. Por isso, a apresentação do parque sob essa perspectiva está ali e, posteriormente, outros entendimentos sobre ele entram em diálogo.

Feita a apresentação, o estudo traz uma produção já apresentada na etapa da qualificação da tese e a partir da qual foi possível estabelecer uma série de diálogos, que demarcaram a trilha a seguir na segunda metade do desenvolvimento desta pesquisa. Esse exercício foi nomeado de “Alinhando os olhares para algumas percepções”. Exercitar o fazer pesquisa no campo só reforçou, para mim, o entendimento de que pesquisar é prática situada, ou situante, como disse Ingold (2015) ao falar sobre a existência humana.

Fazer pesquisa é prática situada – e aprender a fazer pesquisa significa mudar nosso modo de participar. Essa premissa pode valer para todos os envolvidos, nesse momento em que as fronteiras entre pesquisador e pesquisado se mesclam, e tem se produzido vários “atravessamentos”, ou deslocamentos (Gomes; Faria; Bego, 2019, p.119).

A pesquisa, como foi realizada, só poderia ser feita a partir da trajetória experienciada. Nesse sentido, os tópicos retratados nesta parte estão embebidos no desejo de mudar o modo de participação ao realizar o trabalho. Foi desafiador assumir a figura de pesquisador, buscando registrar no caderno de campo o que acontecia, sem desvencilhar-me da condição de praticante

e professor. Tratou-se de um exercício complexo, pois, a cada instante, batia à porta da descrição um pouco do olhar de cada “persona” do pesquisador, que é indissociável, mas não pode moldar a descrição. Por isso, foi importante assumir a opção pela permanência do texto tal como foi produzido naquele momento, com pequenas incorporações do ponto de vista da clarificação de conceitos ou correções de escritas que demandavam ser melhor construídas, sem, contudo, mudar as ideias.

Encerrado o exercício anterior, em “Encontrando as trilhas - os caminhos metodológicos”, é descrito o que orientou este trabalho, com a apresentação de dois tempos, um que apresenta o que guiou a pesquisa até o momento da qualificação; e outro que traz o movimento posterior a ela. É importante situar esses movimentos distintos, que se amalgamam em uma só metodologia, pois ela é processo, é experiência é a vivência da pesquisa. Assim, a fundamentação que orientou a presença em campo foi sentida no processo orgânico de fazer a pesquisa.

Em “Sendo guiado por caminhos conhecidos, mas com o convite a olhares diferentes”, as três entrevistas realizadas, como as últimas ações em campo, representam momento de encerramento. Entretanto, onde “terminou” também pode ser o recomeço da produção do texto. Os vários dias no parque e na cidade de Alto Caparaó levaram à definição das pessoas a serem entrevistadas, de modo que, após as entrevistas, depois de lê-las e relê-las, pude olhar para os registros de campo sensibilizado por outras formas de perceber as práticas vividas no parque. Apresentar os sujeitos e de que maneira ouvir cada uma dessas pessoas acabou sendo importante para a escrita da tese diz do processo e reforça que a pesquisa não é apenas seu resultado, mas, muito mais que isso, o processo de sua construção.

Assim, apresento os sujeitos entrevistados e uma série de dados das entrevistas que lançam questões sobre o período imerso em campo. Foram entrevistadas quatro pessoas, sendo que duas delas foram ouvidas juntas, por assim realizarem seu trabalho de condução dos visitantes no parque.

Já em “Praticar o parque: no e com o parque, experiências de lazer no Caparaó”, os dados do caderno de campo são convocados para a conversa sobre as práticas no parque, considerando aqueles espaços em que a peregrinação da pesquisa permitiu que eu estivesse. Há aqui a manutenção, ainda que menos acentuada, de tentar fazer uso de imagens e sons para situar os leitores sobre determinadas condições que a descrição, assim como algumas análises, pode não ser suficiente. Ainda que a experiência seja mais do que auditiva e visual, trazer mais dois elementos pode contribuir para a compreensão de especificidades. Mesmo assim, nessa organização de passagens e escolhas, adianto que, tal qual o cozinheiro da parábola da Omelete

de Amoras, de Walter Benjamin (1995), mesmo entregando todos os ingredientes na ordem em que foram vividas não é possível levar os leitores à experiência vivida em campo. De todo modo, dizer de uma visão limitada à noite, por melhor que pudesse ser minha descrição, ganhou com a incorporação das imagens, assim como ao falar do vento que impedia a permanência de pé ou do silêncio que contava algo. É nesse capítulo que busco, de maneira mais concreta, fazer apontamentos sobre aquilo que acabou indo parar no título, o praticar no parque e o praticar o parque. São duas extremidades de um fluxo, que se estabelecem numa transição fluida entre uma coisa e outra que, na verdade, opera a partir das percepções de mundo e de si mesmas que as pessoas têm ao realizar uma prática na natureza.

Por fim, “Considerações do percurso e de trilhas futuras” configura-se como um momento de liberdade entre pesquisador, professor e praticante, levando o leitor a refletir sobre o que o pesquisador registrou, descreveu e analisou nesse período de pesquisa, ao conversar com quem já estava ali “antes dele”, olhando para as experiências relatadas sem preocupações com a norma acadêmica, mas com tanto cuidado quanto, o que permitiu que esta pesquisa se reverberasse “neles”.

Espero que a trilha apresentada a seguir possa ser desfrutada e interpretada tendo em vista o fato de que o que orientou este trabalho foi o entendimento de que o processo de fazer pesquisa se fez ao realizá-la, ou seja, fui aprendendo sobre o objeto ao mesmo tempo em que aprendia sobre o meu próprio fazer como pesquisador.

2. CONHECENDO O CONDUTOR¹, A TRILHA E ALGUNS DOS EQUIPAMENTOS DE ORIENTAÇÃO

Em dezembro de 2020, ingressei no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, e a proposta de pesquisa apresentada na seleção não tinha nenhuma relação com o que apresento neste texto. Minha entrada se deu com um projeto sobre um coletivo de professoras e professores de educação física. Alguns meses antes da entrada, no período pré-inscrição, eu me questionava sobre qual projeto apresentar. Colocava-me entre dois eixos. O primeiro correspondia ao que acabou sendo submetido ao processo de seleção para o doutorado, sobre o coletivo de professores. Este projeto já tinha uma estrutura mais completa, havia sido apresentado e aprovado em outro programa de pós-graduação, mas não havia sido selecionado. Exatamente na entrevista da seleção em um outro programa, dei-me conta do que o interligava ao campo do lazer. O segundo, uma temática, naquele momento, eu diria “da natureza”, ainda não estava completamente desenhado e conflitava com um desejo de me manter à margem dessa conversa.

Passado pouco mais de um ano ou em meio ao terceiro semestre letivo², a realização do projeto de pesquisa inicial se apresentava como algo cada vez mais insustentável. O vínculo com o coletivo era demasiado para conseguir efetivar a proposta, além do fato de vivenciar o estresse do enclausuramento causado pela pandemia. Em agosto de 2021, em uma conversa com o professor Bernardo Gontijo, do Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais, com o intuito de convidá-lo para participar da ação de um projeto de extensão que eu coordenava, o desejo pela mudança de temática começou a tomar forma.

Tenho, desde a infância, uma relação de proximidade com parques públicos com atrativos naturais. Fossem eles municipais, estaduais ou nacionais, mesmo minha família não possuindo muitos recursos financeiros, era recorrente e momento de grande felicidade, ir a esses espaços. Merece destaque a visita ao Parque Municipal das Mangabeiras, em Belo Horizonte, e ao Parque Ecológico da Cachoeira, em Congonhas, quando eu tinha pouco menos de 7 anos. No final da década de 1980, para ir ao Parque das Mangabeiras, era necessário realizar um deslocamento por duas linhas de ônibus, saindo da região Noroeste de Belo Horizonte – minha residência na época – em direção a região Centro-Sul – onde ele se localiza.

¹ Ao usar o termo “condutor”, faço referência a mim mesmo, como quem realiza o exercício de demonstrar as intencionalidades, os movimentos e os resultados da pesquisa.

² É importante salientar que essa pesquisa teve início no contexto da pandemia de covid-19, quando a Universidade Federal de Minas Gerais buscou a reorganização de seu calendário, comprimindo férias e recessos e fazendo com que praticamente três semestres letivos ocorressem em um ano.

Já o Parque da Cachoeira ficou marcado na memória como um momento à parte. Embora visitasse o local com menor periodicidade, eram enormes as expectativas. O referido parque se localiza a aproximadamente 90km de Belo Horizonte, e a frequência ocorria por meio de excursões organizadas por um dos moradores do bairro. Além do espaço em si, a ida a ambos os locais sempre representou uma forma diferente de sociabilidade com amigos e parentes, eram marcos do meu lazer.

Um pouco mais tarde, desenvolveram-se outras perspectivas de ocupação de espaços caracterizados por uma aproximação com a natureza. Essas práticas se incorporaram à minha rotina de vida. A escola na qual estudei, da antiga quinta série (atual sexto ano) até o terceiro ano do ensino médio, estava localizada na região central de Belo Horizonte e não tinha espaço físico amplo para as aulas de Educação Física. Como alternativa, em muitas aulas, os encontros ocorriam na Praça da Liberdade, localizada a pouco mais de um quarteirão do colégio e que se configura como uma das várias áreas verdes da cidade. Além disso, a residência de uma tia ficava próxima ao Parque Municipal Américo Renné Giannetti³, local em que passávamos os finais de semana. Outro elemento de conexão com a natureza é a Lagoa da Pampulha, famoso “cartão postal” da cidade: desde a juventude era espaço do meu lazer junto a amigos ou sozinho, pedalando, caminhando ou correndo, seus 18km de extensão foram um marco e agregavam certo status a quem conseguia a façanha de contorná-la. Nas férias escolares, eu viajava para Cariacica, município vizinho a Vitória, no Espírito Santo, onde meus avós tinham uma casa, carinhosamente chamada de barraco. A viagem consistia em um desfrute da conexão com a natureza. Como meio de transporte, o trem da Vale percorria encantadoras paisagens, de modo que, desde a paisagem ao longo da estrada até o pasto que ficava na frente da casa dos meus avós, tudo era uma oportunidade de mobilizar um entendimento que só pôde se tornar inteligível décadas depois, o de que não há retorno à natureza, ponto que será explorado ao longo desta tese.

O percurso de vida se mistura com o percurso de formação docente e de pesquisador, numa relação que não se estabelece por uma via de mão única, ou seja, o menino que brincava no pasto em frente à casa da avó palpita na cabeça e no coração do professor e pesquisador que, de volta, palpita no homem que agora ocupa aqueles mesmos espaços e outros, embebido de um conjunto de reflexões que só foram possíveis na interlocução dessas vivências. Nesse

3 Inaugurado no dia 26 de setembro de 1897, antes mesmo da nova capital mineira, o Parque Municipal Américo Renné Giannetti é o patrimônio ambiental mais antigo de Belo Horizonte. <https://prefeitura.pbh.gov.br/fundacao-de-parques-e-zoobotanica/informacoes/parques/parque-municipal-americo-renne-giannetti>

sentido, as inquietações e perguntas que muitas vezes movem esse pesquisador são fruto daquele menino, do jovem e do homem que vive esses lugares.

Durante minha trajetória como professor em formação, professor atuante e pesquisador, essa conexão com o meio natural esteve presente, especialmente a partir das práticas corporais de aventura. Nesse momento, explico uma opção para escrita deste trabalho: não haverá capítulo de revisão bibliográfica ou de fundamentação teórica. Assim, busco levar o leitor à compreensão de que não cabe uma teoria desconexa do campo nesse tipo de pesquisa. À medida em que se fizer necessário situar teoricamente por onde passa determinada reflexão, os teóricos serão abordados. Dessa maneira, é importante situar o termo práticas corporais de aventura, utilizado para falar do que vivi, sem que isso represente especificamente o campo. É da compreensão desse termo que dois eixos foram abordados como ponto de partida das reflexões apresentadas, ainda que não sejam determinadas por esse conceito.

Ao começar o texto situando minha infância e as relações com os ambientes naturais, começo a trilhar um caminho pautado pelas relações, entretanto essas relações se deram a partir de uma série de práticas. A expressão ou conceito de práticas corporais de aventura (Inácio *et al.*, 2005a, 2005b) aparece em diversos espaços acadêmicos e convive/compete com outros termos para falar de um conjunto de “fazeres”, relacionando-se diretamente com o que este trabalho procura descrever e refletir. Inácio *et al.* (2005a, 2005b) orientaram sobre o uso termo “prática”, ao invés de atividade ou esporte, pelo desejo de não cair em um reducionismo.

Os autores explicam que a noção de atividade acabou por delimitar a dimensão corporal a uma lógica biologicista, que torna menos fluídos os entendimentos associados às múltiplas dimensões humanas. O termo esporte, por sua vez, possui um aporte de construção histórica que, ainda que possa se referir a noções ampliadas, como em Dias (2007), tem um reconhecimento social de características bem demarcadas, como a competição e a sistematizada forma de organização, que também seriam limitadoras para nomear o que se faz. Ao me colocar no mundo como pessoa, professor e pesquisador a partir da noção de prática, busco não dicotomizar corpo e mente, não separar o fazer corporal do estar no mundo. Não quero aqui produzir uma análise histórica de conceitos, apenas minimamente situar de onde parto ao caminhar na direção do problema que orienta este trabalho.

Silva (2014, p. 8), destaca que, no que tange à educação física e vários dos termos a ela associados, como atividade física, exercício físico e outros, há em comum “[...] o conceito de *physis*, raiz grega, origem etimológica dessa expressão ‘físico’”. A autora busca, em seu trabalho, ressaltar que “[...] a origem desse conceito era muito diferente da utilizada na atualidade como sinônimo de corpo, e que hoje passa hegemonicamente a referir-se apenas à

dimensão biológica do ser humano”. Para Silva (2014), as pesquisas que têm operado com uma noção tradicional de ciência têm se centrado numa noção de corpo anátomo-fisiológica. Isso pressupõe, portanto, a redução a métricas das ações, que desconsideram a dimensão relacional, o que não se aproxima do caminho que levou à proposição e à realização desta pesquisa. Dessa maneira, as práticas corporais que foram centrais na minha história não são meramente o desempenho do corpo, mas as relações com o mundo, que se dão de maneira indelével a partir do corpo.

Pensemos, então, que prática diz de um estar no mundo, de uma mobilização anterior e posterior ao “fazer”, que nele impacta e por ele é impactada. Não se trata apenas do movimento isolado do mundo, mas do movimento em conexão com o sujeito ao estar no mundo.

E a aventura? É um exercício complexo dizer o que é aventura. Marinho (2013) destaca a diversidade de compreensões possíveis para esse termo. No trabalho citado, a autora traz um tópico com a pergunta “Afinal, o que é aventura?”. Ela situa a diversidade de atividades existentes e coloca como “característica principal entre as estruturas analíticas” a conceituação/percepção de risco (Marinho, 2013, p. 29). A autora lança mão de muitos trabalhos para cumprir a tarefa de entender o que é aventura, mas, centralmente balizada por aquilo que ela entende que é fundamental, o risco. Apontar tal centralidade pressupõe uma determinada lógica de compreensão de aventura e, ao recorrer ao trabalho de Marinho (2013), temos a intenção delimitar um ponto de partida que coincide com os estudos da aventura no Brasil, o destaque exacerbado dado ao risco. Após apresentar essa posição central do risco e abordar um conjunto de autores, Marinho (2013) coloca a necessidade da inserção de outros elementos para “conduzir a um entendimento mais amplo e, também, mais profundo da questão”. Ela traz dois eixos com os quais dialogarei a seguir, o da experiência subjetiva e o da percepção do que é aventura.

Santos (2014, p.189), ao falar do trabalho de Georg Simmel⁴, explicita que ele define aventura como “aquilo que está em oposição aos encadeamentos dos círculos da vida, como um corpo estranho em nossa existência (ein Fremdkörper in unser Existenz) que, no entanto, está de alguma forma vinculado ao centro”. Ou seja, o ponto de partida para a aventura está no rompimento do contínuo da vida, e ainda que possa representar uma parcela menor de tempo, ela é central, uma vez que vem carregada de significados. Simmel (2005) explora a dimensão

⁴ Santos fala sobre o trabalho de Simmel publicado em 1908, quando da publicação do livro *Soziologie: Untersuchungen über die Formen der Vergesellschaftung*, traduzido posteriormente para diversas línguas, no qual se encontra o texto “A aventura”, que foi por nós apropriado pela versão traduzida de 2005 e que consta nas referências deste trabalho.

do risco na aventura sobre outra dimensão. O trabalho de Simmel não trata especificamente da exposição física, ainda que possa ser esse o tipo de risco em questão, mas, excedendo essa perspectiva, o autor nos leva a refletir sobre o sentido de arriscar-se ao novo, que pode trazer consequências para o sujeito, que se expõe a algo que foge do que se realiza no fluxo normal da vida.

Em uma linha mais associada à dimensão do risco físico e de potenciais necessariamente mais impactantes, está o trabalho de Le Breton (2016), muito difundido entre os pesquisadores das atividades de aventura do campo da educação física no Brasil. Ele explora a noção de aventura com ampliada atenção e demarcação do risco associado a uma perspectiva de impacto à vida, o risco de morte. Para exemplificar possibilidades coletivas de aventura, o autor apresenta características de algumas sociedades, como os vikings, os cruzados, os árabes e os tártaros. Em comum, esses povos associam o risco à dimensão da conquista, que era incitada pela busca de aventura. Esse movimento coincide com duas perspectivas, um risco mais intimamente ligado à possibilidade de morte ou de sofrer graves ferimentos, e um desejo de conquista, de submissão, de subjugar. Se, no caso das sociedades citadas por Le Breton, essas dimensões estão associadas a relações humanas primordialmente, por outra via, numa relação com a natureza, essa mesma perspectiva pode ser observada. Em outro trabalho, Le Breton (2009) debate com maior profundidade a dimensão do risco, atribuindo a ele um forte desejo humano de superação do perigo, associando-o ainda à capacidade de provação, valoração, que pode ser transferida para outros ambientes e ser o fator motriz de uma busca pela aventura. Em ambos os autores o risco está presente, contudo, a intensidade a que Le Breton (2009,2016) dá ênfase a esse elemento faz surgir demandas não esperadas na aventura apresentada anteriormente por Simmel (2005).

Um outro olhar para aventura pode ser percebido ao dialogarmos com Savater (2016), que a relaciona com o tempo, entendendo-a como o tempo preenchido de significado, apaixonado, que não pode ser quantificado. Por ser escritor e entusiasta literário, Savater estabelece pontes entre a aventura e a literatura, ofertando-nos a possibilidade de refletir sobre os elementos que antecedem o momento de se lançar a uma aventura. Essa perspectiva nos convida a pensar sobre as relações com o corpo ao se lançar à aventura. Gutiérrez (2016) alerta que a aventura, como todos os acontecimentos incorporais, é encarnada numa disposição entre os corpos e as coisas materiais. Assim, a maneira de melhor transmiti-la é narrar, sendo a compreensão natural da aventura o seu relato. Portanto, a aventura não se encerraria em si, ela se constituiria e continuaria a partir da sua narração, que é fundante dela própria.

Gutiérrez (2016) destaca que falar de aventura é uma aventura, visto que não se trata de uma coisa ou entidade. Ele destaca a relatividade da dimensão do ser aventura, visto que algo pode tornar-se ou não algo assim. O autor coloca em questão as dúvidas que podem ocorrer ao perguntar a um aventureiro o que para ele é a aventura, partindo a tautologia de dizer que a aventura é a aventura. O que dialoga de forma direta com o que foi dito por Simmel (2016, p. 251), que assume que *“cuando de dos vivencias cuyos contenidos especificables no son nada diferentes una es considerada como uma “aventura” y la outra no, lo que se pone en juego para conferir a una tal significado y nergárselo a la otra es esa diversidad en la relación con el todo de nuestra vida”*. Ainda que os autores estejam falando de movimentos distintos, um da nomeação do ponto de vista conceitual e o outro sobre a perspectiva da prática, ambos nos acenam com uma aproximação de olhares para a aventura, apresentando uma individualidade no que diz respeito à definição do que seria aventura para o sujeito.

Sob a égide desses autores, o presente estudo, para definir aventura, parte das interpretações produzidas pelo pesquisador ao longo dos anos, com as leituras desses e de outros autores, para explicitar o olhar para o eu praticante, reconhecendo as próprias aventuras ao longo da vida. Dessa maneira, é possível entender que o que está sendo apresentado não diz respeito efetivamente a um conceito de aventura, mas às diretrizes que se constituíram e favoreceram o diálogo com o campo. Ao me colocar no campo, observando e dialogando com os sujeitos, percebi a perspectiva da aventura.

Para Beames, Mackie e Atencio (2019), é preciso entender que a aventura é culturalmente relativa e que, para alguns povos, lançar-se à aventura simplesmente pela aventura é um absurdo. As aventuras, do ponto de vista do conceito que as assume como um conjunto de práticas corporais, são buscadas ativamente, sendo mais ou menos planejadas. Assim, também é preciso entender que não necessariamente é pela aventura que algumas pessoas vão a parques. Nesse sentido, é possível dizer que as diretrizes que nortearam minha presença em campo apontam para a aventura entendida como a experiência que se distancia do fluxo diário da vida, proporcionando um encontro, e não uma fuga, com o não ordinário, que nos convida a assumir riscos que podem ser do corpo – entendido como não dissociado da mente - e/ou social, sendo realizada com deliberada intenção.

Mesmo não se tratando de uma proposta de conceituar aventura, ao definir diretrizes que foram trazidas pelo campo, pelo diálogo com a produção acadêmica e por minha trajetória pessoal, também me orientei, nesse trabalho, por um espectro do aventurar-se. Por um lado, mergulhada na fonte do risco, da conquista e da superação, a aventura estaria em maior diálogo com uma perspectiva de relação com a natureza, como alguém que vai domá-la, como alguém

à parte, como as conquistas dos aventureiros cruzados ou vikings. Por outro lado, a aventura assumida como encontro, como o que está por vir, mergulhada no desejo de experiência, da constituição, representa uma perspectiva que menos tem a ver com “dominar”, associando-se ao “relacionar”.

Assim, ao falar que minhas relações com os espaços da natureza se constituíram principalmente a partir de práticas corporais de aventura, quero dizer que o corpo sempre foi central, que as experiências vividas eram (de)marcadas no corpo e que a aventura foi central, uma vez que a ida a esses espaços era o momento de desalinhar o encadeamento da vida, produzindo uma série de encontros marcantes, significativos, memoráveis e transformadores justamente por estarem no tempo/espaço do diferente na vida.

A constância com que a aventura fez e faz parte de minha vida, em especial por meio da presença nesses espaços da natureza, fez com que eu desenvolvesse um carinho por esses espaços, bem como um entendimento de que frequentá-los fazia parte de uma espécie de “normalidade”. Isso reverberou em meus interesses tanto pelas perspectivas associadas ao lazer quanto por aquelas associadas às obrigações da vida. Ao mesmo tempo, em me tornava um sujeito repleto de indagações, mesmo antes de entrar no processo formal de me constituir professor e pesquisador na universidade. Questionava-me sobre os porquês de muitas pessoas não vislumbrarem esses espaços como possibilidade para suas vidas, uma vez que eles poderiam abrigar desde as vivências mais simples, do ponto de vista da organização e da facilidade, como frequentar praças e parques urbanos, utilizando-os como espaço de festa, de encontro, de fruir a cidade, aos chamamentos mais complexos, também do ponto de vista da organização e da facilidade para realizá-los, como acampamentos, trilhas, travessias e escaladas.

Relatar esse percurso pessoal ajuda a apresentar como se construiu o objeto desta pesquisa e a entender como se deu a imersão no campo, um lugar do qual eu precisei me afastar e, posteriormente, me aproximar, por já possuir algum conhecimento. Como disse no parágrafo anterior, a minha aproximação com a natureza e a aventura me provocavam, ou melhor dizendo, provocam pensamentos sobre o lugar do ser humano no mundo, tendo em vista suas relações com os espaços. Se antes da graduação os questionamentos se concentravam nos vínculos pessoais, após o ingresso no curso de educação física, eles se amplificaram. Como iniciei minha graduação em educação física escolar em 2003, não havia em âmbito nacional, na época, um documento que apresentasse as práticas corporais de aventura, ou nomenclatura correlata, como conteúdo da educação física escolar ou uma normativa de organização curricular da formação de profissionais de educação física que preconizasse uma disciplina nessa direção. Contudo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1997) abordam como tema transversal o meio

ambiente e, logo na apresentação, trazem a seguinte afirmação: “A questão ambiental vem sendo considerada cada vez mais urgente e importante para a sociedade, pois o futuro da humanidade depende da relação estabelecida entre a natureza e o uso pelo homem dos recursos naturais disponíveis” (Brasil, 1997, p. 15). Se, por um lado, a natureza estava presente no documento, por meio desse tema transversal, por outro, os parâmetros, já na apresentação e ao longo do texto, traziam à luz uma questão importantíssima: a noção de natureza. Assim, é importante realizar um exercício de opção e delineamento conceitual para a progressão mais fluida na leitura deste trabalho.

Natureza é um termo que possui uma vasta diversidade de compreensões, seja do ponto de vista acadêmico ou mesmo na sociedade em geral. Uma praça ou um parque urbano é considerado natureza? Depende! Laraia (2008) afirma que os antropólogos, de fato, sabem o que é cultura, mas divergem na maneira de exteriorizar esse conhecimento. É possível afirmar que algo parecido acontece com o termo natureza. Digo termo por acreditar que não necessariamente, ao tratá-lo como conceito, as divergências em seu entendimento emergem. Além disso, é preciso considerar que outras áreas ou disciplinas também se debruçam sobre a definição de natureza. No caso da cultura, a difusão de sentidos na sociedade acabou associando “natureza” a uma ideia de erudição, acesso a bens, domínio de técnicas artísticas, linguagens e outras mais, difundindo uma perspectiva de enclausuramento da fauna ou da flora. O que quero dizer é que seja para aqueles que pensam que natureza é algo que está distante, algo selvagem, ou para aqueles que entendem a natureza mesmo num vaso com uma pequena planta cultivada no interior de um apartamento, há uma circunscrição. A natureza, muitas vezes, é vista a parte, é possível ir até ela, uma vez que há, inclusive, uma necessidade de volta a ela.

No que diz respeito à educação física e ao campo do lazer, em 1997, houve a publicação de um texto de grande importância e que, posteriormente, teria em sua autora uma das maiores disseminadoras da produção sobre natureza e aventura no Brasil. O artigo *Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura* (Bruhns, 1997) lança a questão das práticas na natureza e nos leva a refletir sobre uma busca por ela, ou pelo verde, como dito no título. É importante salientar que, neste texto, a pesquisadora defende que, mesmo que “o homem contemporâneo, embora esteja inserido na natureza, em outro sentido, foi arrancado dela, a qual não só não apresenta mais uma ameaça, como mal existe” (Bruhns, 1997, p. 89).

A forma que concebemos algo interfere diretamente na maneira com a qual nos relacionamos com essa coisa. No caso da natureza, não é diferente. A mobilização do ser humano em relação a um dito “retorno à natureza” tem ganhado destaque há mais de dois séculos. Santos (2004) explica a mudança de panorama sobre o olhar para a chamada “natureza

selvagem”, aquela que era entendida como não tendo sofrido interferência humana, como uma virada de perspectiva no olhar para a natureza. Lenoble (2002) afirma que a palavra natureza parece simples de se compreender quando a empregamos, contudo, ao refletirmos sobre ela, parece complexa e mesmo obscura. Na obra citada, o autor explora o conceito de natureza ao longo da história humana, considerando desde civilizações mais antigas até a modernidade. O que podemos perceber com o trabalho do pesquisador é que os sentidos atribuídos à natureza, ou seja, a compreensão sobre ela foi se modificando ao longo do tempo, sendo amplamente influenciada por movimentos filosóficos. É importante observar que a produção de Lenoble está alinhada a um pensamento ocidental europeu, que, no entanto, atende ao exercício de pensar sobre os olhares sobre a natureza atualmente.

Nas civilizações antigas, como a grega e a romana, era amplamente difundida a ideia de natureza como uma força divina, como a manifestação dos desejos dos deuses ou parte deles próprios, regida por uma ordem cósmica imutável (Lenoble, 2002).

Já durante a Idade Média, a influência religiosa, em especial de matriz cristã, passa a encarar a natureza como uma criação divina, carregada de significados. A própria noção de Éden é associada ao Brasil em sua fase colonização. Carvalho (1998) afirma que a visão paradisíaca da terra encontrada já estava presente na carta de Caminha, surgindo em várias narrativas posteriores acerca do território encontrado. A natureza no Brasil representava, então, de maneira muito explícita, aquele olhar constituído, segundo Lenoble (2002), no período da Idade Média.

Com o renascimento, Lenoble aponta que a natureza passa a ser vista como mais do que algo a ser contemplado, mas como um sistema regido por um conjunto de leis. Esse sistema passa a ser de interesse do pensamento científico, para sua observação empírica, atendendo o desejo de compreender seu funcionamento e colocá-lo a serviço do ser humano. Quase como consequência disso, no Iluminismo, a natureza é colocada aos cuidados da razão e do conhecimento, o que implicaria na exploração ampliada, no extrativismo e na exploração mais intensa dos ambientes naturais, o que torna a degradação uma questão em ascensão.

No período do Romantismo, a natureza, retratada nas artes plásticas, na literatura, entre outros, ganha contornos associados à dimensão estética, com destaque para sua beleza e capacidade de inspiração. Nesse período, ela é vista como algo vivo, algo com o qual o ser humano deve se conectar.

É importante entender que um movimento não encerra o outro. As visões de natureza coexistem e, por vezes, entraram em conflito. Questões de classe, diferenças entre o urbano e o rural, entre outras, compõem um cenário amalgamado daquilo que autores como Lenoble

(2002), Thomas (2010) e Merleau-Ponty (2000) descrevem e/ou analisam didaticamente como natureza ao longo da história do mundo ocidental. É importante lembrar que essa noção bebe amplamente da fonte da narrativa europeia. Ou seja, ao longo desses períodos e também nos que os sucedem, há concomitância no entendimento de natureza. Entretanto, é importante nos atentarmos a isso, pois essas mudanças, que ganham mais amplitude entre as veias de maior imponência social, ajudam a perceber um pouco da trajetória até aqui.

Lenoble nos conta que o Romantismo produziu um olhar mais sensível para a natureza e, em diálogo com Thomas (2010), podemos perceber que, no que diz respeito ao contexto inglês, as mudanças do olhar para a natureza se alinham a uma mudança de posturas. As posturas em relação à natureza poderiam ser entendidas como elementos da formação do sujeito. A título de exemplo, Thomas (2010) explica que as crianças que tinham posturas más e cruéis com animais (parte da natureza) poderiam repetir tais ações quando se tornassem adultos, com outros seres humanos. Assim, a mudança de atitudes, a alteração do olhar sobre a natureza, passou por uma mudança de olhar sobre o próprio ser humano e seu processo civilizador⁵.

Ainda falando dos animais, Thomas cita John Locke dizendo que, “[...] os animais domésticos, eram mantidos para prazer e vantagem do homem e por isso são cuidados, não pelo amor que o dono tem a eles, mas pelo amor que o dono tem a si próprio e pelo lucro que lhe trazem” (Thomas, 2010, p. 268). No que diz respeito ao que se pensava dos animais, o mesmo valia para as plantas: as mudanças apresentadas por Thomas em sua obra explicitam um olhar sobre a natureza que, a todo momento, coloca o ser humano na centralidade nessa relação, por vezes, como um detentor de direito das benesses que ela pode entregar, por outras, como o escolhido pra a missão de cuidar dela, ao passo que extrai dela o que lhe parece convir.

Num movimento de idas e vindas, no período ao qual se refere sua obra, Thomas (2010) explicita como florestas passam de espaços que recebiam epítetos, como terrível, melancólica, assolada por feras, perigosa, e transita para um espaço desejado, romântico, entre outros possíveis adjetivos. Nesse processo, é preciso destacar a importância dos interesses econômicos e de classe, em especial os da realeza, associados a perspectivas de divertimento. O cuidado com florestas e bosques se relacionava com práticas de caça, tal como a caça à raposa, mas também para a contemplação, na perspectiva estética, de modo que a produção de jardins paisagísticos possibilitava o deleite local nessa relação com os ambientes naturais.

Para outras nações europeias, situações distintas ocorreram, ocasionando movimentos de constituição de áreas de preservação, seja por interesse na fauna ou na flora. Vallejo (2009)

⁵ Ainda que Keith Thomas não cite Norbert Elias e suas obras sobre o processo civilizador, é possível perceber grandes interlocuções entre os processos narrados pelo primeiro e as reflexões realizadas pelo segundo.

cita a Suíça que, em 1569, criou uma reserva para proteger o antílope europeu, e a França que, no século XVIII, criou parques reais que chegaram a ser abertos ao público.

Retomo as reflexões de Bruhns (1997) para afirmar que a busca pelo verde e a aventura não é algo novo, mesmo em se tratando do Ocidente. Os interesses nesses espaços, que são muito diversos, incluem o lazer⁶, e podem ser percebidos em vários dos trabalhos que se dedicam à temática, de modo que, como no caso inglês, a produção ou delimitação dos espaços naturais começa a ganhar força. Franco, Schittini e Braz (2015) destacam que os debates sobre a proteção da natureza ascenderam as esferas de disputa internacional e, a partir disso, influenciaram a criação de áreas protegidas e de instituições que se colocam na linha de frente da luta pela conservação da natureza. Entre os diferentes aspectos que mobilizaram a criação de áreas de proteção, podemos destacar os interesses ligados ao lazer.

A criação do Parque Nacional de Yellowstone é o marco principal das ações modernas de delimitação de áreas protegidas. Isto se dá porque foram os trabalhos e o ativismo de pensadores, escritores e defensores norte-americanos de ambientes selvagens, que estimularam um clima intelectual favorável à criação do parque. O modelo de parque nacional concebido para a área de Yellowstone foi replicado em diversos outros países (Franco; Schittini; Braz, 2015, p. 235).

Se a conservação dos ambientes naturais foi um pilar para a criação de áreas protegidas, ao se criar os parques, em especial os nacionais, tendo em voga um crescente discurso da importância da conexão com a natureza, a ida a esses espaços acaba ganhando aspectos de contato com a natureza em distintas práticas nesses ambientes circunscritos.

Aguiar, Moreau e Fontes (2013) afirmam a importância da criação do Parque Nacional de Yellowstone como marco para a criação de áreas naturais protegidas. Ainda que já houvesse, como mostrado anteriormente, outros tipos de reserva, é o modelo estadunidense, em especial o concebido para Yellowstone, que foi replicado em diversos países (Franco; Schittini; Braz, 2015). O Brasil não está à margem dessa influência. Santos (2014) aponta que, “em 1876, André Rebouças propôs a criação de dois no Brasil. Entretanto, somente em 1937 seria constituído o primeiro parque nacional brasileiro, o de Itatiaia, sob a base legal do artigo 9º do Código Florestal de 1934” (p. 121). A criação desses espaços é “[...] uma das formas mais conhecidas de Unidades de Conservação no mundo contemporâneo” (Santos, 2014, p. 121) e ocorre no fluxo das mudanças de olhar para a natureza e da construção de compreensões sobre ela, apresentadas por autores como Thomas (2010), Lenoble (2002) e Merleau-Ponty (2000).

⁶ Na maior parte dos períodos da constituição dos espaços naturais delimitados não cabe o uso do termo lazer, sendo mais apropriado outro termo, como divertimento.

Retomando a minha própria narrativa, aproximadamente 50 décadas depois da criação do primeiro parque nacional no Brasil, considerando as vivências em espaços municipais e estaduais, acabo por me interessar por acessar outros parques, chegando, por exemplo, à Serra do Cipó, à Serra da Canastra e à Serra do Caparaó. A expressão “espaço” não diz apenas da área física em que o sujeito realiza suas práticas recreacionais. Ou seja, esse espaço pode ter mais do que apenas o papel de comportar a prática de lazer. Ele se constitui a partir de experiências e de narrativas sobre ele, que dialogam entre si e o formam sem ao menos tê-lo citado. No que diz respeito à natureza, Soares (2016, p. 11) explica que existem “naturezas percebidas e vividas de acordo com o que é possível conhecer e conceber em cada período e, assim, fabricar representações e usos sempre cambiáveis e em movimento”. Dessa maneira, pensar alguma área verde não se restringe a pensar o espaço ou partes dela, a ideia de parque, como a conhecemos hoje no Brasil, não poderia ser concebida na Inglaterra do século XV ou na Roma antiga, uma vez que a noção de natureza e de mundo eram distintas das que são hoje hegemônicas.

Compreender que os espaços de experiências de lazer, bem como qualquer outro espaço, carregam consigo representações fabricadas e que podem variar traz a necessidade de mobilizar um outro conceito, em substituição ao de espaço, o de “lugar”. Para Tuan (1983), lugar é uma área que ganhou contornos de afetividade, ou seja, que carrega uma gama de representações para determinado sujeito. Não necessariamente é preciso ter vivido ali, ou já ter experiências na área para que ela seja um lugar. “O lugar é um mundo de significado organizado” (Tuan, 1983, p. 198). Ao compreender as áreas como lugares, é possível dialogar com o que foi dito por Brunhs e refletir sobre elementos que se relacionam com a fruição desses lugares, bem como com as experiências e práticas que ali ocorrem.

Pensando o movimento de constituição de parques nacionais no Brasil, após 1937, a partir da criação do Parque Nacional de Itatiaia, por meio do Decreto nº 1.713, de 14 de junho, um conjunto de novos espaços foi criado. Segundo o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), órgão ambiental do governo responsável pelas Unidades de Conservação no país, os parques nacionais

[...] são a mais popular e antiga categoria de Unidades de Conservação. Seu objetivo, segundo a legislação brasileira, é preservar ecossistemas de grande relevância ecológica e beleza cênica, possibilitando a realização de pesquisas científicas, realização de atividades educacionais e de interpretação ambiental, recreação e turismo ecológico, por meio do contato com a natureza. O manejo dos parques, feito pelo Instituto Chico Mendes, leva em consideração a preservação dos ecossistemas

naturais, a pesquisa científica, a educação, a recreação e o turismo. O regime de visitação pública é definido no Plano de Manejo da respectiva unidade (ICMBio)⁷.

Os critérios para a criação de um parque nacional são muitos, ainda que se inicie do discurso da beleza cênica, diferentes elementos são levados em consideração, o que pode demonstrar o grande potencial desses espaços públicos. Atualmente, o país conta com 74 parques nacionais, distribuídos nas diferentes regiões. A diversidade também é um destaque ao falar em parques nacionais no Brasil. Vegetação, solo, fauna, variação de altimetria, rios, lagos, cachoeiras, o mar, tudo isso traz intensa especificidade a cada um dos parques brasileiros ou, se quisermos ampliar, qualquer parque do mundo pode ser visto como único, o que se torna muito atrativo aos que apreciam esse movimento de presença em áreas verdes.

Em 2019, último ano antes da pandemia de SARS- CoV-2, segundo dados do ICMBio, os parques nacionais receberam mais de nove milhões de visitantes, número que vem crescendo ao longo da última década. Esse interesse vem acompanhado de uma preocupação ambiental, ao mesmo tempo em que tem lugar um interesse econômico da ocupação desses espaços. Em diálogo com esses dois movimentos, existe uma questão que pode estar colocada um pouco à margem: o que se faz nesses espaços atualmente?

Alguns deles já possuem parcerias em modelo de concessão, o que acaba por direcionar as práticas realizadas. A mais longeva e conhecida é a concessão do Parque Nacional do Iguaçu, que foi firmada em abril de 2022⁸, com um valor de 375 milhões de reais, além de um investimento no valor de 500 milhões de reais em estruturas e 3.6 bilhões em sua operação ao longo dos 30 anos de concessão.

Os expressivos valores relacionados ao apoio à conservação desta UC parecem bastante interessantes, tendo em vista o desejo de captar recursos para o país ao mesmo tempo em que se busca proteger essas áreas e permitir que mais pessoas as conheçam. O Parque do Iguaçu foi a primeira UC a ter uma parceria desse tipo, hoje, podemos listar o que a concessionária propõe que se faça em seu interior. Com o apelo cênico das cataratas e uma área total gigantesca, os visitantes já chegam direcionados a um conjunto de possibilidades do que fazer no interior do parque e, dado o nível de controle possível com a parceria, há menos margem para uma apropriação muito distinta. Outros parques nacionais atualmente também já possuem essa

⁷Disponível em: <https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/biodiversidade/unidade-de-conservacao/categorias>. Acesso em: 31 mar. 2022.

⁸ Informação em: <https://www.aen.pr.gov.br/Noticia/Nova-concessao-do-Parque-Nacional-do-Iguacu-deve-dobrar-numero-de-turistas-em-Foz>. Acesso em: 15 abr. 2022

perspectiva da concessão e, segundo apontamento do Ministério do Meio Ambiente, o trabalho é replicar o sucesso das Cataratas do Iguaçu ⁹.

Ainda que haja um potencial de favorecer economicamente a população local com geração de empregos, bem como apoiar a própria condição de manutenção das UC, muitas questões emergem. O Ministério do Meio Ambiente explicita a preocupação com um tópico chamado “educação ambiental”, ao noticiar a concessão dos parques. Contudo, nesse breve tópico, há menção à transformação dos ambientes em ativos econômicos e aos ganhos para a comunidade local, com especial atenção à narrativa sobre beleza natural.

A especificidade de cada parque traz consigo um conjunto de práticas, de formas de vivenciá-lo, que são fruto das histórias dos sujeitos que há tempos o visitam e as histórias vividas por eles, que transformam o espaço em lugar.

Nesse contexto, volto a transitar por minha própria trajetória para explicitar de que forma se constituiu o problema de pesquisa desta tese. Há mais de uma década, tenho organizado atividades de cunho educacional, seja na educação básica ou no ensino superior, que têm como pilar a promoção de experiências em ambientes naturais mais afastados dos centros urbanos. Isso se alinha com a narrativa anterior, que aponta que, desde a mais tenra idade, o convívio com a natureza fez parte da minha vida, de modo que uma gama de representações foi impactada pelas experiências vividas, as histórias ouvidas, as pesquisas lidas, entre outras fontes que impactaram diretamente minhas concepções sobre o estar na natureza.

Damo (1998), ao falar sobre o torcer no futebol, evoca Fine e Leopold, que afirmaram que somos o que bebemos e comemos, para dizer que somos o clube pelo qual torcemos. No caminho de ambas as afirmações, digo que somos o que praticamos, e mais do que uma identidade anunciada ou exposta, aquilo que praticamos nos desvela a nossa visão do mundo. Ao estar nos diferentes ambientes que a natureza nos proporciona, seja uma mata, um rio, um lago, os ventos, produzimos e expomos nossas experiências, visões e aprendizagens. Inclusive entendendo o não fazer nada como uma possibilidade de prática, ainda que a presença nesses espaços naturais não permita a inércia, não do ponto de vista da física, mas a inércia do sentir-se atravessado.

Ao longo dos anos organizando acampamentos, travessias, trilhas e atividades de orientação, pude perceber singularidades naqueles estudantes que participaram de práticas de imersão que se passaram em espaços que ganhavam o apelo do contato com a natureza. Nas avaliações que decorriam em paralelo, na ação e na visão sobre determinado conteúdo de aula

⁹ Disponível em: <https://antigo.mma.gov.br/epanb/item/15711-concess%C3%A3o-dos-parques.html>. Acesso em: 02 abr. 2022.

ou diálogo sobre o mundo, esses jovens, em geral, mostravam sensibilidade e percepções atentas ao ambiente e às relações ali estabelecidas. Dentre os lugares, e aqui trato por lugar pois para mim todos já se constituem como tal, destaco alguns com os quais mais trabalhei ao longo desses anos: o Parque Municipal das Mangabeiras, o Parque Ecológico da Pampulha, o Parque Municipal Lagoa do Nado, em Belo Horizonte; a região da Lapinha da Serra, no município de Santana do Riacho; o Parque Nacional da Serra do Cipó e o Parque Nacional do Caparaó, localizado na divisa entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, especificamente pela portaria de Alto Caparaó em Minas Gerais. Não à toa, esses lugares ganharam destaque como estratégia pedagógica na minha prática docente. As memórias afetivas e a recorrência de visitas a eles acabaram por construir uma oportunidade ímpar para “apresentá-los” ao buscar espaços de formação.

Na minha memória, há registros que ficaram marcados, como o desconhecimento da existência de um parque urbano como o das Mangabeiras, que, como dito anteriormente, fez parte da minha infância; a relevância, para um aluno, de ver pessoalmente um animal amplamente difundido como um ser abstrato no dia a dia, como uma vaca; e a percepção de que um ambiente fora do conforto da casa ou de outras construções da cidade gera outras formas de sentir o próprio corpo. Esses registros me colocaram para pensar sobre a afirmação da professora Carmen Lúcia Soares sobre as diferentes naturezas percebidas e vividas. Ao mesmo tempo, entendendo aqueles momentos como uma ação docente, sempre me via como alguém com uma intencionalidade formativa balizada por elementos teórico-acadêmicos que precisavam dialogar com essas diferentes naturezas e com outras, como as das pessoas que vivem, visitam e trabalham nesses lugares.

Vi, ao longo de pouco mais de uma década, grandes transformações nesses lugares, ao menos sob meu ponto de vista. Essas transformações, muitas vezes, estavam associadas a ações, ou à falta delas, e aparentemente não eram fruto de diálogos entre o poder público, investimentos privados e as comunidades locais. Aquilo que era possível fazer em uma atividade de campo com uma turma em um ano, no ano seguinte já não era mais, em função de modificações às vezes feitas por locais ou por mudanças na estrutura do espaço. Outras vezes, o que eu entendia que não era mais possível fazer com meus alunos estava sendo feito por outros visitantes daqueles espaços. As figuras de frequentador, professor e pesquisador se misturaram ao longo dos anos e me colocaram diante de um conjunto de questões sobre o que eu propunha, o que eu via as pessoas fazerem e o que aparecia em documentos sobre os parques visitados.

Entre os lugares citados, o que mais frequentei na condição de professor foi o Caparaó, ainda que geograficamente seja o que mais se distancia dos lugares em que morei ao longo da

vida. Há nele dois elementos, um atrativo cunhado pelo imaginário das alunas e alunos ao pesquisarem sobre ele antes de vivê-lo e, posteriormente à visita, um conjunto de afetividades produzidas ao estar no parque, ao levar estudantes a ele e ao ver de que maneira essas pessoas o experienciavam.

O Caparaó tem em seu território cinco dos 10 picos mais altos do país e, durante muito tempo, o Pico da Bandeira (2.892 metros) foi considerado como o ponto mais alto do Brasil. Muito antes da criação do parque, a região já era amplamente buscada por montanhistas do país inteiro, em especial em períodos de observação astronômica. Ao longo do tempo, as práticas realizadas em seu território foram se modificando e ganhando diferentes características. Entretanto, segundo o plano de manejo (ICMBio, 2015), o Pico da Bandeira ainda é a atração mais procurada, o que se justifica, uma vez que a dimensão cênica de altitude ganha contornos de atração turística juntamente com a riqueza híbrida da fauna e da flora. Tudo isso atraiu e segue atraindo pessoas para além do entorno do parque. Em 2019 o Caparaó foi o 13º parque nacional com maior número de visitantes no país.

O Caparaó já foi objeto de um conjunto de trabalhos que se dedicaram a ele, como os estudos de Santos (2004), Almeida (2015) e Vanço (2018). Em comum, esses e outros trabalhos se caracterizam pela ausência de um aprofundamento sobre as práticas realizadas no parque. Há grandes esforços para apresentar os objetos que circundam essas práticas, como o plano de manejo, as perspectivas de investimentos em turismo, as percepções de moradores e/ou trabalhadores do parque, a análise de potencial turístico, entre muitos outros temas. Entretanto, pouco se fala sobre o que as pessoas praticam lá. Elaborar um plano de manejo que leva em consideração a presença de pessoas e práticas já existentes nos espaços de UC pode ser uma tarefa difícil e, em especial, mediar a integração entre as estratégias de conservação dos parques e os desejos de seus visitantes.

Algumas UC no Brasil têm projetos de parceria público privadas em concessão de uso, o que pode ser uma alternativa interessante para uso dos espaços, uma vez que garante recursos para sua conservação e pode atrair mais visitantes para a UC. Entretanto, ao constituir essa parceria, é possível que haja uma padronização das formas de visitar o parque, limitando experiências já existentes, promovendo formas restritas de contato com a natureza e restringindo possibilidades de aprendizagem. Esse movimento de sistematização do uso dos espaços, há tempos, é um dos geradores de conflitos entre pessoas residentes no entorno, ou que vivenciam o parque, e sua gestão. Souza e Milanez (2019) afirmam que, nas últimas décadas, os conflitos socioambientais ganharam destaque e têm sido mais amplamente debatidos pela academia. O Caparaó está entre algumas das UC que, em 2022, teve um edital

aberto para firmar parceria de concessão. Há forte apelo e interesse pela região há bastante tempo e por diferentes razões: a privilegiada região de montanhas, a presença do terceiro ponto mais alto do país (Pico da Bandeira), o potencial em relação ao entretenimento hidrográfico, entre outros. O avanço do número de visitantes é significativo nas últimas duas décadas, saltando de 31.472, em 2006, para 54.548 em 2015, alcançando 123.358 em 2019. Conhecer as práticas e identificar as relações estabelecidas, em especial nos espaços já presentes no plano de manejo do parque, pode contribuir no processo de uso associado à conservação, levando em consideração, com mais fidedignidade, aquilo que já ocorre no local.

Bruhns (2009) aponta que, talvez, a busca exacerbada pela natureza não aconteça pela devastação ou por uma prática indiscriminada, mas, também por um sentimento de abstenção gerado nas cidades, pelo acúmulo cada vez maior dos espaços de concreto. É interessante perceber que já se passaram mais de 10 anos desde que o autor promoveu essa reflexão e ela está cada vez mais presente e pode ser potencializada pela atualidade da disseminação maior, mais rápida e mais efêmera de imagens e narrativas sobre a natureza em redes sociais. Se a abstenção citada pela professora Heloisa Bruhns, em 1997, já representava um não vivido, agora é um não vivido cada vez mais visto. A compreensão das práticas vividas no Caparaó pode contribuir para um conjunto de ações da gestão do parque para promoção das práticas que favorecem um movimento mais harmonioso entre a conservação e o uso, ao mesmo tempo em que pode trazer elementos para dialogar com os visitantes do parque sobre aquelas que podem não ser interessantes.

O conhecimento das práticas pode contribuir numa perspectiva educativa sobre o corpo e sobre as próprias práticas. Serres (2004) compartilha um conjunto de contribuições sobre as conexões entre o corpo e as práticas, num caminho de possibilidades de aprendizagem, reflexão, conhecimento e limitação, dadas as formas de lidar com o corpo e o espaço. As inquietações provocadas pelo novo, o caminho da imitação, a provocação das sensações, os desejos gerados, entre outras possibilidades, ao perceber o canal entre corpo e mundo, são potenciais de aprendizagem de um sujeito integral. Assim, identificar e compreender as práticas realizadas no Caparaó e as identidades em questão pode contribuir para pensar perspectivas, espaços e sujeitos da aprendizagem.

Jorge (2016) dedicou-se a analisar os saberes necessários aos condutores de trilhas de longo curso para sua atuação profissional e suas contribuições para a formação em educação física. Entre as conclusões do estudo, chama a atenção o fato de nenhum dos condutores participantes da pesquisa terem formação em educação física. Podemos pensar que a dimensão técnica necessária não está diretamente ligada à formação nessa área, os conhecimentos,

segundo Jorge, estão ligados ao conhecimento sobre o PARNA, como história, geologia, fauna e flora do lugar. Associado a isso, ganham destaque um saber técnico sobre biodinâmica de caminhadas em longo curso, orientação por mapas, uso do *Global Positioning System* (GPS). Quando questionados sobre sua formação profissional, entre outros pontos, destacam o aprendizado na própria prática profissional e “[...] ao longo da vida, especialmente a partir da interação com familiares, com visitantes, com os mais velhos/antigos e com outros condutores durante o seu trabalho” (Jorge, 2016, p. 140).

A partir desses elementos sobre a aproximação entre o ser humano, suas percepções e práticas em ambientes naturais e os espaços de conservação, emergiram algumas questões. As intenções e proposições sobre o parque feitas por entidades, gestores, documentos e guias determinam as práticas? De que maneira as pessoas que visitam os PARNAs podem se apropriar deles e terem suas práticas influenciadas por eles? As ideias que as pessoas que visitam e praticam os PARNAs têm sobre natureza comungam com aquilo que elas fazem nesses espaços? Há uma distinção entre estar fora e estar dentro de um PARNA? Como as práticas das pessoas dialogam com as perspectivas de conservação dos PARNAs? Como se dá o diálogo entre a natureza nos PARNAs e as práticas neles realizadas pelas pessoas? Como os visitantes habitam os PARNAs a partir dos movimentos que produzem ao realizar práticas em seu interior?

Tomado por essas questões, que se consolidaram na especificidade de um parque, foi identificado um problema central: como as práticas de lazer realizadas pelos visitantes no Caparaó podem ser compreendidas como formas de habitar o parque?

A partir disso, o objetivo deste trabalho foi identificar e descrever práticas que acontecem no interior do Caparaó, buscando compreender como elas compõem os “nós” (Ingold, 2015) no encontro entre os sujeitos e o parque. Não se trata de conceber o parque ou a montanha como uma entidade, mas reconhecer que ainda que Ingold fale de lugares como os “nós”, o Caparaó tem “trilhas” da sua existência que foram produzidas ao longo de sua história, antes mesmo de se tornar parque. Assim, compreendo os “nós” como encontros entre os praticantes e o parque. Dessa maneira, os “nós” não são percebidos como as práticas em si, mas elas são o ponto de convergência entre as “trilhas”. A densidade do nó está no efetivo entrelaçamento das “trilhas” do parque e as do praticante.

Em termos de objetivos específicos, foram estabelecidos dois. O primeiro consiste em compreender e descrever “trilhas” que produzem as práticas vivenciadas no Caparaó. Isso significa compreender que as práticas são fruto do entrelaçamento entre as trilhas dos praticantes e as do próprio parque. Destarte, não se tratou apenas de observar a prática em si, mas estar atento aos sujeitos, ao momento do parque e às conexões que ali foram estabelecidas.

O segundo objetivo foi identificar e descrever os “nós” formados no Caparaó. Ao tratar dos nós, esse objetivo se orientou pela densidade do encontro das trilhas e buscou identificar em que medida era possível perceber que a prática desenvolvida se estabelecia nesse entrelaçar e não pelo simples realizar uma atividade em um parque que poderia ser qualquer outro.

3. O PARQUE NACIONAL DO CAPARAÓ

É possível apresentar o Caparaó por muitas vias e, nos trabalhos que se dedicaram a investigações relacionadas ao parque, em geral, as autoras e autores abraçam uma dimensão de orientação bastante técnica, mas que pode ser pouco concreta. Santos (2014, p. 118) opta por abrir o trabalho que se dedica a debater a história do Caparaó como um lugar, dizendo que ele está “localizado no Brasil, entre os estados de Minas Gerais e Espírito Santo, na região sudeste do país, como mostra a (Figura 1). Suas coordenadas estão entre 20°19’ e 20° 37’ S de latitude e entre 41°43’ e 41°53’ O de longitude”. Trata-se de uma perspectiva técnica, fundamentada no plano de manejo do parque e que, posteriormente, se amplia também num movimento técnico. Vanço (2018) também cita o plano de manejo, mas evoca outros elementos para apresentar o parque aos leitores. “O Parque Nacional do Caparaó (PNC) foi criado em 1961 (ICMBio, 2015). Essa UC envolve vários municípios, tendo papel fundamental na economia e na vida sociocultural dessa região” (Vanço, 2018, p. 11). Massini, Vale e Fonseca Filho (2021) mostram a lista de municípios que a UC abrange. E a partir daí, assim como nos outros dois trabalhos citados, e tantos outros, segue para o debate pertinente à proposta do trabalho.

A opção por manter o exercício feito anteriormente, apresentando o parque depois de refletir sobre a metodologia, para situar o Caparaó neste trabalho, tem uma intencionalidade. Devido à grande área do parque e aos dois caminhos percorridos metodologicamente neste trabalho, a caminhada à deriva e em peregrinação é indispensável, assim como uma apresentação de características mais situadas, pessoalizadas, mas fundamentadas em dados do lugar que produzem as interlocuções deste trabalho. A forma adotada para apresentar o parque diz do olhar que tive ao estar em campo e pode ajudar o leitor a compreender algumas das descrições feitas no decorrer da tese. Além disso, após a metodologia, ao trazer as entrevistas, o parque é novamente apresentado. Ainda que de forma não linear, quatro outras pessoas também o apresentam, inclusive excedendo os limites de onde este pesquisador esteve durante a realização do campo.

Antes de começar a apresentação pertinente a este trabalho, sugiro aos leitores assistirem ao documentário produzido pela K Produções¹⁰, por demanda da Prefeitura Municipal de Alto Caparaó, da Prefeitura Municipal de Alto Jequitibá e da Prefeitura Municipal de Caparaó, na ocasião dos 60 anos do PCN em 2021, *60 anos do Parque Nacional do Caparaó*.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0iXF-IY0Qg&t=4s>. Acesso em: 13 fev. 2022.

O Caparaó possui parte do seu território no estado do Espírito Santo, cerca de 80%, e parte em Minas Gerais. Explicitarei, na seção dedicada à metodologia, as motivações para definir as áreas de Minas Gerais para esta pesquisa. Concretamente, não sei dizer quantas vezes fui ao parque, a trabalho ou lazer, desde a primeira vez que estive lá. O certo é que houve mais de 50 visitas, majoritariamente entrando pela portaria de Alto Caparaó. Para a apresentação, ao invés de falar de sua criação, na década de 1960, dos esforços dos locais, da rede hoteleira mais vasta em Alto Caparaó do que em Dolores do Rio Preto, da quantidade de picos, ou coisas do tipo, falarei sobre o caminho desta pesquisa.

Primeiramente, é preciso situar uma questão central, o número de ações em campo em função do tempo e dos custos. Alto Caparaó, a portaria pela qual o parque é acessado, localiza-se entre 325 e 360km de Belo Horizonte, a diferença está na escolha do caminho, o que não necessariamente determina o tempo de deslocamento. Há quatro variações principais de rotas, pensando em um caminho direto. No caso da saída de Belo Horizonte, pode-se ir pela BR 262, sentido Vitória, por todo o caminho até Realeza, onde estaria outra variação de percurso. Ou seguir pela BR 040, sentido Rio de Janeiro e, em sequência, pegar a BR 356, sentido Ouro Preto, acessando, posteriormente, a BR 262 em Rio Casca. Ambos os caminhos têm estrada sem duplicação e preferencialmente sigo passando por Ouro Preto, dada a menor frequência de intercorrências no trânsito. Em Realeza, podemos seguir pela BR 262 até Reduto, onde, pouco antes de virar à direita, no sentido do parque, já somos instigados por uma placa “Circuito Pico da Bandeira”, não é circuito, parque ou serra do Caparaó. A instigação e o apelo turístico se dão a partir do carro chefe, o Pico da Bandeira. A outra opção seria, em Realeza, pegar a BR 116, sentido Rio de Janeiro, saindo à esquerda após aproximadamente 11km, sentido São João do Manhuaçu. Esse segundo trecho não fez parte do caminho para as ações da pesquisa e, em raríssimas oportunidades, foi utilizado por mim ao longo da vida.

Detalhar esse caminho diz da demanda por uma organização para a pesquisa, mas também das possibilidades de um morador de Belo Horizonte pensar na visita ao parque. Caso não vá de carro, a opção de transporte coletivo tem como provável melhor escolha uma linha rodoviária entre a capital e Manhuaçu e, em seguida, uma linha intermunicipal Manhuaçu – Alto Caparaó. Não é, portanto, tão simples deslocar-se da capital mineira até o Caparaó.

Santos (2008, p. 83) afirma que “todo o conhecimento científico é autoconhecimento. A ciência não descobre, cria, e o ato criativo protagonizado por cada cientista e pela comunidade científica no seu conjunto tem de se conhecer intimamente antes que conheça o que com ele se conhece do real”. Explicitar os caminhos, as percepções, as escolhas e minha trajetória é a forma

de entregar ao meio acadêmico o máximo de elementos para analisar essa produção e melhor se apropriar dela, compreendendo suas contribuições e limites.

Ao virar na cidade de Reduto, na MG-111, a sensação de chegar ao parque já toma conta. À medida em que as plantações de café se fazem ver da estrada, já me preencho de um grau de expectativa. Ainda que eu não beba café, todo o discurso sobre ele me remete imediatamente à região, seja qual conversa for e onde estiver. Então, ver as plantações é um anúncio do que está por vir, curiosamente, o anúncio da aventura, se pensarmos na origem etimológica da palavra, do latim *ad venture*, o que está por vir. Após passar pelo Alto Jequitibá e virar à esquerda, no trevo para o Alto Caparaó, além das plantações de café, poucos quilômetros após o trevo, é possível vislumbrar a serra e a montanha, que passam a compor o campo visual e impactam o neófito ou o regular frequentador da região.

Ao passar pelo portal de entrada da cidade, que destaca a altitude do Pico da Bandeira, a vista do parque se agiganta diante do visitante. A avenida que vai do portal até a praça que antecede a rua de acesso ao parque se chama Avenida Pico da Bandeira. Ao final dessa avenida, está a estrada Parque Nacional do Caparaó. Como é possível ver na Figura 1, o tempo nublado ofusca a percepção das montanhas, mas, parado ali, as nuvens, que se insinuam ao observador, revelam e ocultam diferentes partes do parque.

A Figura 1 foi intencionalmente editada, tendo partes de si retiradas. Primeiro, para trazer para o destaque a escrita no portal da cidade, que dá centralidade ao Pico da Bandeira. Depois, para promover uma conversa sobre a noção de paisagem. Besse (2014) destaca que, durante muito tempo, foi suficiente o entendimento de paisagem como um panorama natural, normalmente observado de um ponto alto e que deveria provocar nos indivíduos um determinado prazer estético. Recortar essa imagem poderia, nessa perspectiva, não configurar uma paisagem. Contudo, não é nesse sentido que concebo a ideia de paisagem. O próprio Besse traz uma ampliação dos sentidos e formas de acesso à paisagem, mas é nas palavras de outro pesquisador que trago a ideia que contribuirá com as reflexões aqui apresentadas.

Na totalidade paisagem, a atenção não se prende a objetos, manifestações ou fenômenos isolados. Ela emerge de uma implicação sensível do homem no ambiente que, em meio a sons, cheiros, cores, pensamentos, coisas, humores do tempo, semoventes, enfim, ao movimento da vida, cria dele uma unidade sintética sensível, cujos elementos particulares já não conhecem mais da individualidade. O sujeito autor da paisagem, num único e mesmo ato psíquico, que diferentes autores chamam de *Stimmung*¹, *aura*, *halo* ou *atmosfera*, seleciona e reorganiza esses elementos numa totalidade, tornando o mundo limpidamente claro (Bessa, 2021, p. 28).

Figura 1 - Entrada da cidade de Alto Caparaó



Fonte: acervo do autor.

Besse (2014) nos convida a pensar que a paisagem não é apenas esse recorte de mundo colocado em uma visão, seja numa imagem ou observação presencial. Ela está numa dimensão relacional. O *stimmung*, citado por Besse, é um termo vindo da produção de Simmel, “uma espécie de atmosfera relacional que, ao mesmo tempo que emana dos lugares em direção a nós, também captura e acorrenta nosso espírito em direção a eles” (Bessa, 2021, p. 28).

Entender que a paisagem é uma categoria relacional contribui para pensarmos cada elemento do parque e o que o antecede como não sendo só as coisas em si, mas a relação entre os lugares e nós. A Figura 1 pode ser observada como uma imagem que pouco tem de parque e de montanha, ou pode ser vista além daquilo que está circunscrito no enquadramento. A paisagem é sempre um por vir, uma busca, um desejo¹¹ e, assim, preserva um conjunto de enigmas daquele que a observa ou a imagina.

Descrever o Caparaó, na verdade, algumas de suas áreas, traz fragmentos de minha própria relação com o parque e das falas aqui trazidas, que podem ser mentalmente visualizadas

¹¹ Reflexões provenientes de notas de aula na disciplina *Teorias da Paisagem*, cursada no segundo semestre de 2022 na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, ofertada pelo professor Altamiro Sérgio Mol Bessa.

de formas distintas por aqueles que leem. Optei por trazer para essa apresentação portas externas ao texto. Ao pensarmos em paisagem ou ao imaginar conhecer um determinado espaço, logo pensamos no que vemos, mas o corpo não se resume à visão, todos os nossos sentidos se alinham na constituição dessa imagem, que tem cheiro, tem som, tem temperatura, tem gosto e, em especial, tem movimento. Ingold (2021, p. 133) afirma que “a paisagem nunca está completa: nem “construída” nem “não construída”, ela está perpetuamente em construção”. Dessa maneira, é preciso compreender que a paisagem é sempre um por vir, construída num desejo. Além das fotografias, ao longo da apresentação do parque, recorro a vídeos, sons e sons somados a fotografias para ajudar a nos colocar neste campo de pesquisa.

Superada a travessia da cidade de Alto Caparaó, estamos na entrada do Caparaó.

Figura 2- Portaria em Alto Caparaó - Parque Nacional do Caparaó



Fonte: acervo do autor.

É possível avistar uma construção com o chão de piso intertravado hexagonal, três salas lado a lado, com um intervalo entre elas, por onde passam duas ruas, uma entrada e outra saída com cancelas para controle dos visitantes. A área antes da portaria é grande, por vezes, é possível encontrar jipeiros que fazem o transporte da portaria até a Tronqueira estacionados ali. À esquerda, muitas vezes, ficam várias motos de pessoas que sobem a pé para o Vale Verde ou outras áreas, ou que utilizam o transporte de jipeiros, já que não é permitida a entrada de motos no parque.

Passada a portaria, o chão da estrada de acesso já passa a ser de terra, a menos de 500m, entrando à esquerda, é possível ver o Centro dos Visitantes, que possui grande área que pode ser usada como estacionamento. Seguindo a estrada, há uma bifurcação, à esquerda a estrada segue serra acima por 6km, até chegar à Tronqueira; à direita, o visitante vai ao Vale Verde.

Figura 3 - Acesso ao Vale Verde interditado



Fonte: acervo do autor.

O Vale Verde oferece algumas cachoeiras e piscinas naturais e é rodeado por vegetação de Mata Atlântica mais fechada. A área conta com mesas fixas, banheiros, churrasqueira, com características de clube com ambiente natural.

A estrada seguindo para a Tronqueira é bastante íngreme, estreita e sinuosa. Em dias de piso úmido, carros mais baixos e menos potentes ou motoristas menos experientes podem ter dificuldades em alguns trechos. Não é incomum sentir o cheiro de embreagem e pastilhas de freio queimando. Quem vai como carona, é privilegiado por uma vista muito bela, que se apresenta por todo o caminho. A Mata Atlântica dá o tom e, em vários momentos, é possível observar e ter uma ideia da altitude em que se encontra. Mesmo o motorista mais atento ao trajeto pode ter vislumbres de belos panoramas, sequencialmente substituídos por outros. Em

meio a estrada, com uma pequena área para estacionar, é possível contemplar o mirante do José Pedro, localizado a 1820m de altitude.

Seguindo pela estrada, antes de chegar à Tronqueira, o visitante pode acessar a cachoeira Bonita. O acesso à trilha está localizado em uma curva da estrada que amplia a largura, criando um estacionamento improvisado. Ir de carro é uma opção mais interessante para aqueles cujas condições físicas não estão tão boas, pois ainda que não seja distante da Tronqueira, menos de 400m, a estrada é muito íngreme e o desgaste físico pode ser grande.

Do início da trilha até a cachoeira Bonita são 300m de caminhada, por um percurso de nível baixo de exigência física e técnica. Poucos passos após entrar na trilha, os mais atentos já ouvem o som da cachoeira, mesmo em períodos de pouco volume de água. Há um mirante para a cachoeira, no caminho que traz uma ótima visão de cima. O trecho final da trilha exige mais atenção por ser muito inclinado e frequentemente estar molhado. Há um poço que comporta várias pessoas nadando ao mesmo tempo, e os que desejam deslocar-se um pouco ao longo do curso do rio podem descer por alguns bons metros. A água, mesmo no verão, é bastante fria, o que torna a visita um tempo de contemplação para muitos.

Figura 4 - QR Code para áudio da Cachoeira



Acesso também pelo link:
[Áudio Cachoeira Bonita](#)

Figura 5 - QR Code para vídeo da Cachoeira



Acesso também pelo link:
[Vídeo Cachoeira Bonita](#)

Após terminar de subir pela estrada de terra, em torno de 300m após a entrada da trilha para a cachoeira Bonita, o visitante chega ao estacionamento da Tronqueira. Primeira área de camping, entrando pela portaria de Alto Caparaó, o estacionamento fica dividido entre um espaço para visitantes do dia e outro com foco nas pessoas que acamparão. De frente para quem chega pela estrada, está uma base de apoio para os servidores do parque, bem ao lado do início da trilha que leva ao Vale Encantado, ao Terreirão e ao Pico da Bandeira. Há uma bica com água potável ao lado do estacionamento. Caminhando em direção à área de camping, em dias abertos, o panorama contemplado é imenso. Cada vez que se observa, é possível perceber algo diferente. De lá também é possível ouvir cursos de água. Logo ao lado do estacionamento, há instalações de alvenaria com banheiro masculino e feminino, com vasos sanitários, pias e chuveiros com água gelada. Não há energia elétrica nos banheiros, portanto o uso à noite requer lanternas.

Para acessar a área de camping, é possível seguir direto ou ir à esquerda, passando lateralmente pelos banheiros. A área de camping é grande, gramada, com algumas mesas espalhadas com bancos para os visitantes. Logo ao lado, se encontra o mirante da Tronqueira, localizado a 1936m de altitude, ou seja, 956m abaixo do nível do Pico da Bandeira. Quem dali observa e faz essa comparação, invariavelmente tenta imaginar o que é estar quase 1km mais alto em relação ao ponto que oferece a vista apresentada na Figura 6.

Figura 6 - Vista do Mirante da Tronqueira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Alguns minutos antes e alguns minutos após tirar essa fotografia, o mirante estava completamente encoberto, nada se via além de nuvens. Na área do mirante, há quiosques e não é permitido montar barracas. A área de barracas é um longo descampado, que contrasta dias vazios, outros com média ocupação, além de dias bem cheios.

Figura 7 - Camping Tronqueira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Figura 8 - Camping Tronqueira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Partindo para a trilha, ao final do estacionamento da Tronqueira, um conjunto de escadas dá início à caminhada para dois dos espaços mais desejados do Caparaó, o Vale Encantado e o Pico da Bandeira.

Para o Vale Encantado, é preciso seguir aproximadamente 350m de trilha até as piscinas naturais. A trilha pode ser considerada de nível médio, há momentos em que é preciso erguer os joelhos com uma amplitude bastante grande. Há muitas pedras no caminho, alguma soltas, e alguns pontos mais escorregadios que outros. Após uns 100m do início da trilha, placas indicam a direção que o visitante deve tomar para ir para cada área, pico à direita e vale à esquerda. Durante todo o percurso para o vale, é possível ouvir o som da água, por vezes mais intenso, outras menos. A quantidade de pessoas passando junto pode distrair e dificultar a escuta. A variação da temperatura, à medida em que a mata se fecha um pouco e nos aproximamos da água, também é notável aos mais atentos. Placas sinalizam a necessidade de cuidado com o chão escorregadio. Também alertam para a proibição do uso de churrasqueiras ou de levar bebidas alcoólicas, de acordo normas do parque como um todo, mas muitas vezes vemos pessoas descumprindo o regulamento, com cervejas e outras bebidas. Após a primeira área de acesso às piscinas, é possível seguir pelo vale caminhando entre piscinas ou pela trilha, para acessar outros lugares. Essa é uma área muito “instagramável” e muitas pessoas já chegam a ela vislumbrando alguma imagem que viram em pesquisas online, na tentativa de reproduzir fotos já publicadas por outros. A transição entre as piscinas ocorre por pedras molhadas e o risco de queda, em caso de desatenção, é grande. Há piscinas bastante profundas, que excedem 3m de profundidade.

Figura 9 - Vídeo Vale Encantado



Acesso também pelo link
[Vale Encantado Vídeo 1](#)

Figura 10 - Vídeo Vale Encantado - Trilha 1



Acesso também pelo link
[Vale Encantado Vídeo 2](#)

Figura 11 - Vale Encantado - Trilha 2



Acesso também pelo link
[Vale Encantado Vídeo 3](#)

Figura 12 - Vale Encantado - Trilha 3



Acesso também pelo link
[Vale Encantado vídeo 4](#)

Fonte: acervo do autor.

A visitação ao Pico da Bandeira é considerada o maior atrativo do Caparaó. O pico é o ponto mais alto do sudeste e mais alto que ele, apenas dois pontos no Brasil, que se encontram na região Norte do país e têm o acesso mais complicado para a maior parte da população. No site¹² do parque, encontramos uma pequena lista de equipamentos obrigatórios para quem vai fazer a subida: calçado fechado e adequado à caminhada (bota ou tênis); agasalho e/ou roupas que protejam do frio; lanterna individual (não pode ser lanterna do celular); água e alimentação. Efetivamente na entrada do parque, todas as vezes em que estive no local durante a pesquisa, só fui cobrado em relação à lanterna, precisando mostrá-la antes de passar pela portaria.

As duas áreas de camping têm pontos para encher as garrafas, mochilas de hidratação ou qualquer outro equipamento utilizado para levar água durante a caminhada. Além disso, em

¹² Disponível em <https://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/guia-do-visitante.html>. Acesso em: 15 mar. 2023.

alguns trechos da trilha, é possível encher os equipamentos em cursos d'água, ainda que não seja o mais indicado.

Para fazer a trilha durante o dia, no modelo bate e volta, há um conjunto de regras relativas aos tempos e aos locais que as pessoas devem visitar. No que diz respeito a esta pesquisa, para a trilha iniciada pela portaria de Alto Caparaó, não é permitido a passagem da Tronqueira em direção ao Terreirão e ao Pico da Bandeira após as 8h30. Assim como não é permitida a passagem do Terreirão em direção ao pico após as 10h30. Aqueles que desejarem fazer a travessia entre portarias deverão ter um veículo os aguardando na Casa Queimada.

A trilha possui 6,9km de extensão, sendo 3,7km da Tronqueira até o Terreirão e 3,2km do Terreirão até o Pico da Bandeira. Uma pessoa, no dia a dia, ao caminhar na cidade, circula em média a uma velocidade de 3,5 a 4,5km/h. Entretanto, é preciso pensar que o comportamento do corpo em uma trilha é completamente diferente, de modo que a velocidade de deslocamento, em geral, será em torno de 30 a 50% da velocidade média das pessoas na cidade. Isso quer dizer que a subida até o pico pode durar mais de 5h horas de caminhada. Mesmo para aqueles que possuem um padrão de vida mais ativo, podem ser surpreendidos pela trilha. A altitude, ainda que não considerada extrema ou muito elevada pela literatura especializada, pode impactar fisiologicamente os caminhantes (Granja; Neves; Calles, 2016).

Há a opção da trilha noturna, que impõe um outro conjunto de condições aos caminhantes que desejam presenciar o nascer do sol do alto do pico: o frio, independentemente da época do ano. A escuridão, que com o variar das fases da lua pode ser maior ou menor, afeta a percepção do céu amplamente estrelado. Também é preciso considerar a necessidade de carregar mais equipamentos, em especial para proteger-se do frio e para trazer de volta as vestimentas que já não serão necessárias durante o dia.

Seja durante o dia ou à noite, a trilha convida o caminhante a uma série de sensações, encontros e (auto)reconhecimentos ao longo do percurso. O início da trilha já anuncia um pouco do seu percurso, apresentando trechos de piso em pedra, a terra, o vento soprando forte em alguns momentos, o chão molhado em vários trechos e o som do curso de água que corre logo ao lado, sendo possível ouvir praticamente durante todo o trajeto entre a Tronqueira e o Terreirão. Já de início, a subida é forte e demanda do caminhante um esforço mais acentuado, mas, após uns 500m de caminhada, as subidas e descidas são mais fluidas e imprimir um ritmo constante se torna tarefa menos árdua. O trecho entre a Tronqueira e o Terreirão é mais simples de seguir pela trilha, mesmo para as pessoas que nunca estiveram no parque ou têm pouca experiência nesse tipo de atividade. Aos que têm tanto ou mais interesse em fazer a trilha do que a chegar ao pico, uma série de atrativos se apresentam por todo o percurso. Flores;

formações rochosas; a dança das nuvens em dias nublados; os sons de pássaros; o curso da água, que se aproxima ou se distancia lateral ou verticalmente; as cores. Uma grande araucária anuncia ao caminhante que ele se aproxima da metade do trajeto entre as duas áreas de camping.

Figura 13 - Vista da trilha para o Pico da Bandeira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Em alguns trechos da trilha, até chegar ao Terreirão, é possível entrar na água e refrescar-se em dias mais quentes ou sentar-se e fruir o ambiente. A parte final desse trecho tem um aclive um pouco mais forte, por cerca de 300m. E, pouco antes de encerrar essa fase, é possível olhar para trás e contemplar parte do caminho percorrido. Ali se encontra uma área em que os visitantes que acampam no Terreirão costumam se reunir para presenciar o pôr do sol.

Figura 14 - Trilha para o Pico da Bandeira



Acesso também pelo link
[Trilha para o Pico da Bandeira 1](#)

Figura 15 - Trilha para o Pico da Bandeira



Acesso também pelo link
[Trilha para o Pico da Bandeira 2](#)

Figura 16 - Trilha para o Pico da Bandeira



Acesso também pelo link
[Trilha para o Pico da Bandeira 3](#)

Figura 17 - Trilha para o Pico da Bandeira -



Acesso também pelo link
[Trilha para o Pico da Bandeira 4](#)

Fonte: acervo do autor.

O tempo do percurso da trilha foi de aproximadamente 1h para uma distância de 3,7km e, em menos de 5% desse tempo, mostrado nos vídeos, é possível perceber a quantidade de atravessamentos que se colocam na prática.

[...] a paisagem como um todo também deve ser entendida como a taskscape em sua forma corporificada: um padrão de atividades “colapsado” em uma variedade de recursos. Mas, para reiterar um argumento exposto anteriormente, a paisagem assume suas formas através de um processo de incorporação, não de inscrição. [...] Se reconhecemos a marcha de um homem no padrão de suas pegadas, não é porque a marcha precedeu as pegadas e foi “inscrita” nelas, mas porque tanto a marcha quanto as pegadas surgiram dentro do movimento da caminhada do homem (Ingold, 2021, p.133).

A provocação de Ingold (2021) nos ajuda a mobilizar o entendimento de paisagem como algo que está em relação, tendo em vista os atravessamentos dos corpos e considerando todo o ambiente, de modo que não só o ser humano teria uma dada visão que é mentalmente produzida. A trilha é um bom exercício para percebermos isso, e optar por trazer esse recurso para a tese intenta levar ao leitor, ainda que não caminhante/caminhando, elementos para acessar tal compreensão.

Após concluir a primeira perna da trilha, o visitante chega ao Terreirão. A segunda área de camping, para quem entra pela portaria de Alto Caparaó, também possui banheiro de alvenaria com sanitários, pias e duchas. A área para camping possui algumas mesas com bancos de madeira e é um pouco maior. A sensação de estar exposto às intempéries pode ser maior, em relação à Tronqueira, pela organização do descampado.

Figura 18 - Vista do Terreirão



Fonte: acervo do autor, 2022.

Há ali uma casa rústica de pedras, que alguns visitantes usam para se abrigar à noite. Muitas pessoas optam por acampar ali para diminuir o trecho de trilha noturna, em

contrapartida, é necessário carregar todos os equipamentos mais pesados, como barracas, isolantes, fogareiros entre outros, por 3,7km, o que pode gerar um desgaste grande aos menos preparados. Até pouco mais de uma década atrás, existia a possibilidade do uso de animais para o transporte da carga, mas essa prática foi suspensa. Além da maior proximidade com o pico para caminhada noturna, outro ponto que leva as pessoas a acamparem no Terreirão é um maior distanciamento da cidade, de modo que, no entendimento dessas pessoas, estariam mais imersas no ambiente natural. O Terreirão se encontra a aproximadamente 2370m de altitude em relação ao nível do mar, ou seja, pouco mais de 500m abaixo do nível do Pico da Bandeira.

Partindo do Terreirão em direção ao Pico da Bandeira, outros 3,2km de trilha aguardam o caminhante. Nesse trecho, a trilha é um pouco mais complicada de seguir e caminhantes pouco experientes podem se perder facilmente. A vegetação é um pouco mais fechada, especialmente no primeiro terço do caminho. Muitos trechos têm água e as pessoas podem atolar o pé no barro ou escorregar. Subidas mais íngremes fazem parte desse trajeto também. Durante o dia, com tempo aberto, pouco mais de 500m após sair do Terreirão, já é possível avistar o Pico da Bandeira, que transmite ao mesmo tempo uma sensação de proximidade e de distanciamento, de modo que não é possível saber se a visão é um alento ou uma preocupação para aqueles que já estão fatigados. A sinalização da trilha é muito vasta e tem sido melhorada frequentemente. À noite, é possível ver pequenos pontos de luz mais à frente na trilha, são as lanternas das pessoas que partiram mais cedo ou andaram mais rápido.

O trecho final para a chegada ao Pico da Bandeira exige grande esforço, a caminhada se transforma em vários momentos em “escalaminhada”. Ao chegar ao pico, vê-se uma bandeira, uma torre de metal, um cruzeiro em pedra e uma vastidão de mar de terras em todas as direções. Aos que chegam em dias encobertos, cabem outras visões, cabe a expectativa do que é possível perceber e sentir ali. Assumi, há alguns anos, a fala de um amigo quando me perguntam sobre os períodos de preparação para ida ao Caparaó, seja na educação básica ou ensino superior, o que vamos fazer lá, na ida ao pico. Como resposta, uma frase simples: “A gente vai, acampa, dorme, caminha morro acima, chega, vê o sol nascer, chora e volta”. O chorar não remete só a ver o nascer do sol, mas a toda a experiência pela qual se passa e é resumida nessa frase, em que a volta nunca é voltar ao lugar pessoal de onde se parte.

Novamente recorro ao recurso de trazer imagens e sons que nos ajudam a produzir uma leitura que nos sensibilize para o ambiente e nos ajude a perceber suas mudanças constantes. Poderia recorrer ao meu acervo pessoal, selecionando registros de outras oportunidades em que trilhei o percurso até o Pico da Bandeira, com imagens que trariam uma determinada beleza estética. Entretanto, aqui se faz necessário um exercício sobre essa noção de beleza. Bonesio

(2002 *apud* Vieira, 2014, p. 73)¹³ afirma que, para compreender o belo da paisagem moderna, é necessário olhá-la “[...] não como uma coleção ideal de parcelas de lugares e tempos diversos, nem tão pouco como uma compilação da beleza natural, mas como uma manifestação visível das modalidades do habitar do homem sobre a terra”. Optar pelas imagens do dia 27 de novembro de 2022, é optar por um determinado “habitar” que, inspirado por Ingold (2021), remete à atividade, ao uso no tempo desta pesquisa. Ao mesmo tempo, considera que aquilo do que trata esta pesquisa, ainda que beba na fonte de minhas outrora e distintas posições sobre o habitar o parque, precisa estar em diálogo com a produção do agora. Os registros desse momento reconhecem minha história com o parque, mas seria exatamente essa escolha “idealizada” que Bonesio não reconhecia como o belo da paisagem.

Figura 19 - Imagem e som na chegada ao Terreirão



Acesso também pelo link
[Imagem e som chegada ao Terreirão - 27-11-22](#)

Fonte: acervo do autor.

¹³ Há um debate sobre a beleza e seu diálogo com a paisagem, representado por uma ampla discussão histórica. Recomendo a leitura da tese de Lucimar de Fátima dos Santos Vieira, em especial da página 56 até a 74. Não trata de definir o que é ou não belo, mas compreender a densidade do debate por trás dessa noção.

Figura 20 - Trilha Pico da Bandeira



Acesso também pelo link
[Trilha Pico da Bandeira 5](#)

Figura 21 - Pico da Bandeira



Acesso também pelo link
[Pico da Bandeira 27-11-22](#)

Fonte: acervo do autor.

4. ALINHANDO OS OLHARES E ALGUMAS PERCEPÇÕES

Ao longo do ano de 2022, realizei três incursões de caráter exploratório para elaboração dos caminhos metodológicos, ao mesmo tempo que já registrava informações do campo e realizava um movimento pessoal de me sensibilizar em relação ao parque, às pessoas e às práticas. A sensibilização compreendeu diferentes exercícios. Primeiro, visou ampliar minha capacidade de estar atento aos acontecimentos. Junto a isso, não ser limitado por um olhar moldado pela minha própria experiência como praticante do Caparaó, professor que leva estudantes de educação básica e ensino superior até lá e amigo que, por vezes, levou outros amigos ao parque, orientando-os e guiando-os pelo no espaço.

Essas idas ocorreram em momentos distintos e associaram um conhecimento prévio sobre melhores épocas, o processo de reabertura do parque pós-ápice da pandemia de covid-19 e uma disponibilidade pessoal, que posiciona um equilíbrio entre organização financeira e compromissos familiares e de trabalho. A minha própria organização para ir ao campo dar início à escrita de um dos tópicos deste capítulo aponta para duas unidades de análise com nome único, o tempo.

Na primeira delas, de 24 a 27 de fevereiro de 2022, desloquei-me de Belo Horizonte para Manhuaçu de moto e lá aluguei um carro para poder ir ao Caparaó, uma vez que não é permitido subir até a Tronqueira, ou mesmo acessar o parque, de moto. A hospedagem em Manhuaçu se deu por duas razões, a primeira de ordem financeira, para viabilizar a hospedagem com um recurso que eu tinha com uma operadora de turismo em função da suspensão de uma viagem programada para o período da eclosão da pandemia. Nenhum dos hotéis ou pousadas de Alto Caparaó estava disponível por meio dessa operadora, assim, ficar em Manhuaçu foi a opção mais viável. O segundo, em função da necessidade de locar um carro para o acesso ao local da pesquisa, a cidade de Manhuaçu era a mais próxima, e eu tinha maior familiaridade com o percurso a ser feito, caso houvesse demandas de desvios, bem como capacidade mais apropriada de planejar os deslocamentos.

No primeiro dia, realizei uma caminhada da portaria, em Alto Caparaó, até o Vale Verde, no período da tarde, no dia 24. Durante todo o período de permanência, nenhuma pessoa foi encontrada naquela área do parque. Havia, a qualquer momento, a chance de chuva e, por se tratar de uma quinta-feira, menor chance de pessoas da região irem até ali. De todo modo, optei por não perder a oportunidade de estar lá, por duas razões. A primeira, o Vale Verde é a região do Caparaó com a qual tenho menos familiaridade e me sentia impulsionado a promover uma aproximação para poder sentir melhor por onde ir e estar para realizar as observações. A

segunda razão diz respeito ao fato de que sempre há chance de encontrar um turista desavisado, de pouco planejamento ou cuja única possibilidade de estar ali seria aquele momento. Choveu bastante, e aquilo, para além de nenhum encontro, preocupou-me muito, pois pensava como seriam os dias subsequentes. Ainda que a possibilidade de sentir o parque, mesmo sem seus praticantes, fosse importante para a pesquisa, eu estava desejoso de me perceber como observador.

Nesse período no campo, não existia a possibilidade de acampar e fazer a subida de madrugada para o Pico da Bandeira, o que só seria possível em junho, pelas regras do parque. Organizei-me para fazer a subida ao pico nos dias 25 e 26, uma sexta e um sábado. Em ambos os dias, insucesso na meta. No primeiro, em função da chuva no período da manhã. Ainda que eu estivesse bem equipado e o nível de chuva que caiu permitisse um deslocamento relativamente seguro, optei por não realizar a subida, até por não ter nenhuma outra pessoa fazendo o mesmo. No segundo dia, me senti fatigado pelas andanças no parque, no dia 25, e me preocupei com a minha condição no retorno à Belo Horizonte pilotando uma moto. Estava entendendo também que a presença na trilha da Cachoeira Bonita e na cachoeira em si, na Tronqueira e no Vale Encantando já tinham sido muito produtivos do ponto de vista do que era desejado para o momento e possível naquela primeira visita como pesquisador. O número de pessoas vistas nos diferentes espaços durante os três dias foi bastante pequeno. Alguns casais e famílias chegavam, iam até o mirante da Tronqueira e caminhavam pela trilha para o Vale Encantado, permanecendo no parque por intervalos menores que uma hora, já contando os deslocamentos da portaria até a tronqueira.

O segundo período de exploração do campo ocorreu de 9 a 12 de junho de 2022. Ao menos esse era o planejamento. No dia 8 de junho, no deslocamento entre Belo Horizonte e Manhuaçu, onde novamente ficaria hospedado, ocorreu um problema mecânico no carro. Após o trevo de Santa Margarida, na BR 262, o carro parou. Curiosamente, a perda de dois dias no campo trouxe outras informações que, se por um lado não vêm de pessoas de dentro do parque, por outro, ajudaram a construir parte da matriz de observação. O carro ficou no acostamento e eu consegui uma carona que me levou até Matipó, cidade mais próxima e com sinal de celular para que eu chamasse o guincho. Matipó é uma cidade de aproximadamente 20 mil habitantes, localizada a 85km de Alto Caparaó. Comparativamente, são 10km a menos que a distância entre Belo Horizonte e a Serra do Cipó, parque nacional com grande apelo de visitação pela população da capital. E por que a comparação? Começando com uma conversa com a pessoa que me deu carona, nesse dia houve uma sucessão de diálogos que revelaram um encantamento pelo parque, em especial pelo Pico da Bandeira. A narrativa sobre subir até o topo do pico

permeou todas as conversas que tive com pessoas em Matipó e Manhauçu nos dias 9 e 10 de junho. Curiosamente, nenhuma delas havia ido ao Caparaó, mas todas contaram alguma história de amigos ou parentes que tinham ido até o topo ou desistido no meio da jornada, devido ao grau de dificuldade e adversidades.

A narrativa sobre o parque está presente na região, para além daquelas cidades que são denominadas circuito Pico da Bandeira. Obviamente, o universo de pessoas e cidades com quem tive contato é muito pequeno para que haja uma afirmação nesse sentido, com amostras bem delimitadas e estratégias elaboradas de análise. Contudo, o que pude perceber nesses dois dias, enquanto buscava solucionar o problema mecânico, é que ainda que as pessoas não tenham ido ao parque, a narrativa sobre ele e as aventuras por ele proporcionadas está presente. Um motorista bondoso, que simplesmente parou para ver qual era a questão e se ofereceu para me deixar em Matipó, foi o primeiro a falar sobre o parque e o pico. Homem jovem, na casa dos 30 anos de idade, comentava que seus primos iam ao menos uma vez por ano até o pico, alternando entre subidas para ver o sol nascer e ver o sol se por. Lamentava nunca ter ido por questões de trabalho, que sempre o impediam.

Chegando a Matipó, procurei alguma loja em que pudesse comprar um carregador para o celular, pois havia esquecido o meu no carro e a bateria estava no fim, de modo que corria o risco de não conseguir falar com o guincho. Encontrei uma loja de aparelhos e acessórios na avenida em que o rapaz me deixou e fui comprar um carregador e pedir para deixar meu celular carregando enquanto explicava a minha situação. Era final de expediente, por volta das 17h30, havia três funcionários na loja, dois homens e uma mulher. Rapidamente, um dos homens começou a falar sobre o Caparaó, sobre a beleza do lugar, as cachoeiras, as trilhas e o frio do acampamento, ao passo que eu perguntei: “Você vai muito lá?”. imediatamente ele respondeu que nunca tinha ido, mas que sabia tudo o que havia contado pelas narrativas de amigos e parentes. O mesmo se sucedeu com a mulher e o outro rapaz da loja. Um outro elemento que chamou a atenção foi a surpresa ao saberem que eu estava indo sozinho e planejava subir ao pico de madrugada. Em quase 30 minutos de conversa, o parque ocupou uma grande parcela do tempo, sempre alinhado a um novo personagem do círculo social de algum deles que havia ido ao parque, de modo que contavam algo que ouviram. Se, para Gutiérrez (2016), a compreensão natural da aventura se dá no relato, pelo que pude perceber, a ideia do Caparaó como uma aventura está bem disseminada. Ao mesmo tempo, o fato de só terem “vivido” o parque a partir de narrativas promove ares de aventura a situações que não foram vividas pessoalmente por aquelas pessoas.

Os outros encontros foram de conversas mais breves ou cuja temática ocupou menos tempo. Saindo da loja de telefones, fui procurar algo para comer e, em um espaço de lanches, enquanto aguardava meu pedido, conversei brevemente com um garçom que perguntou de onde eu era, pois facilmente identificou que eu não era da cidade. Quando relatei que estava indo para o Caparaó, ele respondeu, de maneira breve e entusiasmada, antes de ir atender outras pessoas: “Sou doido para ir lá, todo mundo fala que lá é foda”.

O motorista e um amigo que estavam no caminhão de guincho também entraram no assunto do parque e falaram do tema a partir de relatos de outros ou apenas dizendo que vários colegas iam ao Caparaó. É interessante como eles citavam nomes de pessoas e formas de deslocamento até o parque, demonstrando que havia uma diversidade de razões para as pessoas que eles conheciam irem até o local. Um ia de moto com a namorada e fazia um churrasco com outras pessoas num local que eu entendi que seria o Vale Verde, ainda que eles não soubessem o nome do lugar. Outro tinha ido para subir ao pico de madrugada, mas, segundo eles, não sabia que era tão frio e, por isso, nem saiu da barraca e “quase saiu na mão com o cara que o levou”. E assim como os demais, ambos não tinham ido ao parque, moradores de Manhuaçu, cidade ainda mais próxima que Matipó.

No dia 10 de junho, fui procurar uma oficina para o carro e permaneci no hotel o restante do dia. Na oficina, na breve conversa, o profissional que iria atender minha demanda me perguntou de onde eu era, eu disse que era de Belo Horizonte e estava indo ao Alto Caparaó para ir ao parque. Sem se alongar em conversa, pois a oficina estava cheia, ele se limitou a dizer que sempre ouvia as pessoas dizendo muito bem de lá e que tinha vontade de ir. Perguntei se ele sempre morou em Manhuaçu, respondeu afirmativamente com a cabeça.

No dia 11, parti para Alto Caparaó, onde me encontrei com um casal de amigos e almoçamos num pequeno restaurante ao lado da garagem de um grupo de jipeiros com os quais tenho costume de reservar o transporte quando levo grupos de alunos ao parque. A perspectiva era subir com nossos carros, montar acampamento e circular um pouco pelo Vale Encantado, sem muitas pretensões de observação exploratória, o que, de acordo com o planejamento, deveria ter acontecido nos dias anteriores. Esse final de semana havia sido escolhido em função da reabertura das áreas de camping, que ocorrera no final de semana anterior. A previsão do tempo para a madrugada do dia 11 para o dia 12 era de chuva na noite do dia 11 até próximo da meia noite, com volume de cerca de 2 mm, o que representaria uma possibilidade de subida bem aceitável para o pico. Até o horário programado para a saída, por volta das 2h30 da manhã, a chuva já teria passado e o volume, em teoria, não afetaria significativamente o percurso. Entretanto, o que se seguiu foi algo distinto, pouca chuva caiu até as 0h do dia 12, mas, após

esse horário, uma chuva mais forte tomou a área de camping e tudo indicava que chovia ao longo do percurso até o pico também. Pouco antes do horário de despertar para subida, a chuva havia cessado. Levantei-me e fui organizar tudo e avaliar a possibilidade da subida. Percebi que um grupo grande que estava presente na área de camping havia subido mais cedo, mas isso será explorado adiante em alguns dos tópicos deste capítulo. Preparei o lanche antes, aqueci água para levar como alternativa para necessidades de primeiros socorros e fui caminhar pelo estacionamento da tronqueira para avaliar. No estacionamento, decidi por suspender o plano. A intensa neblina tomava conta de todo o local e, mesmo com a lanterna, tornava-se muito arriscado realizar o trajeto, pois a visibilidade estava muito reduzida. Sem lanterna, ainda que estivesse próximo da virada da lua crescente para lua cheia, as nuvens e a neblina também não permitiam que a trilha fosse feita em segurança.

A chuva seguiu por pouco mais de uma hora e depois aparecia com intermitência e pouco volume. Voltei para a barraca e lá permaneci entre cochilos e momentos de escuta das conversas na tronqueira até as 5h, quando decidi sair, ver o que acontecia e conversar com as pessoas. A neblina ainda estava presente, sem chuva, estava bastante frio, cerca de 10°. Circulei pelo estacionamento e permaneci logo na saída da trilha para o pico, aguardando, ao lado do posto do ICMBio, o retorno de quem havia subido. Passado esse período, desmontei acampamento e retornei a Belo Horizonte.

A terceira e última ida ao Caparaó, em 2022, ocorreu em novembro. Planejada para os dias 26 a 29 daquele mês, a estadia foi reduzida, tendo sido finalizada no dia 28. Duas razões levaram à redução. A primeira foi que o Vale Verde estava interditado, em função da queda de árvores e da manutenção necessária para sanar os problemas provocados pelas chuvas que ocorreram semanas antes. O centro da atenção para essa incursão era a permanência, por pelo menos um dia, nessa área, assim como a ida ao Pico da Bandeira. A segunda, uma razão pessoal que começou a impactar as tomadas de decisão a partir da segunda incursão, foi o fato de que minha esposa estava grávida e entrava no sétimo mês de gravidez naquele período. Optei, uma vez que as metas para ida a campo haviam sido cumpridas ou não poderiam ser, por retornar um dia antes.

Essa última presença em campo coincidiu com o período de realização da Copa do Mundo de Futebol de 2022. Não há, em momento algum, a intenção de fazer uma análise da relação entre a Copa e a ocupação do parque, mas a título de informação, na manhã do dia 27 de novembro, um domingo, pela primeira vez de todas as que estive no parque com as áreas de camping abertas, não havia ninguém acampado na Tronqueira. O tempo não era muito favorável, tanto que optei por nem acampar para tentar a subida na madrugada. Ao longo dos

dias, havia pouquíssimas pessoas no parque, em períodos muito espaçados. Esse período, no entanto, permitiu realizar registros para fazer a apresentação do Caparaó sob uma perspectiva mais paisagística ou ao menos nessa tentativa. Ao mesmo tempo, os encontros ao acaso, durante as observações, puderam, posteriormente, elucidar a matriz metodológica, considerando as reflexões de Careri (2013) e também de Debord (2006).

Nessa incursão, tive a oportunidade de subir ao Pico da Bandeira com o parque praticamente vazio. Eu me encontrei apenas com um casal no Terreirão e alguns homens que estavam ali acampados e com os quais não tive nenhum tipo de interlocução, pois apresentavam pouca disponibilidade para tal. Demonstravam decepção e certa indignação cuja causa eu só consegui imaginar ao chegar ao pico. Passei por esse grupo por volta das 9h30 da manhã e o tempo estava relativamente firme. Quando cheguei ao pico, faltava pouco para as 11h da manhã e a vista do pico estava como foi registrado na Figura 22.

Figura 22- Vista do Pico da Bandeira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Besse (2014, p. 9), quando levanta questionamentos sobre o modo de acesso às paisagens, nos ajuda a refletir sobre “[...] se a vista ainda pode ser considerada a condição e a principal forma de relação com as paisagens”. Não ver o que imaginava ao chegar até o ponto mais alto da região sudeste, significa que a pessoa não teve acesso a uma paisagem? Ou a

paisagem vivida não corresponde à imaginada? A natureza não estava perfeita? Que perspectiva de experiência foi construída ali, a partir da prática do montanhismo? É possível perceber, pelas expressões daqueles sujeitos com os quais me encontrei, um sentimento de frustração, além de certa indignação. Mas, em hipótese alguma, é possível imaginar de que maneira essa experiência será marcada para eles.

Além desse grupo, nesse dia me encontrei com um casal que havia entrado no parque poucos minutos antes de mim, por volta das 7h30 da manhã e, naquele momento, eram os únicos a acessar o Caparaó de carro. Fiz o trajeto na trilha entre a Tronqueira e o Terreirão sozinho, buscando registrar alguns elementos e momentos sem definição prévia do que exatamente seria registrado, fui apenas caminhando e esperando que algo me tocasse de algum modo e merecesse o registro. No Terreirão, fui abordado pelo casal. O homem fez algumas perguntas sobre a trilha e, após breve conversa, seguimos juntos para o pico. Permanecemos no pico por cerca de 1h e retornamos, também juntos, até a bifurcação da trilha entre o Vale Encantado, para onde me desloquei, e a Tronqueira, para onde eles se deslocaram.

Permaneci por aproximadamente uma hora em diferentes pontos do Vale Encantado, sem encontrar ninguém. Nesse dia, ocorreram quatro jogos da Copa, sendo o mais esperado a disputa entre Espanha e Alemanha, marcado para às 16h. O período em que eu estive no Vale Encantado tinha muita proximidade com o horário do jogo, de modo que o horário em que fui embora inviabilizaria que alguém que lá estivesse assistisse ao jogo desde seu início. Na trilha de volta para a Tronqueira, encontrei dois homens, um com cerca de 30 anos e outro aparentando ter mais de 55/60. Fui interpelado por eles sobre várias questões do parque, e prosseguimos em conversa por uns 30 minutos, até que duas mulheres (a esposa do mais jovem e uma outra) apareceram dizendo que outras pessoas que estavam na casa de onde vieram gostariam de ir ao parque também, contudo, com o adiantar da hora, não seria possível esperarem. Aquela era a primeira vez do grupo no parque, mesmo morando na região por toda a vida e terem desejado conhecer o parque há muito tempo. Nos despedimos e segui rumo à Tronqueira. No estacionamento, havia meu carro e mais um, que imagino que era do grupo com quem havia cruzado na trilha. O carro do casal que foi ao pico já não estava mais no estacionamento. Segui até a Tronqueira para ver se encontrava mais alguém. Lá permaneci por 30 minutos, tempo em que um casal chegou para tirar fotos, mas encontrou a vista do mirante encoberta e rapidamente se foi. Pouco tempo depois de saírem, as nuvens haviam se afastado e

um belo panorama se apresentava. Desci até a portaria onde confirmei que o Vale Verde permaneceria fechado até, pelo menos, o dia 30. Decidi pela volta para casa no dia seguinte.

Os registros de diferentes formas dessas três presenças no campo de pesquisa foram o elemento central da estruturação do caminho metodológico, da busca por um determinado conjunto de referências e estudos, como, por exemplo, a busca da disciplina Teorias da Paisagem, cursada no segundo semestre de 2022, e a elaboração das descrições e reflexões que se seguem neste capítulo. Narrar essas presenças, embora de maneira sucinta, tem a intenção de aproximar o leitor da realidade e de elementos que me atravessaram ao longo desta escrita.

Intencionalmente, as idas ao Caparaó ocorreram no início, no meio e no final do ano. Ainda que uma delas tenha sido realizada na chamada temporada de montanha, que ocorre de abril a setembro, em todas, o tempo, relacionado ao clima, não estava favorável ao banho de cachoeira ou nas piscinas naturais, ao trekking de madrugada ou mesmo pela manhã, ou à contemplação de mirantes. Entretanto, ainda que em ocupações menores, sempre havia alguém no parque, de modo que pude observar situações de fruição que me provocaram como pesquisador, professor e praticante do parque.

Não há uma linearidade cronológica nos tópicos a seguir. As mobilizações na escrita foram feitas a partir de elementos que aproximavam situações em encontros e as reflexões provocadas por eles. Um mesmo encontro ou situação, por vezes, trouxe questões múltiplas e, assim, reaparece em mais de um tópico. Na escrita, houve a busca por não assumir o lugar de professor ou de alguém que avalia se uma dada forma de praticar o parque está correta ou não, ainda que, no período de campo, algumas situações tenham me deixado desconcertado inicialmente. Procurei, ao escrever, produzir uma descrição de cenas do campo, ao passo que tentava dialogar com reflexões da literatura e minhas próprias experiências e formas de apreender a teoria.

Ainda que eu conheça condutores, jipeiros e moradores da região, e a conversa com funcionários do parque fosse acessível, para este momento, não realizei nenhum contato ou registro com esses grupos de pessoas, a fim de centrar os olhares nos demais praticantes do parque. Mesmo que esses sujeitos também vivam o parque e que possam usufruir do espaço em seu tempo de lazer.

4.1 Sobre o tempo-clima e sobre o tempo

Com a riqueza de palavras do nosso idioma, é no mínimo curioso pensar que uma delas possa significar duas coisas diferentes entre si, mas que se interrelacionam e impactam diretamente as práticas e as experiências vividas no parque.

Não utilizarei a distinção que fiz nesse subtítulo, uma vez que o contexto e o conteúdo de cada fala a seguir alimentam nossa capacidade de, ao ler, discernir de que tempo se trata. O primeiro deles refere-se ao clima e comumente é usado erroneamente como sinônimo de clima. O tempo, para Ahrens (2009), pode ser definido como as condições atmosféricas momentâneas e observáveis em um determinado momento e lugar. Envolve fatores como temperatura, umidade, pressão do ar, velocidade e direção do vento, cobertura de nuvens e ocorrência de precipitação. O tempo é uma descrição das condições atmosféricas em uma escala relativamente curta, geralmente de horas a alguns dias. Já o clima é definido como a média das condições atmosféricas em um determinado local, ao longo de um período mais longo. Geralmente envolve a análise estatística de padrões climáticos, como médias, variações sazonais, tendências e extremos de temperatura, precipitação e outros elementos atmosféricos. Ou seja, o que é determinante para o que acontece para o visitante no parque é o tempo e não o clima.

Por outro lado, temos o tempo relacionado à dimensão cronológica, que permite que afirmemos que uma hora tem 60 minutos e um dia 24 horas. Contudo, pensar o tempo aqui pede uma compreensão mais ampla sobre ele, extrapolando o exercício de meramente contar minutos em um relógio ou dias em um calendário. Para Elias (1998), o tempo não é uma entidade objetiva e independente, mas um fenômeno socialmente construído e moldado pelas interações sociais ao longo da história. Ele entendia que as percepções e práticas em relação ao tempo variam de acordo com as diferentes culturas, sociedades e períodos históricos. O autor afirma ainda que as estruturas sociais exercem influência sobre a percepção e o uso do tempo, moldando as expectativas, as rotinas diárias e os rituais coletivos.

De que maneira essa palavra, a materialização de seus dois significados impacta as práticas dos visitantes? Pode parecer óbvio, em especial quando nos referimos ao tempo relacionado ao clima, pois, a depender do seu “estado de humor”, certas práticas podem ou não acontecer, tornar-se mais ou menos desafiadoras. É na presença em campo que as pequenas nuances se destacam e podemos entender como esses dois elementos dialogam entre si e com os praticantes do parque.

A noção de tempo permeia os debates do campo do lazer desde muito cedo. Seja ele livre, disponível, conquistado ou qualquer outra das adjetivações recebidas em diferentes

contextos, revelando diferentes conceitos. A questão é que o lazer ocorre em um determinado tempo e está em relação as outras dimensões da vida dos seres humanos. Padilha (2004) aponta que tempo algum pode ser tratado como verdadeiramente livre das lógicas do capital, de coações de diferentes ordens ou de normas sociais. Os períodos em que as pessoas se mobilizam em relação aos seus lazes está em fluxo dialógico com o que delas é demandado ou desejado. Se pensarmos na duração do final de semana, em termos de horas, os deslocamentos, que podem ser de mais próximo ou mais distante; a necessidade fisiológica de dormir; a alimentação; entre outros elementos; tudo torna o final de semana cronologicamente muito curto por assim dizer. Em revisão sistemática sobre barreiras para as atividades físicas de lazer, Vieira e Silva (2019) identificam que “a falta de tempo” representa uma importante barreira social para jovens, adultos e idosos. Se o tempo falta, é comum que as atividades de lazer ganhem tom acelerado, que a paciência com as interações que não estão postas sob a prerrogativa do humano seja menor.

São 14h a neblina se dissipou, o mirante da Tronqueira foi se desvelando como quem escolhe o que mostrar, e o sol começa a aparecer novamente. O casal de antes não volta, se minha audição não me enganou, foram logo depois de chegar aqui e ver tudo nublado. Ouço um carro parando no estacionamento, em seguida, uma voz que vem de lá diz: “ali tem um lugar de tirar fotos”, atribuindo ao mirante uma função, tirar foto. Diferentemente do casal anterior, chegam em boa hora, para eles. Antes da foto, já me interpelam “onde tem cachoeira?” Falo da cachoeira Bonita e do Vale Encantado. A conversa sobre cachoeira é interrompida por uma pergunta do homem “que cidade é aquela ali?” Mostro onde é o Alto Caparaó, ele se empolga com um “nós viemos dali”, em tom excitado, aparentemente pela percepção da altitude em relação ao local de partida. Voltam a perguntar se o vale e a cachoeira são longe, digo que não. Perguntam se eu sou daqui, e me informam que são de Muriaé. Se vão. Tudo isso ocorreu em menos de cinco minutos, incluindo as fotos (Notas dos registros de campo, novembro de 2022).

A cena relatada provoca uma série de questões referentes ao tempo cronológico e dá indícios do tempo associado ao clima. Tudo é acelerado, o grupo demanda informações que provavelmente serão esquecidas em breve, não se permite perceber nem ao menos o próprio espaço do mirante. Bondía (2002) nos convida a pensar a experiência como algo mais sensível, que não se limita a um conjunto de informações objetivas e carrega consigo aspectos afetivos, corpóreos e simbólicos, a experiência nos toca, nos sensibiliza, nos marca e nos transforma. O autor destaca o tempo ou a falta dele como um dificultador da experiência.

A experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. [...] A velocidade com que nos são dados os

acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (Bondía, 2002, p. 23).

A permanência no mirante por um tempo maior poderia dar ao casal, que foi citado de passagem na cena anterior, a oportunidade de ver o panorama que eles imaginavam e comporia a paisagem buscada. Poderiam perceber a mudança da organização das nuvens, a presença do vento, agindo como quem manuseia um pincel e transforma constantemente o que se apresenta diante de quem está no mirante. O segundo casal já chega com um campo visual mais límpido de nuvens, mas pouco podem perceber e sentir dali ao dispersarem tantas perguntas e desejos em tão pouco tempo.

Figura 23 - Mirante da Tronqueira



Acesso também pelo link
Mirante da Tronqueira - Timelapse - 26-11-22

Por 30 minutos, a câmera capturou as imagens e as condensou em 30 segundos. Como instrumento pedagógico para provocar as reflexões sobre o tempo e a experiência, não encontrei melhor forma. Há, talvez, um desejo de que o tempo da vida seja esse, que seja possível condensar acontecimentos para, assim, passar por tudo.

Vieira e Silva (2019) apontam o “clima inadequado” como a principal barreira para as atividades físicas de lazer de jovens e adultos. Se as atividades ao ar livre em meio natural dependem das condições climáticas, é esperado que o tempo interfira fortemente nas práticas.

Na entrada do parque, são 9h50, e jipeiros aguardam pessoas para um bate e volta no parque. A necessidade de informar o bate e volta ao pico anteriormente pelo site não está mais disponível e o jovem rapaz que recebe os visitantes na portaria nem sabia que já houve a necessidade de se fazer isso. Cheguei à tronqueira e observo um casal.

Subiram de carro. Aparentemente, a moça já conhece o parque e o rapaz não. Em conversa entre eles, o jovem diz “o tempo está abrindo”. Ela responde com um acenar de cabeça, dando de ombros com um “aham”, como em tom de quem sabe que a densa neblina que se apresenta varia, mas não se desfaz assim tão rapidamente. Ele diz, “se eles deixarem, vamos subir? Só a gente falar que é montanhista”. Se foram antes de eu chegar até eles, os ouvia sentado no mirante da Tronqueira... ao saírem, a moça disse ao seu companheiro, “você não vai ver nada” (Notas dos registros de campo, novembro de 2022).

Se, por um lado, existe a dimensão do tempo climático como barreira, ele também revela uma condição relacional dos sujeitos, seus desejos e formas usadas para alcançá-los. Ver talvez tenha sido o verbo que mais ouvi ao longo do período exploratório, em contrapartida, aquilo que as pessoas falavam de ver, pouco se viu. Mas, se não se viu, e o ver é central por que ir ali? Refletindo, a partir de Rubem Alves (2018), me pergunto se não há mais que a “caixinha de ferramentas” nas mãos desses que estão ali e reclamam de não ver. E, se de algum modo, a “caixinha de brinquedos” não se faz presente também. Refiro-me aqui à metáfora usada pelo educador ao dizer que temos em uma das mãos a caixinha de ferramentas e na outra a caixinha de brinquedos, referindo-se ao processo de formação humana. A caixinha de ferramentas representaria as ferramentas para a vida, enquanto a caixinha de brinquedos guardaria as coisas “inúteis”, mas que fazem sorrir.

O termo “inúteis” soa irônico, pois Alves (2018) não entende como inutilidade aquilo que se coloca no campo dessas sensibilidades. Em algum momento, algum processo de educação das sensibilidades tocou essas pessoas e permitiu que, mesmo “não vendo”, a presença ali fosse algo marcante. As acelerações da vida podem contribuir para uma exacerbação do sentido da visão (Sevcenko, 2001) e, para algumas funções da vida, é importante ter esse sentido afiado e em destaque. Mas, em que implica isso no sensível? O tempo, como construção simbólica, sofre pressões que acabam por determinar as expectativas no tempo de lazer. Expressões como: “não se pode perder tempo” e “tempo é dinheiro” reforçam o sentido de que mais coisas precisam ser feitas em menos tempo, retirando do sujeito o direito à contemplação, à digestão do seu próprio fazer, do perambular sem objetivo determinado. E, se não há direito a essas coisas e outras mais que poderiam ser ditas, há uma restrição implícita do que se pode fazer. Soma-se a isso a restrição que as variações para um tempo chuvoso, frio, carregado de neblina ou nublado produz nas formas de praticar no parque. Outras práticas são possíveis, mas, por vezes, não desejadas. Algumas práticas que são desejadas não podem ser realizadas no tempo que o sujeito tem para estar no parque em função do tempo que o parque apresenta para ele.

Conciliar desejos, sensibilidades, possibilidades e situações do parque é uma condição que antecede o estar no local. “Estar” coloca o corpo como centro, e no corpo se dá o fluxo dessa conciliação, que é pressionada por tempo e tempo que, em sinergia, demandam que os praticantes se preparem não só em termos físicos, de equipamentos ou de conhecimento para estar no parque.

4.2 Vestir-se para além da moda, será preciso equipar-se?

Ao longo dos anos preparando aulas, organizando atividades de *trekking* e *camping* com alunos da educação básica e do ensino superior, sempre me deparei com uma pergunta: professor, o que preciso comprar para ir? A ideia de que a ida a um lugar, em especial a um lugar novo, gera uma preocupação de saber se estará bem-vestido e efetivamente equipado.

Entre a utilidade, a necessidade, a proteção, o conforto, mas também entre a artificialidade, o sonho e a sedução, as roupas e os ornamentos afirmam traços humanos, revelam pertencimentos ou exclusões, assim como as diferenças entre uma *natureza corporal* e as marcas da cultura. Elas constroem, compõem, fabricam as aparências, contam trechos das histórias miúdas, cotidianas, banais, como afirmou Roche (1997) e permitem que aspectos da vida em sociedade sejam compreendidos de maneira mais sensível (Soares, 2011).

Se, por um lado, as condições no novo local a ser frequentado pedem uma determinada forma de se vestir e equipamentos para utilizar; por outro, muitas vezes, o imaginário sobre estar naquele lugar convida a uma dada forma de se vestir e ostentar certos equipamentos.

Ao longo do período exploratório, não me propus inicialmente a estar atento ao que as pessoas vestiam ou como se equipavam. Ainda que eu dê aulas de como adaptar determinadas roupas do cotidiano, para que os gastos com as atividades na natureza se restringissem aos indispensáveis; ou que ajudasse, orientando estudantes que desejavam comprar vestimentas ou equipamentos, minha atenção inicialmente não estava voltada para isso. Foi na presença em campo, sendo afetado por minhas perspectivas de me vestir para estar naqueles lugares, que me possibilitou perceber que esse é um ponto a ser pensado sobre as práticas e experiências no parque.

Na observação das três presenças exploratórias, foram selecionadas, por distintas razões, cinco cenas para compor este tópico.

Era início da tarde, por volta das 14h, e eu me deslocava pela trilha do Vale Encantado entre uma área de acesso a piscinas naturais e outra. O tempo estava parcialmente nublado e havia chovido em parte da manhã, o que deixou a trilha com pequenas

poças, as pedras molhadas e mais escorregadias, o que me fez amarrar mais fortemente os cadarços de minhas botas. Próximo ao ponto em que havia um novo acesso, cruço com um homem adulto e uma criança, um menino, por volta dos cinco anos de idade, que estava sobre seus ombros. Me sinto estranho ao olhar aquilo, primeiro pela presença de galhos mais baixos e arbustos que se projetam a altura em que o menino estava, depois pelas condições do piso. Sou interpelado pelo homem com a pergunta: “é por aqui que entra na água?”, respondo que sim, mas que mais a frente havia outro local de mais fácil acesso com a criança. Ele agradece, diz que ali estava bom, estava vazio. Nos cruzamos e eu sigo por alguns passos na trilha e paro para observar. O homem de bermuda, camisa esportiva estilo transpirável, mochila nas costas e tênis de corrida para o asfalto. Eu reconheço o modelo do tênis, já o usei, muito confortável, razoavelmente estável, mas com solado pouco aderente em pisos molhados. Aguardo para ver a descida até as piscinas naturais. Sinto meu coração palpitar, pois o homem não demonstra que vai tirar a criança dos ombros. Eles descem, sem quedas, um leve deslizar do pé que vira um “opa, quase caímos”, ambos chegam ao nível das piscinas, a criança é descida dos ombros e eu sigo na trilha (Notas dos registros de campo, fevereiro de 2022).

Le Breton (2009, p. 11) afirma que “o risco é uma noção socialmente construída, eminentemente variável de um lugar para o outro e de uma época para outra”. O entendimento das relações que roupas e equipamentos produzem em diálogo com a prática e o estar no lugar vão ao encontro dessa construção social do risco. As percepções do vestir e calçar variam em termos de experiências prévias e de relações que os corpos estabelecem com estar no mundo, entre outras condições que produzem distintas formas de observar essas tramas.

No mesmo dia, um pouco mais tarde, por volta das 15h, eu estava sentado em uma pedra ao lado de uma das piscinas naturais, numa área que tem mais espaço para o acesso e maior número de piscinas próximas. Havia entrado na água e estava me secando e aguardando se alguém estaria naquela área. Antes de minha chegada e durante uns 20 minutos, a área permaneceu sem qualquer outra pessoa. Em sequência, ouço muitas vozes e me viro para olhar a trilha, há um grupo de 18 pessoas chegando. Jovens e adultos jovens compunham o grupo, deslocavam-se em direção a uma parte mais alta em relação àquela em que eu estava, mas era possível vê-los durante todo o percurso e a permanência. Uma leve neblina, por vezes, tomava conta do espaço e se dissipava em sequência; um vento suave, mas contínuo, percorria o vale durante toda a tarde; e a água, como de costume, estava bastante gelada. No grupo, várias meninas se deslocavam na trilha, apenas com o short e a parte de cima do biquini, duas estavam de blusa de frio e paravam, de poucos em poucos passos, para tirar *selfies*. Entre os homens, alguns sem camisa e todos de bermuda. Em termos de calçados, todas as pessoas estavam de chinelos tipo sandália de dedos; dois homens e uma mulher andavam descalços, segurando os chinelos. Olhei para meus pés e eu estava descalço, aguardando me secar para calçar meias e botas. Então, me pergunto se aquilo era realmente necessário. Sigo observando de longe o grupo. Sentam-se em uma pedra ao alto, duas pessoas se dispõem a entrar na água, mas por

poucos instantes, saem, se enrolam em toalhas e tentam abraçar algumas pessoas para se aquecer. Elas imediatamente fogem ou negam aqueles abraços, estão gelados. O grupo permanece por, no máximo, 20 minutos na área e começa a retornar na trilha, dois escorregam, nenhum machucado mais sério. Ouço uma das jovens comentar que está “até razoavelmente bem”, mas, que seu dedão já era. Seguem na trilha até sumir ao longe. Levanto-me para ir embora, começou a chover. Vestido com botas, calça de trilha e camisa com proteção UV, coloco a mochila nas costas e sigo na mesma trilha que o grupo para voltar ao estacionamento e ir embora para o hotel.

Gestos e roupas especiais para prática de exercícios físicos e esporte oscilam entre uma ideia de eficácia técnica, de moda, de pertencimento de classe, de códigos de gênero, e de valorização de aparências, ou talvez de fabricação de novas aparências. Esse conjunto composto por gestos e roupas especiais para essas práticas, em particular, alimenta um imaginário, faz surgir novos cenários sociais, torna-se, assim, uma necessidade (Soares, 2011, p. 29).

Os sentidos atribuídos ao lugar podem denotar uma determinada familiaridade, de modo que o casual se torna a moda, a forma, a maneira de estar e viver o lugar. De outro modo, a fabricação de uma aparência, como dito por Soares, pode promover um determinado conjunto de usos de roupas e equipamentos que, por vezes, podem ser supérfluos para um conjunto de pessoas, dada sua conexão com o lugar.

Em 1930, Noel Rosa grava a música *Com que roupa?*, em que o intérprete canta seguidas vezes com que roupa deve ir ao samba. Se, em alguns casos, os espaços e práticas realizadas promovem perguntas semelhantes à feita por Noel, em outros, as pessoas, tomadas de sua própria identidade e valores, não chegam a se questionar. As demandas ou códigos do lugar pouco importam.

Eu estava voltando de um período de imersão em uma das piscinas do Vale Encantado após retornar do Pico da Bandeira. O vale estava vazio. Depois da longa caminhada em ritmo que não era o meu, por acompanhar outras pessoas que caminhavam mais lento, pude retomar o ritmo e perceber o campo. Já em vias de ir para o hotel, deparo-me, na trilha, com dois homens com os quais permaneci conversando por cerca de 30 minutos. Um, mais jovem, calçava um sapato preto de bico fino, muito lustrado, reluzia, calça jeans, uma camisa de malha, relógio grande de metal. O outro homem, mais velho, usava sandálias de tiras de couro, calça de um tecido que não sei dizer ao certo, mas, poderia ser linho, uma blusa de botões e manga curta. Vinham de um almoço em família. Logo chegaram duas mulheres, uma de calça jeans e blusa de malha, outra de saia e blusa de malha, ambas de sandálias. O retrato era realmente de pessoas

vindo de um almoço de domingo em que alguém falou um famoso “vamos ali de mineiro” e o ali era o Caparaó. O caminhar na trilha era fluido, seguiram na direção do Vale e eu no sentido da Tronqueira.

Figura 24 - Vista de piscinas naturais no Vale Encantado sob neblina



Fonte: acervo do autor, 2022.

Em um outro dia, eu estava na trilha para o Pico da Bandeira, apenas olhando a saída, avaliando a umidade do solo e aguardando para ver se alguém passava por lá. Do lugar em que eu estava, era possível avistar parte do estacionamento da Tronqueira e pude ver duas mulheres. De longe, não era possível identificar as idades, mas dois pontos chamaram a atenção: as roupas que vestiam, nitidamente relacionadas à religião cristã de igrejas evangélicas, que são muito fortes na região, e o fato de estarem aparentemente sozinhas. Tentei me deslocar rápido para a Tronqueira para poder ter ao menos um breve contato. Chego perto e confirmo as vestimentas, ambas com saias retas, pretas, até a linha do joelho, blusas de botões e manga longa, aparentavam ser mãe e filha. A mãe, de sapato preto sem salto, e a filha, de tênis All-Star, preto também, ambos ganhariam tom amarronzado caso não estivesse chovendo de maneira intermitente. Foram ao mirante, observaram por alguns instantes, sem fotografias. Em seguida voltaram para o carro e desceram. As roupas, em especial a saia, não permitiria caminhar pela trilha até o Vale Encantado. Não tive tempo ou brecha para nenhum tipo de conversa. Gostaria

de saber as motivações para estarem ali. Uma subida e descida de carro que, somadas, tem 12km, por uma estrada sinuosa e molhada. O mirante da Tronqueira, em hipótese alguma, pode receber a atribuição de “só”, mas foi curioso subirem ali, vestidas daquela forma, pois “só” poderiam mesmo chegar até ele. Talvez parar no mirante para a cachoeira Bonita, não ir até o fosso dela, ou parar no mirante do José Pedro, na estrada que entre portaria e Tronqueira.

Soares (2011) discute as relações de poder envolvendo as roupas e de que maneira elas demarcam os corpos e o que podem os corpos. Demarcam também símbolos de identidade, que podem ou não ser facilmente reconhecidos, hierarquias sociais, vínculos identitários, conexões religiosas, entre outras questões. A forma que os sujeitos se vestem pode demonstrar, em detalhes, o que se passa na relação entre o sujeito e o ambiente. Forças externas determinam o vestir e, por conseguinte, o fruir os espaços e também o diálogo com o espaço visitado para fluir/fruir por ele.

A quinta cena poderia ser descrita como a preparação e a realização de um desfile. Era próximo das 20h do dia 11 de junho, o céu estava coberto por nuvens; a lua, quando aparecia, mostrava sua proximidade com a fase cheia, era intensa. Terminava de jantar e ouvia as conversas de diferentes pessoas acampadas na Tronqueira. Interessado no que diziam sobre roupas e equipamentos, ouvia distintos e dispersos comentários. “Será que precisa colocar calça?” A temperatura era baixa, bastante baixa, facilmente abaixo dos 12°. Ao circular pela área de *camping*, observava os calçados, as barracas e outros equipamentos que estivessem à vista. Havia um número grande de pessoas calçadas com tênis muito respiráveis, que certamente, independentemente da meia que calçassem, não manteria os pés nem secos, nem aquecidos. Algumas barracas não eram apropriadas para o tempo chuvoso e de baixa temperatura. Estavam sem cobertura, possuíam estruturas mais frágeis, certamente pessoas passariam frio aquela noite. Uma das pessoas grita para que as outras comecem a se preparar, subiriam às 22h. Aquilo me gerou certo espanto. Antes das 21h, eu estava dentro da barraca. Eu próprio havia improvisado as condições para o casal de amigos que estava comigo nesse dia. Visava mais conforto térmico e corporal para eles. Eu dormia com meu saco de dormir e isolante térmico individual. Para eles, que não têm equipamentos de *camping*, levei jornais para diminuir a troca de calor com o solo e tatame para se deitarem por cima. Dormi com roupas a mais, para me manter aquecido e, na saída da barraca, as roupas já tivessem retido calor suficiente para gerar algum conforto térmico. Às 23h, grande parte do grupo de pessoas que estava acampada começa a subida. As condições de tempo não eram favoráveis a uma caminhada segura, tampouco de sucesso, até o Pico da Bandeira. Voltamos para a barraca, e por lá permaneci até as 5h da manhã, quando sai e fui acompanhar o que se passava. Ao lado do posto do ICMBio,

não demorou a aparecer pessoas que retornavam da tentativa de ida ao pico. Sacos de lixo na cabeça e no tronco, usavam capas de chuva que não cobriam todo o corpo, inúmeros calçados estavam enxarcados. As expressões das pessoas não eram de uma atividade prazerosa realizada. O que seus equipamentos e roupas lhe possibilitavam em termos de conforto e segurança era muito pouco, tendo em vista o que a montanha lhes tinha apresentado em termos de desafio.

Le Breton (2009) lembra que nem todas as condutas de risco vêm de excessos. Às vezes, elas podem estar centradas no esquecimento ou no desconhecimento de certas precauções. O autor ainda destaca que a percepção do perigo é fruto de uma aprendizagem. Ao lidar com o mundo e o mundo conosco, entramos em uma linha que nos demanda aprender. Uma caminhada e chuva na cidade representa uma coisa, ao passo que uma caminhada e chuva na montanha é outra completamente distinta. A temperatura de 12° em um ambiente urbano demanda um conjunto de roupas para nos manter aquecido. Assim também é a manutenção do conforto e segurança dos pés, proteção do vento, e outras relações que ocorrem entre corpo e ambiente e só podem ser aprendidas ao lidar com os espaços.

4.3 A experiência e a conquista: a aventura e o risco

Beames, Mackie e Atencio (2019), no exercício de conceituar aventura, fazem um questionamento aos leitores, listando oito possíveis situações e perguntando quais seriam consideradas uma aventura. Posteriormente, fundamentados por todo o exercício anterior que haviam produzido, afirmam que todas elas podem ser entendidas como aventura. Entre as situações estão “Ter um pneu furado enquanto dirigia sozinho no meio da noite em uma estrada rural / Começar em uma nova escola / Fazer uma escalada ao ar livre pela primeira vez” (Beames; Mackie; Atencio, 2019, p. 23). Os autores afirmam que todas as experiências citadas podem ser entendidas como aventura. Entretanto, a esta tese interessa a aventura feita por deliberada escolha e, nesse caso, aquelas vividas no Caparaó. Contudo, isso não retira a necessidade de refletir sobre aventura numa perspectiva mais ampla.

Os autores afirmam que muitas pessoas não têm a menor intenção de adicionar aventura de nenhuma ordem em suas vidas. Para os autores, é preciso entender que a aventura é culturalmente relativa e que, para alguns povos, lançar-se a aventura simplesmente pela aventura é um absurdo. As aventuras, do ponto de vista de um conjunto de práticas corporais, são buscadas ativamente, sendo mais ou menos planejadas (Beames; Mackie; Atencio, 2019).

Não podemos entender que todas as práticas realizadas no parque sejam aventuras pelo caráter relativo da própria aventura. Subir ao Pico da Bandeira pode ser uma aventura para o

visitante que está sendo guiado, mas se trata de trabalho para um guia. Contudo, no tempo do trabalho exploratório, o “aventurar-se” aparece nas falas de pessoas com quem conversei, acompanhei ou apenas pelas quais passei. Este tópico busca explicitar diferenças nos sentidos de aventura que podem implicar diretamente na relação com o parque, com o corpo e com a natureza de um modo geral.

Para as reflexões aqui propostas, foram selecionadas duas cenas que se destacaram no período exploratório e alimentaram as reflexões sobre a aventura. Ainda que a noite e a madrugada de 11 para 12 de junho tenha trazido um conjunto grande de elementos sobre o acampar, a trilha para o pico, discursos sobre estar no parque, entre outras questões, o registro não é contínuo. Foram 12 horas de vivências e os registros são picados. Então, optei por explorá-los em outro capítulo, dedicado às subidas noturnas ao pico.

Estava voltando do Vale Encantando, feliz com o que se passara no dia no parque. Muitas reflexões passando pela cabeça e a preocupação se eu tinha registrado tudo com qualidade em meio a tudo o que estava acontecendo. Pela trilha, em uma parte mais fechada, me encontro com dois homens, um mais jovem, na casa dos 30 anos, e outro mais velho, poderia arriscar 55 ou 65, pelo porte físico, aparentemente trabalhador do campo, aparentava mais jovem do que o que, no decorrer da conversa, dava a entender que ele era. Foi um conflito, mas que não tomei como tão relevante. Queriam saber se o vale estava muito longe. Avisei que era perto, a não mais de 150 metros estariam em um dos pontos de acesso às piscinas, logo fui interrompido, “não vamos entrar”. Eu já havia observado como se vestiam e que não tinham bolsas, mochilas ou coisas do tipo. A essa altura das vindas a campo, olhar como as pessoas estão vestidas já se tornou um movimento inicial. O mais jovem calçava um sapato preto de bico fino, muito lustrado, reluzia, calça jeans, uma camisa de malha, relógio grande de metal. O outro homem mais velho, sandálias de tiras de couro no pé, calça de um tecido que não sei dizer ao certo, mas, poderia ser linho, uma blusa de botões e manga curta. De novo perguntado sobre distância, mas agora em relação ao pico e à trilha “seguindo aqui vai no pico?”, disse que não, que um pouco antes de onde nos encontramos havia uma placa que indicava outra trilha. “Será que dá pra ir lá?” Expliquei que era longe, quase 7km, e que as regras do parque não permitiam iniciar a trilha naquele horário. “Já fica noite né?” disse o mais novo. Eu segui atento ao senhor, “o senhor tem vontade de ir lá?” E eu não poderia imaginar a narrativa que se seguiria, queria ter pedido pra gravar, mas nem sabia tudo o que viria, nem acho que seria bom para os meus sentimentos ouvir de novo. Me senti impactado. A narrativa estabelece um sem número de conexões. Ele inicia, e aqui tento trazer o máximo de palavras dele, mas é o que consegui guardar depois que nos despedimos e eu corri para sentar e fazer esse registro. “Tem muitos anos que eu quero ir lá. Que eu queria vir cá, moro a vida toda em (algum lugar que não consegui entender o nome), ali do lado de Reduto, vindo pro lado aqui de Alto Jequitibá (suficiente para eu me localizar geograficamente e saber que é relativamente perto). Meu primo, que era muito próximo de mim (não tive coragem de perguntar, mas no decorrer da fala senti que o primo já havia falecido), vinha muito aqui. Nadava essas cachoeiras tudo por aí. Tem cachoeira que acho que esse povo nem sabe que existe e ele nadou, ele conhecia isso aqui tudo. Atravessava aqui, saía lá em Iúna sozinho ou com uns amigos (cidade que parte do território do parque se encontra e está em terras capixabas). Uma vez ele veio aqui e trouxe uma corda de 200 metros. Ele amarrou na cruz e desceu lá na pedra. Eu tenho vontade de ir lá em cima, mas é ir pra ver o sol nascer, né. Ele falava que é bonito demais. Aí tem que entrar de noite. Eu completo, acampar né. Ele segue. Não tenho mais idade pra isso, sento aqui e espero a hora de subir. Mas é frio demais, né? Só colocar umas blusa de frio boa que dá. Corta a conversa e fala com o mais novo,

você tem que ir também. Ele concorda, balançando a cabeça. Isso aqui é muito bom, muito bonito, mas a gente que trabalha muito fica difícil de vir. Hoje a gente tava lá almoçando e esse aqui colocou a gente no carro e trouxe. Em seguida, chegam duas mulheres. Conversaram um pouco mais, mas a conversa havia se dispersado, corri para a tronqueira para registrar, e eles seguiram na trilha” (Notas do registro de campo, novembro de 2022).

A conversa na trilha remete ao que fala Gutiérrez (2016), a aventura é, por princípio, narrativa, a contação do seu acontecer. Esse senhor ouvia tantas histórias e demonstrações afetivas do primo em relação ao Caparaó que, antes mesmo de conhecer o parque, já poderia falar sobre ele para quem quisesse ouvir. Mesmo pontos questionáveis do ponto de vista da veracidade ou da exequibilidade técnica apontam a diversidade de possibilidades de décadas anteriores. Imaginar carregar uma corda de 200m trilha acima é algo bem trabalhoso, ainda que, em anos anteriores, existisse a possibilidade de subir a corda com a ajuda de animais. O vínculo afetivo do próprio primo com o parque gerou, naquele senhor, um vínculo pessoal anterior à própria ida ao parque. Assim como nas narrativas que ouvi, nas conversas no dia em que o carro quebrou a caminho do parque, é a relação social que estabelece um desejo. E também coloca a aventura em questão. Na fala desse senhor, é possível perceber duas perspectivas que anteriormente citei a respeito da aventura. A aventura em que a experiência é o cerne da questão e a aventura em que a conquista é a centralidade da vivência. Chegar ao pico, atravessar de Minas ao Espírito Santo, ir inúmeras vezes ao pico são pontos em que o risco está posto de maneira mais intensa, ainda que, na fala, não houvesse nem em conteúdo, nem em tom, um destaque para isso. A conquista coloca o risco em evidência, superar a natureza, vencer os desafios “por ela” impostos. Por que se colocar em uma travessia em meio a Mata Atlântica sozinho? Por que se pendurar em rocha no pico? Por que repetir inúmeras vezes a subida ao pico?

Às vezes são jogos com o perigo em que a consciência da morte dá sabor ao empreendimento, mesmo que os que se lançam a ele se considerem à altura e estejam convencidos de livrar-se com elegância e coragem. Trata-se dessa maneira, de um desafio o mais das vezes executado sob olhar dos outros, que provoca um momento de intensidade de ser e gera, a seguir, o sentimento de seu valor e de sua coragem (Le Breton, 2009, p. 45).

A perspectiva de realizar algo sob os olhares dos outros pode ser substituída pela narrativa posterior. Para além da própria cena, pensemos na profusão de relatos em diferentes redes sociais sobre um conjunto de práticas e áreas do parque, ou de outros parques e espaços naturais, a palavra aventura frequentemente surge nesses ambientes.

Ao mesmo tempo, conhecer o parque todo remetia a uma relação cuidadosa, a um conhecimento que promovia possibilidades. O tom especulativo sobre subir ao pico à noite traz, ao mesmo tempo, certa inocência e uma possibilidade de olhar para a narrativa do primo não como uma conquista, mas como um desejo de poder vislumbrar o belo, o nascer do sol. A descida em corda, a conquista, o nascer do sol, um desejo do belo, da paisagem, o conhecer todo o parque, uma relação. Trata-se de olhares sobre práticas que não foram realizadas pelo sujeito que as narra. As práticas produzem e são produzidas em relações distintas e no esteio da aventura. Ao se aproximar mais ou menos do desejo do risco ou da experiência, essas relações podem reverberar prática distintas.

Eram 6h30 da manhã e eu tomava café no hotel, tudo pronto no carro e, olhando pela janela, eu estava carregado de dúvida se iria ao parque ou não. Choveu a noite inteira e, apesar de Manhauçu estar distante o suficiente para não ter chovido no parque, o tempo quando saí de lá indicava chuva. Acabei decidindo vir, no caminho, chuva ao passar por Reduto, passando por Manhumirim já não chovia, mas tudo muito nublado. Só pensava em como estava a estrada para a Tronqueira. Cheguei ao Alto Caparaó, esperei um pouco e vim ao parque. Cheguei na portaria e parei o carro de lado, fui conversar com o pessoal sobre como estava a estrada e como tinha sido a noite. Um carro subiu, um Fiat Mobi, pensei se era algum desavisado ou se alguém já com hábito do parque e confiante. Fui até os jipeiros para ver o valor da subida, como só subia em grupos, tinha me esquecido como era salgado o preço sozinho, R\$ 200,00. Inviável. Um dos funcionários falou que a estrada estava molhada, mas tranquila pra quem já conhece. Pensei e optei por subir. Subi com mais cautela, sem desenvolver mais velocidade nos trechos normais para isso. Cheguei à Tronqueira e só tinha mais um carro, o que acabara de subir. Fui em direção à área de camping para ver se tinham barracas. O chão muito úmido, e vi, pela primeira vez, a área de camping completamente vazia, nenhuma barraca montada ali. Período da Copa? Possibilidade de chuva? Já vi dias piores com gente acampada. Decido subir ao pico, estava bem equipado, caso chovesse. Sem pressa, vim fazendo registros escritos para não esquecer do que aconteceu até aqui, fotográficos, de vídeo e áudio. Chegando no Terreirão, vejo três barracas, e alguns caras. Quando cruço com dois deles, as expressões já me dizem que não devo nem esboçar uma conversa. Pensei que a subida seria um dia de relato pessoal. Fui ao banheiro e, quando saio, encontro um homem na casa dos 30 e poucos com uma expressão de preocupado. Me pergunta qual a distância até o pico da bandeira, e eu respondo que 3,2km, se for pela trilha direitinho. Ele fala que se assustou com a placa que dizia 32km, eu ri. Vi que eram as pessoas que estavam no carro que subiu antes de mim. No estacionamento, vi que a placa era de Vila Velha, no ES. Era um casal. Perguntei se poderia subir com eles e expliquei o que eu estava fazendo ali, se poderíamos ir conversando na medida que fosse possível para eles. Gentilmente, aceitaram e perguntaram se eu conhecia bem a trilha. Claramente, eles não. A intenção deles, então, era que eu os guiasse, disseram isso. Por mim tudo bem. A ideia de 32km vinha do ponto apagado na placa que sinalizava o início da trilha, eu não teria reparado isso se não tivesse sido perguntado.

Figura 25 - Placa sinalizando a trilha para o Pico da Bandeira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Seguimos na trilha, na conversa, descubro que eles são paulistas e moram em Florianópolis. Fizeram uma viagem pela serra capixaba e o ponto final, antes de retornarem, era o parque do Caparaó. O caminho virou uma troca de curiosidades, sobre eles e a visita ao parque, sobre mim e o próprio parque. Eles passaram a ser trilheiros há uns cinco anos e o estar na natureza era o que os movia. Fizemos a primeira parada, após mais ou menos, 1,5km de caminhada, eu marquei a caminhada pelo GPS. O homem já mostrava sinal de cansaço e mulher estava aparentemente mais tranquila em termos de desgaste. A minha parte professor já começou a se preocupar com a volta. Retomamos a trilha depois de alguns minutos. Anunciei a sequência para eles para terem uma noção do que vinha pela frente e poderem se preparar. Tudo muito nublado, um vento frio. Em função das nuvens e da neblina, não era possível mostrar que o pico já poderia ser visto. O homem me pergunta se lá em cima tem um caderno de registros de chegada. No começo, eu até demorei para me situar e entender do que se tratava a pergunta, quando entendi, eu disse que nunca tinha visto um lá, mas que minha última subida ao pico tinha sido em 2019, poderia ter, mas eu achava que não. Entre as perguntas que fizeram uma era sobre a localização do pico, sobre estar em Minas ou no ES. Brinquei que, em geral, falam que está na divisa, mas que a localização por satélite aponta que é no ES, emendando que poderiam dizer que andaram de um estado ao outro. Aí fui descobrir que eles acreditavam ter entrado pela portaria do ES. Fiquei estarelecido, como não sabiam por onde entraram? Disseram que colocaram no GPS do carro “Parque nacional do Caparaó”, apareceu e eles seguiram, achando que iriam para a entrada do ES por estarem no ES. Chegamos ao trecho final da trilha, que, em vários momentos, pede uma escalaminhada. O homem já estava mesmo cansado. Fizemos três paradas subindo. Da para ver a torre e a bandeira, falo que é ali do lado, o cruzeiro não está visível. Seguimos. Ao chegar no platô, que está logo ao lado da torre, o homem pede para descansar, se mostra exausto.

Eu digo que o pico está logo ali, se ele não quer reunir forças para sentar lá, poderia descansar, comer, beber água já estando lá. A distância é pequena... chegamos. Ao pé do cruzeiro uma caixa de metal, lá dentro o caderno de assinaturas. Logo depois de beber água e comerem, eles vão assinar. Parei para ler o caderno, vejo as assinaturas e pequenos textos do grupo que tinha encontrado no Terreirão. Entendi a “cara de poucos amigos”, estiveram lá e não “viram nada”. Nos registros, coisas como “voltarei a te superar e verei o sol nascer”. Para além de não verem o sol nascer, imagino o frio que passaram. Eram quase 11h da manhã quando chegamos ao pico e o vento e o frio ainda eram intensos. Eu também assinei o livro, já estava lá mesmo. O curioso é que a capa do livro/caderno trazia a imagem, o nome e os contatos de uma pousada de Alto Caparaó. Tratava-se, talvez, de alguém da gestão que viu uma oportunidade.

Figura 26 - Cruzeiro do pico da Bandeira e caixa com o caderno de assinaturas



Fonte: acervo do autor, 2022.

Permanecemos por aproximadamente 1 hora e 20 minutos no pico. Nesse tempo, eu me afastei do casal para que eles pudessem se curtir, descansar, e só me aproximava quando era chamado por eles. Aproveitei para gravar um timelapse do pico com a câmera voltada para a bandeira. Falei para eles que o vento produziria algumas janelas, que não seria possível ver com o horizonte ao longe, mas que o entorno do pico sim. Ficaram atentos e fotografaram bastante. Em certo momento, a mulher chama o homem e fala que tem uma aranha e ela se desloca na direção dela, pede para matar. Eu pergunto matar por quê? E ela responde, ela está vindo até mim. Fiz outra

pergunta, não seríamos nós que viemos até ela? Ela riu, disse que era verdade e se deslocou, mas ainda de olho na aranha.

Figura 27 - Aranha no Pico da Bandeira



Fonte: acervo do autor, 2022.

Um ponto do pico ficou descoberto por alguns instantes e era possível ver um pouco de quão alto estávamos em relação a outros terrenos. Chamei o casal para ver e, ao chegarem perto, senti o homem apreensivo, perguntei se ele tinha medo de altura, e ele respondeu afirmativamente. Observou de mais distante da borda. Começamos a descer, a descida exige muita atenção, na direção de onde nos deslocávamos a quantidade de nuvens estava diminuindo e era possível ver belos panoramas. Muitas vezes paramos para fotografar. No terreirão, paramos para ir ao banheiro e encher as garrafas de água. Numa situação normal, ali seria minha despedida deles, mas a condição do homem me preocupava. Mesmo que a trilha até a Tronqueira fosse de menor dificuldade, menos difícil de seguir, e o tempo ajudasse, preferi acompanhá-los. Entre o Terreirão e a Tronqueira fizemos várias pausas, não sei ao certo quantas, certamente mais de seis. Na última delas, o homem se sentou, estava muito desgastado. Teve dificuldades inclusive para se levantar depois. Chegamos até a placa que indica a divisão na trilha, eu me despedi, dali até o estacionamento era perto, era possível ouvir vozes lá. Se precisassem de ajuda, não teriam problemas e o homem já parecia, depois da última parada, ter recuperado um pouco as forças. Dali dirigiriam até o hotel, mas ainda se perguntavam se iriam embora ainda hoje ou no dia seguinte para Vitória, para poder voltar a Florianópolis. No fim da trilha, já não tinham mais dúvida, voltariam no dia seguinte (Notas do registro de campo, novembro de 2022).

A noção de inesperado da aventura ganhou tons de despreparo na cena narrada acima. Não saber por qual portaria entraram foi no mínimo surpreendente. A perspectiva de que a aventura pressupõe alguma preparação leva a pensar quais os itens entram na ideia de se

preparar para uma visita a um parque. Diferentemente de um parque com uma rotina muito circunscrita, como é o caso do PARNA do Iguaçu, onde as atividades e caminhos estão bem definidos, parques como o Caparaó solicitam do visitante alguma preparação prévia. Como partir para uma trilha sem saber a distância total dela? Schwatz, Campagna e Tavares (2011, p. 79) afirmam que “a busca por oportunidades de experiências no ambiente natural tem representado um fator relevante na expectativa por formulação de novos conceitos e novos estilos de viver, evidenciando-se como elemento catalisador de atitudes pró-ativas”. A ideia de uma vida proativa, de saúde e bem-estar, constituindo um estilo de vida, pode ser um promotor dessa aproximação com ambientes como os PARNAs. Ao mesmo tempo, a promoção desse “estilo de vida” demanda um processo de educação, num sentido mais amplo da palavra, para acessar esse estilo. Existem muitas formas de fazer uma trilha e muitas trilhas a se fazer, mas cada uma demanda certa porção de conhecimento. O risco, nesse sentido, pode decorrer da abstenção de certas precauções (Le Breton, 2009). Não se trata, então, de um desejo pelo risco como eixo central da aventura. Almeja-se a experiência, mas, por uma ausência de preparação adequada, o risco se coloca na centralidade da prática.

O testemunho da façanha pode ser um dos elementos para alavancar a busca por uma aventura, mas, como mencionado anteriormente, a narrativa pode cumprir esse papel. No caso de um livro de registros, chama a atenção a dimensão pessoal da demarcação da conquista. Ninguém do círculo social dos sujeitos verá aquele livro, ninguém que o verá identificará os sujeitos. Do ponto de vista da demonstração do feito, ele se coloca circunscrito no anonimato, mas, aos que lerem, onde ele estiver, saberão dos sentimentos ali descritos no momento. Além disso, o ato de assinar o livro passa a compor a narrativa.

Tuan (2012) afirma que a percepção é uma atividade, um estender-se para o mundo. Ao buscar o Pico da Bandeira, uma característica é observada e destacada pelas pessoas: sua altitude. Nos discursos para divulgar o parque, nas falas de moradores, no portal da cidade, entre outros lugares, há referência aos 2.892m de altitude. E o homem que lá estava, tem medo de altura. Estar no terceiro ponto mais alto do Brasil, tendo medo de altura, é, no mínimo, desafiador. Quanto nos é possível perceber dos ambientes em que estamos? Quanto nossos sentidos nos promovem e nos limitam? Novamente, há um chamado à educação de nossas sensibilidades. Mas, mais do que isso, é preciso saber que nossos corpos nos permitem uma medida de compreensão do mundo, à medida em que nos educamos a aprender. Há limites para essa apreensão do mundo e o quanto nos estendemos a ele pode ampliar ou restringir essa apreensão. A possibilidade de viver a experiência de estar no terceiro ponto mais alto do país, sem que uma condição de fobia de altura o impeça, é central no desejo da aventura.

5. ENCONTRANDO AS *TRILHAS* – OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Em outros momentos, recorri ao trabalho de Luna (1996) para, ao dialogar com o autor, expor o entendimento de que o procedimento metodológico é raramente fruto de uma escolha. O contínuo exercício de repensar o campo à luz daquilo que se movia como o trabalho tomava corpo e, nos diálogos com meu orientador, com outros pesquisadores e com membros da banca na qualificação, tornou-se possível apontar os caminhos que demonstraram maior potencial para realizar a pesquisa de maneira coerente, cuidadosa e apta a alcançar seu propósito.

Para realização deste trabalho, os caminhos que se apresentaram foram a pesquisa bibliográfica; a perspectiva do “peregrinar”, de Tim Ingold (2015); e as entrevistas semiestruturadas. É importante situar que a reestruturação do caminho metodológico, após a qualificação, ocorreu em consonância com o ajuste dos objetivos do trabalho, aliado ao entendimento de que a presença em campo e a produção do trabalho são ações vivas e situadas. Dessa forma, pareceu-me essencial delimitar o processo e não só o que efetivamente se concretizou na pesquisa.

A pesquisa que se apresentava inicialmente, no período de elaboração do projeto e no momento da qualificação, propunha um exercício de orientação para campo, inspirado em dois autores, Careri (2013) e Debord (2006), no entendimento do caminhar como uma prática estética e da deriva.

Por um lado, Debord (2006) afirma que a deriva é uma “técnica ininterrupta através de diversos ambientes” e que o conceito de deriva está na afirmação de um “comportamento lúdico-construtivo, o que se opõe em todos os aspectos às noções clássicas de viagem e passeio” (Debord, 2006, p. 2). A perspectiva da deriva pressupõe deixar de lado os motivos próprios para deslocar-se, movimentando-se pelas solicitações do terreno e dos encontros que correspondem a ele. Ao permitir-se levar, o pesquisador se coloca em diálogo com as variáveis psicogeográficas. É importante destacar novamente que Debord estabelece a teoria da deriva em relação ao urbano e aquilo que ele descreve não poderia ser pensado diretamente em espaços como um PARNA. Ao dizer que “[...] a ação do acaso é naturalmente conservadora e tende, em um novo marco, a reduzir tudo à alternativa de um número limitado de variáveis, e ao cotidiano” (Debord, 2006, p. 2), é possível imaginar que esse cotidiano tenha forte influência do corriqueiro movimento humano e da ocupação dos espaços que geram esses fluxos e tornam determinados terrenos mais ou menos solicitantes do fluxo da deriva.

Careri (2013) propõe uma reflexão sobre o caminhar como modo de conhecer, interpretar e transformar a cidade. Assim como Debord, a proposta do caminhar como prática estética foi elaborada pensando no ambiente urbano. Contudo, os elementos apresentados pelo autor também são ricos para pensar ambientes naturais. A dimensão estética do caminhar não está só no ato de caminhar em si ou numa preocupação com a beleza, ele representa uma experiência sensorial e perceptiva que mobiliza a interação direta entre o caminhante e o ambiente circundante. É importante situar que Careri é um arquiteto que dialoga com as teorias da paisagem, categoria que frequentemente é recrutada neste trabalho e que traz importantes elementos para a percepção dessa perspectiva.

O movimento de dialogar com ambos os autores nos ajuda a entender a exploração de um espaço extremamente amplo como o Caparaó de forma mais livre, focada na sensibilidade. Entretanto, ainda que possa ser um caminho, as leituras do referencial e as provocações de outros pesquisadores, em especial na qualificação, fizeram com que eu voltasse os olhos para um autor com o qual eu já dialogava, Tim Ingold.

Ao falar sobre o peregrinar, Ingold (2015) nos provoca a pensar a perambulação como uma experiência corporificada que nos coloca na condição de habitar a terra. Ao explicitar isso, ele destaca que a existência humana não é “fundamentalmente situada [...], mas, situante. Ela desdobra-se não em lugares, mas ao longo de caminhos. Prosseguindo, ao longo de um caminho, cada habitante deixa uma trilha” (Ingold, 2015, p. 301). Essas trilhas, ao se encontrarem produzem nós, de modo que entender os lugares como um nó pressupõe dar atenção a essas trilhas e aos *nós* produzidos por ela nos encontros.

As horas em campo no período anterior à qualificação da tese indicaram que o estudo sobre as práticas no Caparaó é realizado por pessoas que habitam este parque, logo mais do que estar em um momento da prática era seguir um pouco das *trilhas* que se alinharia melhor ao que este trabalho se propôs.

Dessa maneira, inspirado pela perspectiva do peregrinar, se deu a pesquisa de campo após a qualificação. Escolhi não reconstruir o que havia sido escrito até a qualificação, orientado por outra perspectiva, tampouco retirar do texto apresentado ao término da pesquisa, por duas razões: entender que fazer pesquisa é uma prática de experiência no sentido de que ela acontece em processo, com encontros que provocam permanências e mudanças. Se Gomes, Faria e Bergo (2019) nos provocam sobre a situacionalidade do fazer pesquisa, é importante entender que o aprender a fazer a pesquisa fazendo precisa ser entendido como parte do processo. Não se trata de negligenciar ou ignorar o referencial já existente sobre metodologia de pesquisa, mas de compreender, durante a realização da pesquisa, as especificidades e demandas, permitindo que

sejam feitos os ajustes necessários para realizá-la. A segunda razão reside justamente na noção do peregrinar de Ingold. O caminho e a produção que inspiraram o movimento de campo são exatamente parte da trilha da produção desta tese, assim, não caberia ajustes ou exclusão.

A presença em campo ocorreu tendo em vista uma orientação que emergiu do diálogo com Careri (2013) e Debord (2006). O que é tratado nos capítulos seguintes já representa o movimento orientado pela lógica do peregrinar de Ingold (2015). Para ambas as questões, nos registros de campo, não couberam apenas a memória. Para tanto, as anotações, ocorreram imediatamente após as ações do dia ou quando isso não coube no fluxo do que estava sendo observado. No campo, foram utilizados um celular e um gravador de voz para registrar as notas de cada presença em campo. Cabendo o uso de cada utilitário no momento pertinente, para que se tornasse o mínimo estranho possível. O celular, melhor dizendo smartphone, por sinal, é um aparato que está amplamente presente nas mãos dos praticantes do parque e tê-lo em mãos, seja digitando, fotografando ou gravando misturava-se ao comum, não gerava estranhamentos e tampouco rompimentos nas conversas.

Foi mantida a dedicação aos espaços situados do lado do território de Minas Gerais, como o Pico da Bandeira, na divisa entre os estados de Minas e do Espírito Santo. A escolha por esses espaços levou em conta que o Caparaó tem seu território dividido numa proporção de aproximadamente 80% situado no espaço capixaba e 20% em solo mineiro¹⁴. Entretanto, ao comparar dados de 2019, último ano completo de visitação antes da pandemia, entre as duas portarias, é possível estimar que 80% do público visitante acesse o parque pela portaria de Alto Caparaó, primeira possibilidade de acesso ao parque após sua criação. Segundo o Observatório do Turismo do Espírito Santo, a portaria de Pedra Menina, em Dores do Rio Preto, recebeu 23.215 visitantes, enquanto o parque, de um modo geral, recebeu 123.358 visitantes¹⁵. Destarte a definição por delimitar a pesquisa a espaços situados no território mineiro começa a se justificar pelo percentual de entrada entre as duas portarias.

Além disso, como os custos da pesquisa foram mobilizados pelo pesquisador, foi necessário considerar que, partindo da cidade de Belo Horizonte para as idas a campo, a estrutura hoteleira e de camping no interior do parque teria menor impacto orçamentário.

¹⁴ <https://www.icmbio.gov.br/parnacaparao/4-parque-nacional-do-caparao.html>

¹⁵ As informações sobre a visitação pela portaria de Pedra Menina estão disponíveis em: <https://observatoriodoturismo.es.gov.br/parque-nacional-do-caparao-portaria-de-pedra-menina-dores-do-rio-preto-es-2016-ate-2019> e os dados sobre a visitação do Parque Nacional do Caparaó como um todo estão no relatório do ICMBio, disponível em: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/comunicacao/publicacoes/monitoramento_visitacao_em_ucs_federais_resultados_2019_breve_panorama_historico.pdf.

Ao observar o plano de manejo do Caparaó, é possível identificar as áreas de visitação do parque, sendo consideradas aquelas que: “i) as abertas oficialmente, ii) as propostas que não foram implementadas e iii) aquelas que, apesar de não terem sido propostas, são pontos consagrados de visitação” (ICMBio, 2015, p. 175). Tomando como referência essas áreas, foram selecionadas sete como espaços para a pesquisa. Considerando as três categorias, existem 36 diferentes espaços, sendo 19 na categoria “abertas oficialmente”, 12 na categoria não implementadas, e 5 não previstas para visitação.

Buscando selecionar os espaços para o trabalho de campo, foram considerados aqueles “abertos oficialmente”, no intuito de acompanhar as pretensões do plano de manejo em termos do que se espera em relação ao uso do parque. Isso porque os espaços pertencentes às outras duas categorias, mesmo que recebam visitação, ainda não foram considerados aptos por um conjunto de razões. Além disso, o fato de considerar apenas os espaços abertos oficialmente evita que o estudo promova, mesmo sem querer, um possível incentivo à ocupação dos espaços ainda não implementados oficialmente antes do próprio plano de manejo assim propor.

O trabalho até a qualificação listou uma série de espaços e produziu pensamentos e argumentos para delimitar em que partes do parque o trabalho de campo se concentraria. Contudo, ainda que tenha havido planejamento prévio para as idas ao campo, a própria dinâmica de se deslocar para a montanha conduziu a definição dos dias e dos locais de campo. Os tempos da vida organizaram isso. Se o ponto de partida era buscar feriados prolongados, as fases de lua cheia e de lua nova promoveram dois atrativos intensos pelas condições de céu noturno e pelas condições climáticas. A vida do pesquisador dialogou, assim como as dos visitantes dialoga, com esses elementos de partida. Tendo me tornado pai recentemente, as demandas de cuidado tiveram forte apelo, determinando quando ir ao campo. Além disso, em três oportunidades com feriado e fase da lua favorável, a previsão do tempo era de chuvas intensas, apesar de se tratar de temporada de montanha. Os locais do parque também foram dinamicamente impactados por essas condições. Ainda que sistematizar previamente e planejar os períodos de visita ao campo, considerando os locais do parque, seja um movimento importante, ele não é isolado, tal como a visitação ao parque.

Assim, foram seis visitas ao campo, sendo três no período anterior à qualificação e três após a qualificação. A parte da pesquisa realizada no parque totalizou aproximadamente 210 horas, somadas a aproximadamente mais 160 horas de observação na cidade de Alto Caparaó. As ações de campo ocorreram de 24 a 27 de fevereiro, de 9 a 12 de junho, de 26 a 29 de novembro de 202s (período pré-qualificação) e 14 a 17 de setembro e 12 a 15 de outubro de

2023, além de 9 a 12 de fevereiro de 2024. Para a realização desta pesquisa, o projeto foi submetido ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade (SISBio).

O SISBio é um sistema de atendimento à distância que permite a pesquisadores solicitarem autorizações para coleta de material biológico e para a realização de pesquisa em unidades de conservação federais e cavernas, tendo sido aprovado sob o número 89016.

A presença no parque, diferentemente do que havia sido planejado em algum momento, não resultou em entrevista, mas, como será explicitado adiante, do campo que emergiram as três entrevistas realizadas. Além da observação ou como parte dela, ocorreram conversas com visitantes em momentos não premeditados. Essas conversas foram registradas no bloco de notas pelo celular, devido a seu caráter mais pontual.

À medida em que o documentado, o imaginado e o organizado por legislação, diante do que realmente ocorria, foi tomando menor proporção, o caminho da pesquisa foi tomando outros rumos. Assim, a pesquisa documental, que estava apontada no projeto inicial, foi removida do escopo metodológico deste trabalho. Isso não quer dizer que documentos relativos à criação e à gestão do Caparaó não foram visitados, contudo sua apropriação não se configurou como pesquisa documental, tendo em vista o rigor necessário para lidar com esse tipo de fonte. O acesso a esses materiais compôs o exercício da pesquisa bibliográfica, ou seja, o movimento de diálogo com o que já foi produzido sobre a temática, como dito por Marconi e Lakatos (2002) para que o pesquisador fosse colocado a par do que se relaciona com o tema e já tenha sido publicado.

No que diz respeito às entrevistas, a definição pelas quatro pessoas que foram entrevistadas se deu no fluxo das ações de campo e partiu da necessidade de ajustes aos objetivos do trabalho. Nomes, na verdade perfis, que haviam sido pensados inicialmente abriram lugar à tentativa de sensibilizar pelo campo e, assim, identificar pessoas que poderiam contribuir de maneira orgânica com o que estava sendo realizado. Nesse esteio, a conexão com as trilhas demarcadas por praticantes ou a minha própria presença como pesquisador ajudaram a definir os entrevistados.

Tanto o olhar sobre grupos que estavam subindo ao pico da Bandeira conduzidos por um guia quanto sobre pessoas que se lançaram ao exercício sem essa condução provocaram, frequentemente, a reflexão sobre a necessidade de entrevistar um ou mais condutores. A questão era: como definir isso dado o grande número de pessoas que atuam com tal trabalho? Rosa e Arnoldi (2008) questionam os pesquisadores sobre a escolha da entrevista como ferramenta e, entre as ponderações apresentadas, está a seleção adequada e justificável dos entrevistados. Rememorar essa provocação com a qual me deparei anos atrás, no mestrado, inquietou-me

quanto à seleção dessas pessoas. Foi exatamente da presença em campo que a escolha emergiu. Para a entrevista, foram selecionadas quatro pessoas que ocupam lugares distintos de relação com o Caparaó e as práticas identificadas e descritas na tese.

O primeiro entrevistado, Josias, o mais antigo condutor do parque, teve seu nome incluído quando eu definia se eu manteria o plano de acampar na tronqueira e subir ao pico da Bandeira de madrugada. Era um dia muito instável tanto na cidade de Alto Caparaó quanto no interior do parque, onde eu havia estado no período da manhã. O esvaziamento e o risco ao qual eu me colocaria sem ter a certeza de que haveria praticantes para acompanhar aumentavam a dúvida sobre ir ou não. Em uma padaria, ouvi uma conversa entre uma mulher que trabalhava no local e minha irmã, que me acompanhava na cidade. Em dado momento, a atendente da padaria, não sei em que contexto da conversa, pois, eu estava mais distante e não prestava atenção, afirmou “o Josias falou que o tempo vai firmar e não chove”. Imediatamente, rememorei todas as histórias que ouvi, notícias e reportagens que li e assisti sobre o condutor. Josias é o mais antigo do parque e carrega consigo um conjunto de características que o colocam em lugar privilegiado para nos ajudar a alcançar os objetivos das entrevistas, tentar compreender o parque e as práticas observadas e descritas, dialogando com olhares que pudessem apresentar outras perspectivas de compreender tais práticas e com elas dialogar.

Ainda sob a perspectiva dos condutores, uma série de perguntas se formaram ao longo dos dias em campo, considerando: sua atuação, a maneira como percebiam os visitantes, o parque e suas práticas. Dessa maneira, eu desejava realizar uma entrevista com alguém que tivesse um perfil que, em princípio, se afastasse da lógica percebida nos dias em campo e pela minha própria trajetória no Caparaó. Lembrei-me de um questionamento feito por um dos integrantes da banca da qualificação sobre a escolha não trazer minha trajetória prévia de habitar o parque nas diversas formas que já o fazia. Se, por um lado, optei por manter esse movimento, entendendo que há mais riscos que potenciais ganhos ao tentar lidar com dados anteriores à pesquisa. Por outro, percebi que utilizar o conhecimento prévio sobre algumas questões poderia ajudar em reflexões e na organização dos caminhos da pesquisa. Dessa maneira, sabendo da existência de uma condutora e sua sócia, ambas com curso superior e mestrado em estudos do lazer, optei por incluí-las como entrevistadas, o que poderia ser a chave para oferecer um olhar e uma prática diferente para a atuação na condução no parque.

Por fim, o quarto entrevistado emerge de um ponto que, em princípio, ainda que considerasse, optei por aguardar que se desvelasse no campo. A região do Caparaó é conhecida pela produção de café e há cerca de duas décadas é conhecida por seus cafés especiais. Em um trabalho de uma disciplina do doutorado que tratava da temática da natureza houve a

experiência da produção de um mapa afetivo. Naquele momento, eu nem tinha o parque e suas práticas como objeto do doutorado, contudo, a escolha da produção do mapa foi pelo Caparaó e, nesse mapa, eu já representava o café, explicitando que, ao passar por Matipó, a aproximadamente 90km de distância de Alto Caparaó, eu já sentia que estava chegando, pelo aumento perceptível das plantações de café. A estrada que leva até Alto Caparaó se destaca pela vista do parque e pelos pés de café que preenchem as laterais da estrada e cobrem as terras até se perderem de vista. Na entrada, alguns *outdoors* destacam os diversos títulos de melhor café do Brasil, a qualidade do café e a intensa relação da cidade com o produto. Contudo, algumas perguntas me rondavam, até a decisão de incluir uma entrevista relacionada ao café. Entretanto, surgiram algumas questões. Primeiro, uma vez que o trabalho se dedica às práticas e ao parque, em que medida o café se conectaria a isso? Segundo, caso a primeira questão se solucionasse, quem seria a pessoa a ser entrevistada? O campo tratou de resolver ambas as questões. Em vários dias e momentos distintos, era possível perceber o café – seu preparo, a degustação e sua dinâmica social como figura constante em diversas práticas. Entretanto, não se tratava de qualquer café, mas o da região, o que acabava por estabelecer outras formas de conexão, constituindo *trilhas* que se entrelaçam a outras nos *nós* das pessoas no parque. A segunda questão me parecia mais complicada, definir a pessoa entrevistada. Nesse sentido, a presença em campo trouxe elementos para permitir uma escolha segura, que parecesse mais adequada e justificável.

Em uma manhã no Pico da Bandeira, quando pouquíssimas pessoas haviam chegado para ver o nascer do Sol duas conversas me deram subsídios para a definição. Ao conversar com um casal, o homem relatava o encanto pela vida em uma fazenda de cafés especiais e suas considerações eram confirmadas pela mulher com quem estava. Ele anunciava que, ao chegarem na fazenda, haviam sido recebidos por um senhor de idade mais avançada que cuidadosamente contava sobre as questões do café, da produção, de como aquela fazenda era a pioneira em cafés especiais na região e de que maneira a família dele estava conectada à história do parque. Em seguida, em conversa com um grupo de homens que “passava um café” no pico, soube que o pó que eles utilizavam vinha da mesma fazenda. Intrigado, no período da tarde do mesmo dia, fui até lá fazer uma visita e entender melhor aquilo que havia ouvido das pessoas. Tudo que o casal e o grupo me disseram se confirmou, a recepção, a narrativa sobre o café, a região e o parque. Parecia que era mesmo a escolha mais acertada convidar aquele senhor para contribuir com a pesquisa compartilhando suas experiências. Não fiz o convite naquele dia, pois ainda iria definir com meu orientador quais seriam os participantes das entrevistas, o que seria feito na última ida a campo, no período do carnaval de 2024.

As entrevistas foram realizadas em locais definidos pelos entrevistados. A entrevista com Josias foi realizada em uma agência de turismo de propriedade de seu sobrinho; a entrevista da condutora (Amanda) e sua sócia (Valéria) foi realizada em frente à prefeitura de Alto Caparaó, em um ponto com vista privilegiada para o parque e para alguns cafezais; por fim, a entrevista com o Senhor Aídes, da fazenda de café, foi realizada na própria fazenda. O termo de consentimento livre e esclarecido foi apresentado para todos e também foram explicados o objetivo da pesquisa e os demais detalhes do estudo. Ainda que o termo deixasse explícita a possibilidade de anonimato, todos optaram por revelar seus nomes no trabalho. As entrevistas foram transcritas tomando como orientação as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas – NBR 10.520: 2002. O conteúdo sofreu apenas uma modificação: na entrevista de Amanda e Valéria, alguns nomes foram substituídos, pois, em alguma medida, os relatos poderiam gerar algum tipo de constrangimento para as entrevistadas ou para as pessoas citadas. Para realizar a modificação, as entrevistadas foram consultadas e concordaram com os pequenos ajustes realizados.

Do ponto de vista do trato das entrevistas, não lancei mão da análise de conteúdo ou do discurso. Não se tratava de definir categorias ou interpretar os sentidos nas falas das pessoas entrevistadas. As entrevistas tiveram o papel de capturar o sentido dado às práticas no parque, de modo que fosse possível apresentar o parque em diálogo com as práticas ali vivenciadas e considerando as trilhas percorridas pelos sujeitos. O exercício foi realizar uma descrição potente, que focalizasse o campo, mas, ao mesmo tempo, não deixasse de contar sobre a vida dos sujeitos, suas práticas e as relações com o parque, tornando possível organizar e compreender esse universo.

As entrevistas foram a última ação de campo realizada. Para Marconi e Lakatos (2003), a entrevista “é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional” (p. 195). Para as autoras, as entrevistas se configuram como técnica e instrumento de coleta de dados, uma vez que não se trata apenas de elencar um conjunto de perguntas e realizá-las aos sujeitos. Um trabalho minucioso precede a entrevista e se mantém ao longo de sua realização e também depois, no momento de tratamento dos dados. É preciso definir as pessoas a serem entrevistadas de maneira cuidadosa e coerente, estabelecendo as conexões que as entrevistas terão com a pesquisa e tomando cuidado para que as intervenções do entrevistador não acabem por diluir as falas na direção que ele quer. Para realizar uma entrevista, é preciso delimitar a que ela se propõe. Minayo (2010) apresenta quatro grandes grupos de organização para entrevista: a) sondagem de opinião b) entrevista semiestruturada c) entrevista aberta ou em profundidade e

d) entrevista focalizada. Como dito no início da metodologia, este trabalho foi produzido numa perspectiva de que a pesquisa vai delimitando os caminhos a serem percorridos. Mesmo antes da definição dos sujeitos, em função dos objetivos e das demais características do estudo, a elaboração de um roteiro prévio não se apresentava como o caminho mais coerente. Mesmo que se optasse pela entrevista semiestruturada, que abre margem a adaptações durante sua realização, como pesquisador, eu tinha a sensação de que a entrevista diria mais sobre o que eu achava que era importante ouvir do que efetivamente sobre o que os entrevistados entendiam que era importante falar. Tendo em mente isso, o movimento de delimitar eixos de diálogo, propor a entrevista a partir de uma conversa mais fluida e assumir a posição de quem se interessa pelo que as pessoas teriam a contar, como “uma criança curiosa” ouvindo uma história sobre algo que lhe encanta, foi fundamental para que fosse possível elaborar perguntas atentas e mais alinhadas ao caminho que ia se desenhando, atese. “A entrevista não estruturada ou também chamada de ‘aberta’ pode ser definida como ‘conversa com finalidade’ em que um roteiro invisível serve de orientação e baliza para o entrevistador e não de cerceamento para a fala dos entrevistados” (Minayo, 2010, p. 264-65).

Atento a esse entendimento e tomando os cuidados para não perder o propósito do encontro, as entrevistas foram definidas como não estruturadas, produzindo eixos que foram anunciados aos entrevistados numa preparação antes de iniciar a conversa. Para Josias, os eixos foram sua própria história de vida, sua percepção sobre os visitantes e as práticas, e o trabalho como guia¹⁶. Para o senhor Aídes, a entrevista se orientou pela história da própria família e da fazenda, com destaque para a relação com o parque e a produção do café na região. Por fim, Amanda e Valéria contaram suas histórias com as aproximações com o parque, o movimento de passarem a atuar com a condução no parque, as percepções sobre as práticas no Caparaó e a relação com o parque tendo em vista o próprio lazer. Antes do início das entrevistas, os voluntários foram informados sobre os respectivos eixos temáticos e a liberdade que teriam ao longo da entrevista.

Amanda e Valéria foram entrevistadas juntas, por serem companheiras de trabalho e haver a possibilidade de uma complementar elementos que outra poderia deixar passar. As três entrevistas estão nos apêndices, transcritas por completo, e terão seus detalhes tratados no capítulo a seguir.

¹⁶ Há uma distinção técnica entre guia e condutor em que guia é entendido como um profissional que organiza e sistematiza mais o fluxo da viagem do visitante, enquanto o condutor tem sua atuação direcionada aos deslocamentos para determinado espaço. Optei no trabalho por utilizar a nomenclatura que os entrevistados e pessoas com quem conversei no campo utilizassem sem fazer correções ou adequações.

6. SENDO GUIADO POR CAMINHOS CONHECIDOS, MAS COM O CONVITE A OLHARES DIFERENTES

A decidir realizar entrevistas como parte dos caminhos metodológicos deste trabalho, optei pela perspectiva da entrevista não estruturada (Minayo, 2010), com cuidado especial para a seleção dos entrevistados. Não se trata de pessoas com perfis parecidos, uma vez que não houve o desejo de confirmar olhares sobre as práticas no parque. Também não se tratou de selecionar pessoas que deveriam possuir determinados critérios apropriados a um instrumento ou técnica. A definição se deu na trilha da pesquisa e de maneira amalgamada a ela.

Neste capítulo, as memórias e posições expostas pelos entrevistados são abordados a partir de uma lógica de descrição, em diálogo com Ingold (2015, 2007), entendendo que o que foi trazido por meio dessas entrevistas é parte do movimento dessas pessoas e também do próprio parque. Não se trata de dizer o que o Caparaó é ou não é, tampouco avaliar as práticas ali desenvolvidas. Trata-se de, a partir de uma descrição atenta aos movimentos e aos sujeitos, captar algumas das linhas ou trilhas do parque e de seus usuários. Esse movimento nos ajudou a compreender um pouco as linhas dos praticantes, o que pode ser observado por meio dos registros de campo, que buscaram traçar uma descrição num mesmo sentido, não como algo situado, mas como parte de um movimento que antecede a estadia no parque.

Para lançar mão das entrevistas, é preciso situar quem são essas pessoas; quando e como foram convidadas; como, quando e onde foram entrevistas; além de um pouco mais sobre quem são elas. O contexto da entrevista é essencial para que algumas nuances possam ser percebidas. Compreender quem são as pessoas entrevistadas revela suas trilhas e como elas se conectam às trilhas do Caparaó.

6.1 Sr. Josias

A primeira entrevista ocorreu no dia nove de fevereiro de 2024, sexta-feira de Carnaval. O contato com Josias foi mediado por outra pessoa, a Amanda, que também foi entrevistada. O sobrinho de Josias tem uma agência de turismo na cidade de Alto Caparaó e cedeu o espaço para que a entrevista fosse realizada. A agência se localiza na avenida Pico da Bandeira, a via principal da cidade, e está em uma edificação de dois andares, ocupando o segundo andar. A entrevista estava agendada para as 17h, cheguei à agência por volta das 16h45 e fui recebido por um dos donos da agência, sendo um deles o sobrinho de Josias. Conversamos por alguns minutos, eles me contaram um pouco sobre o trabalho e disseram que Josias estava por chegar.

No dia anterior, ele havia estado no local, pois confundira o dia da entrevista. Josias chegou pouco depois das 17h, silencioso, andar tranquilo, muito gentil ao me receber. Ouviu atentamente as explicações sobre a pesquisa, fiz a leitura do termo de consentimento livre e esclarecido, quando falei que tinha uma cópia para ele e uma para mim, perguntou sobre a assinatura, mostrei onde assinar e ele assinou. A assinatura causou surpresa para a condutora/sócia da agência, que permaneceu conosco durante toda a entrevista. Após o término, ela me contou que não sabia que Josias sabia assinar o próprio nome.

Figura 28- Josias e Luiz



Fonte: acervo do autor.

Josias nasceu em 1962, literalmente dentro do parque, um ano após o decreto que criou o Caparaó. Entretanto, quando ele nasceu o terreno ainda não estava integrado ao parque. Aliás isso conta uma questão importante sobre o surgimento dessa UC.

É... dentro do parque, que já era um parque mas ainda não era oficial. Era... o nosso parque, até 75, foi particular... Cada proprietário aqui embaixo tinha uma casa lá em pra por boi. Aí, de 75 pra frente que ficou oficial. Aí, mudou tudo mesmo. O governo foi de cima pra baixo, né. As últimas coisas que ele comprou ali para consertar e fazer a portaria, ele comprou sete propriedades por baixo aqui... (Sr. Josias – trecho de entrevista).

O parque foi criado em 1961, a partir da ação de alguns movimentos locais. Santos explica que “defensores da criação do parque buscavam, por meio de articulações com a imprensa, novas adesões em torno desse objetivo. Ao mesmo tempo, promoviam manifestações, palestras, excursões visando dar destaque à necessidade de preservação da Serra” (Santos, 2014, p.127-128).

Ainda que tenha sido criado em 1961, a verba para sua implementação só foi empregada na década seguinte, tendo ficado praticamente paralisado entre 1961 e 1978 (Santos, 2014). O parque existia no papel, mas não havia recursos para a ampliação do território. Então, mais do que destrinchar os elementos legais, olhar para as histórias narradas é entender que, ao estar em uma região, é preciso considerar aspectos das influências humanas, históricas e culturais em diálogo com o clima, o solo, a vegetação e a topografia, visto que a região influencia a formação da sociedade. As falas dos entrevistados apontam as trilhas dos sujeitos e do próprio parque, o que justifica o fato de as entrevistas terem lugar de destaque antes do tópico que representa a peregrinação em campo.

Josias viveu toda as mudanças do Caparaó, uma vez que nasceu pouco depois da criação do parque. A infância vivida no interior do parque associava o trabalho e as outras questões da vida lá dentro. Aqueles que visitam o Caparaó hoje podem não saber de uma série de questões do parque que, embora possam não parecer relevantes, constituem as *trilhas* da história de Josias e produzem os diferentes *nós*. O mesmo ocorre com a entrevista do Senhor Aídes e de Amanda e Valéria que, sendo de tempos diferentes, produzem *trilhas* distintas do parque.

A percepção de Josias sobre a mudança econômica na vida das pessoas da região a partir da criação do Caparaó nos ajuda olhar para um conjunto de transformações que reverberam na própria apropriação do parque.

Isso! O que enriqueceu nosso lugar foi o Governo Federal, assim que ele comprou lá em cima, que o pessoal parou de recriar boi, e nisso o café deu preço... no que deu preço, eles voltaram tudo pra plantar café. Era uma lavoura prantada pra cima assim, e não tinha preço direito... Aí, de 75 pra frente, o café panhou preço. Aí, veio esse rapaz, da fazenda Ninho da Águia, que é o Clayton. Começou esse café de pontuação, que foi ele que começou... Aí, que valorizou o café. Aí, todo mundo faz isso hoje... faz um café mais caro, né. Aí, valorizou demais a nossa região demais agora, antes nós era pobre... Até 75, nós não tinha asfalto aqui, de Jequitibá até aqui. Tinha praticamente nada, essa rua nossa era tudo de chão, o turismo enriqueceu o nosso lugar, o turismo se torna mais que o café, o turismo enriqueceu mais, porque o turismo é dinheiro na hora. E todo dia tem gente, pouco ou muito, todo dia tem. E o café é uma vez por ano. E o café, tem aquele vai e volta... Ele pode dar mil, pode dar mil e quinhentos, mas pode chegar depois de amanhã e ele tá 800 conto também. O turismo não, o turismo vive da hora (Sr. Josias – trecho de entrevista).

Josias nos conta de uma transformação do parque, uma transformação que se desenvolve por meio do parque e afeta as pessoas que dele tiram seu sustento. Aquilo que hoje pode parecer uma situação de raízes muito antigas, a potência do café da região, se constituiu a partir das relações entre o território e as práticas humanas desenvolvidas. A criação do Caparaó levou um processo de anos, entretanto sua ocupação já ocorria de diferentes formas. A conexão entre Josias e a montanha se estabelece a partir de uma necessidade, o trabalho, mesmo na infância. Mesmo tendo ido “pra baixo” depois de nascer, ele seguiu frequentando o parque “Tava brincando com gado, dando sal...”. Então, o território do parque se constituía como o espaço da infância e, ao mesmo tempo, do trabalho. Perguntado sobre as cachoeiras e o divertimento, ele foi enfático: “Não, divertimento, nessa época, quase que a gente num tinha não... Eu fui criado fora dos meus pais, aí, nós não tinha mordomia quando era novo não. Eu conheci cachoeira depois que comecei a mexer com turismo. Conhecia sim, mas comecei a ir nela, né...”.

A transição para o trabalho com o turismo não é demarcada temporalmente para ele, ela se mistura no fluxo de habitar o parque. Aos oito anos, já começou a ir ao Pico da Bandeira e região, também em função dos cuidados com o gado. Em seus relatos, ele aponta que passou períodos de até uma semana lá no alto, cuidando e recolhendo gado dos proprietários de terrenos que, posteriormente, foram incorporados ao parque. A exposição às intempéries, iniciada no trabalho com o gado e, posteriormente, nas relações estabelecidas com o parque, foram apropriadas de modo a habilitá-lo a reconhecer os sinais da montanha.

Rapaz, a gente tem boas marcas. A primeira marca que eu tenho é assim: da lua, sobre a lua e sobre o vento. Se eu tiver lá em cima, e se eu descer de lá, e você me perguntar se chove lá, eu falo: ou não ou sim. Se eu falar sim é porque chove, e se eu falar não, pode ficar tranquilo que não chove. Eu sei pelo vento também... E o segredo da lua é ela nascer vermelha, ela apontou vermelha na

montanha, aquele arquinho vermelhinho no céu, pode contar com chuva que vem mesmo. E o vento, tem que vir tá pra lá pra não chover, e de cima pra baixo, chove. Esses dias, pergunta a Jane, é difícil uma noite que não dá uma chuva. O vento tá assim... é o mar jogando pra cá...e subindo é o mar puxando, aí não tem perigo de chuva não (Sr. Josias – trecho de entrevista).

Como explorado no início da tese, há um conjunto de entendimentos sobre o sentido de natureza. Eles se estabeleceram ao longo da história e convivem, em alguma medida, até hoje. Não se trata de interpretar o que Josias entende como natureza numa perspectiva conceitual, mas manter-se atento a como suas trilhas produziram nós com o parque, de modo que ele se sente capaz de perceber nuances que outras pessoas não conseguem. Não é difícil encontrar no registro de campo afirmações como: “olha, agora sim, o céu estrelou, vamos subir tranquilos”. E, pouco tempo depois, no percurso para o pico, na madrugada, o grupo ser surpreendido pela chuva. A diferença entre um indivíduo que cresceu no Caparaó e uma pessoa do meio urbano pode morar na relação sensorial com a natureza. O primeiro desenvolveria uma percepção afinada dos sinais ambientais, como alterações no vento, no comportamento animal ou no gosto da água, fruto de um convívio contínuo e de uma interação prática. Já o segundo, imerso na urbanidade, muitas vezes não produz essa conexão, sua percepção é mediada por tecnologias ou informações indiretas. Podemos pensar essa distinção a partir das reflexões de Ingold (2015) sobre as diversas trilhas e nós criados nesse tempo de habitar o parque. Se as diferentes interconexões entre as diferentes trilhas e nós produzem uma malha, ela é uma rede dinâmica, uma textura sobre a qual são sentidas e percebidas relações e processos. Assim, por possuir mais trilhas aninhadas em nós nas relações com o parque, Josias estabelece uma sensibilidade a essa malha.

Ainda na perspectiva das relações e retomando o falado por Josias sobre o pouco divertimento, não ter mordomias surge como um ponto importante para refletir sobre a dimensão do lazer e a densidade dos entrelaçamentos dos sujeitos e do parque em suas práticas. O conceito de lazer tem amplo debate no Brasil há algumas décadas e mobilizar-se no sentido de assumir um é um trabalho espinhoso. De toda forma, mais do que assumir uma posição em relação ao lazer, é importante entender que o debate ainda se faz necessário e que elementos centrais são importantes para que possamos produzir nossas reflexões nesse campo. A relação entre lazer e trabalho no Brasil é marcada por uma histórica valorização do trabalho como elemento central da vida social, o que frequentemente resulta na marginalização do lazer (Gomes; Melo, 2003).

Gomes (2014) argumenta que o lazer não deve ser visto apenas como contraponto ao trabalho, mas como uma prática social complexa que abrange múltiplas experiências culturais,

lúdicas e contextualizadas historicamente. Essa visão amplia a compreensão do lazer, afastando-o de uma perspectiva meramente dicotômica em relação ao trabalho e reconhecendo-o como parte integrante da cultura e das necessidades humanas. Todavia, o que me interessa destacar em relação ao debate sobre o lazer é a dimensão do diálogo com o tempo. Se ele aqui é entendido como fluxo, devemos perceber de que maneira esse fluxo se aproxima e se distancia do tempo do lazer. Segundo Baptista (2013), o tempo ocioso é desvalorizado pelo mercado, e a existência dos desempregados, por exemplo, serve como contraprova dessa falsificação da experiência da temporalidade. A fala do Sr. Josias em relação ao tempo que lhe foi retirado na infância e juventude, apesar da ocupação do ambiente, mostra que ele tinha uma delimitada função, o trabalho. Ainda assim, esse tempo de trabalho produzia possibilidades. Os debates no campo têm, há algum tempo, se atentado para a sobreposição dos tempos em função das tecnologias e da dimensão multitarefas dos seres humanos. Entretanto, o debate sobre o lazer e o trabalho no campo é relativamente escasso, em especial se pensarmos os contextos históricos de décadas passadas. Ao mesmo tempo, é preciso estar ciente de que, como veremos na entrevista do Sr. Aídes mais a frente, as relações de lazer e trabalho acabam por se misturar. A densidade dos encontros das *trilhas* dos sujeitos e do parque pode se acomodar nos tempos de lazer e trabalho.

As marcas do trabalho elevaram a condição do Sr. Josias, fazendo com que fosse possível realizar algo que pode ser visto como complicado, passear pelo parque. A condição física para percorrer o parque, em especial a ida ao Pico da Bandeira, parece ser um entrave para uma parcela importante de pessoas que o procuram. Ele coloca essa condição em diferentes perspectivas, focalizando desde os que aparentemente poderia ser vistos como aptos, “um fortão da Alemanha” àqueles que desistem pelo caminho. Vieira e Silva (2019) destacam como uma das barreiras ao lazer a dimensão da condição física. E ele próprio? “Se eu cismar de noite assim: - Ah, amanhã, eu vou no Pico da Bandeira. Eu saio de casa às 5h da manhã e vou embora. Aham, vou tudo a pé. Ida e volta dá 30km e 400 metros” (Sr. Josias – trecho de entrevista).

Josias não está desatento a tudo que se passa na transformação do espaço, as provas de corrida, os encontros de motoclube, os festivais gastronômicos. Tudo ele vê com bons olhos e como outras formas de estar no parque. Assim, seu olhar sobre aquilo que ocorre no parque passeia por uma diversidade de práticas, não se restringindo a sua forma de estar lá. Nesse sentido, se propõe a dialogar, de modo que, quando os turistas querem, Josias os leva até o pico e, quando pedem para voltar, ele os acompanha com tranquilidade. Josias também percebe a ampliação do mercado de produtos para atividades de aventura, com locação de equipamentos,

mas também o fato de que as pessoas, às vezes, chegam muito equipadas e não sabem usar adequadamente o que trazem.

O tempo de entrevista foi muito tranquilo, sua serenidade e sensível disponibilidade de me atender naquilo que eu perguntasse, tornou o tempo da entrevista um momento muito agradável. Terminei o trabalho de campo com o desejo de retornar e ser conduzido por ele para o pico, pedindo, no meio do caminho, que ele me conte cada detalhe daquele caminho e de sua relação com ele.

Josias relata que a juventude não se interessa muito pelas histórias relacionadas ao pico e à região e estão focadas apenas em chegar ao piso.

Mas, essa turma mais nova, meu filho, é só passear, colocar um fonezinho no ouvido e acompanhar eles pro pico. Eles não liga muito para saber muita coisa, não. Tipo, nosso pessoal aqui mais novo. Vai pelo compromisso de ir lá no pico e voltar, só. Subiu lá e voltar, chegar aqui e alguém perguntar alguma coisa: _ Ah, sei nada. Só fui lá e voltei, viu o pico. Só chega lá e fala um pro outro: _ Vamo embora, vamos para outra. [risos] É desse tipo, com a turma nova é desse tipo (Sr. Josias – trecho de entrevista).

6.2 Amanda e Valéria

A segunda entrevista foi feita no dia 11 de fevereiro, domingo de Carnaval, tendo sido iniciada às 15h02. O agendamento aconteceu em conversas anteriores pelo whatsapp. Essa entrevista era a mais fácil de combinar dia e horário, uma vez que, por conhecer as entrevistadas, eu me sentia mais à vontade e entendia que dinâmica de compromissos de Amanda e Valéria poderia exigir que eu me deslocasse até onde elas estivessem e pudessem me receber. O encontro seria realizado em Alto Caparaó e, antes da minha saída de Belo Horizonte, havíamos combinado que elas me informariam o melhor dia e horário. No dia 09 de fevereiro, no horário do almoço, Amanda me informou que elas estariam na cidade no domingo dia 11, chegando por volta das 13h. Assim, organizei o período da manhã para ir ao parque e, em seguida, encontrá-las para a entrevista. Entre algumas pequenas mudanças, nos encontramos no Rancho Caparaó, localizado no início da avenida Pico da Bandeira. Decidimos que faríamos a entrevista na porta da prefeitura de Alto Caparaó, que fica em uma rua menos movimentada, protegida do sol e com escada para servir de local para sentar, de modo que ficaríamos à vontade, além de poder apreciar a vista para o parque e os cafezais.

Figura 29 - Valéria, Amanda e Luiz



Fonte: acervo do autor.

Amanda nasceu em Manhuaçu e frequenta o parque desde os 7 anos de idade, utilizando-o como equipamento de lazer da família. Após completar 15 ou 16 anos, começa a frequentá-lo com colegas da igreja. É interessante destacar o fato de que, para ela, a perspectiva da altitude traz uma representação de potência no mundo.

Com 15, 16 anos, chegar naquela altitude, olhar e ver o mundo lá embaixo... e falar: - Nossa, não tem fronteira, né? Quando você enxerga aquilo, é adolescente, querendo estudar fora... Porque Manhuaçu não tinha, naquela época, faculdade, não tinha essa perspectiva. Então, foi uma experiência bem marcante, e aí, de fato, com 16 anos, eu saí para estudar, fui para São Paulo (Amanda – trecho de entrevista).

Assim que chega em São Paulo, Amanda começa um movimento de levar colegas e outras pessoas para passear no Caparaó sempre que ia a Manhuaçu nos períodos de férias.

Já Valéria, natural de Belo Horizonte, teve uma infância conectada a sítios e natureza, mas não ao parque especificamente. De toda forma, ela foi produzindo outras relações que deixaram a porta aberta para esse interesse. A primeira experiência de acampamento aconteceu já no parque, quando Valéria atendeu a um convite da Amanda. Apesar da chuva intensa, ela conta que se divertiu e apreciou a experiência. Ao falar sobre o prazer de ambas na montanha Valéria traz uma questão potente para pensarmos sobre as trilhas das pessoas no parque.

Quando a gente fala assim... que a Amanda tava falando da história, eu acho que tem... eu brinco assim: por que você gosta de estar na montanha? E ela fala assim: Porque não tem paredes! E eu percebo assim, nas pessoas que a gente já acompanhou até o pico, as experiências que a gente teve com as pessoas que a gente vê é essa: - Nossa, nunca imaginei que eu seria capaz disso! De estar na montanha, de estar num lugar que você não vê barreira. Então, as pessoas expressam isso e a gente vê isso nas pessoas (Valéria – trecho de entrevista).

O gosto pela natureza é uma dimensão que deve ser cultivada desde a infância, especialmente em um contexto cada vez mais urbano e tecnologizado. Para Tiriba (2010), a reconexão das crianças com o ambiente natural é essencial para o desenvolvimento de uma sensibilidade ecológica e de valores relacionados à preservação do planeta. A convivência com a natureza desperta nas crianças uma curiosidade espontânea e promove aprendizagens significativas, que vão além do conteúdo formal, desenvolvendo a percepção de interdependência entre o ser humano e o ambiente. Ao falar que “não tem paredes”, Amanda e Valéria nos colocam uma questão já ponderada por Tiriba (2010), o fato de que é preciso repensar as formas de integrar as experiências ao ar livre e a convivência com elementos naturais no cotidiano infantil, para que o gosto pela natureza não seja sufocado pelo concreto e pelas telas.

O movimento de Amanda e Valéria na ocupação deste lugar de condução e das outras frentes que elas ocupam está exatamente nesse diálogo de aproximação com a natureza. Quando as questionei sobre a virada de chave da lida com o parque, no caso delas dos parques, pois também realizam um trabalho no Parque Estadual da Serra do Brigadeiro, relatando minha experiência e considerando a dimensão do trabalho, elas também apresentaram suas impressões.

Então, assim, percebi essa necessidade de realizar esse trabalho, primeiro, na unidade de conservação, e depois, a chance de também poder estar na montanha, fazendo o que a gente gostava, e por que não ser remunerado também, né? Que é importante. Mas, inicialmente, Luiz, não foi nem a condução em si, o fato de credenciar, foi para desenvolver os trabalhos que a gente lá em Belo Horizonte pensava. A pandemia atrapalhou bastante a gente colocar as coisas em prática, por isso que eu falei que agora tá tomando corpo, porque precisou desse tempo todo para a coisa começar a andar e eu acredito que talvez, se fosse apenas da pandemia, já tivesse melhor estruturado. Mas, surgiu a condução, ser credenciada dentro do parque, mais por esse princípio, por poder usar a unidade, ter a liberdade para usá-la e também ter a possibilidade de fazer esse termo de cooperação e de parceria com o parque. Quando eu pensei em fazer Terapia de Floresta dentro da unidade de conservação, a forma para eu estar legalmente apta a fazer seria ter o credenciamento para estar com quatro pessoas lá dentro e ser responsável por elas. Para mim, surgiu não como o condutor em primeira instância, mas em poder utilizar em forma... em forma de serviço, de poder utilizar a unidade

conservação em forma de serviço ali, estando legalmente amparada para fazer, acho que foi isso. E a Valéria, como não tinha essa demanda... A gente tem... a gente tá tentando desenvolver aquele trabalho do Trilhas do Desenvolvimento, né? Não tinha essa demanda para ela assim de... de ter que fazer, né? Bastava só um para que a gente pudesse operar, e aí, fui eu. E na condução mesmo, na condução, eu acho que é sempre uma coisa que eu sempre fiz. Então, eu continuo fazendo e agora eu tô ganhando, entendeu? Para mim, eu tenho dificuldade, ela sabe disso, eu tenho dificuldade em cobrar. Se a pessoa me paga antes da gente subir, fica tudo tranquilo para mim. Se ela me paga quando a gente desce, é muito problemático porque, se o passeio foi bacana, a minha vontade é de não te cobrar, entendeu? [risos] E falar: Não precisa me pagar! Mas, como uma empresa, a gente tem todos os acordos, eu recebo, mas eu me sinto, às vezes, incomodada, porque a minha vontade é de falar: - Cara, obrigada pelo dia de hoje! Foi um passeio incrível! (Amanda – trecho de entrevista).

O relato acima representa toda a entrevista. Para Amanda, a condição de condutora não corresponde efetivamente a um trabalho, mas se configura como um meio para realização de um desejo. A conexão com suas crenças e intenções políticas de mobilização pela natureza e sociedade orienta as práticas, estabelecendo relações e criando contextos que podem suscitar boas perguntas relacionadas ao que Stebbins (2014) chama de lazer sério, embora esse não seja o foco deste trabalho. Não é incomum que encontremos pessoas com esse perfil, uma vez que são muitos os sujeitos que têm se dedicado a estudos, trabalho e cuidado com ambientes naturais. Quando Stebbins coloca o lazer sério como uma forma distinta de lazer, que envolve dedicação, compromisso e busca por realização pessoal, exigindo dos sujeitos planejamento, esforço contínuo e engajamento ao longo do tempo, talvez muitos possa identificar essas características em determinado grupo de práticas, mesmo sem atribuir-lhes o adjetivo “sério”. Entretanto, é explícito que há algo de peculiar nesse movimento. A provocação se encerra por aqui, uma vez que o objetivo da entrevista foi mapear o parque e suas práticas, assim como conhecer um pouco mais das trilhas que o atravessam.

A narrativa de ambas representa um processo de experimentação. Elas chegam a nomear o trabalho que realizam como condução da experiência, sem dizer que é turismo de experiência. Kawaguchi e Ansarah (2014) entendem o turismo de experiência como uma modalidade que transcende o simples consumo de serviços turísticos, promovendo uma conexão transformadora entre os turistas e o destino. Ele valoriza a interação cultural, a personalização e a criação de memórias significativas, alinhadas às tendências contemporâneas de turismo sustentável e autêntico. Entretanto, não quero discutir essa noção, desejo destacar o próprio processo de se construir fazendo aquilo que tem como foco.

Tal como Sr. Josias, que destaca a necessidade de compreender as diferenças entre as distâncias no ambiente urbano e na montanha, Amanda e Valéria propõem realizar um movimento individualizado, de preparação, ou melhor dizendo, de formação para a prática no parque, de modo que as experiências se construam como elementos mais sólidos. Se, para a paisagem, há um *in visu* e um *in situ*, o mesmo devemos pensar na dimensão da prática. Se a paisagem é relacional e não corresponde somente ao que se vê, mas está na relação com o lugar, estamos lidando com um movimento indissociável entre experiência, prática e paisagem. Bondía (2002) entende a experiência como um envolvimento profundo, subjetivo e transformador com o mundo, indo além da simples vivência. Trata-se de uma abertura ao mundo, que transforma quem a experimenta. Ao ir para o parque, os sujeitos também imaginam uma determinada prática, baseados naquilo que imaginam, que está alinhado a adjetivos como longe, íngreme, fresco, quente, chuvoso. Entretanto essas associações não são feitas de forma deliberada. Essas variáveis já estão demarcadas no seu corpo que, como colocado por Serres (2004), é o caminho da habitação do mundo, por onde se aprende, de modo que nele ficam fixadas memórias, informações e marcas. Ao chegar e vivenciar o parque de maneira menos apressada, desvinculando-se da normativa urbana, o sujeito coloca em questão essas marcações e novamente as produz. As narrativas de Amanda e Valéria mostram uma dimensão do acolhimento, inclusive por meio do próprio café.

Ah, gosto de café! Tô indo pra terra do café. A gente sentiu que tinha essa associação, né? De estar vindo para o Caparaó, terra dos melhores cafés. A gente também achou que seria um agrado, né? Para a pessoa, um carinho, né? Se a gente pudesse fazer esse café lá em cima. E acabou que esse café andou funcionando muitas vezes como [barulho de motor] ... um redbull. Muitas vezes, pessoas que pensaram em desistir, a gente passava o café, e aí, tomava aquele fôlego... “Vamos! Então, vamos”. Ele não foi nem uma estratégia de marketing, nem nada não, ele veio surgindo dessa aproximação da Valéria com o gosto por esse café, e depois dessa demanda dos próprios / dessa fala, né, nem era demanda, era a fala de tipo assim: - A gente está indo para a terra dos melhores cafés. Então, a gente achou que seria legal fazer isso na montanha (Amanda – trecho de entrevista).

Elas se movem numa direção diferente em termos de ocupação, preferencialmente vão para entrada de Pedra Menina, no Espírito Santo. Segundo elas, pelo volume de pessoas que há nos atrativos pelo lado de Minas Gerais, fica mais difícil mobilizar essa perspectiva que querem durante suas atividades. Se, por um lado, a rede hoteleira e o foco da cidade de Alto Caparaó parecem mais estruturados, por outro, isso pode gerar um volume tão grande de pessoas que

pode contaminar a experiência. O primeiro período de campo pós-qualificação trouxe exatamente essa noção, que será abordada no capítulo a seguir.

A percepção sobre a população do entorno e sua relação com o parque aponta para uma direção interessante. Para Amanda, há pouco engajamento e até certo estranhamento das pessoas em relação àquelas que frequentam o Caparaó. Ela afirma que há um uso maior do entorno do parque do que propriamente da UC. É importante pensar em outra possibilidade de estudo importante. Dados os relatos sobre a criação do parque, com mobilização da população, houve um interesse que não era de usufruir do parque, mas criar uma fonte de geração econômica, o que não pode ser afirmado categoricamente, mas merece atenção. Assim, seria interessante realizar um trabalho que refletisse sobre a origem do parque e a motivação da população nesse sentido.

Retomando a reflexão sobre o imaginado e as potencialidades da experiência, Amanda e Valéria citam as limitações em relação aos atrativos que fazem sucesso na internet. Novamente o corpo ganha centralidade, considerando uma relação térmica. As águas geladas contrastam com a beleza de vários poços e, muitas vezes, inibem ou impedem a entrada dos visitantes. Ao mesmo tempo, refletem a potência da constituição e da disseminação de uma marca do Caparaó, pautada na identidade e na realidade da região.

Eu tive dificuldade de conduzir uma vez, só pra você ter ideia, a pessoa estava tão perfumada, tão perfumada, que normalmente eu deixo o cliente ir na frente, para ele ter a experiência de estar na trilha sem ficar olhando o pé de ninguém. Eu deixo ele ir na frente e vou atrás sinalizando: aí na frente, à esquerda! Aí na frente, à direita! Às vezes, eu deixo ele errar, entendeu? Para ele ter essa experiência mesmo, como se tivesse sozinho, só que eu fico atrás. Muitos dos condutores conduzem na frente, eu não gosto, eu gosto de ficar atrás. Eu não consegui, eu não consegui. Eu falei com a pessoa: Eu vou na sua frente, porque é melhor e tal. Porque eu ia passar mal [risos] perfume, aquele doce... Eu ia passar mal se eu continuasse atrás (Amanda – trecho de entrevista).

Eu acho assim, quem vem, foi da minha experiência, quem vem pela primeira vez não sabe o que vai encontrar. Você vai subir, vai até onde? Você dá conta? Já foi? A gente pensa nisso. Como que vai ser uma experiência para você sem preparação, com preparação, às vezes, a gente fala para a pessoa: É assim, é assim, traz a blusinha corta-vento. Não tem a dimensão do que é estar a 2800m de altitude... Tem muito perfil, né? (Valéria – trecho de entrevista).

É! Tem os que já vêm preparado! Já conduzi pessoas... A Areta, por exemplo, Areta ficou quilômetros na minha frente, e eu falei com ela: - Só não me perde de vista. Porque o nosso modelo é tartaruguinha, é bem lento mesmo. O pessoal, às vezes, conduz com seis horas, a gente conduz com 8, 10, 12... Para ter calma para o processo, né? Para subir e descer. Então, quando vem essa turma mais preparada, que a gente vê que a pessoa tem perfil de montanhismo

e tudo, a gente já direciona para os colegas que fazem esse trabalho de mulinha, mesmo, né. Que a gente brinca que tem os condutores mulinha, que são aqueles que sobe e desce três vezes por dia (Amanda - trecho de entrevista).

Os relatos de Amanda e Valéria iluminam uma distinta relação de trabalho e de olhar o parque, como dito antes, não se trata de um trabalho pelo “ganha pão”. Isso desvela nuances sobre as diferentes formas de habitar o parque. Se há público que as procura, então há pessoas interessadas em um movimento distinto do oferecido por uma parcela dos condutores e guias de turismo. Isso me coloca em diálogo com o pesquisador-professor, se é que, em algum momento, há um silenciamento. Em que medida, os processos formativos tornam os sujeitos capazes de experienciar essas diferentes formas de habitar o parque? As nossas trilhas nos têm levado a que maneiras de estar ali e compartilhar nosso tempo? As narrativas de Amanda e Valéria são potentes na direção de um debate sobre o tempo, na medida em que podemos nos perguntar qual o tempo necessário para estar no parque de uma certa forma, correndo o risco de acabar percebendo, em diversos momentos, que não temos esse tempo.

O público atendido por Amanda e Valéria é de pessoas com mais de cinquenta anos, o que torna mais interessante pensar sobre o imaginado em relação à prática. Elas afirmam que desejam atender um público específico.

A gente quer o que está para aposentar lá no banco, que fica sentado o dia inteiro, que acha que não vai conseguir, então é esse trabalho. Aquilo que você perguntou, que o cliente faz antes, a gente faz isso muito antes com o Movimento SEMPRE, ele a gente vai... a pessoa vai seis meses, a gente fazendo quase um trabalho mental mesmo para a pessoa, igual eu te falei, essa pessoa que trabalha, que é servidor público de Carangola, né, que está acima do peso, que é tá com condicionamento zero, com a capacidade funcional comprometida, até para calçar o sapato é difícil... Essa pessoa que a gente vai fazendo essas aproximações sucessivas e o objetivo final do Movimento Sempre, que é a última letra, é levar lá em cima. É você engajar, é subir o Pico da Bandeira! Esse é um trabalho mais lento. Mas a gente foge muito desse padrão condutor tradicional, foge muito mesmo! (Amanda – trecho de entrevista).

Esse perfil de cliente e de modo de entender a experiência no parque também, por si só, nos conta sobre as trilhas do parque, que estão se entrelaçando todo o tempo.

6.3 Sr. Aídes

A última entrevista foi com o Sr. Aídes, tendo sido realizada no dia 12 de fevereiro, às 8h da manhã. No dia 10 de fevereiro, pela manhã, fui à fazenda por volta das 8h para fazer o

convite para a entrevista. Chegando, fui recebido pela moça que tem a função de preparar o café dos visitantes, processo, aliás, que possui detalhes que só são percebidos pelos aficionados por pelo fruto ou após a visita, quando o anfitrião apresenta cada peculiaridade. Sr. Aídes chegou super solícito. Expliquei que já havia feito a visita à fazenda em outra ocasião e estava ali em função de uma pesquisa de doutorado. Ele ouviu atento a que se dedicava a pesquisa e as razões pelas quais ele havia sido escolhido como uma fonte importante. Prontamente, ele confirmou o aceite e pediu que a entrevista fosse bem cedo, na segunda, pois estávamos no período de carnaval e, após a abertura da fazenda aos visitantes, o fluxo era contínuo. Combinamos que o encontro seria às 8h da manhã de segunda e, em seguida, o movimento de visitantes começou. No dia 12 de fevereiro, cheguei à fazenda às 7h45 para aguardar o Sr. Aídes. Ele me atendeu menos de cinco minutos depois. Ele estava vestido com uma camisa estilo polo com um pequeno bolso na frente e colocada por dentro da calça jeans, com cinto preto e uma bota aparentemente de couro. Sr. Aídes usava uma boina, o que deixou a sensação de que havia alguma conexão com a aeronáutica.

Antes de começarmos a entrevista, foi servido um café, uma situação que poderia ser bastante desastrosa para entrevista, uma vez que eu não consumo essa bebida. Aceitei. Ao longo da entrevista, segui dando pequenas “bicadinhas” no líquido enquanto ouvia o entrevistado. A entrevista encerrou ao mesmo tempo em que pessoas chegaram para começar as visitas do dia. Agradei o Sr. Aídes pela disponibilidade e, poucos segundos depois, ele já estava lá, uma forte presença, criando uma atmosfera de curiosidade e aprendizagem para quem acabava de chegar.

Focado em não tomar o tempo do Sr. Aídes, acabei não tirando uma foto com ele antes do início da entrevista. E, ao final, já havia visitantes chegando, de modo que fiquei sem uma fotografia com ele. Mas, o registro do ambiente da entrevista dá a noção de quão imerso no café e no próprio parque estávamos durante a entrevista.

Figura 30 - Fazenda Ninho da Águia



Fonte: acervo do autor.

A entrevista do Sr. Aídes começou de forma completamente distinta da entrevista do Sr. Josias. Para o Sr. Aídes, contar a história da região é realizar um movimento íntimo, de modo que a tarefa não exigiu que eu me esforçasse para que as falas comesçassem a surgir, fazendo com que a narrativa ganhasse fluxo, como foi com o primeiro entrevistado. Nessa entrevista, a atenção deveria estar em não cercear o desejo de fala do Sr. Aídes, mantendo-me atento para que, em meio ao volume de informações, eu conseguisse identificar o que era de interesse da pesquisa e aquilo que poderia corresponder a um assunto vivo, que pudesse responder diretamente ao objetivo da entrevista.

Ele começa situando quem, segundo ele, seria a primeira pessoa que “veio parar aqui em Alto Caparaó”. Assim, ele aponta uma família na época do Império, ou seja, anterior a novembro de 1889. Há um relato sobre a mata virgem, no caso a Mata Atlântica e os campos de altitude, assim como a preocupação sobre onde cuidar dos animais. Com a morte do referido homem, “Dutrão”, seus filhos quiseram voltar para o Rio de Janeiro e venderam os animais para o bisavô do Sr. Aídes.

Passou muito tempo, esse meu bisavô também faleceu, aí ficou pro meu avô e pro meu tio. Era Francisco Monteiro... Meu bisavô era Francisco Monteiro de Oliveira e meu avô tinha o mesmo nome: Francisco Monteiro de Oliveira. E meu tio era Camilo Monteiro de Oliveira. Eles adquiriram a posse dos animais e compraram os animais, mas eles não tinham uma escritura definitiva... aquilo era terra do governo, eles falavam que eram terras devolutas, né? Mas foi crescendo, foi aumentando os animais e eles foram levando animais mansos para lá. Aí, eles fizeram a sede, a casa queimada, fizeram dois ranchos, em lugares assim, porque lá é muito distante... Às vezes, você estava procurando uma manada de um boi de um lado lá,

entardecia e você chegava pro primeiro rancho... Para andar à noite lá, naquela época, não tinha condições, ainda mais a cavalo, e mesmo hoje, na trilha você anda, mas fora da trilha é muito difícil, tem muita pedra, muito buraco, muita perandeira. Eles foram ficando com aquilo lá, foi passando muitos e muitos anos, as pessoas daqui debaixo que queriam levar os animais pra lá também, era só marcar os animais com a sua marca e misturava lá com os animais de lá... Mas cada um tinha a sua marca, não é? E quando eu era novo, ficava pedindo ao meu pai... as coisas tinham ficado do meu avô, do meu tio, aí meu pai também tinha os animais lá em cima e eu pedia para ele me levar. Ele ia lá ver os animais do meu avô... Porque o lado do meu pai era o seguinte: esse meu bisavô era Francisco Monteiro de Oliveira, depois ficou para o meu avô que tinha o mesmo nome, e a minha avó era prima do meu avô, pai do meu pai, minha mãe e meu pai eram primos, então, meu pai tinha os animais lá em cima também. Ele levava e cuidava dos animais dele, do pai dele, da família e ia ajudando a olhar, um ajudava o outro lá em cima. E eu ficava pedindo ao meu pai para me levar lá porque eu queria conhecer, não é? E aí, meu pai me levou numa época bem fria, tava um frio danado lá, mas eu fui lá. Eu gostei muito do lugar, achei a paisagem muito bonita, né? Os animais também, muito bonito. As crinas dos cavalos encostava no chão, lá é frio, né? Os animais eram muito bonitos, tinha uns cavalos preto e branco, da raça campolina. Naquela época, ainda tinha muita onça lá em cima, tinha muito bicho. E a onça tinha muita comida, ela comia bezerrinho novo, comia potrinho novo, tinha muito cabrito, tinha muito porco do mato, tinha muito alimento para onça... tinha bastante onça. A área é muito grande, muita mata, né? E foram passando os tempos, o meu bisavô faleceu, as coisas ficaram para o meu avô e o meu tio, eles foram cuidando (Sr. Aídes - trecho de entrevista).

Se, por um lado, a narrativa traz como apelo a ligação da própria família, por outro, dois destaques são importantes de serem observados. Primeiro, o reforço de algo já relatado pelo Sr. Josias, a importância da criação de animais no período anterior à criação do parque. É importante salientar como as estratégias para tornar viável a permanência daquela atividade, que era vital, deixou marcas significativas para o parque e que acabam dialogando com as pessoas e práticas no contexto atual. Serres (2004) faz reflexões sobre a interface entre ser humano e universo, discutindo as transformações do corpo, do indivíduo e do mundo pela cultura, pela tecnologia e pelo tempo. As marcas do trabalho deixadas na montanha por pessoas que ali exerciam suas atividades, com demandas fisiológicas para seus corpos, como aquecimento, alimentação, proteção, entre outras, seguem se fazendo presentes. Trilhas, ambientes, edificações estão lá, demarcando a trajetória do parque e dos sujeitos que ali habitaram. Os sentidos e interesses por aqueles mesmos ambientes se transformaram ao longo do tempo, mas demarcaram o parque e o que lá acontece. Outro ponto a ser destacado é a aparição do termo paisagem, colocado pelo Sr. Aídes. Na sua narrativa, podemos revisitar o início da entrevista do Sr. Josias e pensar que ambos, de distintas maneiras, se configuraram como “sujeitos de paisagem” (Besse, 2020). Para o autor, os sujeitos de paisagem são aqueles que se envolvem com o espaço, moldando-o e sendo moldados por ele. Isso inclui trabalhadores

rurais, moradores locais, artistas, viajantes e todos que interagem de forma prática ou simbólica com o território. Ou seja, não só os dois o são, como eu, como pesquisador, professor ou praticante do parque, bem como os visitantes, em sua diversidade ao habitá-lo. Ainda para Besse, os sujeitos de paisagem não são definidos apenas por sua presença física, mas também pela forma como percebem e interpretam os elementos ao seu redor. Essa percepção tem origem nos seus sentidos e no caminho percorrido em termos de cultura que produz os sentidos.

Um movimento de revisitar a entrevista do Sr. Josias e antecipar algo da entrevista de Amanda e Valéria parece ser necessário. A posição que essas quatro pessoas ocupam tem uma potência a ser considerada, tendo em vista a transformação e a formação das paisagens. Tanto nos seus tempos no parque quanto nos períodos que precedem e sucedem os encontros com os visitantes há um latente impacto no habitar do parque. Roger (2007) vai falar de um movimento de atribuição de sentido para as coisas, afirmando que primeiro ocorre a artealização *in visu*, que abastece nosso imaginário e cria conformações do nosso olhar. Posteriormente, há o *in situ*, que é a materialização desse imaginário. Bessa (2021) vai dizer que, com a paisagem, fazemos algo parecido, recuperando códigos artísticos. Isso ocorre de uma maneira fluída, sem que precisemos teorizar esses acontecimentos. O encontro com esses sujeitos nos coloca em posições e composições diferentes sobre essa paisagem e, embora todos destaquem sua beleza estética, cada um nos convida a constituí-la de uma forma distinta.

Mesmo para narrar as razões prévias para uma transição de potência local, o Sr. Aídes, ao citar um político de Carangola que foi visitar o Alto Caparaó, traz a matriz da beleza do território.

- Esse lugar aqui é muito bonito, isso aqui vai ter um futuro muito grande para turismo, mas nós não temos estrada para o pessoal chegar aqui. E a subida para o pico era por aqui. Aí, ele falou:
- Aqui é muito íngreme, por lá dá um traçado e dá pra nós levarmos carro lá na tronqueira e se der dinheiro a gente leva até o Pico da Bandeira, se não der, leva até a tronqueira (Sr. Aídes sobre o político de Carangola – trecho de entrevista).

Segundo Sr. Aídes, até aquele momento, a subida pela serra que levava até o Pico da Bandeira era realizada passando por onde hoje é a Fazenda Ninho da Águia. A visão de que o acesso deveria ser facilitado associou-se a outra noção de habitar a região, o turismo. Assim, era preciso facilitar a chegada ao que, já naquele momento, se configurava como um grande atrativo, até então considerado o ponto mais alto do Brasil. Nesse movimento de traçar uma nova rota, a população da região, antes da criação do parque, já havia se mobilizado para criar

a nova rota. Com apelo popular, um projeto foi entregue nas mãos do então candidato à presidência Jânio Quadros que, quando venceu as eleições, assinou o decreto para criação do parque¹⁷.

Uma questão registrada também pelo Sr. Josias é a disparidade entre os acessos de Minas Gerais e do Espírito Santo.

[...] a área do parque hoje é 33 mil hectares, 70% da área do Parque está dentro do estado Espírito Santo e 30% está dentro do estado de Minas, só que a chegada boa para a área do parque é do lado de Minas. Eles fizeram uma entrada nova por lá... Tem duas entradas: tem a daqui do Caparaó aqui e tem a da Pedra Menina Paraíso... Eles fizeram uma entrada lá que sai na Casa Queimada e sai no Pico da Bandeira. Mas a chegada por aqui é melhor, aqui não é tão íngreme e lá é bastante íngreme (Sr. Aídes – trecho de entrevista).

Eu mesmo, em períodos que antecederam a pesquisa, já acessei ao menos três vezes o parque pelo lado do Espírito Santo, mas isso ocorreu há mais de uma década, de maneira que tenho pouca memória dos vislumbres visuais, aromas ou outros elementos que constituíram minha experiência dessas subidas. Mas, lembro das sensações no meu corpo, de mais cansaço, ainda que fosse bem treinado e já tivesse experiência de montanha. Contudo, há perguntas a serem feitas. Em que medida a relação com o familiar produz uma sensação de maior conforto e menor cansaço? Como professor, nunca visitei o parque pelo lado capixaba, e será que isso não diminui minha possibilidade de produção de afetos? Ao buscar, na ferramenta Google Maps¹⁸, “Parque Nacional do Caparaó”, a primeira opção que aparece é a entrada de Alto Caparaó, por que isso acontece? De antemão, antecipando as considerações finais deste trabalho, acredito que essa é uma lacuna ainda existente, pois a definição pelo lado mineiro organiza um conjunto de trilhas do parque e de seus visitantes com características próprias.

Após relatar o processo de criação do parque, Sr. Aídes destaca a chamada Guerrilha do Caparaó, apresentando novas trilhas da história do parque, contudo a passagem é breve e ele faz um movimento de sobrevoos da história em escala mais ampla, abordando não só a região.

¹⁷ Não se trata de fazer detalhamento cotejando os dados da entrevista com outras fontes para afirmar os detalhes por trás da criação do parque, mas estar atento à potência da memória e da construção deste lugar a partir da memória de uma figura importante no processo. Aos interessados na criação do parque, recomendo a leitura da dissertação de Santos (2004), *Parques por decreto: um estudo de caso do Parque Nacional do Caparaó*.

¹⁸ Além do relato do casal que acompanhei em campo e imaginava ter entrado pelo ES, eu pedi a várias pessoas, em diferentes lugares do Brasil, para fazer a busca e me dizer qual era o resultado dessa pesquisa e, para todas, sempre vinha Alto Caparaó primeiro.

É interessante pensar que pouco se fala desses movimentos no interior do Brasil no período pós-golpe¹⁹.

Sr. Aídes destaca a paisagem do Caparaó e como isso tem sido historicamente um atrativo para as pessoas visitarem a região, chegando a trazer uma expressão da arte para dar força à perspectiva de beleza, trata-se de uma paisagem cinematográfica. “Então, atraí muita gente até hoje, mais ou menos, é isso daí! E tem vindo muitos turistas e tá aumentando o número de turistas do Brasil aqui na Serra do Caparaó” (Sr. Aídes). Questionado sobre frequentar o alto da região antes da criação do parque, quando sua família cuidava de animais, ele afirma que fazia “passeios” para acompanhar animais lá em cima, destacando uma distinção da posição social que ele ocupava em relação ao Sr. Josias. Sr. Aídes andava a cavalo por toda a região e conta com orgulho que conhece cada montanha, cada riacho e cada nascente. Ambos lidam com o mesmo propósito, cuidar/acompanhar os animais, todavia há uma diferença severa, enquanto um frequentava a região por motivo de trabalho, o outro ia a passeio. Trata-se, portanto, de duas dinâmicas distintas de habitar o parque e que, consequentemente, promovem relações diferentes.

A relação com o território é destacada de várias maneiras na entrevista, e a ocupação dos animais aparece como traço marcante, embora essa informação afete muito pouco parcela significativa dos visitantes do parque. Entretanto, não se pode dizer que a história do parque não afete as pessoas que passam por lá. O terreirão, as trilhas, entre outras marcas, são presenças dessa relação entre a criação de animais e o parque. Outra marca daquele tempo é a nomeação de certos lugares. O Pico da Cruz do Negro, que ocupa a décima posição entre os picos mais altos do país, com 2658 metros de altitude, recebe esse nome em função do caso local da morte de um trabalhador negro, Diolino, que, segundo o Sr. Aídes, teria falecido de frio em período de trabalho naquela região.

Durante a fala sobre suas idas ao alto a passeio, uma série de questões são colocadas em relação ao conhecimento sobre a serra. Ele destaca a rudeza da temperatura baixa; o risco do volume de águas em função do número de nascentes e da inclinação do território; a similaridade do terreno e da vegetação, que pode gerar desorientação e favorecer que as pessoas fiquem perdidas; e os riscos de exposição a raios em áreas descampadas. Esse conjunto de conhecimentos que permite compreender as nuances do parque, foi constituído ao habitar aquele território e compartilhar com outros esse tempo no lugar. Nesse sentido, Sr. Aídes

¹⁹ Para mais informações sobre a Guerrilha do Caparaó, sugiro assistir ao documentário *Caparaó*, dirigido por Flávio Frederico e lançado em 2006. Até o dia 01 de dezembro de 2024, estava disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=qGlbHfG8aGA>.

destaca o fato de sempre orientar os visitantes que, se possível, subam com um guia, “porque o guia já tá acostumado, conhece bem os prós e os contras da natureza, né? Então, a gente aconselha”. Essa intenção relação entre Sr. Aídes e o parque o coloca como membro do conselho consultivo do parque.

Além de conhecer o lugar, tal como os animais, as pessoas deixaram suas marcas. Esse é o caso de uma araucária que está localizada mais ou menos na metade do caminho entre a tronqueira e o terreirão. Durante a entrevista, tive uma curiosidade de anos resolvida. Em meio a uma vegetação mais baixa, ela se destaca imponente. Segundo Sr. Aídes, ela foi plantada por sua tia Elisa. Segundo ele, sua tia gostava muito de plantar e plantou em muitos lugares da região do parque. É interessante pensar que ela plantou uma árvore característica da vegetação da Mata Atlântica.

Sr. Aídes fez uma narrativa sobre a implementação do cultivo do café na região, situando-a no início na década de 1950, sem muito sucesso em função das baixas temperaturas. Depois, ele produz uma narrativa sobre a transição da produção de café para cafés especiais, que é mobilizada por seu filho Clayton. É interessante, primeiramente, pensarmos algumas questões sobre o café. Segundo Pagnussat *et al.* (2021), o Brasil é o maior produtor e exportador mundial de café, destacando os estados de Minas Gerais e Espírito Santo. É ainda o maior consumidor, com um número cinco vezes maior que a média mundial. Nas últimas duas décadas, tem ocorrido uma transição entre o café de *commodities* para os cafés de mais alta qualidade. O café é apresentado como um elemento central na cultura brasileira, influenciando hábitos sociais e práticas de hospitalidade. A bebida é frequentemente associada a momentos de convivência, sendo um símbolo de acolhimento e interação social. O estudo explora como o café é utilizado em contextos de hospitalidade, servindo como uma ponte para a interação entre anfitriões e convidados. Todo esse movimento sobre o café pode ser observado no interior do Caparaó e em seus diferentes espaços, mas, em especial, foi muito comum ver pessoas “passando um café” no alto do Pico da Bandeira, a qualquer hora do dia.

Aí, quando a gente ia bastante na praia, o meu filho Clayton, ele aprendeu a surfar, gostava de surf. Aí, meu irmão caçula daqui falou para ele assim: - Cê gosta de surfar? Vem para cá mexer com café, que café, você trabalha seis meses, depois cê tem seis meses para você surfar. [...] Mas, nos sistemas antigos que eles faziam os cafés, era mais ou menos assim: Cê colhia o café, cê passava a enxada na lavoura toda, limpava, adubava e ficava esperando até a outra produção. E aí, dava um tempo para a pessoa passear mesmo, se quisesse. Mas, ele pegou e ficou todo entusiasmado com aquilo e veio ficar junto do meu irmão que tava na época da colheita. Ele falou: - Eu vou ficar com ele lá, que assim eu vou ver como é que ele mexe com café e vou começar a aprender. Aí, meu irmão tava mexendo com os cafés aqui, ele pegou e falou:

- Ah, eu vou... Saiu uns cafés muito bonitos... Ele tomou o café, achou o café bom e falou assim: - Você deixa os mais bonitos para você tomar, como você faz? Aí, ele falou assim: - Não, esses melhores aqui, nós vendemos. A gente deixa um mais inferior para a gente tomar. Aí, ele falou assim: - Uai, mas você tem que deixar o melhor! Um saco de café dá pra um ano? E ele respondeu: - Dá pra um ano. - Uai, então, deixa o melhor. Vamos tomar o melhor.

Aí, ele foi em São Paulo, lá para encontrar comigo, aí ele encontrou um... ele foi em uma cafeteria sofisticada, no Jardins lá, aí a mulher falou: - Olha, nosso café aqui é café especial, eu pego esses cafés aqui no Sul de Minas, no Cerrado, no interior de São Paulo. Aí, ele tomou o café e perguntou se era especial, aí ele falou: - Oh, se esse é o especial, o que eu tô tomando lá, eu acho que tá melhor do que esse aqui.[...] Aí, ele falou: - Nós vamos fazer café especial aqui. Aí, o... o... / eles pegaram e falaram: - Aqui não vai entrar nada químico, tudo orgânico, nós vamos fazer terreiro suspenso, colheita seletiva, vamos colher só o maduro, que o maduro é doce, e vamos fazer café especial. Aí, começou. Ele ficou 10 anos aqui fazendo café especial e vendendo pelo mesmo preço dos outros.[...]

Aí, ele pegou... A EMATER resolveu fazer um concurso de cafés especiais regionais aqui em Manhuaçu. Aí, entrou 60 municípios, cada município mandou 10 amostras. Mandaram 600 amostras, aí ele pegou e falou assim: - Vamos fazer uma experiência e ver se estamos caminhando bem aqui, se nós estamos fazendo o trabalho certo, vamos mandar duas amostras pra lá, para nós vermos como que estamos indo aqui. Aí, mandou uma no nome dele e uma no meu nome, chegando lá, dessas 600 amostras, o café dele ficou em primeiro lugar e o meu ficou em segundo. Aí, os produtores da região falaram assim: - Ah, isso foi uma causalidade, isso nunca mais vai acontecer isso. Isso foi um negócio anormal [...].

Aí, o pessoal da EMATER falou: - O café de vocês é muito bom, tem que mandar o café de vocês para participar do concurso do estado de Minas. Aí, ele falou: - Vamos mandar! Aí, entrou as fazendas top do Sul de Minas, do Cerrado, das fazendas que já ganharam muitos prêmios, café muito especial já espalhando pelo mundo inteiro. Aí, a participação no concurso do estado de Minas Gerais exigia que você tivesse 10 sacas de café de 60 quilos, igual a amostra que você mandou para lá. Porque, às vezes, a pessoa faz um punhadinho de café muito bom, manda para lá, mas não tem café para colocar no mercado, então não resolve. Então, o concurso de Minas exigia 10 sacas de 60 quilos, mandou a amostra e nós fomos para lá. Chegando lá, o estado de Minas... o ... aí pegou... a amostra dele ficou em primeiro lugar, e a minha amostra passou para terceiro, passou uma amostra do Sul de Minas no meio, muito bom, em segundo lugar, mas o dele ficou em primeiro. Aí, pelo café dele ter ido para primeiro lugar, primeiro colocado, eles levaram essas dez sacas de café dele para leilão. Aí, eles arremataram o café dele, as dez sacas por 10 vezes o preço que estava no mercado. Então, vamos supor que se o café estivesse a 100, eles arremataram a 1000, dez vezes o preço que estava no mercado. Aí, os produtores ficaram impressionados com aquilo e começou a chegar produtor de café aqui de todo lado, para ver o que ele estava fazendo aqui... Porque eles tinham vendido o café dele no leilão dez vezes o preço que estava no mercado. Aí, eles chegam aqui e conversa animada e tal, quando eles veem o trabalho que dá, aí eles voltam a fazer o tradicional, aquele montão no terreiro, tudo misturado, faz quantidade... Mas para fazer qualidade tem que ser um trabalho artesanal mesmo, seletivo (Sr. Aídes – trecho de entrevista).

Venceram também um concurso nacional e seguiram para exportação do café para o mundo. Produtores da região passaram a fazer cursos com Clayton e também qualificaram o café. A região passa, então, a se destacar na produção do café especial. Hoje, ao chegar na cidade, além da exuberância do parque, o visitante é impactado pelas plantações de café no entorno da estrada, ao mesmo tempo em que *outdoors* destacam massivamente a dimensão do café especial.

Considerando as pessoas ouvidas, é possível afirmar que os relatos apresentados se configuram como uma nova apresentação do Caparaó. As três entrevistas se encontram na íntegra no final do trabalho, uma vez que seu conteúdo é muito maior do que o abordado aqui e alguns dos pontos pareciam divergir de tal maneira que avaliei que poderiam acabar dificultando que eu mantivesse a trilha proposta.

7. PRATICAR O PARQUE: NO E COM O PARQUE, EXPERIÊNCIAS DE LAZER NO CAPARAÓ

Este capítulo tem como nome uma percepção de todo o período em campo após a qualificação. Não se trata de um dado que foi mensurado, quantificado e que dividiu as práticas observadas entre um tipo e outro. Tampouco é uma proposição no sentido de, como professor que sou, dizer pedagogicamente que uma coisa é o caminho e como fazê-la ou outra. Essa nomeação do capítulo passa por uma experiência vivida na pesquisa e que busquei descrever para orientar leitura do trabalho, marcando a posição que ele ocupa numa perspectiva que está posta e em campo de disputa nas relações com a natureza, em especial nos parques e aqui especificamente o Caparaó.

Diferentemente do exercício feito anteriormente, a descrição do período de observações pós-qualificação obedece à ordem em que aconteceram as ações em campo. Não há aqui aglutinações de situações para dar visibilidade a um determinado eixo de reflexão, como tempo cronológico/clima, equipamentos ou outro qualquer. Essa perspectiva se dá exatamente na mudança de fundamento que orientou o campo. Ingold (2015, 2007) entende o tempo como um fluxo e não como uma linha. Desse modo, é possível afirmar que o decorrer da pesquisa no tempo é um fluxo que se coloca no “tecer” da própria pesquisa, em seus eventos e experiências, que estão entrelaçados ao fluxo da vida do pesquisador e à dinâmica do mundo. Assim, ainda que as descrições possam se aproximar das experiências vividas, o que foi possível compreender em cada uma delas produziu determinados registros, conforme será abordado nesse fluxo. Por vezes, assim como ao estar em campo, algo que apareceu em experiências anteriores ao campo produziu as formas de registro e de olhar para aquilo, assim como as experiências fora de campo, como leituras, debates, congressos e afins.

7.1 De 14 a 17 de setembro de 2023 - reconhecendo o que são trilhas

Retornar ao campo a partir de uma orientação distinta daquela do início do trabalho se mostrava como um ponto de atenção. O peregrinar de Ingold (2015) era um convite a transitar atrás de histórias que se deparariam com outras, de modo que várias histórias surgiram e era preciso definir qual trilha seguir.

A ida ao campo carregava uma transição sobre a vida. Se, no período anterior à qualificação, eu me preparava para ser pai, nos períodos que sucederam essa fase da pesquisa,

eu já tinha minha filha em casa e a ida ao campo representava períodos longe da presença dela. Tudo isso acarretou uma mudança no olhar e na presença em campo. A definição pelo período de retomada das ações em campo foi determinada exatamente pelos cuidados com minha filha, de modo que aguardei os primeiros seis meses para que pudesse me ausentar por mais de um dia.

Assim, a definição pelo primeiro período se deu a partir da possibilidade de um encaixe temporal, financeiro e que estivesse atento ao menos a uma fase lunar. O feriado do dia 7 de setembro seria uma boa opção, mas a fase minguante da lua, minguante poderia não ser tão atrativa. De todo modo, a previsão do tempo para aquela semana era de chuvas mais intensas e, como não poderia haver mais adiamento, busquei a data mais próxima e com melhores possibilidades do tempo. O período de 14 a 17 de setembro de 2023 apresentava possibilidade interessante de condições de tempo: lua nova, o que promove potencialidades em termos de observação do céu noturno e se encaixava na agenda para que duas pessoas fossem comigo, dividindo custos e disponibilizando um carro para o transporte, de forma que eu poderia o meu carro com minha esposa para facilitar a organização do cotidiano.

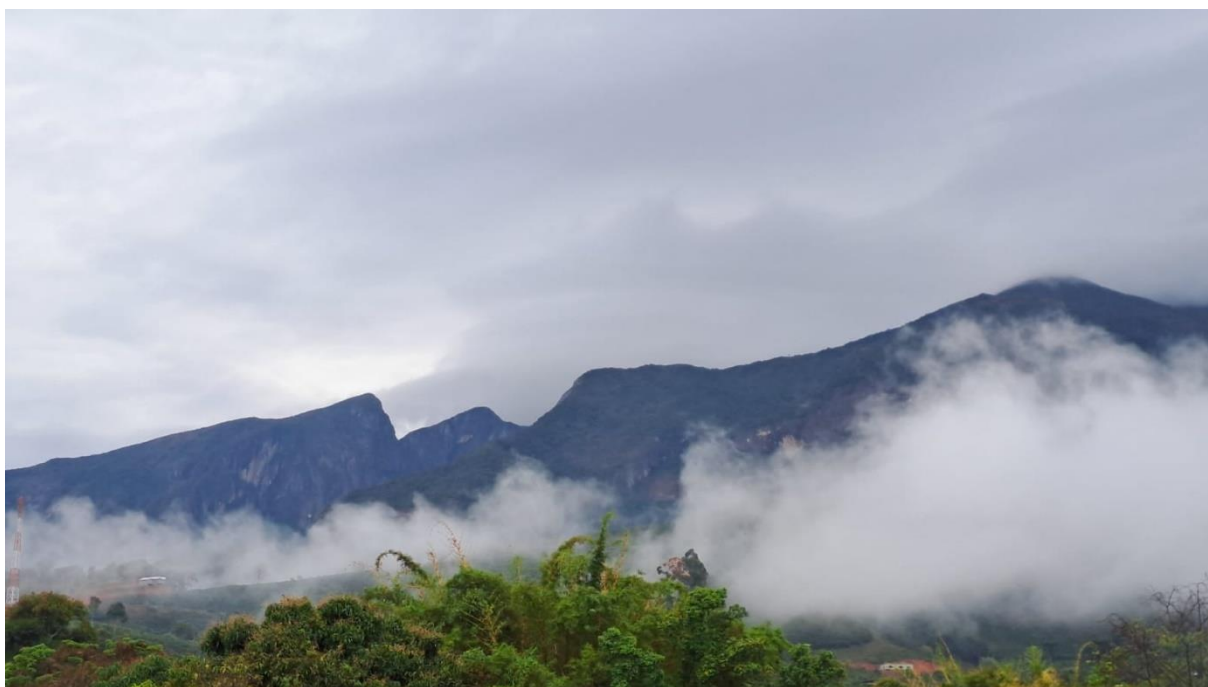
A saída, programada para às 7h da manhã do dia 14, teve atrasos em função de um problema mecânico que demandou aproximadamente três horas para ser solucionado. Somado a isso, um volume acima da média e a já conhecida qualidade da estrada até Manhauçu transformaram uma viagem que tem duração inferior a cinco horas e meia em um percurso de mais de oito horas. A soma desses fatores minou qualquer possibilidade de acesso ao parque no dia 14, cabendo apenas chegar, acomodar-se na casa em que ficaríamos e estabelecer o planejamento inicial. A ideia era acessar o parque pela manhã do dia 15, permanecer até o horário do almoço, retornar a casa, tomar banho, almoçar e subir novamente para acampar, programando a subida ao pico para a madrugada de 15 para 16. Em seguida, avaliou-se que seria possível permanecer até o meio da tarde nas áreas próximas à tronqueira, retornar para casa e dormir. No dia 17, pela manhã, poderíamos chegar ao parque na sua abertura e seguir para o pico num bate e volta pela manhã para, após o almoço, retornar para Belo Horizonte. O planejamento, como esperado, sofreu alterações drásticas.

Durante a madrugada do dia 14 para o dia 15, uma chuva torrencial caiu na cidade, o que me deixou apreensivo em relação à possibilidade até de acessar a tronqueira com o carro e

à presença de outras pessoas no parque. Eu havia verificado a lista de reservas antes de partir para campo e havia mais de 30 pessoas, considerando a Tronqueira e o Terreirão.

Sáímos para tomar café e, da janela da padaria, o tempo que se apresentava no parque não inspirava muita confiança, mas, ao mesmo tempo, não inviabilizava a ida ao parque.

Figura 31 - Vista da janela da padaria - 15 de setembro - 7h05



Fonte: acervo do autor.

Seguimos em direção ao parque, paramos para algumas conversas na portaria, para os trâmites comuns de entrada, e aproveitamos para conferir se havia pessoas acampadas. Segundo os responsáveis pela portaria, nas duas áreas de camping, havia pessoas, sendo ao menos 20, pelo que eu entendi da conversa. Ao mesmo tempo em que, do ponto de vista da pesquisa, aquilo me deixava mais animado, eu estava preocupado, tendo em vista a chuva que atingiu a noite da cidade.

A subida, que normalmente já representa um momento de empolgação para aqueles que vêm ao parque, estava um pouco diferente. O piso bastante molhado, a necessidade de subir num ritmo mais lento do que o normal para não perder a tração das rodas, a neblina e a grande quantidade de nuvens, que indicavam uma possibilidade de chuva a qualquer momento, tornaram um pouco mais tensa a subida.

Chegando à tronqueira, havia quatro carros parados na área que, em tese, está reservada para quem não vai acampar na tronqueira e outros dois, na área destinada a pessoas que vão

acampar lá. Quatro pessoas se encontravam sentadas em um quiosque quando chegamos, nenhuma conversa com essas pessoas foi estabelecida, pois não havia janela de aproximação. Pareciam chateados, provavelmente em função da chuva e do insucesso na investida para o Pico da Bandeira. Segui para a área de *camping*, algumas pessoas com expressivo ar de desanimação iam ao banheiro, outras, escovavam os dentes. A chuva também esteve presente de maneira intensa ali, impedindo a meta do grupo. Marinho (2008) argumenta que atividades de lazer na natureza carregam um elemento inerente de imprevisibilidade e risco, que muitas vezes faz parte de sua atratividade. No entanto, quando esses riscos ultrapassam o controle ou a capacidade de adaptação dos praticantes, pode surgir sentimento de frustração. Estar na montanha torna a proposta de lazer um jogo de incerteza e, como professor e praticante, eu já tinha clareza dessa condição da prática. Não se trata, portanto, de questionar, por exemplo, um planejamento prévio, mas estabelecer em que medida esse diálogo com o vivido promove adensamentos nas relações com o parque.

Ao mesmo tempo em que eu tentava imaginar onde poderia haver pessoas, também pensava sobre as pessoas que estavam ali comigo. Não poderia olhar para elas apenas como uma forma de viabilizar os custos do campo. Eram também praticantes do parque e ocupavam trilhas que, de algum modo, estavam mais visíveis para mim. Uma dessas pessoas era um amigo, também professor de educação física, mas com muito menos tempo de vivências em práticas na natureza e aventura do que eu, visto que a última experiência acampando havia mais de 15 anos. A outra pessoa era minha irmã, que fortalecia minha memória sobre as relações estabelecidas com parques desde a infância e trazendo esse elemento para sua própria trajetória. Entretanto, ela não havia se dedicado a qualificar seu tempo de lazer posteriormente, embora também não tivesse deixado de fazer trilhas e realizar outras atividades ao ar livre. Ambos estavam ali comigo, preocupados em não atrapalhar o fluxo da pesquisa e, em alguma medida, pensando em como contribuir. O entendimento que eu tive na semana, antes de ir a campo, era de que a presença de ambos já bastava como contribuição, sem que nada fizessem, estar com mais pessoas já era uma abertura de portas para estabelecer contato com outras pessoas. Carvalho (2014) diz que a sociabilidade expressa a céu aberto nos diz de um conjunto de regras e normas que ainda que não estão explícitos ou registrados, mas podem ser percebidos e aprendidos ao viver esse território. Era nítido para mim que as pessoas se colocavam mais rapidamente abertas ao diálogo por estarmos em três. Ao mesmo tempo, percebi que essa vantagem para o campo, ainda que financeiramente fosse algo importante, não era tão eficaz, pois era preciso que eu me mantivesse atento às condições de ambos, o que poderia desviar

meu foco. Essa suspeita se confirmaria posteriormente. Era uma faca de dois gumes, de modo que optei por ir ao campo acompanhado apenas dessa vez.

Durante a manhã, pouquíssimas pessoas estiveram na região dos atrativos próximos à tronqueira. Um casal que caminhava para o Vale Encantado se dispôs a conversar assim que nos aproximamos. Eles caminhavam buscando, aparentemente, um melhor ponto para observar o vale. Ele andava de sandálias de dedo, tipo havaianas, e se apoiava num bastão de madeira que encontrara pela trilha. Ela andava de vestido. Vieram no intuito de visitar o parque. Marcellino (2007) nos convida a pensar sobre os processos formativos que envolvem o lazer. Mais do que desenvolver uma relação sobre educar para ou pelo lazer, uma questão relacionada aos processos de habitar o parque. Na primeira parte da tese, escrevi um tópico sobre roupas e equipamentos que dialogou com minha condição de professor pesquisador. Ao mesmo tempo, ao olhar para essas pessoas, o pesquisador professor se coloca no exercício de pensar as formas dessas experiências. O casal e outros tantos buscaram o parque a partir do seu lugar de mundo, de suas trilhas. Assim como os dois que me acompanhavam. Apesar das possibilidades de entender as formas de vivenciar a experiência como algo não qualificado ou qualificado, é importante entender os processos por trás dessas formas. Quem orientou os dois que me acompanhavam? Eu. Tentando não ser professor, não comprometer a pesquisa, não os cercear do direito de passar seus específicos desafios, dei orientações gerais. Quanto ao casal, eles percorreram 350km de distância, o que demanda, em média, cinco horas e meia de viagem, gastando mais de oito horas. Quem orientou o casal? Não tenho essa resposta. Que processos e experiências de vida produziram suas trilhas até ali? Não foi possível mapear esses caminhos nesse intervalo de conversa. Entretanto, o vestido, as sandálias, o cajado de madeira improvisado e tudo mais são produções sobre como deve ser esse encontro. Ao perguntar sobre a possibilidade de ir ao Pico da Bandeira, prontamente foi dada a resposta: “Lá pro pico não...pro pico a gente tinha que tá um pouquinho mais preparado”, apontavam para si mesmos, como um sinal que podia representar a forma como se equiparam ou sinalizar a preparação do corpo em si. A moça estende a conversa “[...] o sogro do irmão dele subiu...falou que passou um frio...mas um frio...e deu vontade de abraçar os homi tudo...se vira homi com homi. Tem que ignorar uma hora dessas”. O testemunho da moça representa o relato como processo de formação, as roupas que eles usavam eram leves e, mesmo naquela região, com o tempo fechado, já havia indícios de que estavam com frio. Foi possível estabelecer uma série de pontos

acerca da educação e do lazer em menos de cinco minutos de conversa e caminhada. Eles seguiram e nós retornamos.

Não havia mais ninguém naquela região, fomos até a Cachoeira Bonita e lá também não havia ninguém, ninguém além de nós. Olhando para a beleza da cachoeira, senti que já possuía mais propriedade sobre muitas de suas trilhas.

Descemos e fomos almoçar no mesmo restaurante em que eu sempre vou. Eu observava preocupado, pensando que, mais uma vez não, seria possível acompanhar a subida noturna ao pico. Após o almoço, caminhamos até uma padaria para uma sobremesa. Os dois companheiros seguiam na sua condição de visitantes, conversando com muitas pessoas, explicando sua condição de primeira visita, falando do desejo de subir ao pico, de sua espera por uma tomada de decisão minha. Nesse momento, eu estava pensando se me orientar pela noção do peregrinar não seria estar atento àquelas conversas, buscando, como dito por Ingold (2015), uma história que me levasse até outro ponto. Hoje acabo entendendo que eu fazia justamente isso, não se trata de forçar o encontro, eu o aguardava ali. Na sequência das conversas, uma mulher que trabalhava na padaria falou para minha irmã: “Mais cedo Josias passou por aí e ele disse que vai ficar firme, não chove hoje”. Numa fração de segundos, me recordei de quem era Josias, de tudo o que já havia ouvido, lido e assistido sobre ele anos atrás. As minhas sensações de que era possível subir eram inconsistentes, imaginava que dava para arriscar, mas não sabia o porquê. Se alguém me pedisse para explicar, eu não saberia. Mas, ao ouvir que o Josias havia dito, chamei os dois e fomos para a casa em que estávamos, a fim de juntar o equipamento para subir. Senti que os dois estavam mais animados, expliquei quem era o Josias, e fomos.

Na entrada do parque, novamente a conversa com os responsáveis pela portaria. Apresentar os documentos, conferir a reserva, mostrar as lanternas e a pergunta pela qual eu tinha grande interesse: mais alguém entrou para acampar e ir para o pico? A resposta afirmativa me dava a perspectiva de que seria possível encontrar novos elementos para a pesquisa. As pessoas que haviam entrado iriam se acomodar no terreirão; nós, na tronqueira. Se mais ninguém entrasse, seríamos apenas nós. E assim foi. A perspectiva era de encontrar os três grupos que entraram no pico. A entrevista com Amanda e Valéria ainda não havia acontecido, mas, o que elas posteriormente relatariam como um fator para buscar o lado do Espírito Santo estava posto ali, tranquilidade total e absoluta. Sem som de carro no estacionamento, pessoas montando barracas, cozinhando ou conversando no mirante. Éramos apenas nós três. Quando Brunhs (1997) fala sobre a busca do verde e da natureza ela nos provoca a pensar em uma ação de mais introspecção pessoal. O volume exacerbado de pessoas pode comprometer o desejo de conexão com a natureza imaginado por muitas pessoas ao realizar esse tipo de atividade. Por

outro lado, para algumas pessoas, aquela situação de tranquilidade total e ausência de contato poderia promover uma sensação de insegurança, de desamparo.

Figura 32 - Tronqueira dia 15 de setembro - 16h



Fonte: acervo do autor.

Montamos a barraca e os dois, mesmo sem questionar, ficaram curiosos com o posicionamento da barraca, visto que havia toda uma área de camping vazia. Ao explicar as razões de cada coisa, percebia que vinham à tona algumas noções que eu havia desenvolvido ao longo dos anos e não sistematizava por não haver necessidade. Ao olhar para esse ponto de minha própria trilha, consegui perceber pontos sobre questões que havia observado antes. Mais tarde, lidando com esses registros, também pude refletir sobre o fato de que algumas tomadas de decisão que estavam intimamente ligadas às trilhas dos praticantes do parque.

O sol se punha e o mirante convidava para a observação. Com menos pessoas ali, animais se aproximavam, pudemos ver um jacu e uma coruja, além de ouvir alguns outros que

circulavam no entorno da tronqueira. Algumas estrelas salpicavam o céu, que não estava completamente aberto, mas minha sensação de que tudo correria bem para a subida se ancorava na afirmação de Josias.

O alarme tocou às duas horas e quinze minutos. Saímos da barraca, orientei os dois sobre o uso de agasalhos, preparei os equipamentos já separados e os suprimentos e fomos para a caminhada. No início da caminhada, já percebi que meu amigo sofria com os primeiros metros da trilha. Ele, que sente muito frio costumeiramente, se via numa sensação conflitante: “parecia que meu corpo não decidia o que estava sentindo. Em vários momentos, com o suor e o vento, eu tinha a clara impressão de estar, ao mesmo tempo, com muito calor e muito frio! Foi algo muito bizarro, que eu nunca tinha sentido”.

Chegamos ao terreirão e, como esperado, não havia sinal de que as pessoas estivessem por lá ainda. A caminhada demorou um pouco mais do que o esperado. Seguimos a trilha para o pico. Minha irmã sentiu-se um pouco fraca, teve uma queda de pressão. Peguei tudo que ela carregava, aguardamos um pouco, ela colocou um pouco de sal na boca²⁰ e, conhecendo bem seu histórico e capacidade de recuperação de situações assim, seguimos. Aqui é interessante destacar um detalhe importante sobre a noção de automedicação, efeitos placebo e a reprodução de perspectivas de autocuidado durante as atividades em montanha. Além de parar, descansar, hidratar-se, adequar a temperatura corporal e buscar uma posição de maior retorno venoso, não há nenhuma outra ação a ser feita nesse caso, a não ser que haja um médico no local. A tomada de decisão de pessoas nas trilhas pode influenciar sua condição de saúde e a produção de marcas para o parque e para si. Desmaios, lesões, resgates e mesmo mortes produzem marcações na história do lugar que moldam os nós produzidos e as trilhas de ambos, pessoa e parque. Canestri *et al.* (2020, p. 10) destacam, a partir de uma revisão de literatura, que o placebo “apresenta determinada resposta de acordo com a condição que é submetido, gerando efeitos positivos ou negativos (nocebo) [...] Ademais, o efeito placebo apresenta uma grande aplicabilidade prática”. É preciso sensibilidade ao estar na natureza, para lidar com o próprio corpo e as práticas realizadas. A subida ao Pico da Bandeira de madrugada exige mais do que o esforço físico, mas o manejo de um conjunto de sensações que acomete o sujeito e que o impacta fisiologicamente.

Pouco antes de chegar ao pico, orientei a troca das camisas de baixo, mais próximas ao corpo, ensopadas em suor, além das meias. Em seguida, sugeri que vestissem todos os agasalhos, touca, luvas e o que mais tivessem. Embora atendessem a minha orientação, pareciam não crer no meu pedido, dado o calor que sentiam pelo esforço do ataque final rumo

²⁰ <https://www.proteste.org.br/saude-e-bem-estar/doencas/noticia/sal-embaixo-da-lingua-e-mito>

ao pico. “Luiz, eu estou com tanto calor e você fala que no pico faz um frio impressionante. Eu não consigo me imaginar sentindo frio ali pertinho na frente. Não é possível mais sentir frio com o sol já no céu”. Foram as palavras do meu colega pouco antes de chegarmos ao pico, momento em que imediatamente foi surpreendido por um vento muito forte e gelado, que dificultava se manter de pé. Os dois se acomodaram num canto e ali ficaram quietos por um bom tempo, tentando se proteger do frio.

Quando chegamos, havia apenas um casal no pico. Em meio a fotos e com um caminhar cuidadoso me aproximei, e o homem puxou assunto: “Maravilhoso isso aqui né”? - Ao concordar, seguimos a conversa. O casal era de Belo Horizonte, ele subia até o pico pela quarta vez; ela, a primeira. Todas as subidas dele foram pelo lado mineiro. Me impressionava a quantidade de fotos que a moça tirava em todas as direções, muitas selfies. Alguns segundos depois, ela interrompe a conversa, pedindo que o homem a filme e inicia uma série de 10 burpees. Pede para ver o vídeo: “Fiz muito lenta”. Explicou que havia apostado com seus amigos do crossfit que chegaria inteira e faria a série lá no alto. Cerca de 20 minutos depois, chegam mais quatro homens, visivelmente exaustos, mas muito cordiais, cumprimentando a todos ali. Acomodaram-se num canto e começaram a tirar utensílios de suas mochilas para preparar café. Pediram que eu tirasse uma foto e já começaram a conversar também. Todos eram de Belo Horizonte. Um dos homens afirmou que ficou pesado trazer tudo, mas trazer o café pronto não traria a mesma emoção de fazer o café lá em cima. Marinho nos convida a uma reflexão:

As intensas manifestações corporais nessas práticas permitem que as experiências na relação corpo-natureza expressem uma tentativa de reconhecimento do meio ambiente e dos parceiros envolvidos, expressando, ainda, um reconhecimento dos seres humanos enquanto parte desse meio (Marinho, 2001, p. 150).

As expressões de exaustão daqueles sujeitos se associavam ao discurso: “mas nós chegamos juntos”, “passar o café”, organizando uma narrativa sobre emoção e aventura. Isso dialoga exatamente com a pesquisa de Gutiérrez (2016), que nos ajuda a compreender que a narrativa da aventura para aquele grupo começa a ser construída ali mesmo durante a vivência.

O homem que estava acompanhado da mulher que tirava fotos, estava atento à conversa sobre o café e interpelou se conhecia a Fazenda Ninho da Águia, respondo que só de ouvir falar, mas que nunca visitei. Então, ele muda sua postura de atento ao ambiente e com o corpo mais fechado, para um pouco mais aberto, a fala mais empolgada: “Você precisa ir lá”. Ele conta que não se trata só de passar para comprar um café especial, ser recebido pelo dono, que ele

não se lembrava o nome, era incrível. “Você sente na fala e no olhar dele que tem orgulho daquilo ali”. Ele conta sobre a visita com muita vontade de compartilhar o quanto aquilo foi significativo para ele. Afirmando que vou fazer a visita à tarde, pois estava mesmo procurando algo assim.

Em seguida, chegam dois homens correndo, tênis, meia de corrida, shorts, camiseta, luvas e mochila de hidratação, circulam um pouco pela pedra, pedem ao meu amigo que tire uma foto deles na cruz que fica no pico e partem correndo novamente. Sem intervalo para quase nenhuma conversa ou aproximação. Dormiram dentro do carro na tronqueira. Curiosamente, não os vimos ou ouvimos em momento nenhum da noite. Vieram correndo de lá, saíram às 4h30 e chegaram por volta das 6h40.

Bondía (2002) nos fala que a experiência é algo que atravessa e toca, transforma, produz um espaço de encontro entre o sujeito e o mundo. Pensando sobre a perspectiva das trilhas de Ingold (2015), é possível afirmar que há ali um entrelaçamento que pode ter sido mais ou menos denso em relação a cada sujeito. Cada indivíduo que alcançou o Pico da Bandeira trouxe consigo uma história e um propósito, atribuindo sentidos distintos à sua jornada. Contemplação e performance podem coexistir ao habitar o parque. Embora algumas vivências possam ser socialmente valorizadas pela sua eficiência, impacto visual ou rendimento, todas são legítimas e carregam potencial de transformação. Essa multiplicidade ressalta que a experiência não é apenas o que se faz, mas o que se vive, o que nos toca e o que resta em nós como significado. Assim, a experiência não pode ser reduzida a critérios externos de validação, ela é sempre singular e profundamente subjetiva.

Considerando um movimento de compreensão da diversidade de experiências possíveis, podemos pensar num parque em diálogo, como palco de uma prática, mas que não deixa de se entrelaçar ao praticante, ou como participante da prática, que pode promover um adensamento dessa relação.

Passado algum tempo, iniciamos a descida, o sol agradava os que me acompanhavam. Na descida até o terreirão, cruzamos com apenas dois grupos, apressados, nada mais do que alguns cumprimentos foram trocados. Ao chegar ao terreirão, o sol já era intenso e realizamos uma parada para encher as garrafas de água e conversar com algumas pessoas.

No Terreirão, duas jovens adultas estavam sentadas na área dos banheiros e da bica para beber água, conversavam sobre subir, sobre o desgaste do sol. Mostravam os potes com seus lanches para a subida, ofereceram bolo, uma brincou que na metade da subida já estava acabando com tudo, na volta ficaria com fome. Um dos homens que subiu correndo chega, ainda correndo. Eles haviam corrido também ao Pico do Cristal e, se entendi direito, ao Calçado. Isso

explica por que, mesmo correndo, chegarem depois de nós ao terreirão. O colega que estava com ele caiu, mas estava bem. O objetivo deles era realizar um treino de corrida de montanha. Marinho (2007) nos lembra que as atividades na natureza estão susceptíveis à reprodução social, já que seu entorno é acompanhado de relações produtivas e mercantis. A lógica da performance é amplamente difundida, ao mesmo tempo, não se trata de dizer que não há uma produção de relações e cuidados ali. Entretanto, elas se dão de outra forma. Não faz diferença subir ao Pico da Bandeira ou a outra montanha que tenha o determinado ganho altimétrico desejado? O outro corredor chega, alguns ralados, eles conversam se seguem o percurso para a tronqueira. Na conversa entre as meninas, uma delas, de Manhumirim, destaca que só estão subindo sem guia pois está de dia e que, apesar de ela já ter subido várias vezes, à noite só vai com guia por ser fácil se perder.

O caminho entre o Terreirão e a Tronqueira reserva o encontro com muitas pessoas em busca do Pico da Bandeira. Os registros sobre como se vestiam, calçavam, quanta coisa carregavam já foi feito, mas ele agora é tomado como menos centralidade do que antes. As conversas breves de apoio, contando rapidamente de onde vieram, porque vieram, colocavam em pauta uma sociabilidade de instantes. Após 20 ou 30 segundos de interação, as pessoas revelavam de onde vinham, os motivos mais diversos da visita ao pico: “Lá é bonito, né? ... me disseram que é difícil, quero conseguir... meu primo já foi... estávamos passando pela região e incluimos no passeio, mas já quero desistir...”. há inúmeras trilhas se entrelaçando no parque e com o parque. A possibilidade de afirmar uma direção é nula, o intento é observar que cada uma produz uma forma de habitar o parque e transformá-lo, enquanto cada sujeito também se transforma.

Ao chegar na Tronqueira, uma transformação de momento gritava essa diversidade. O estacionamento estava lotado de carros, o número de pessoas se deslocando era muito grande. A capacidade de carga da tronqueira é de até 100 pessoas, conforme informa o site do parque, imagino que estaria próximo disso. A diferença entre a imagem da barraca solitária na tarde/noite anterior e a do momento que chegamos após a ida ao parque é gritante.

O som das vozes, caixa de som, deslocamento das pessoas, barracas sendo montadas e pessoas cozinhando compunham outra paisagem. Quem fechasse os olhos talvez se transportasse para um grande centro urbano, o que, em tese, pouco tem a ver com aquilo que Brunhs (1997) afirma sobre o reencontro com o verde. Partimos para deixar o parque, a fazenda Ninho da Águia era o campo para a tarde. Na descida, cruzamos com mais cinco jipes, subindo com muitas pessoas; na portaria, mais cinco. Saímos do parque às 12h30, após passarmos 21 horas no interior do Caparaó.

Figura 33 - Tronqueira dia 16 de setembro - 12h



Fonte: acervo do autor.

No período da tarde, após almoçar e tomar banho, visitamos a Fazenda Ninho da Águia, no intuito de, quem sabe, definir uma entrevista relacionada à temática, visto que ela já se impunha de forma intensa no campo há algum tempo. Chegamos e fomos recebidos pelo Sr. Aídes, que imediatamente começou a nos guiar pela fazenda, mostrou uma jaboticabeira enorme, de um tamanho que eu mal sabia que poderia ter. Orgulhoso de tudo ali, como dito pelo visitante com quem conversei no pico da Bandeira, falava que a beleza da jaboticabeira devia-se à fertilidade das terras, à água da montanha e ao clima da região. Seguiu mostrando o processo de cuidado com o café após a colheita, toda uma delimitação sobre agroecologia, o cuidado com a região, os vínculos de sua família com o parque e a região. Fiquei convencido de deveria buscar mais informações sobre aquele senhor e a fazenda, de modo que julguei importante confirmar com meu orientador que o Sr. Aídes seria uma importante fonte para a pesquisa.

Figura 34 - Estante com troféus, embalagens do café da Fazenda Ninho da Águia em outros países e fotografias



Fonte: acervo do autor.

Ao fim do dia 16, voltamos para a casa em que estávamos alojados. Eu me sentia mais cansado do que esperava. A preocupação com a estrada, no dia seguinte, me fez desistir da investida do bate e volta ao pico ou outro tipo de permanência no campo no dia 17 pela manhã. No dia 17, levantamos, tomamos café e partimos de volta para Belo Horizonte. Na segunda-feira, em BH, recebi a notícia de colegas da região. Na manhã do dia 17, havia sido necessário um resgate de helicóptero para uma mulher²¹o desgaste da subida havia sido muito intenso.

²¹ Disponível em: <https://www.portalcaparao.com.br/noticias/visualizar/41923/mulher-e-resgatada-por-helicoptero-no-pico-da-bandeira>.

Figura 35 -Fluxo do registro do dia 16 de setembro



<https://youtu.be/yuy45ambs8U?si=BEeRw2WnnX8mHvXB>



<https://youtu.be/4gBpnK9bzuU?si=KEqUQzLnLhmXi7Yk>



<https://youtu.be/c4TamK8BOKI?si=Px7LYv63jW-cZ1st>



<https://youtu.be/HrNyDBaNezo?si=AEvOtBn7OUhLUDvM>

Fonte: acervo do autor.

7.2 De 12 a 15 de outubro de 2023 – entre trilhas

No mês seguinte, a organização para ida ao campo uniu dois marcadores interessantes: a lua nova e um feriado prolongado. O dia 12 de outubro, uma quinta-feira com previsão do tempo relativamente favorável, poderia indicar dias de parque bem cheio e muitas pessoas indo ao Pico da Bandeira.

No dia 12, às 7h30, saí de Belo Horizonte rumo ao Alto Caparaó. A chegada na cidade, sob sol escaldante e céu azul, poderia ocultar, para os desavisados, a previsão de pequenas precipitações à noite. Cheguei em Alto Caparaó às 13 horas, almocei e imediatamente me dirigi para o parque. Minha reserva para acampar era do dia 12 para 13. Pela maneira que o tempo se apresentava, eu imaginava que o parque teria boa ocupação e não queria investir tempo em outro espaço que não fosse seu interior. Subi e, ao ver jipes parados na área da cachoeira Bonita, parei o carro ali mesmo.

Enquanto eu descia para a cachoeira, muitas pessoas retornavam com roupa de banho pela trilha, expressando que a água estava gelada, conversando muito alto, às vezes, gritando para pessoas que estavam a frente na trilha. Descia mais devagar e fui engolido por uma onda de pessoas. Um grupo de mais ou menos 15 pessoas, não tenho certeza. No grupo, as pessoas se deslocavam com roupas mais leves, toalhas debaixo do braço, e uma mulher estava de bota. Ao passar por mim, um dos homens do grupo olhou para a mulher e comentou: “Ao menos você veio de calçado adequado aqui”. Ela sorriu. Aparentemente, pelas conversas, as pessoas haviam brincado com ela anteriormente, em tom de chacota, porque só ela estava de bota.

Outro grupo, de quatro pessoas, estava no mirante da cachoeira. Um dos homens ponderou, em tom de cobrança: “Vamos logo na cachoeira, o vale encantado tá lá em cima, temos que aproveitar mais”. Essa ponderação sobre o tempo, junto com outras, que apareceram em diferentes momentos, produz uma série de pensamentos sobre o tempo do lazer e o tempo das pessoas. Recrutando Elias (1998), refletimos que o tempo é uma ferramenta simbólica, criada para lidar com a complexidade da vida em sociedade. A suas convenções históricas não apenas estruturam a sociedade, mas, em alguma medida, também a maneira como percebemos o mundo e nós mesmos.

Em debates em alguns ambientes nos quais pude conversar sobre o meu trabalho, fui interpelado se a minha percepção de aceleração do tempo das pessoas, nas ações no parque e outras correlatas, relatada no texto da qualificação, não seria uma avaliação em torno da minha própria maneira de perceber o parque e as práticas ali vivenciadas. Após todo o período em campo, minha leitura é que há realmente um desejo de acelerar as ações, como uma forma de fazer caber mais coisas em um mesmo espaço de tempo social.

Baptista (2013), ao nos provocar a pensar sobre o tempo na sociedade atual, indica que o tempo, especificamente a temporalidade de cada sujeito, tem perdido a sua dimensão subjetiva, sendo caracterizado por uma noção externa e entendido como uma mercadoria. O que a autora chama de confiscação do tempo nos mostra que não apenas a tomada do tempo para o trabalho é um problema para o lazer. Torcer nossa percepção do tempo para uma percepção do consumo de uma mercadoria pode criar uma homogeneização das formas de habitar o parque, quanto mais coisas vistas em menos tempo, melhor.

O grupo de pessoas que havia chegado nos jipes estava no poço da cachoeira, ao menos em seu entorno. Ali, uma distinção geracional apontava formas distintas de habitar. Aqueles do grupo com aparentemente mais de 45 anos buscavam informações sobre a água e as características do local para entrar; a outra parte do grupo, de jovens adultos, não mais que 20 e poucos anos, não se mostrava interessada em entrar.

Os diálogos se sucedem entre eles, uma mulher diz: “pra tirar foto tem que entrar lá dentro... subir numa altura dessas aqui...”. Um homem que a acompanhava completa: “tem que entrar”. Outra mulher, já dentro d’água, chega até a base da cachoeira e pede: “tira sem a barriga...”. Um dos jovens brinca, afirmando que, sem a barriga, não dá. Todo o grupo ri. Outra mulher do grupo tinha como única preocupação se “dava pé”. Os jipeiros permanecem o tempo todo distantes, aguardando.

Entre os mais jovens do grupo, cinco pessoas no total, uma moça pergunta: “Vai entrar?”. Um dos rapazes diz que não. Ela já se preparava para entrar, mas como nenhum dos outros mais jovens se moveu, ela desistiu. Os que estavam dentro, insistiram. Outro dos homens mais jovens rebate: “Bom mesmo entrar aí... depois chegar naquela poeirada no jipe e tudo grudar”.

Há, em diferentes momentos do campo, uma explícita diferença geracional nas formas de praticar o parque. Josias, na entrevista, também compartilha essa percepção. A cultura, como eixo central do lazer, tem forte impacto nesse processo de escolhas. Todo esse desenvolver ocorreu num intervalo de menos de 15 minutos. Após a saída do grupo, eu entrei na água e, ao sair percebo, que alguém deixou uma camisa. Voltei para a pedra ao lado da cachoeira. Pessoas descem, algumas molham os pés, outras tiram fotografias à beira do poço, outras só observam. A altura cachoeira, a temperatura da água, a continuidade da trilha, o som da água, cada pessoa destaca algo diferente. Dois homens com cerca de 50 anos descem. Um deles me pergunta: “Veio de onde rapaz?”. Eu respondo e ele completa: “Galo ou Cruzeiro?”. Respondo um sonoro “Aqui é Galo!”. Já tinha ouvido eles conversando sobre o estádio do clube, colocado em uso a pouco tempo. Ele emenda: “Somos de Betim, aqui é Galo também”. A dinâmica de buscar uma interação se baliza por elementos externos ao parque ou ao que acontece naquele momento. Percebi que já estava anoitecendo. Sem me dar conta, já estava ali há duas horas. Subi rapidamente para a tronqueira, consegui uma vaga na parte destinada a quem vai acampar, havia muitos carros, mais de 20, placas do Rio de Janeiro, Salvador, Itupeva (São Paulo) Araponga (MG), Manhumirim e outras tantas do modelo de placas que não permite que identifiquemos as cidades.

Fui para a área de *camping*, muitas barracas montadas e muita gente. Muitas cenas se misturam naquele contexto, um pai fala de fazer um chocolate bem quente porque faz muito frio, enquanto a filha, na faixa dos 14 anos, se preocupa de ter dor de barriga na caminhada. Muitas pessoas ajustam as barracas. Uma fila se forma para tirar fotos no mirante, uma certa ansiedade de quem aguarda: “Vamos perder a melhor paisagem”. Um casal acima dos 60 anos conversa e pede para um rapaz que tira a foto para eles: “Vai mais pra lá

para aparecer mais paisagem'. Uma menina vai ao mirante, tira algumas fotos do horizonte, uma senhora a orienta a mudar a posição: "Daqui não dá para ver nada". O momento do sol se pôr efetivamente se aproxima e um congestionamento de pessoas se aglomera no mirante, deixaram as demais ações que realizavam e fora ver o evento diário, mas não ordinário. Algumas pessoas descem para uma posição abaixo do mirante estruturado, uma família pai, mãe, filho e filha se sentam juntos, os adultos se silenciam, o menino pega um tablet. Em cima, as pessoas se espremem. Muitos celulares nas mãos. Nenhum segundo de silêncio. De baixo, olho para cima ao ouvir uma conversa entre um senhor e uma senhora: "Depois disso aqui nunca mais... uai você vai morrer? Cê não gostou demais da conta, tem que repetir". A pauta do sol vai se arrefecendo e ganhando outro elemento central, o frio, muitas pessoas dizem sobre o quão rápido e o quanto esfriou. Alguém exclama: "O sol baixa muito rápido, quase não dá para tirar fotos". Uma moça anuncia a quem quisesse ouvir que havia desistido da subida ao pico, que iria apenas ver as cachoeiras. Mas destaca: "Eu iria de boa, tô bem". Com o sol já tendo partido, as pessoas começam a se dispersar, um forte cheiro de maconha vem da área de camping. contei 20 barracas. Algumas pessoas permanecem no mirante conversando e começam a perguntar a origem das pessoas, o que fazem, engenheiro, agrônomo, administradora, médico, dentista, estudante, aposentado, rendeira, motorista de aplicativo, professora. Origens diversas, Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Espírito Santo, Brasília. Em algum momento, alguém me interpela, já conhecia aqui? Eu respondo afirmativamente, que já ia com frequência há mais de 10 anos, a pessoa responde que está voltando pela terceira vez. "É lindo, né?". Pouco depois de concordar, sou abordado por um homem, na casa dos trinta e poucos anos: "Você já foi ao pico várias vezes?". Respondo que sim, ele chama uma moça e começamos a conversar. Se preocupavam com várias questões. Nível de dificuldade, se era fácil se perder, se não precisava mesmo de um guia, o que tinha que levar. Outro homem estava com os dois, todos amigos entre si. A moça e o homem que chegou depois eram irmãos. O segundo homem não estava tão interessado como os dois, a quem eu já havia contado a razão da minha ida naqueles dias. Ele tinha uma perspectiva de mais autossuficiência. Os dois primeiros me perguntaram se poderiam subir junto comigo e que horas eu subiria, eu disse que certamente poderiam, mas eu não saberia responder a segunda pergunta. O outro homem os chama e eles se afastam. Som de colchões infláveis sendo enchidos em ao menos dois lugares no camping. O céu aberto, lua nova favorece imensamente a visualização de estrelas, mas as pessoas seguem para suas barracas ou conversam na área de camping, ninguém observando o céu. A área do mirante agora está vazia, nenhuma lanterna ligada e os vaga-lumes circulam fazendo um show, enquanto, do mirante, é possível ver nitidamente a cidade de Alto Caparaó iluminada, contornos de morros ao longe, e muitas estrelas. Ninguém ali. As pessoas se deslocam para as barracas, são 22h. Eu sigo para o carro para organizar meus registros antes de cochilar, optei por não montar a minha barraca pelo pouco tempo que descansaria, um cochilo no carro era mais que o suficiente (Registros de campo - 12 de outubro, 22h10).

A permanência na área de *camping*, do início do pôr do sol até a retirada para o cochilo, lembrava uma feira urbana, um recreio de escola, um shopping em época de Natal. Muitas vozes, muitos sons. A palavra paisagem foi dita muito mais vezes do que consegui registrar pelo bloco de notas do celular. Justamente aquilo que Bonesio (2002 apud Vieira, 2014) afirma que não deve ser o aparato para o belo da paisagem, um conjunto ideal de recortes de lugares, foi a

marca daquele período. Por sua vez, contato com o verde, levantado por Brunhs (1997), parecia conflitar com aquela ambiência, termo utilizado na tentativa de encontrar algo que explicasse o que eu gostaria de dizer sobre aquele momento e seus contornos. Duarte (2013) afirma, na introdução da apresentação do livro *Ambiances Urbaines en Partage*²², organizado por ela e por Jean-Paul Thibaud, que esse é “um conceito fácil de sentir e difícil de explicar” (p. 1). Eu não quis discorrer sobre o conceito, fazer árduas leituras, apenas queria algo que pudesse me ajudar a explicar a cena, de um emaranhado de cenas. A autora afirma que a ambiência está mais próxima do campo empírico do que do teórico. Falar em ambiência leva a refletir sobre “tipos de experiência, percepção e ação em determinados e específicos contextos” (p. 1). “Ainda, uma vez que a dimensão sensível é inerente à ambiência, torna-se impossível estudá-la sem considerar a presença do corpo: é o corpo que sente; sem ele não há percepção nem tampouco movimento a ser considerado” (Duarte, 2013, p. 2). Infelizmente, eu me encontrei com a possibilidade de refletir sobre a noção de ambiência um pouco tarde, o que deixou um tempo muito curto para que eu me arriscasse a avançar nas reflexões a partir desse conceito. Contudo, as condições vividas em campo e as registradas se encontraram de maneira potente na leitura desta introdução. A citação acima coloca o corpo no lugar central também para o pesquisador. Como já citado, Serres (2004) destaca a importância do corpo para a presença no mundo, reforçando que as aprendizagens atravessam e nos alcançam por meio do corpo. Ele é a chave, também na condição de pesquisador, para a percepção do que eu arrisco chamar de ambiência, o que, a partir do meu corpo imerso no campo, na pesquisa e naquele fluxo de tempo, permitiu que eu sentisse um descompasso entre as noções de paisagem e a busca da natureza.

Meia noite, saio do carro, ouço um casal passar pelo estacionamento, já iniciando a subida. Calço as botas e caminho até o mirante, aguardando o novo encontro para seguir. No camping, dois despertadores tocam e, em seguida, se silenciam, não ouço movimentação de pessoas nas barracas. O trio de mais cedo sai para a subida, permaneci no mirante, imaginava que pudesse acompanhar um grupo maior. Esperei por 15 minutos, mais nenhum som de movimentação de saída ou organização para isso. Decido subir. A temperatura está agradável o suficiente para não precisar de nenhum aparato contra o frio. Intenso silêncio de humanos, o que permite ouvir mais ao longe e tão perto. Cães ladram ao longe, o som da cachoeira Bonita e do curso d'água é perceptível. O céu já estava bastante encoberto e havia uma aparente possibilidade de chuva, ainda que a previsão do tempo não falasse em chuva naquela madrugada. Caminhei pouco mais de 1,2km e o primeiro chuveiro foi sentido. Avistei lanternas a minha frente, algo em torno de 300 metros, não demoraria a alcançar. O clarão de raios cruzando o céu dá um tom de espetáculo, ao mesmo tempo em que o som meio ao longe, parecendo trovões, geram alguma preocupação. Alcancei as lanternas, imaginei que era o trio com

²² Não acessei o livro, publicado em francês, mas a introdução encontra-se disponível no link nas referências.

o qual havia conversado no momento posterior ao pôr do sol. Não era, um trio que não percebi a saída estava ali avaliando se iriam retornar, já se encontravam muito cansados, meu gps registrava 2,1km de percurso. Verifiquei se precisavam de alguma ajuda, estavam sentados, três homens. Disseram que estavam bem e que realmente voltariam. Segui em frente, mais ou menos 1km a frente encontrei o trio, na verdade uma dupla. A mulher e o irmão estavam subindo devagar, enquanto o outro homem estava à frente, fora do campo de visão. Quando perguntei sobre ele, a resposta veio dela: “Foi embora mesmo para frente, largou aqui cadê a amizade?”. O outro homem, quando alcançado, empolgado em me ver. Gostaria de acelerar, faz muitas perguntas sobre o caminho. A mulher se diz ansiosa, preocupada com o trecho depois do terreirão. Decido seguir com o trio até o pico e lá aguardar pela chegada dos demais, além de conversar com quem tivesse saído do terreirão. A passagem pelo terreirão não acrescenta ninguém ao grupo, nenhuma movimentação às 2h15, quando passamos. Aproximadamente 400 metros depois do terreirão, encontramos um casal, identifico que foram eles que vi passar quando eu ainda estava no carro. Eles estavam inseguros em relação àquele trecho de trilhas, e mulher cogitava voltar. Depois de alguns minutos de conversa, o amigo do trio se antecipa e pergunta sobre minha condição ali e minha experiência no parque. O casal pergunta se pode se juntar a nós e seguimos a trilha. O trio vem de uma cidade de Minas Gerais, mas, durante um bom tempo do percurso, eu achava que era do Rio de Janeiro em função do sotaque dos três. O casal era de Belo Horizonte. A mulher do trio trabalha com gestão de empresas, o irmão dela, com mensuração de terrenos, não consegui registrar na hora da conversa, mas tenho quase certeza que era engenheiro de agrimensura. O amigo deles é médico. No casal, o homem trabalha na área de tecnologia e a mulher, não ficou claro, ele destacava o tempo inteiro de como gostava desse tipo de atividade, estavam ali no aniversário de relacionamento. Passados alguns minutos, começa a chover, não mais chuvisco, chuva mesmo. Tirei meu poncho da mochila e vesti rapidamente, quando olho para o grupo, o trio tinha alguma dificuldade para abrir suas capas de chuvas, do tipo descartáveis, compradas numa loja na Avenida Pico da Bandeira. Ajudei os três e observei que o casal discutia. A mulher dizia que ele havia comprado apenas uma capa, o homem afirmava que eram duas. Em meio ao esforço de mostrar que eram duas, ele rasgou a capa, também descartável e de baixíssima qualidade. Eu tinha comigo duas capas que imediatamente cedi a eles, a chuva baixaria a temperatura rapidamente e estar molhados os colocaria em risco de hipotermia. Carrego comigo sempre kit de primeiros socorros, capas de chuva, cobertores de emergência, lanternas extras, entre outros itens minhas práticas nos parques e em outros ambientes naturais em geral. Se iniciou um debate sobre subir ou voltar, meu desejo era não tomar a frente para dizer o que seria feito e simplesmente seguir para onde fossem, não pela pesquisa, mas pela possibilidade de diminuir riscos para eles, seja qual fosse a decisão tomada. Ao me consultarem, eu ponderei que o risco de seguir era alto, não havia como ter certeza se a chuva prosseguiria, cessaria ou aumentaria sua intensidade. Expliquei as características do trecho final de subida que, molhado, também aumentava os riscos. Ocorreu então uma cisão de posição entre homens e mulheres, os homens argumentavam que davam conta, que se não subissem ali agora, iam se arrepender pelo resto da vida, que não voltariam para uma nova subida, que parecia que ia parar de chover, pois havia pontos de céu aberto. As mulheres destacavam que todos ali já haviam se molhado um pouco, que o trecho final, com pedras, era perigoso e que, com uma chuva mais intensa, as capas não seriam suficientes. No fim, a decisão das duas mulheres foi de voltar e o namorado acabou voltando também. Decidi voltar

com os três, pois uma das mulheres estava muito cansada. O casal já tinha se molhado mais no início da chuva e, entre os dois homens que iriam subir, havia um médico. Menos de dez minutos depois de nos separarmos, a chuva parou e o céu abriu. O homem interpelou: “Vamos subir não chove mais”. Eu expliquei que do mesmo modo que começou e parou, poderia parar e recomeçar. Para minha surpresa, as duas mulheres decidiram subir se eu topasse subir e assim fomos. Caminhamos por uns 35 minutos e recomeçou a chuva, menos intensa. Pouco depois, encontramos os dois homens. Um deles estava sentado, com olhar tenso, com sinais de fadiga extrema e princípio de hipotermia, era o médico. O fato de saber o que estava acontecendo e os riscos posteriores gerou uma controlada crise de ansiedade. Minha avaliação era de que subir, com distância menor, haveria maior possibilidade de sinal do celular e acesso a resgate por helicóptero se necessário. Logo, antes de começarmos a seguir rumo ao pico, as lanternas do casal começaram a falhar, até parar de funcionar. Emprestei uma lanterna para cada. Estávamos no trecho final de subida e passamos por duas pessoas voltando, afirmando que desistiram de subir e estavam voltando, passaram muito rapidamente por nós. Em seguida, a chuva parou. A subida até chegar ao pico demorou mais uma hora, num trecho que poderia ser comumente feito em 20 minutos. Ao chegar ao pico, muita neblina, vento forte, frio intenso, chegamos às 4h50. Nos abrigamos perto da área da antena, ainda fora da área do Pico da Bandeira efetivamente. Alimentados e aquecidos, os ânimos melhoraram. Conversei com o médico e ele deu o próprio diagnóstico, dizendo que estava melhorando e não era preciso chamar o helicóptero. O discurso à medida em que o tempo abria e o sol aparecia mudou, passou a uma superação da natureza, uma vitória sobre as adversidades. Quando chegamos, já havia um grande grupo lá, aguardando o sol dar as caras. Eram 16 pessoas, que subiram pelo lado do ES, todos de Linhares. Assim que uma amostra mais intensa do Sol surgiu, eles tiraram fotos e já desceram. Antes de descer já haviam passado um café, mesmo com toda a ventania. Às 6 horas, chegou um outro grupo, vindo de Minas, o Sol já estava lá, firme e forte. Um grupo muito organizado, muito bem equipado, carregando as mochilas cargueiras, fariam a travessia. Imediatamente após chegarem, começaram a preparar o café. Em seguida, outras pessoas foram chegando e o pico ficou tomado de pessoas vindas de Minas e do ES. Pouco espaço para conversas, todos muito voltados a seus próprios grupos e demonstrando exaustão. Decidi descer e o quinteto foi junto comigo. Pelo caminho, o discurso mudou. Empolgação, um espírito de conseguimos, e falas com as pessoas que subiam para o bate e volta de dia, que não representavam aquilo pelo que passaram de madrugada. A moça de BH disse que agora que ela chegou, ela conta a história como ela quiser, a história era dela. Ao chegar na tronqueira, me organizo para ir para a casa em que ficaria em Alto Caparaó e percebo que o casal está com dificuldades para ligar o carro. Sua bateria havia descarregado. Posicionei o carro e fizemos uma chupeta com o cabo que eu tinha (Registros de campo, 13 de outubro de 2023, Pico da Bandeira e tronqueira).

Le Breton (2009) destaca um forte desejo humano associado à superação do perigo e do risco como capacidade de provação, valoração que pode ser transferida a outros ambientes e ser o fator motriz de uma busca pela aventura. As tomadas de decisão e preparação vivenciadas na cena da subida ao Pico da Bandeira, do dia 12 para dia 13 de outubro, exemplificam essa percepção do autor. As diferenciações de gênero também se colocam em pauta, o que é aventura

para as mulheres e como elas se relacionam com o risco e o perigo e o mesmo pensado em relação aos homens? Betrán e Betrán (2016) apontam para um marco temporal para a criação das atividades de aventura, ainda que devemos fazer ponderações sobre esse marco, lançar olhares para esse período nos ajuda a pensar as relações entre o risco e a sociedade. Beck (2011) nos convida a pensar sobre uma perspectiva social de riscos em âmbito global, que emerge justamente na intensificação do processo de globalização e coincide com o momento histórico apontado por Betrán e Betrán. Desastres ambientais, crises econômicas, pandemias e terrorismo são exemplos de riscos conectados ao que Beck chama de sociedade do risco.

Na sociedade do risco, há uma percepção crescente de que o progresso tecnológico e científico, ao invés de garantir segurança absoluta, gerou novos riscos e incertezas globais. As atividades de aventura, em alguma medida, têm potencial de colocar os sujeitos frente a um simulacro social da sensação de vulnerabilidade e incerteza da sociedade contemporânea, mas numa perspectiva de lazer. Se, na sociedade do risco, os sujeitos tentam minimizar essa imprevisibilidade para redução dos riscos, as atividades de aventura viriam numa contradição, produzindo sensações e emoções, exatamente por causa de uma reconexão com o imprevisível. Todavia, é preciso ter em mente que ainda que haja um grupo de pessoas que se direciona a um desejo do risco extremo, podemos pensar que há um largo espectro entre os desejos e as buscas em relação ao risco e à aventura. Isso nos coloca num necessário exercício de conversa entre sociedade e aventura. Ao mesmo tempo, devemos debater amplamente sobre o direito ao risco e ao se arriscar em diferentes práticas, muitas vezes olhadas com desgosto social pelo seu alto grau de exposição. Também é preciso nos atentar ao promover processos de formação docente, de profissionais do lazer e de gestores públicos e privados para os potenciais caminhos desse espectro da aventura, de modo que seja possível mapeá-lo e transitar por ele.

Figura 36 - Conjunto de vídeos sobre o fluxo nos dias 12 e 13 de outubro de 2023



<https://youtu.be/UszkgRVdLMA?si= hxQ32Bvs0NdiEVI>



<https://youtu.be/s0D4mB72Lz4?si=PbX-zKYZH4ySJMp2>



<https://youtu.be/ZIFPoupNvB0?si=qad4N3L1uC2Rq5XF>



https://youtu.be/w_0gwDpDmsQ?si=nSQ16WPlavn_sxqJ9



<https://youtu.be/WZdFrDCp6Yw?si=oWOIPTVmT6g5zEeN>



<https://youtu.be/daCsPIdW1R8?si=gmGMeElmlZnnM2Wx>

Fonte: acervo do autor.

Encerrado o dia no parque, cheguei na casa em que eu ficaria para os demais dias em campo. Estava exausto, o nível de tensão provocado pela condição de insegurança das pessoas que acompanhei me exauriu. Tomei banho e dormi, acordei à noite para comer e voltar a dormir, para que, no dia seguinte, pudesse voltar para o parque.

No dia 14, acordei, fui tomar café em uma padaria e rumei para o parque. A noite inteira havia chovido bastante e, pela manhã, o tempo estava fortemente nublado. Deixei para me dirigir ao parque mais tarde, por volta das 10h. Chegando no parque, na portaria, fui informado para tomar cuidado com a estrada. Perguntei se tinha subido gente e eles disseram que várias pessoas haviam subido. Fui subindo com cuidado, apesar de muitas subidas já feitas, eu não me considero um exímio motorista em estrada de terra, muito menos com tanta chuva. O piso era

muito escorregadio. O tempo todo eu pensava sobre o risco que havia ali e observada que muitos carros já desciam. Em determinado trecho da subida, vi um carro parado. Como era uma reta mais longa e larga, estacionei o carro para ver se poderia ajudar. O motorista achava que era bateria, posicionei o carro para tentar fazer uma carga por cabo a partir do carro que eu dirigia, não funcionou. Uma fraca chuva começou. Eu virei o carro e informei que iria na portaria avisar onde estavam para que pudessem receber o socorro. Eu já havia desistido de subir, a chuva aumentava. Naquele ponto, não estávamos nem metade da subida ainda e eu optei por não ampliar os riscos. Desci e informei que estavam aproximadamente a 2,4km da portaria. Voltei para a casa para organizar fotos, vídeos e anotações do dia anterior. À tarde, muita chuva, de modo que não fui ao parque nem circulei pela cidade. No dia 15, pela manhã, chuva novamente, antecipei meu retorno a Belo Horizonte.

7.3 De 9 a 13 de fevereiro de 2024 – encerrando o campo, mas não as trilhas

A proposta para esse período de ida ao Alto Caparaó era clara, conseguir realizar as entrevistas e incorporar os horários possíveis de idas ao parque. O período de carnaval poderia ser um entrave para a primeira meta, visto que a agenda das pessoas a serem entrevistadas poderia ficar bastante ocupada. Entretanto, o agendamento anterior de duas das três entrevistas a serem realizadas e a disponibilidade do terceiro entrevistado tornaram o processo tranquilo. Em relação à segunda meta, o feriado prolongado e a proposta da cidade de Alto Caparaó do “Carnaval da Tranquilidade” poderiam render boas perspectivas no interior do parque.

Saí de Belo Horizonte às três horas da manhã do dia 9 de fevereiro, buscando evitar o trânsito na estrada que leva também ao litoral capixaba. A ideia era chegar em Alto Caparaó por volta das nove horas e seguir para o parque, visto que a entrevista com o Sr. Josias estava agendada para as 17 horas. O plano estava fluindo bem, até que um acidente com um caminhão de porcos interditou a estrada por uma hora, o que gerou um efeito cascata, pois o volume de carros se acumulou e acabei chegando em Alto Caparaó às 11h30. Fui até a casa em que me hospedaria e, em seguida, saí almoçar. Decidi ficar na casa, conferir tudo, descansar após a viagem e me preparar para o encontro com Sr. Josias.

Ao fim da tarde, me dirigi para o local combinado para a entrevista. Fui muito bem recebido, conversei um pouco com as pessoas da agência. A chegada de Josias deu fluxo ao planejamento da viagem e, encerrada a conversa, voltei para a casa para dormir.

No dia 10, pela manhã, organizei tudo para o encontro com o Sr. Aides, bem como para estar pronto caso ele dissesse que gostaria de fazer a entrevista naquele momento. Chegando na fazenda, fui muito bem recebido, conversei com ele, expliquei tudo, ele explicou que seria melhor que eu chegasse mais cedo na segunda, para evitar que estivéssemos conversando no momento da chegada de visitantes. Expliquei como funcionava o termo de consentimento livre e esclarecido e deixei uma cópia para que ele pudesse ler antes de assinar. Agendada a entrevista, segui para o parque. Pela cidade, algumas faixas destacavam a tranquilidade do Carnaval, o Festival Gastronômico, que ocorria de 18 de janeiro a 18 de fevereiro, além do vindouro Festival de Esportes de Montanha, de 8 a 10 de março.

Figura 37 - Entrada da cidade de Alto Caparaó com faixas sobre os eventos



Fonte: acervo do autor.

Figura 38 - Divulgação do Festival Sabores de Minas e do Festival de Esportes de Montanha



Fonte: acervo do autor.

Na entrada do parque, o tempo estava bastante fechado, havia muita neblina e nenhuma movimentação de visitantes. Subindo para a tronqueira, não passei por nenhum carro ou pessoa subindo ou descendo a pé. A área para estacionar para acessar a cachoeira Bonita tinha apenas um carro parado, uma viatura do corpo de Bombeiros Militar. Parei o carro ali e fui descendo em direção ao atrativo. Lá, apenas dois bombeiros estavam parados conversando. Fiquei lá por 40 minutos, não entrei na água, não encontrei ninguém, o tempo se apresentava pouco convidativo para entrar, a neblina que se formava e se dissipava. Fui conversar com os bombeiros para confirmar minha hipótese de que era uma operação de Carnaval. As cachoeiras da região eram acompanhadas para diminuir os riscos. Eles afirmaram que, dentro do parque em geral, era mais tranquilo pela proibição de bebidas alcoólicas e que, sem festas na cidade, isso ainda ficava mais calmo. Desloquei-me para a tronqueira e não havia nenhum carro no estacionamento. Sentei no mirante da tronqueira e aguardei por 30 minutos, nenhuma pessoa. Fiz uma caminhada pelo Vale Encantado, e também não cruzei com nenhuma pessoa.

O carnaval da tranquilidade era um nome que combinava com o parque naquela manhã. Retomando a noção de ambiência (Duarte, 2013), aos que desejam a conexão com a natureza, o rompimento com as lógicas do urbano, aquela manhã era muito propícia. O vento cantava, era possível ouvir o som das águas em diferentes tons, o Sol aparecia e se escondia atrás das

nuvens e da neblina. Apesar de nublado, não fazia frio. No Vale Encantado, acabei entrando na água. Permaneci no parque até as 14h sem ter encontrado nenhuma pessoa além dos bombeiros. Fiquei pensando porque não havia ninguém ali, era um sábado, de um período de feriado. Já que a lógica era de tranquilidade na cidade, então a visita ao parque seria excelente para os visitantes. Fui almoçar e retornei para casa pensando na entrevista do domingo após o almoço. Decidi tentar um bate e volta no Pico da Bandeira para ver se encontrava alguém.

Na manhã de domingo, segui para o parque logo na hora de sua abertura, para ter tempo de ir ao pico e voltar com prazo para chegar para a entrevista. Havia a possibilidade de ficar pela região da tronqueira caso encontrasse pessoas ali, mas sabia que a possibilidade era baixa. Chegando na tronqueira, havia um carro. Ninguém na área de camping, decidi ir para a trilha e correr em direção ao pico. Estava sozinho, sem peso para carregar ou pessoas com as quais me preocupar, então poderia explorar o percurso de outra forma. Após pouco mais de 600m percorridos, percebi ao longe uma pessoa, um homem, parei de correr para facilitar um diálogo, caso houvesse alguma abertura. Não foi o caso, de longe eu observei e o homem se deslocava da trilha, parava para observar, em alguns momentos fechar os olhos, respirar fundo. Movimento de relação com parque que talvez só fosse possível naquelas condições de horário, dia, período do ano, condições climáticas. Entendi que minha presença ali em conversa seria um rompimento daquilo que ele se propunha. Passei caminhando, tive a impressão de que ele nem percebeu minha presença. Após alguns metros de distância, voltei a correr. O tempo estava limpo, havia poucas nuvens se olhasse em direção à cidade, e um número mais elevado de nuvens olhando na direção do pico. Cheguei ao terreirão com pouco menos de 35 minutos. Fui ao banheiro e, ao sair, estava chovendo leve, mas o quadro que se apresentava na sequência do percurso era de piora da chuva, que se deslocava morro abaixo. Decidi voltar para a tronqueira. Correndo de volta, cruzei com uma corredora de montanha sozinha na trilha para o Pico da Bandeira, imediatamente me coloquei a pensar sobre os riscos aos quais ela estava exposta pelo fato de ser mulher, não riscos da atividade em si. Vieram à mente questões que eu dificilmente pensaria se tivesse passado por um homem, pois eu estava fazendo praticamente a mesma coisa que ela, correndo na montanha sozinho. Passados não mais que alguns segundos, ela subiu correndo e eu descendo, também correndo. Parei alguns metros à frente para pensar sobre aquilo e questionar a mim mesmo sobre quais outras potenciais barreiras poderiam existir para a prática da corrida de montanha para a mulher.

A ideia de que as atividades de aventura são acessíveis para as mulheres, segundo Warren (1985), é baseada no entendimento de que as experiências ao ar livre estão amplamente disponíveis para elas. Com mais mulheres participando ao longo dos anos, com a ampliação de

propostas mistas em provas e programas de viagem, há a promoção da aparência de acesso igualitário (Warren, 1985). Entretanto, é preciso entender que há, mesmo quase quatro décadas após a publicação do referido artigo, a manutenção dos diversos fatores elencados pela autora, ainda que, em alguma medida, possam ter sido atenuados.

Entre as questões apresentadas pela autora, cabe destacar uma, há um valor anterior das experiências de aventura para os homens, enquanto, para as mulheres, isso não é tão comum assim. Considerando desde a noção de modelo de aventureiro, quando pensamos na figura do homem que se aventura, até o próprio chamado a se aventurar, a relação entre homens e mulheres ainda é bastante distinta. Tendo em vista a perspectiva das narrativas nas artes, por exemplo, é recente imaginarmos a figura de personagens centrais que sejam mulheres e aventureiras, que buscam a aventura ao invés de ter sido levadas a ela como falta de opção.

Revisitando todo o período em campo e minhas memórias sobre outros momentos no parque, a perspectiva da mulher se aventurar sozinha se coloca frequentemente em xeque. A construção da noção de aventura para a mulher, em especial no nosso país, carrega um conjunto de marcas complexas. A ideia de mulher aventureira no Brasil, até algumas décadas atrás, era altamente pejorativa, denotando, muitas vezes, um caráter de promiscuidade, não atenção a valores tradicionais, entre outros elementos que visavam desvalorizar a mulher ao usar esse adjetivo. Há algum tempo, grandes marcas e empresas de comunicação têm investido num movimento representativo do sentido contrário, buscando valorizar a experiência da mulher que se aventura. Entretanto, em alguma medida, podem acabar incorrendo, dadas as escolhas feitas, naquilo que Warren (1985) chama de “o mito da supermulher”. Para a autora, algumas associações colocam determinadas mulheres em um grau tão alto de performance e numa condição tão inimaginável para a média da população, que isso, somado ao contexto social geral, ao invés de gerar uma identificação e uma imagem de - quero ser como ela -, produz um sentimento de - ela é única, especial, anormal, inalcançável. Warren, Mitten e Lotz (2018) investigaram elementos do currículo oculto e relações de gênero na formação em aventura. As autoras apontam que identificaram, a partir de questionários aplicados a profissionais que atuavam há pelo menos 15 anos no campo da educação em aventura, o uso de linguagem sexista, a valorização de valores masculinos no trato com essas atividades, processos de ensino insensíveis ao gênero dos estudantes, além de uma centralização da história do homem branco nessas práticas.

Os apontamentos de Warren, Mitten e Lotz (2018) se referem a profissionais atuantes nos Estados Unidos, contudo podemos imaginar que não haja um distanciamento dessa realidade no Brasil. Além do elemento de gênero, central no estudo das pesquisadoras, devemos

observar outro ponto importante, a centralidade da história do homem branco nessas práticas. Para além da construção do entendimento de aventura, é preciso pensar sobre representatividade nas práticas de aventura e buscar identificar e problematizar quem é chamado a vivenciar tais práticas.

Esse breve encontro com a mulher colocou em questão o fato de duas mulheres atuarem na montanha sozinhas. Essa questão não estava presente como um eixo da entrevista que seria realizada com Amanda e Valéria, ainda que eu guardasse comigo essa inquietação.

Chegando à tronqueira, mais nenhuma pessoa. O tempo voltou aquela alternância de mais cedo. Aguardei até as 11h30 e não encontrei mais ninguém. Na descida, vi novamente a viatura dos bombeiros e mais nenhum carro parado. Parti para entrevista, que foi descrita no capítulo anterior.

Na segunda cedo, segui para a fazenda para a entrevista com o Sr. Aídes. Após a entrevista, comprei cafés para levar para família e amigos e me desloquei para a casa em que estava hospedado. Chegando na praça da igreja, vi muitos jipeiros. Não havia movimento deles levando pessoas ao parque. Fui até a entrada do parque e confirmei com o homem que trabalhava ali, dois carros haviam subido. Decidi encerrar o campo ali, fechando com a entrevista. O desejo de voltar para casa era grande, pela saudade de minha filha, e o volume de dados já era suficiente.

8. CONSIDERAÇÕES DO PERCURSO E DE TRILHAS FUTURAS

A mobilização para a realização desta pesquisa se deu a partir de um forte desejo de reencontro com a perspectiva dos estudos sobre as práticas na natureza. A definição pelo Caparaó, como tentei explicitar na introdução, teve forte apelo afetivo. Ao mesmo tempo, a experiência no parque guardava uma forma de conhecimento prévio para além da literatura. Daí o emergiu o entendimento de que conhecer mais sobre o que fazem seus visitantes em seu interior traria elementos importantes para pensar movimentos relativos à educação, à manutenção do parque, às políticas públicas de turismo/lazer, entre outros temas de interesse da sociedade.

Não se tratou de formular hipóteses sobre o problema de pesquisa e objetivos, mas de ir ao campo tendo em mente que minhas trilhas, não entendidas sob essa perspectiva no início do trabalho, eram algumas das que produziram coisas no Caparaó ao longo de sua história, mas que precisavam encontrar trilhas para que as respostas aos questionamentos surgissem e fossem potentes para pensar as práticas na natureza. A imersão em campo, estando aberto ao diálogo durante todo o processo, trouxe a possibilidade de entender melhor que pesquisar é processo que se construiu no fluxo, assim como o pesquisador se transforma, amadurece e encontra novas questões.

As práticas no Caparaó evidenciam, quando olhadas mais de perto, o entrelaçamento entre as histórias dos sujeitos, do parque e de seu entorno, bem como as perspectivas sociais de função do próprio parque e da natureza. A partir de fragmentos das trajetórias individuais dos visitantes, é possível observar como suas experiências de vida se encontram com a história e a transformação desse território na produção das experiências ali vividas. Desde sua criação, na década de 1961 e, na verdade, mesmo antes disso, o parque passou por significativas mudanças, refletindo a transição de um espaço com atividades tradicionais, como a pecuária, para um destino turístico que, mais recentemente, tem se destacado ainda mais, devido ao atrativo dos cafés especiais.

Essas transformações não apenas alteraram o panorama visual, mas também influenciaram profundamente a maneira como as pessoas interagem com o parque, produzindo novas paisagens. A partir de uma perspectiva que transcende o visual, a noção de paisagem, entendida como uma construção relacional que sobrepõe diversos véus (Cauquelin, 2019), nos

ajuda a compreender o parque. A capacidade de desvelar alguns desses véus se encontra nas trilhas daqueles que, ao habitar o parque, podem ou não perceber essas camadas.

A distinção entre "praticar com o parque" e "praticar no parque", em momento algum, propõe um exercício conceitual, mas um horizonte para nos orientarmos como professores, gestores públicos, empreendedores do turismo e outras frentes de atuação no parque, revelando as diferentes abordagens dos visitantes ao habitá-lo. A primeira, "praticar com o parque", reflete uma interação consciente e respeitosa com o parque, considerando sua história, ecologia e condições, enquanto a segunda, "praticar no parque", ilustra uma postura mais utilitarista, onde o ambiente natural é visto como um pano de fundo para atividades recreativas. Essa diferenciação pode contribuir para compreender as complexidades das práticas de lazer no contexto de áreas protegidas, que enfrentam o desafio de equilibrar preservação ambiental e uso público.

Ademais, as trilhas percorridas pelos visitantes – tanto no sentido literal quanto metafórico – são carregadas de significados que ultrapassam os limites do próprio parque. Elas representam trajetórias de vida, marcadas por valores, memórias e expectativas, e oferecem uma oportunidade singular de explorar as intersecções entre lazer, educação ambiental e desenvolvimento sustentável. O Caparaó, nesse sentido, emerge não apenas como um cenário para práticas de lazer, mas como um espaço de aprendizado e transformação.

O lazer precisa ser observado como um fenômeno multifacetado, profundamente enraizado em aspectos sociais, culturais e históricos. Os relatos dos sujeitos participantes do estudo destacam como as experiências no parque são moldadas tanto por fatores externos – como infraestrutura e políticas públicas – quanto por características intrínsecas, como motivações pessoais e contextos histórico-sociais das formações dos sujeitos. Esse cruzamento entre o individual e o coletivo, o local e o global, reforça a importância de considerar o lazer como uma prática social dinâmica e contextualmente situada que, primordialmente, dialoga com seus praticantes.

Como professor, a experiência desta pesquisa me levou a refletir que o parque é um laboratório experiencial vivo, onde conceitos como sustentabilidade e conservação podem ser vivenciados de forma prática e transformadora. Se, em alguma medida, eu já realizava algo nessa direção, a perspectiva de me atentar aos detalhes das "trilhas" do Caparaó e dos estudantes que ainda visitarão o parque tende a qualificar e enriquecer propostas que mobilizem os estudantes a estabelecerem uma relação respeitosa com o parque. As experiências relatadas pelos visitantes indicam que o contato direto com a natureza, aliado a uma abordagem educativa, tem o potencial de ampliar a consciência ambiental e fomentar práticas mais

responsáveis e éticas. Entretanto, a presença em espaços de natureza, por si só, não é capaz de realizar tais façanhas, o que ressalta a necessidade de trabalhos e publicações que se dediquem a buscar caminhos para considerar as trajetórias pessoais dos sujeitos, para que a ida ao parque, ou outros ambientes naturais, não seja apenas mais uma excursão.

Embora esta tese dialogue com diferentes frentes, ela apresenta limites e algumas fragilidades. A definição por focalizar exclusivamente o lado de Minas Gerais traz perspectivas de um conjunto de trilhas que se orientam por uma relação com essa porção do parque e seus arredores. Seria interessante que algo semelhante, mas que trouxesse avanços em relação aos caminhos aqui utilizados, fosse realizado tomando o território do Espírito Santo como referência, bem como as pessoas daquela região. Além, disso, outras pessoas, do lado de Minas Gerais, também poderiam ser sujeitos dessa tessitura. A exemplo, um movimento com brigadistas e pessoas responsáveis pela gestão poderia contribuir para compreender melhor outros elementos ainda por serem descritos.

Para aqueles que têm a necessidade de uma disposição mais concreta em relação aos elementos conceituais utilizados, não foi intenção, em momento algum deste trabalho, produzir conceitos ou mecanismos operacionalizáveis. Contudo, estudos que se dediquem a isso podem ajudar tanto a gestão de políticas públicas e do Caparaó quanto professores e atuantes da rede de turismo para se apropriarem dessa perspectiva.

O processo da pesquisa foi saboroso, ainda que, nas *trilhas* da vida, por vezes, tenha sofrido alguns percalços. Por fim, o Caparaó ficou entendido como um lugar que transcende sua função como área de conservação para se tornar um espaço de encontro, aprendizado e ressignificação. As práticas de lazer ali realizadas, tendo em vista as noções de trilha, nó e malha, bem como em diálogo com as reflexões sobre paisagem, revelam a complexidade e a profundidade das interações entre os seres humanos e o ambiente. Essas perspectivas apontam para a necessidade de políticas e práticas de manejo que valorizem não apenas a preservação da biodiversidade, mas também a riqueza cultural e simbólica que emerge das interações humanas com o parque. A malha formada pelas trilhas do parque não é uma estrutura preexistente, mas algo que emerge e se transforma continuamente, à medida em que os visitantes e o ambiente interagem. Assim, ao invés de “usar” o parque, considerando uma abordagem instrumental, os visitantes o “tecem”, com suas histórias, narrativas e trajetórias de vida. Assim, o parque não é um espaço passivo, mas um agente que participa ativamente da formação dessas experiências. Ao mesmo tempo, os sujeitos saem de lá modificados, e o quão modificados estão está associado ao quão densos foram os nós formados.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Paulo César Bahia de; MOREAU, Ana Maria Souza dos Santos; FONTES, Ednice de Oliveira. Áreas naturais protegidas: um breve histórico do surgimento dos parques nacionais e das reservas extrativistas. **Revista Geográfica de América Central**, v. 1, n. 50, p. 195-213, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4517/451744541007.pdf>. Acesso em: 2 set. 2022

AHRENS, Conrad Donald. **Meteorology today: an introduction to weather, climate, and the environment**. Cengage Learning. 2009.

ALMEIDA, Marcello Pinto de. **Avaliação do manejo da visitação no Parque Nacional do Caparaó - MG**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) — Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2015. Disponível em: <https://locus.ufv.br/server/api/core/bitstreams/a3ee349b-33b5-48cb-96cb-aa1ff867aa13/content> . Acesso em: 2 set. 2022.

ALVES, Rubem. **A educação dos sentidos: conversas sobre a aprendizagem e a vida**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

BAPTISTA, Maria Manuel. Ócio, temporalidade e existência: uma leitura à luz da fenomenologia e hermenêutica heideggerianas. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 173–182, 2013. Disponível em: <https://rlec.pt/article/view/1744>. Acesso em: 2 jun. 2024.

BEAMES, Simon; MACKIE, Chris; ATENCIO, Matthew. **Adventure and Society**. Palgrave Macmillan Cham. Edição do Kindle, 2019.

BECK, Ulrich. **Sociedade do risco: rumo a uma outra modernidade**. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BESSA, Altamiro Sérgio Mol. Paisagens em mundos sensíveis: entre a sutileza e a usura. In: BESSA, Altamiro Sérgio Mol (Org). **A unidade múltipla: ensaios sobre paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2020.

BETRÁN, Javier Olivera; BETRÁN Alberto Olivera. Las actividades físicas de aventura en la naturaleza (AFAN): revisión de la taxonomía (1995-2015) y tablas de clasificación e identificación de las prácticas. **Apunts**, [S.l.], v. 124, n. 2, p. 53-88, 2016.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Meio ambiente e Saúde**. Brasília: MECSEF. 1997.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [S.l.], n. 19, p. 19-28, 2002 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 15 nov. 2022.

BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e meio ambiente: corpos buscando o verde e a aventura. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.], v.18, n. 2, p. 86-91, 1997.

BRUHNS, Heloisa Turini. **A busca pela natureza: turismo e aventura**. Barueri: Manole. 2009

CANESTRI, Raul; BRIETZKE, Cayque; LIMA, Felipe De Russi de; VINÍCIUS, Ítalo; FRANCO-ALVARENGA, Paulo Estevão; PIRES, Flavio Oliveira. Efeito placebo aplicado a ambientes clínicos e de desempenho físico: uma revisão narrativa. **Conexões: Educação Física, Esporte e Saúde**, Campinas, SP, v. 18, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8657859/23028>. Acesso em: 11 mai. 2024.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar enquanto prática estética**. 1 ed. São Paulo: G. Gili, 2013.

CARVALHO, José Murilo de. O motivo edênico no imaginário social brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/VdZ953cbKFh5GjrqsJCwBzd/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 12 mar. 2023.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. Práticas de natureza: movimento e contemplação nas montanhas do marumbi **Antíteses**, [S.l.], v. 7, n. 13, p. 415-439, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1933/193331342019.pdf>. Acesso em: 3 set. 2024.

DAMO, Arlei Sander. Bons para torcer, bons para se pensar: os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus Corporis**, [S.l.], v. 5, n. 2, p.11-48, 1998.

DEBORD, Guy. **Teoria da deriva**. 2006. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/03/guy-debord-teoria-da-deriva.pdf> Acesso em: 20 mar. 2023.

DIAS, Cleber Augusto Gonçalves. Notas e definições sobre esporte, lazer e natureza. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-36, 2007.

DUARTE, Cristiane Rose. Ambiência: por uma ciência do olhar sensível no espaço. In: THIBAUD, Jean-Paul; DUARTE, Cristiane Rose (Org.). **Ambiances Urbaines en Partage**. Genebra: Metis-Presses, 2013. p. 21-30. Disponível em: <https://lasc.fau.ufrrj.br/public/upload/2019-07-15/664006719005f643da5eda989c25748f.pdf> Acesso em: 7 nov. 2024.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

FRANCO, José Luiz de Andrade; SCHITTINI, Gilberto de Menezes; BRAZ, Vivian da Silva. História da conservação da natureza e das áreas protegidas: panorama geral. **Historiæ**, v. 6, n. 2, p. 233–270, 2015. Acesso em: 10 abr. 2024. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5594>

GRANJA, Karolyne Soares Barboza; NEVES, Raul Henrique Silva; CALLES, Ana Carolina do Nascimento. Resposta fisiológica sobre o efeito da altitude no exercício: uma revisão. **Cadernos de Graduação**, Maceió, v.3, n. 3. p.71-80, nov. 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/fitsbiosauade/article/view/3259/2013>. Acesso em: 05 mai. 2023.

GOMES, Christianne Luce. Lazer, cultura e a produção de sentidos. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 10-24, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/430>. Acesso em: 1 mai. 2024.

GOMES, Christianne Luce; MELO, Victor Andrade de. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidades de pesquisa. **Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 23–44, mai. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2661> . Acesso em: 12 mar. 2024.

GOMES, Ana Maria Rabelo; FARIA, Eliene Lopes; BERGO, Renata Silva. Aprendizagem na/da etnografia: reflexões conceitual-metodológicas a partir de dois casos bem brasileiros. *Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade*, [S.l.], v. 28, n. 56, p. 116-135, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/7840>. Acesso em: 12 set. 2023.

GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz. Justo una idea: la aventura de pensar. In: GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz *et al.* **La aventura**: Justo una idea. Madrid: La Línea Del Horizonte, 2016.

ICMBio. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. **Plano de Manejo do Parque Nacional do Caparaó**. Brasil: Ministério do Meio Ambiente, 2015.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; PERETI, Éden Silva; SILVA, Ana Paula Salles e; LISENFELD, Patrícia Athaydes. Travessuras e artes na natureza: movimentos de uma sinfonia. In: DAMIANI, Iara Regina; SILVA, Ana Márcia. (Orgs). **Práticas corporais**: Experiências em Educação Física para uma formação Humana. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005a. p.81-105.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus; PERETI, Éden Silva; SILVA, Ana Paula Salles e; LISENFELD, Patrícia Athaydes. Bastidores das práticas de aventura na natureza. In: DAMIANI, Iara Regina; SILVA, Ana Márcia. (Orgs). **Práticas corporais**: Experiências em Educação Física para uma formação Humana. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005b. p.69-88.

INGOLD, Tim. Movement, knowledge and description. In: PARKIN, David; ULIJASZEK, Stanley (orgs.). **Holistic Anthropology**: Emergence and Convergence. Oxford: Berghahn Books, 2007. p. 194-209.

INGOLD, Tim. **Estar Vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. A temporalidade da paisagem. *In*: BESSA, Altamiro Sérgio Mol (Org). **A unidade múltipla: ensaios sobre paisagem**. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2021.

JORGE, Marcial Cotes. Saberes profissionais dos condutores de trilhas de longa duração para atuação em parques nacionais: contribuições para formação inicial em Educação Física. 2016. 188f. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

KAWAGUCHI, Renata Castro Cardias; ANSARAH, Marília Gomes dos Reis. De tours gastronômicos à “comidas de ruas”: múltiplos sabores na cidade de São Paulo pela perspectiva do turismo de experiência. *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, XI, 2014, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ANPTUR, 2014. Disponível em: <https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/11/27.pdf>. Acesso em: 15 set. 2024.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura um conceito antropológico**. 22 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2008

LE BRETON, David. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver**. Campinas: Autores Associados, 2009.

LE BRETON, David. Para una antropología de la aventura. *In*: GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz *et al.* **La aventura: Justo una idea**. Madrid: La Línea Del Horizonte, 2016.

LENOBLE, Robert. **História da ideia de natureza**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2002.

LUNA, Sérgio Vasconcelos de. **Planejamento de pesquisa uma introdução**. São Paulo: EDUC, 1996.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e Educação**. 12 ed. Campinas: Papirus, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva. Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARINHO, Alcyane. Lazer, natureza e aventura: compartilhando emoções e compromissos. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, [S.l.], v. 22, n. 2, p. 143-153, jan. 2001. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/418/343>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MARINHO, Alcyane. Lazer, meio ambiente e turismo: reflexões sobre a busca pela aventura. **Licere**, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, abr. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/download/941/734/3735>. Acesso em: 12 mai. 2024.

MARINHO, Alcyane. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza **Movimento**, Rio Grande do Sul, v. 14, n. 2, p. 181-206, mai-ago. 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115315219010.pdf> Acesso em: 13 mai. 2023.

MARINHO, Alcyane. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In: BERNARDES, Luciano Andrade (Org). **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. São Paulo: Phorte, 2013. p. 24-38.

MASSINI, Victor Silveira; VALE, Cláudia Câmara; FONSECA FILHO, Ricardo Eustáquio. Uma visão da gestão da oferta do Turismo de Natureza no Parque Nacional do Caparaó (ES/MG). **Caderno Virtual de Turismo**, [S.l.], v. 21, n. 3, p. 17-32, 2021. Disponível em: <https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/1838>. Acesso em: 13 abr. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A natureza**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

PADILHA, Valquíria. Tempo livre. In: GOMES, Christianne Luce (Org). **Dicionário crítico do lazer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PAGNUSSAT, Eduarda Cividini; VALLE, Natália Mira; OLIVEIRA, Alini Nunes de; VALDUGA, Vander. A produção científica sobre café e hospitalidade. **Cultur**, [S.l.], ano 15, n. 2, nov. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/2963/2160>. Acesso em: 10 ago. 2024.

ROGER, Alain. **Breve tratado del paisaje**. Madrid: Biblioteca Nueva. 2007

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, Antonio Carlos. Simmel, tradução e aventura. **Cadernos de tradução**, Florianópolis, n. 33, p.189-198, jan/jun. 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Elisangela Maria Barbosa. **Parques por decreto**: um estudo de caso do Parque Nacional do Caparaó. 2004. 184f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Minas Gerais, Departamento de História, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SAVATER, Fernando. Leer, ler y ler. In: GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz *et al.* **La aventura**: Justo una idea. Madrid: La Línea Del Horizonte, 2016.

SERRES, Michel. **Variações sobre o corpo**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XXI**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SCHWARTZ, Gisele Maria; CAMPAGNA, Jossett; TAVARES, Giselle Helena. As atividades de aventura e a configuração do estilo pró-ativo no lazer. *In*: PEREIRA, Dimitri Woo *et al.* (Org.). **Entre o urbano e a natureza**: a inclusão na aventura. São Paulo: Lexia, 2011. p. 75-88.

SILVA, Ana Márcia. Entre o corpo e as práticas corporais. **Rev. ARQUIVOS em MOVIMENTO**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v. 10, n.1, p. 5-20, jan/jun. 2014. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/20598/3/Artigo%20-%20Ana%20M%C3%A1rcia%20Silva%20-%20202014.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

SIMMEL, Georg. A Aventura. *In*: SOUZA, Jessé; ÖELZE, Berthold. **Simmel e a modernidade**. Brasília: UnB, 2005.

SIMMEL, Georg. Para una psicología filosófica. La aventura. *In*: GUTIÉRREZ, Carlos Muñoz *et al.* **La aventura**: Justo una idea. Madrid: La Línea Del Horizonte, 2016.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas**: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940). Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, Carmen Lúcia. Três notas sobre natureza, educação do corpo e ordem urbana (1900-1940). *In*: SOARES, Carmen Lucia. **Uma educação pela natureza**: a vida ao ar livre, o corpo e a ordem urbana. Campinas: Autores Associados, 2016. p. 9-46.

SOUZA, Leandro Ricarte Castro de. MILANEZ, Bruno. Comunidades e unidades de conservação: conflitos socioambientais de segunda ordem no entorno do Parque Nacional do Caparaó. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 20, n. 69, p. 403-420, mar. 2019. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/41421>. Acesso em: 20 mai. 2022.

STEBBINS, Robert A. Quando o trabalho é essencialmente lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 10-24, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/433>. Acesso em: 15 set. 2024.

TIRIBA, Léa. Crianças e natureza: desemperrar para educar. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: MEC, 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>. Acesso em: 3 abr. 2023.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TUAN, YI-FU. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, YI-FU. **Topofilia**. Londrina: Eduel, 2012.

VALLEJO, Luiz Renato. Unidades de conservação: uma discussão teórica à luz dos conceitos de território e de políticas públicas. **GEOgraphia**, v. 4, n. 8, p. 57-78, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13433>. Acesso em: 10 mar. 2023.

VANÇO, Vanessa. Percepção ambiental dos moradores e turistas em relação ao Parque Nacional do Caparaó. 2018. 50f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

VIERA, Valéria Rieger; SILVA, Júnior Vagner Pereira da. Barreiras à prática de atividades físicas no lazer de brasileiros: revisão sistemática. **Pensar a prática**, Goiânia, v. 22. p. 1-22, 2019. Disponível em https://www.researchgate.net/profile/Junior-Silva-6/publication/337708170_Barreiras_a_pratica_de_atividades_fisicas_no_lazer_de_brasileiros_revisao_sistematizada/links/5e646fa44585153fb3ca1e0c/Barreiras-a-pratica-de-atividades-fisicas-no-lazer-de-brasileiros-revisao-sistematizada.pdf Acesso em: 10 mai. 2023.

VIEIRA, Lucimar de Fátima dos Santos. **A valoração da beleza cênica da paisagem do bioma pampa do Rio Grande do Sul**: proposição conceitual e metodológica. 2014. 251f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106341>. Acesso em: 10 nov. 2024.

WARREN, Karen. Women's Outdoor Adventures: Myth and Reality, agos, 1985. **Journal of Experiential Education**, [S.l.], v. 8, n. 2, p. 10-15. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/105382598500800203>. Acesso em: 10 mai. 2023.

WARREN, Karen; MITTEN, Denise; LOTZ, ERIN. The Gendered Hidden Curriculum of Adventure. **Journal of Experiential Education**, [S.l.], v. 42, n. 3, nov. 2018. Acesso em: 10 mai. 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1053825918813398>

Anexo 1 - Autorização SISBio para realização da pesquisa no Parque Nacional do Caparaó.



Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBio

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 89016-1	Data da Emissão: 30/05/2023 08:35:30	Data da Revalidação*: 30/05/2024
De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Luiz Gustavo Nicácio	CPF: 014.904.586-70
Título do Projeto: Práticas e experiências: o lazer no Parque Nacional do Caparaó	
Nome da Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais	CNPJ: 17.217.985/0001-04

Cronograma de atividades

#	Descrição da atividade	Início (mês/ano)	Fim (mês/ano)
1	Observação e entrevistas com visitantes do PARN Caparaó	08/2023	12/2023

Observações e ressalvas

1	Deve-se observar as recomendações de prevenção contra a COVID-19 das autoridades sanitárias locais e das Unidades de Conservação a serem acessadas.
2	Esta autorização NÃO libera o uso da substância com potencial agrotóxico e/ou inseticida e NÃO exime o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de atender às exigências e obter as autorizações previstas em outros instrumentos legais relativos ao registro de agrotóxicos (Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989, Decreto nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, entre outros).
3	Esta autorização NÃO libera o uso da substância com potencial agrotóxico e/ou inseticida e NÃO exime o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de atender às exigências e obter as autorizações previstas em outros instrumentos legais relativos ao registro de agrotóxicos (Lei nº 7.802, de 11 de julho de 1989, Decreto nº 4.074, de 4 de janeiro de 2002, entre outros).
4	O titular de autorização ou de licença permanente, assim como os membros de sua equipe, quando da violação da legislação vigente, ou quando da inadequação, omissão ou falsa descrição de informações relevantes que subsidiaram a expedição do ato, poderá, mediante decisão motivada, ter a autorização ou licença suspensa ou revogada pelo ICMBio, nos termos da legislação brasileira em vigor.
5	As atividades de campo exercidas por pessoa natural ou jurídica estrangeira, em todo o território nacional, que impliquem o deslocamento de recursos humanos e materiais, tendo por objeto coletar dados, materiais, espécimes biológicos e minerais, peças integrantes da cultura nativa e cultura popular, presente e passada, obtidos por meio de recursos e técnicas que se destinem ao estudo, à difusão ou à pesquisa, estão sujeitas a autorização do Ministério de Ciência e Tecnologia.
6	Este documento somente poderá ser utilizado para os fins previstos na Portaria ICMBio nº 748/2022, no que especifica esta Autorização, não podendo ser utilizado para fins comerciais, industriais ou esportivos. O material biológico coletado deverá ser utilizado para atividades científicas ou didáticas no âmbito do ensino superior.
7	Este documento não dispensa o cumprimento da legislação que dispõe sobre acesso a componente do patrimônio genético existente no território nacional, na plataforma continental e na zona econômica exclusiva, ou ao conhecimento tradicional associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica, bioprospecção e desenvolvimento tecnológico. Veja maiores informações em www.mma.gov.br/ogen .
8	O titular de licença ou autorização e os membros de sua equipe deverão optar por métodos de coleta e instrumentos de captura direcionados, sempre que possível, ao grupo taxonômico de interesse, evitando a morte ou dano significativo a outros grupos; e empregar esforço de coleta ou captura que não comprometa a viabilidade de populações do grupo taxonômico de interesse em condição in situ.
9	Esta autorização NÃO exime o pesquisador titular e os membros de sua equipe da necessidade de obter as anuências previstas em outros instrumentos legais, bem como do consentimento do responsável pela área, pública ou privada, onde será realizada a atividade, inclusive do órgão gestor de terra indígena (FUNAI), da unidade de conservação estadual, distrital ou municipal, ou do proprietário, arrendatário, posseiro ou morador de área dentro dos limites de unidade de conservação federal cujo processo de regularização fundiária encontra-se em curso.
10	Em caso de pesquisa em UNIDADE DE CONSERVAÇÃO, o pesquisador titular desta autorização deverá contactar a administração da unidade a fim de CONFIRMAR AS DATAS das expedições, as condições para realização das coletas e de uso da infraestrutura da unidade.

Este documento foi expedido com base na Instrução Normativa nº Portaria ICMBio nº 748/2022. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 0890160120230530

Página 1/3



Ministério do Meio Ambiente - MMA
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio
Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 89016-1	Data da Emissão: 30/05/2023 08:35:30	Data da Revalidação*: 30/05/2024
De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Luiz Gustavo Nicácio	CPF: 014.904.586-70
Título do Projeto: Práticas e experiências: o lazer no Parque Nacional do Caparaó	
Nome da Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais	CNPJ: 17.217.985/0001-04

Outras ressalvas

1	1.O pesquisador titular deverá agendar as atividades em campo no interior da UC com no mínimo 15 dias de antecedência; reservas de alojamento são realizadas por ordem cronológica e mediante envio de cópia da autorização para: pesquisa.pncaparao@icmbio.gov.br ; 2.A divulgação de atividades e resultados deverá citar expressamente o nome do PARNA Caparaó - ICMBio e, pelo menos um exemplar de cada tipo de impresso que venha a ser produzido, deverá ser doado ao acervo da UC.	PARNA do Caparaó
---	---	------------------

Locais onde as atividades de campo serão executadas

#	Descrição do local	Município-UF	Bioma	Caverna?	Tipo
1	Parque Nacional do Caparaó	MG	Mata Atlântica	Não	Dentro de UC Federal

Atividades

#	Atividade	Grupo de Atividade
1	Pesquisa socioambiental em UC federal	Dentro de UC Federal

Este documento foi expedido com base na Instrução Normativa nº Portaria ICMBio nº 748/2022. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICMBio na Internet (www.icmbio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 0890160120230530

Página 2/3



Ministério do Meio Ambiente - MMA

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - ICMBio

Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO

Autorização para atividades com finalidade científica

Número: 89016-1	Data da Emissão: 30/05/2023 08:35:30	Data da Revalidação*: 30/05/2024
De acordo com o art. 28 da IN 03/2014, esta autorização tem prazo de validade equivalente ao previsto no cronograma de atividades do projeto, mas deverá ser revalidada anualmente mediante a apresentação do relatório de atividades a ser enviado por meio do Sisbio no prazo de até 30 dias a contar da data do aniversário de sua emissão.		

Dados do titular

Nome: Luiz Gustavo Nicácio	CPF: 014.904.588-70
Título do Projeto: Práticas e experiências: o lazer no Parque Nacional do Caparaó	
Nome da Instituição: Universidade Federal de Minas Gerais	CNPJ: 17.217.985/0001-04

Registro de coleta imprevista de material biológico

De acordo com a Instrução Normativa nº 03/2014, a coleta imprevista de material biológico ou de substrato não contemplado na autorização ou na licença permanente deverá ser anotada na mesma, em campo específico, por ocasião da coleta, devendo esta coleta imprevista ser comunicada por meio do relatório de atividades. O transporte do material biológico ou do substrato deverá ser acompanhado da autorização ou da licença permanente com a devida anotação. O material biológico coletado de forma imprevista, deverá ser destinado à instituição científica e, depositado, preferencialmente, em coleção biológica científica registrada no Cadastro Nacional de Coleções Biológicas (CCBIO).

[illegible]

* Identificar o espécime do nível taxonômico possível.

Este documento foi expedido com base na Instrução Normativa nº Portaria ICBMIO nº 748/2022. Através do código de autenticação abaixo, qualquer cidadão poderá verificar a autenticidade ou regularidade deste documento, por meio da página do Sisbio/ICBMIO na Internet (www.icbmio.gov.br/sisbio).

Código de autenticação: 0890160120230530

Página 3/3

APENDICÊS

Entrevista Josias

Data: 09 de fevereiro de 2024

Local: Alto Caparaó – MG

Entrevistado: Josias

Entrevistador: Luiz Gustavo Nicácio

Luiz: Seu Josias, primeiro, agradecer o senhor de novo...

Josias: Ó...Tamos às ordi.

Luiz: De ter a honra de conversar com o senhor aqui, e aí, como eu falei para o senhor, essa é uma pesquisa que está preocupada em entender um pouco mais do que as pessoas têm buscado aqui no Parque. E o senhor é uma referência como guia, tem muito tempo de história e a gente...é... eu e meu orientador, a gente conversou muito da importância de ouvir uma pessoa como o senhor. // **Josias:** Tá bão. // **Luiz:** Para começar conversando com o senhor, é... o senhor nasceu aqui em Alto Caparaó? Conta um pouco para a gente dessa história do senhor aqui.

Josias: Eu nasci em Vale Verde.

Luiz: No Vale Verde...

Josias: É... dentro do Parque, que já era um Parque mas, ainda num era oficial não. Era... o nosso parque até 75 foi particular... Cada proprietário aqui embaixo tinha uma casa lá em pra por boi. Aí, de 75 pra frente que ficou oficial. Aí, mudou tudo mesmo. O governo foi de cima pra baixo, né. As últimas coisas que ele comprou ali para consertar e fazer a portaria, ele comprou sete propriedades por baixo aqui...

Luiz: E aí, isso é 75...

Josias: É... 75 pra frente.

Luiz: O senhor nasceu em que ano?

Josias: Em 62.

Luiz: Então, o senhor é de um ano depois do...?

Josias: É, o Parque é de 61... // **Luiz:** e o senhor de 62...// **Josias:** E eu sou de 62.

Luiz: O senhor cresceu a infância toda dentro do parque.

Josias: Cresci, quando eu nasci lá era... do Vale Verde tinha a portaria, tinha 3 proprietário que morava ali mesmo.

Luiz: A vida, a infância do senhor era ali...

Josias: Isso! O que enriqueceu nosso lugar foi o Governo federal, assim que ele comprou lá em cima, que o pessoal parou de recriar boi, e nisso o café deu preço... no que deu preço, eles voltaram tudo pra plantar café.

Luiz: Então, o café, nessa época, não era forte aqui?

Josias: Não era não, o café até 75 não tinha preço não.

Luiz: Ahh...

Josias: Era uma lavoura prantada pra cima assim, e não tinha preço direito... Aí, de 75 pra frente, o café panhou preço. Aí, veio esse rapaz, da fazenda Ninho da Águia, que é o Clayton. Começou esse café de pontuação, que foi ele que começou... Aí, que valorizou o café.

Luiz: E o pessoal todo foi...

Josias: Aí, todo mundo faz isso hoje... faz um café mais caro, né. Aí, valorizou demais a nossa região demais agora, antes nós era pobre... Até 75, nós não tinha asfalto aqui, de Jequitibá até aqui. Tinha praticamente nada, essa rua nossa era tudo de chão, o turismo enriqueceu o nosso lugar, o turismo se torna mais que o café, o turismo enriqueceu mais, porque o turismo é dinheiro na hora. E todo dia tem gente, pouco ou muito, todo dia tem. E o café é uma vez por ano. E o café, tem aquele vai e volta... Ele pode dar mil, pode dar mil e quinhentos, mas pode chegar depois de amanhã e ele tá 800 conto também. O turismo não, o turismo vive da hora.

Luiz: Toda hora tem gente chegando.

Josias: Toda hora tem.

Luiz: E o senhor, morou lá dentro do Parque de 62 até 75?

Josias: Não. Depois, eu nasci lá, depois meu pai mudou.

Luiz: Aí, ele veio aqui para Alto?

Josias: Aí, ele veio pra baixo cá...

Luiz: Pra baixo cá, mas o senhor continuou frequentando ali?

Josias: Continuei, mexi com boi direto praquele lado lá...

Luiz: De infância já tava lá...

Josias: Tava brincando com gado, dando sal...

Luiz: E quando o senhor era pequeno ali, para poder ir para as cachoeiras, era parte da vida do senhor também?

Josias: Não. Nessa época quase não tinha visitante.

Luiz: Mas para o senhor. O senhor ir para se divertir.

Josias: Não, divertimento, nessa época, quase que a gente num tinha não.

Luiz: Por tá trabalhando?

Josias: Eu fui criado fora dos meus pais, aí, nós não tinha mordomia quando era novo não. Eu conheci cachoeira depois que comecei a mexer com turismo. Conhecia sim, mas comecei a ir nela, né...

Luiz: Tendi. E o senhor começa a mexer com turismo quando?

Josias: Rapaz, eu não marquei quando eu comecei não. Eu sei que eu comecei novo, a primeira vez que eu subi lá em cima... Eu comecei lá mexendo com boi, eu tinha 8 anos.

Luiz: Aí, o senhor foi até o Pico?

Josias: É, com oito anos de idade eu comecei a ir lá. Eu peguei tudo que era tempo lá, chuva de tudo que é jeito, vento de tudo que é jeito...

Luiz: E, às vezes, o senhor tinha que subir por causa de boi mesmo?

Josias: É, nós ficava semana pra lá tinha vez. Às vezes, chegava lá e faltava uma criação que estava no campo de outro, aí nós tinha que procurar e lá é muito grande, é trinta e uma mil hectares e meia de montanha... E às vezes, tava longe, mas tinha que ficar pra lá, não voltava no mesmo dia não.

Luiz: Ficava uma semana lá pro alto... por Terreirão afora ali?

Josias: É, porque tinha seis ranchos lá em cima, dos proprietário que tinha boi lá...

Luiz: Nesse pedaço que é trilha hoje?

Josias: É... seis rancho lá em cima.

Luiz: E aí, o senhor via... com essa coisa do turismo e já deixa a coisa do boi, ou continua fazendo as duas coisas ao mesmo tempo?

Josias: Não, o gado acabou, né? Hoje eu mexo com... de vez em quando, quando aparece uma viajinha, minha sobrinha, meu sobrinho me chama. Quando não tem, eu mexo com jardim, mas tenho mexido mais com jardim até do que ido lá em cima... Mexo muito com jardim.

Luiz: Aqui mesmo, na região?

Josias: É, nas pousadas também. Aí, eu / mas se aparecer uma viajinha, eu vou lá... Se não aparecer, de vez em quando, pra passear, eu saio andando a pé daqui, vou lá e volto também.

Luiz: Passeando... // **Josias:** Andando a toa, mesmo, né.// **Luiz:** [risos] Andando a toa até o Pico é muito chão.

Josias: É um passeio bom, né?

Luiz: Então, hoje para o senhor, o Parque é mais para passear do que...

Josias: É, porque quando tinha menos guia, tinha vez, deu ir lá no passeio do dia com o pessoal, chegar aqui de tarde e voltar de novo. Hoje tem muito guia, aí, se sobrar uma viajinha eu faço, se não sobrar... Mas, eu fico feliz dos guia ir, porque eu já fui demais também. Mas não rejeito não, se sobrar uma viajinha, eu vou na hora.

Luiz: Começar a misturar as coisas, por isso que é bom a entrevista do jeito de conversa, que o senhor vai contando e eu vou pescando... Mas, se o pessoal procurar o senhor assim, vai lá na agência e fala: _ Eu quero ir com o Josias.

Josias: Aí, a menina, minha sobrinha vai lá e me avisa.

Luiz: E o pessoal quer escutar o senhor contar um pouco do parque...

Josias: Eles gosta... eles gosta que eu conto umas história pra eles.

Luiz: Como o senhor vê esse pessoal que tem vindo? Às vezes, esse pessoal pede ao senhor especificamente alguma coisa no Parque? Como que chega numa cachoeira ou a maior parte do povo quer ir pro Pico da Bandeira?

Josias: Rapaz, depende do tanto de dia que o visitante vai ficar na região. Se for aquele que chega hoje e vai visitar o Pico amanhã e vai embora depois, ele não vai em cachoeira não. Mas, quando ele tá com tempo, aí nós vamo divulgando para ele: _ Tem uma cachoeira, tem outra, tem outra. Para ele escolher qual que ele quer ir.

Luiz: E aí, normalmente, tem mais desse pessoal que vem, vai no Pico e já vai embora, ou...

Josias: Tem também. Tem, sobe no Pico e já vai embora também.

Luiz: No mesmo dia?

Josias: No mesmo dia. Chega uma turma nova, vai lá, visita e de tarde vai embora. Acontece bem também.

Luiz: E o senhor faz os dois lados aqui de Minas e do Espírito Santo?

Josias: Faz, a primeira vez que eu passei pro lado de lá, a trilha que tem lá da portaria até a Casa Queimada... A estrada que tem lá é uma trilha que passava só a cavalo e a pé. Eu tinha 12 anos na época.

Luiz: Lá tem um pouco menos de facilidade pra gente subir, né? Pra carro subir...

Josias: Não... Lá é muito pior que aqui. Os dois jeitos lá é pior. A estrada de carro é muito ruim e a subida por lá é menas, mas é mais ruim pra subir também. Com 4,5, mas é mais ruim para subir.

Luiz: Mais puxado, né?

Josias: É, o nosso aqui é mais fácil.

Luiz: E o senhor, para essas coisas das cachoeiras aqui, como é que o pessoal escolhe para isso para as cachoeiras? Eles só: _ Oh, Josias, o que você indica? Ou alguém já ouviu falar das cachoeiras e quer ir para alguma específica?

Josias: Hoje em dia, companheiro, é muito fácil. Que eles vê na internet e tudo. Aí, eles chegam aqui e eles escolhem qual que eles querem para mim levar eles.

Luiz: Costuma chegar alguém e falar: _Seu Josias, eu quero passear no Parque, onde que senhor me leva?

Josias: Eu levo também.

Luiz: Mas...além de cachoeira, para onde mais o pessoal gosta de ir, onde mais você gosta de levar?

Josias: Aqui, nós temos as cachoeiras, temos o entorno em volta do Parque que é 145km, tem o Pico da Bandeira, tem o Calçado, tem o Cristal... Aí, o turista que vai escolher o que que ele quer. Ele escolhe, e nois leva ele.

Luiz: E agora o pessoal tem chegado já com alguma coisa pronta, porque vê na internet...

Josias: Ah, já vem tudo preparado, né? E tem aquele que gosta mais de facilidade, chega aqui, aluga com a menina que aluga barraca, lanterna, cajado...

Luiz: Chega sem nada...

Josias: E aluga, porque depois, não tem nada para levar embora, é fácil para eles também.

Luiz: Essa coisa...tava conversando com a Kelly aqui antes, que, eu tava na padaria e ouvi a menina da padaria, não lembro o nome dela agora...

Josias: Deve ser a Carla, né?

Luiz: É... Porque eu tava na dúvida se subia ou se não ia. E ela falou que o senhor falou assim: _ Hoje tá um dia que vai ficar tranquilo lá, o tempo vai sustentar... E na hora que ela falou, eu lembrei de tudo que já tinham contado do senhor e eu falei assim: _ Opa, vou subir!

Josias: Arram!

Luiz: E fui subir... Como que é essa história de que o senhor conhece a montanha? Como que é essa relação que o senhor tem com a montanha?

Josias: Rapaz, a gente tem boas marcas. A primeira marca que eu tenho é assim: Da lua, sobre a lua e sobre o vento. Se eu tiver lá em cima, e se eu descer de lá, e você me perguntar se chove lá, eu falo: ou não ou sim. Se eu falar sim é porque chove, e se eu falar não, pode ficar tranquilo que não chove. Eu sei pelo vento também... E o segredo da lua é ela nascer vermelha, ela apontou vermelha na montanha, aquele arquinho vermelhinho no céu, pode contar com chuva que vem mesmo. E o vento, tem que vir tá pra lá pra não chover, e de cima pra baixo, chove. Esses dias, pergunta a Jane, é difícil uma noite que não dá uma chuva. O vento tá assim... é o mar jogando pra cá...e subindo é o mar puxando, aí não tem perigo de chuva não.

Luiz: Então, quando tá subindo...Menos chance de chover?

Josias: É, aí não chove não. A chance de chuva é se ele descer.

Luiz: E o pessoal que tem vindo para subir com o senhor... O pessoal tá preparado para subir?

Josias: Poucos...Poucos tão preparados. // **Luiz:** [risos] // o pessoal não tá muito preparado não.

Luiz: O pessoal assusta, às vezes?

Josias: O pessoal, eles falam que andam lá na cidade deles, quando começa a trilha ou quando tá contratando a gente aqui. Eles falam, perguntam a quilometragem para a gente e falam: _ Ah, eu ando é 10km, 15km por dia...

Mas anda em lugar que não tem altitude, em altitude é diferente. Altitude não é a mesma coisa que lugar baixo... tem gente demais.

Luiz: E o pessoal vai ficando irritado? Se tem pressa das coisas, tá doido pra chegar no Pico logo.

Josias: Não! E vê que não, eles volta atrás... Eles mesmos pedem pra voltar que não dá eles ir não.

Luiz: Vai chegando mais ou menos ali no Terreirão...

Josias: É, chega até ali no Terreirão, tem uns que nem até o Terreirão num vai.

Luiz: Já desiste e pede para voltar.

Josias: Arram. Um dia eu recebi um rapaz da Alemanha, um fortão... Aí, muito que ele andou na trilha foi uns 600 metros só... Aí, ele falou comigo assim: _ Será que eu consigo ir no Pico? Aí, eu: _ Se você conseguir chegar lá, eu tenho que deixar ocê lá, descer e pedir o pessoal do Parque para pedir um helicóptero de Belo Horizonte pra vir buscar você, que ocê não desce depois não.

Luiz: [risos]

Josias: Se tá difícil a subida, a descida é pior...

Luiz: É puxado...

Josias: É, a descida é pior que a subida.

Luiz: Ah, o senhor guia tanto de madrugada...

Josias: Não, à noite eu não tenho ido mais não. Só no passeio do dia mesmo. Tem muito tempo que eu parei de ir à noite. E... muito tempo...

Luiz: E de dia tem essa coisa, subiu tá mais fresquinho, mas descendo tem muito sol, né?

Josias: É, por isso que é bom subir mais cedo. Melhor pegar o sol descendo, do que pegar ele subindo..

Luiz: E das cachoeiras assim, o pessoal fica com vontade de ir em muita cachoeira num dia só?

Josias: Fica! Mas não dá! Fica querendo visitar mais, mas, não tem jeito não.

Luiz: Não aproveita muito...

Josias: Agora no verão é mais ou menos, que o dia é grande, né? Mas, no inverno, até que sobe alguém para a cachoeira, é mais para o Pico Bandeira. Mas, no inverno, o dia é pequeno. No mês de junho o dia é pequeno demais.

Luiz: Aí, não dá pra fazer muita coisa...

Josias: Dá não. Dá pra fazer coisa demais não.

Luiz: Aqui de baixo dá do pessoal, às vezes, ir ali no Vale Verde mesmo, o senhor também guia ali?

Josias: Levo também. Igual te falei, o pessoal chamou, o lugar que chamar, a gente vai.

Luiz: O que tiver tá indo...

Josias: Arram.

Luiz: E é muita gente de fora? O senhor falou de um moço da Alemanha.

Josias: É, esse moço era da Alemanha...

Luiz: Vem muita gente de fora do país? Que vem...

Josias: Iiiiiiih, vem demais! Vem de tudo que é lugar!

Luiz: O pessoal tá usando isso aqui para treinar para alguma coisa? Pra conhecer mesmo?

Josias: Não, tem agora é essa corrida de montanha, né? Que eles vêm de longe também. Mas, mesmo turista, há muitos anos que eles vêm aqui, de fora...

Luiz: Vai ter corrida agora... é mês que vem?

Kelly: Sim, em março e maio.

Josias: É.

Luiz: Tem duas, então. Para o pessoal montar essa corrida, eles chegaram a cogitar conversar com o senhor? Para pensar o caminho, coisa assim?

Josias: Não, comigo não.

Luiz: Com os guias aqui da região. O senhor sabe se?

Kelly: Procuraram bastante para ajudar a mapear, né. Para mapear o trajeto.

Luiz: É um outro jeito de viver isso aí, né? Apressado, correndo...

Josias: É! É bão pra nós, pro lugar...

Luiz: Traz mais gente, né?

Josias: É. ué. Igual eles faz todo ano aqui um encontro de moto.

Luiz: De moto?

Josias: É bonito, traz dinheiro demais pro lugar.

Kelly: Com certeza.

Josias: Porque vem moto de tudo quanto é lugar.

Luiz: Mas, pra entrar no Parque não pode entrar de moto.

Josias: Não, no Parque não. Eles fazem aqui embaixo. Aí, espalha aqui... bão pro lugar. Aí, depois sobe de carro, porque a moto vai até a portaria.

Luiz: E o senhor falou do café vir depois de 75, né?

Josias: É, ficou bom depois dessa época.

Luiz: Esses tempos pra agora que eu tô vindo fazer a pesquisa, eu ouvi muita gente preocupada em tomar um café lá no Pico. Isso é coisa que o senhor já viu há muito tempo ou o povo começou com essa coisa mais recente?

Josias: Ah, já tem bastante tempo que eles faz.

Luiz: De subir e querer tomar um cafézinho...

Josias: É, eles faz um cafézinho lá no Pico. Hoje em dia, faz as cafeterinhas pequeninha, jeitosas, para carregar, né? Faz o café com facilidade lá em cima.

Luiz: Eu vi no Pico, muito no Pico... Vi muito aqui embaixo também o pessoal fazendo, pra cachoeira também leva.

Josias: Leva também.

Luiz: E é muito café da região mesmo, que o pessoal // **Josias:** É café da região mesmo aqui.//

Luiz: E como que o senhor vê essa coisa do café, o pessoal levando o café pra dentro do parque, vir pro Parque e começar a ver o café?

Josias: Ah, eles toma lá e depois ficam aqui fazendo propaganda, né? Cada um, um que mexe com café, vai e leva o café, e faz ele lá para o pessoal que tá com ele, aí compra dele... aí depois muda de gosto, compra de outro também. O café da região toda aqui é bão. O café nosso aqui não tem café ruim não. Pro lado que você for tomar café, o café é bão.

Luiz: O senhor falou ali, do Ninho da Águia.

Josias: É, a fazenda Ninho da Águia. Quem começou foi eles.

Luiz: Tem muito da... dessa coisa de... era terreno do pessoal e foi dando, vendendo pro estado... depois..

Josias: Foi! Ali, foi o seguinte: os mais antigos foram vendendo pros mais novos da família até chegar no ponto do governo comprar, né? Aí, o Governo Federal comprou, para virar área reserva, né?

Luiz: E... o pessoal que é mais ativo aqui, que conhece aí pra cima... Ali tem o... Rancho dos Cabrito.

Josias: Isso! Ali tem.

Luiz: Ali também era coisa das famílias daqui debaixo, né?

Josias: É, propriedade dos daqui debaixo.

Luiz: E muita coisa que era daquela época de... marcando algumas coisas /

Josias: Dos ranchos lá, não sobrou nenhum... Veio um fogo em 94 e queimou os ranchinhos de tábua tudo...Tinha uns ranchinho de tábua direitinho lá.

Luiz: E podia fazer fogueira antes lá dentro, né?

Josias: Antigamente podia, hoje não pode mais não.

Luiz: O senhor lembra até quando podia fazer?

Josias: Não, não lembro não.

Luiz: Mas tem bastante tempo que não pode?

Josias: Tem muito tempo que parou.

Luiz: Isso é bom pra cuidar do Parque, né?

Josias: O que acontecia e o parque fez isso pelo seguinte: Às vezes, você vai faz uma fogueirinha lá, na hora de você sair pra fazer o nascer do sol, você larga apagada o fogo direitinho. Mas tem uns que não larga, aí o perigo é pegar e queimar a montanha todinha. Em 94, queimou quase tudo, no parque.

Luiz: Teve alguma coisa a ver com o pessoal fazendo fogueirinha?

Josias: Não, isso aí, foi um rapaz lá que falou: vou queimar um lugar lá pra plantar um catel. E o fogo saltou.

Luiz: Aí, espalhou tudo?

Josias: É, veio queimando tudo de lá pra cá assim...

Luiz: Desse pessoal que vai chegando aí pra levar as coisas... às vezes não tá preparando, então, lixo, de carregar os trem, largar os trem pra trás...

Josias: É.

Luiz: O que o senhor vê desse pessoal aí?

Josias: Rapaz, o ranchinho de pedra, teve uns dias que ficou fechado bastante dias, por causa desse causo que você tá falando aí. Porque a lei hoje é trazer o lixo pra baixo, né? Cá pra baixo mesmo, né? Eles tavam pegando e levando pra dentro do ranchinho de pedra que tem ali no Terreirão. Aí, o Parque fechou, agora que abriu de novo.

Luiz: O povo juntava e largava lá.

Josias: Um cado de preguiça de trazer pra baixo e jogava lá, lá no rancho.

Luiz: Do pessoal que tem começado a guiar, assim, tem muita gente que tem vindo de fora pra fazer esse trabalho ou é o pessoal da região mesmo?

Josias: É mais os daqui, mas sempre tem alguém de fora. Mas, os turistas, eles gostam mais dos guias do lugar, local, né? Eles não gostam desses guias de fora não.

Luiz: Porque tem uma relação com o lugar, né?

Josias: É... porque conhece tudo, conhece tempo direitinho... Um guia de fora não tem essa experiência nossa aqui não.

Luiz: E o senhor falou que, às vezes, sai, vai até o Pico para fazer uma caminhada...

Josias: De vez em quando, eu vou.

Luiz: E o senhor vai sozinho?

Josias: Sim, só eu... eu e Deus, né? [risos]

Luiz: Num tem um dia da semana que o senhor pensa, é um dia que deu vontade ou um dia que tá tudo organizado?

Josias: É se eu cismar de noite assim: _ Ah, amanhã, eu vou no Pico da Bandeira. Eu saio de casa às 5h da manhã e vou embora.

Luiz: E o senhor, vai a pé daqui debaixo?

Josias: Arram, vou tudo a pé.

Luiz: [risos] Nossa senhora, é chão pra daná.

Josias: É! Ida e volta dá 30km e 400 metros.

Luiz: É, o pessoal não tá subindo nem na Tronqueira, ali, quanto mais daqui debaixo.

Josias: Eles não aguentam não.

Luiz: E costuma, alguém procurar o senhor para subir direto daqui debaixo ou o pessoal normalmente sobe de /

Josias: Tem uns que vai. Inclusive, teve uma moça de Brasília, mas, nós fomos a pé e voltamos a pé. E ela foi bem, eu vi que ela foi bem. Tem uns que não vai preparado igual eu falei procê, mas tem uns preparado também. Tem gente que é bem preparada. Agora, não é todos não. De três partes, tem uma preparada, duas desapreparada. Foi o que eu falei com você, às vezes, a pessoa faz uma caminhadinha de uns 10km, uns 8, mas em lugar baixo, lugar alto é diferente. Lugar alto, a altitude bate no ser humano, bate demais.

Luiz: E essa coisa de sol, vento, de sentir muito frio, às vezes, o pessoal vem despreparado para isso também? Porque, às vezes, aguenta subir /

Josias: Não, ao contrário. Hoje em dia, eles tão vindo tudo é preparado, em matéria de agasalho, mas só que a maioria, às vezes, num sabe é usar o agasalho. Na hora de que tá lá acampado na Tronqueira, na hora de sair da Tronqueira, usa o agasalho todim, aí, geralmente vai suar, transpirar o corpo... Aí, aquele suor vira frio, aí, quem não sabe usar um agasalho, pode ser o mais ruim, que se souber usar, vale mais que o bão que eles têm. Porque eles põe tudo de uma vez pra sair, aí quando começar a suar, que depois, o suor vai virando frio pra eles. Agasalho... não pode usar agasalho em subida não.

Luiz: Vai suar tudo, né?

Josias: É, ué. Quando chega no terreirão...tem que saber usar o agasalho.

Luiz: Tem isso, não conhece... Às vezes, compra um negócio bom e num...

Josias: E não sabe usar, não adianta nada.

Luiz: Eu conheço o pessoal daqui do Caparaó mesmo, né... O pessoal da família dos Brinati. Aí, o pessoal conta muita história, que o pessoal mais antigo subia com blusa de algodão, e às vezes passava muito frio. O senhor lembra de alguma história de alguém chegar a morrer aí pra cima, por causa do frio... essas coisas?

Josias: É... o frio lá em cima é pesado. Não pensa que o frio de lá é igual ao daqui, que não é igual não. O frio lá é diferente. O frio de lá parece que entra no corpo da gente assim ó...

Luiz: E se você vem de uma caminhada e tá todo suado...

Josias: É igual o pessoal pergunta. Tem uns aqui no Caparaó que fala: _ Oh, Josias, o Caparaó esquentou.

Não, esquentou um pouquinho por causa dos calçamentos, é muito calçamento, hoje ele é grande. Mas o frio do Caparaó é o mesmo de antigamente, desde quando começou o Caparaó... Aqui, no inverno, a barra pesa, moço!

Luiz: Esfria aqui embaixo também?

Josias: Esfria aqui também. Só que, hoje em dia, tem muito calçamento, tem muita casa... Onde está esses cafezal era pasto, tudo ajudava esfriar mais um cadin também. Aí, hoje tem o café, aí é menos um pouquinho, né. O frio do inverno, toda a vida é o mesmo.

Luiz: Às vezes, acontece de alguém perguntar para o senhor antes de subir: _ Ah, que que eu faço? O que eu trago?

Josias: Geralmente, isso aí, é quem a gente leva para visitar durante o dia, aí ele fala assim: _ Ah, a segunda vez, eu vou vir à noite, o que eu trago?
Aí, a gente passa para ele o que tem que trazer.

Luiz: Entendi, o senhor orienta...

Josias: Aí, se ele falar: _ Como é que eu faço para alugar uma barraca? Uma lanterna. Aí eu falo assim: _ A minha sobrinha lá e o meu sobrinho que tem para alugar. Aí, eles passam aqui e alugam. Às vezes, eles não querem carregar peso, assim, para levar embora, né? Aí, aluga tudo aqui. Todo mundo vinha, alugava tudo aqui.

Luiz: É, eu tava falando com /

Josias: É, às vezes, é um bom negócio para a pessoa.

Luiz: É! Muita gente não tem, né?

Josias: E uns troço que a gente não vai usar quase nada. Então, é melhor alugar.

Luiz: Melhor alugar do que comprar e ficar deixando guardado.

Josias: Hoje em dia, eles gostam mesmo é de alugar. É mais fácil, né, Kelly?

Kelly: É. equipamento quando fica parado, ele ressaca. Se não for a pessoa que pratica mesmo, não vale a pena não.

Josias: Estraga tudo.

Luiz: E o senhor, quando guiava de noite, o senhor acampava ou?

Josias: Eu levava um saco de dormir.

Luiz: E dormia no saco de dormir?

Josias: É, quando era época da brigada, eu, de vez em quando, ficava na casa lá dos vigilantes lá da portaria, lá no Terreirão. Mas, se fosse um dia de semana que eles não tavam, aí, eu ficava naqueles cantinho de banheiro lá.

Luiz: O senhor levava o saco de dormir, então tava bão.

Josias: Arram. Dormia fácil.

Luiz: O senhor tá falando que dia de semana que não tem. De estrutura assim, que o governo... o senhor acha que precisava de um pouco mais de investimento com umas coisas? Porque, até um tempo atrás, pagava para entrar no parque...

Josias: Pagava.

Luiz: Hoje não paga mais. Esse dinheiro faz falta?

Josias: Mas, cê sabe por que parou de cobrar? Porque o governo tava só arrecadando o dinheiro, ele não tava mandando nada pra cá, para contratar ninguém... Então, assim, desanimaram, não voltava o dinheiro para o Parque. O parque, só passava na mão deles aqui e ia embora pra lá, o governo não mandava pra cá não. Aí, o chefe de Brasília falou: _ É melhor não cobrar não. Porque não tá adiantando nada. Não tá voltando nada para contratar ninguém.

Luiz: Quem cuida do Parque mesmo é o pessoal da região mesmo?

Josias: É, os brigadistas... Se depender de nós, nós ajuda também.

Luiz: Do pessoal, vindo aqui para o Parque para conhecer as coisas, o senhor quer falar alguma coisa, que o senhor acha que as pessoas têm aproveitado, tem vindo mais, tem ficado mais tempo?

Josias: Não, é dentro do acordo deles mesmo, né? Eles vão perguntando... A maioria pergunta, agora é mais um pessoal do seu tipo, pra mais um cadin. Mas, essa turma mais nova, meu filho, é só passear, colocar um fonezinho no ouvido e acompanhar eles pro Pico, eles não liga muito para saber muita coisa não. Tipo, nosso pessoal aqui mais novo.

Luiz: Vai e não presta muita atenção no que tá acontecendo...

Josias: Vai pelo compromisso de ir lá no Pico e voltar, só.

Luiz: Pra chegar e falar que foi no Pico. Tira uma foto lá em cima.

Josias: É... Subiu lá e voltar, chegar aqui e alguém perguntar alguma coisa: _ Ah, sei nada. Só fui lá e voltou, viu o Pico.

Luiz: Nem repara na Araucária que tem no meio do caminho. // **Josias:** Não, eles passa e fala: _ Nem vi!. Eles põe um fonezinho no ouvido assim, e vai entretido só naquilo ali e vai embora.

Luiz: E desliga de onde tá...

Josias: Arram.

Luiz: Vem preocupado com tirar alguma foto...

Josias: É, tem uns que nem foto não tira.

Luiz: Só vai... Às vezes, eu tava aqui na cachoeira do Bonito, sentado lá, vendo o pessoal chegando e voltando... Os meninos mais novo nem entra na água...

Josias: Só chega lá e fala um pro outro: _ Vamo embora, vamos para outra. [risos] É desse tipo, com a turma nova é desse tipo.

Luiz: Os meninos mais ou menos da minha idade pra frente é que gosta de...

Josias: É um outro tipo de geração, né? Diferente.

Luiz: Às vezes, eu venho para cá / O senhor já subiu com menino de escola? Com grupo de escola?

Josias: Já. Dá um trabalho, gente! A meninada é levada demais! Não tem jeito também, tem que fazer uns medo neles...

Luiz: Fazer uns medos. [risos]

Josias: É, fazer uns medos, pra ver se eles acompanham só a gente, né? Eles é difícil.

Luiz: Acontece de menino inventar de descer nos lugares onde não pode.

Josias: Acontece muito, rapaz! Bichinho é travesso mesmo! A gente tira e vai rindo, quando a gente era novo, fazia bagunça... A meninada hoje nem faz o que nós fazia. Hoje é menos, nós fazia mais. A meninada hoje não faz bagunça como nós fazia não. [risos]

Luiz: [risos] Mas também não aguenta muito não, né?

Josias: Não aguenta não, é diferente também... Nós era bagunceiro, Nossa Senhora!

Luiz: É... Fico pensando que eu também trago uns meninos pra cá de vez em quando, e é isso aí que o senhor tá falando...

Josias: É... entrar sozinho com uma turma de menino numa trilha não, que cê passa aperto.

Luiz: Aí, normalmente quando vem, quando vinha turma... o senhor sobe com mais guia também?

Josias: Tem que ter mais! Sozinho não dá conta não.

Luiz: E os professores chegam meio perdidos também?

Josias: Tem alguns que já veio, assim, e não fica muito perdido não. Mas tem alguns que nunca veio, aí tem que ter a gente.

Luiz: E vem escola de muito longe para cá?

Josias: De bastante lugar longe, de vários lugares aqui.

Luiz: Seu Josias, eu queria agradecer ao senhor, porque assim... // **Josias:** Valeu! //

Luiz: Deixa eu parar a gravação aqui.

Entrevista Amanda e Valéria

Data: 11 de fevereiro de 2024

Local: Alto Caparaó - MG

Entrevistadas: Amanda e Valéria

Entrevistador: Luiz Gustavo Nicácio

Luiz: De novo agradecer a vocês, né? A disponibilidade de rancar de vir aqui para a gente poder conversar. Acho que é importante a gente trazer para esse trabalho a experiência que vocês tem, essa vinculação com o parque... E como eu falei, não tem roteiro, a gente tem aqueles três eixos de fazer um pouco da história de vocês e aproximação com o parque. Esse movimento de estar lá como condutoras e como auxílio da condução, do que vocês percebem que as pessoas estão buscando, como tem sido essas experiências, que que elas relatam e um pouco da própria experiência de vocês como quem tem o parque como lazer... então, o movimento para a nossa conversa aqui é assim hoje. Começando, do ponto de vista da história com o parque, vocês tem preferência em quem começa?

Amanda: A história faz parte da minha pessoa, do meu crescimento aqui na região... quando criança assim, o lazer quando não era ir para roça de alguém, pra um sítio, alguma coisa... era os finais de semana com sol era pra cá, era pro Caparaó. Então, experiências assim, vivências de trazer frutas para colocar para gelar na água, pra depois que a gente brincasse, ter o que comer, né...Então, foi muito bacana essa vivência até os 16... tenho essa memória aí dos 7 até os 16... É com família... E depois, aos 16 já podia passear com o pessoa da igreja, com o pessoal da escola, e aí, também teve essas vivências com esses grupos. E a minha primeira subida foi com o grupo de jovens da igreja presbiteriana lá de Manhuaçu, que vieram para fazer a subida ao Pico da Bandeira de dia.. de não... perdão... A gente subiu de dia, ficou no Terreirão e viu o sol nascer... Eu falo de dia, porque nesse dia, a gente chegou aqui bem cedo, então aproveitou o dia todo... E foi amor à primeira vista, né? Com 15, 16 anos, chegar naquela altitude, olhar e ver o mundo lá embaixo... e falar: _ Nossa, não tem fronteira, né? Quando você enxerga aquilo e adolescente, querendo estudar fora... Porque Manhuaçu não tinha, naquela época, faculdade, não tinha essa perspectiva. Então, foi uma experiência bem marcante, e aí, de fato, com 16 anos, eu saí para estudar, fui para São Paulo. E lá, depois quando entrei na faculdade de Fisioterapia, toda vez que eu vinha de férias, eu vinha para Manhuaçu, eu sempre convidava: _ Vamos, tem a montanha, tem o Parque... E muitas vezes, as pessoas nem sabiam do que eu estava falando, várias vezes isso aconteceu... Acontece até hoje, né? Da gente falar

do Parque Nacional do Caparaó e às vezes, só saber dele quando você fala Pico da Bandeira, né? Então, as pessoas não tem dimensão do tamanho do parque, que faz divisa com dois estados, tem muito disso ainda. E aí, eu sempre convidando, trazendo pessoas e sempre subia, pelo menos, a cada seis meses, depois dessa subida com a igreja, a cada seis meses ou pelo menos a cada ano, eu subia o Pico da Bandeira. Sempre trazendo alguém, levando primo, amigos da faculdade, amiga do primo do fulano [risos]. Então, sempre tinha alguém: _ Ah, Amanda, me leva! E eu: _ Eu levo!

E aí, a vida passou, esse período que eu fiquei... depois de formada eu voltei para Manhuaçu, fiquei um período aqui também, era nos finais de semana dava uma fugida sempre para cá. E aí, veio Belo Horizonte, em Belo Horizonte todo feriado que dava pra emendar porque... era profissional autônomo, né? Então, todo feriado que dava pra emendar e tal, às vezes ficava aqui uma semana, ficava na casa da minha mãe dois dias, e sete... cinco no parque, né? Então, às vezes, eu nem falava que vinha que era para ela não brigar comigo [risos]. Então, sempre, sempre fez parte desse momento de lazer para mim e aí, depois do mestrado em Lazer, com as ideias da trilha... Valéria, nesse meio tempo, fiz o convite e ela veio, a gente fez o primeiro acampamento dela que depois ela vai dizer, né? E aí, depois disso, depois da experiência dela, da gente ter a oportunidade de dialogar muito, a gente conversou sobre essa possibilidade de por que não, talvez, vir para cá, fazer o projeto da trilha acontecer e também desenvolver alguns projetos nas unidades de conservação. E aí, eu acho que vem a segunda pergunta...

Luiz: E aí, só uma coisa especificamente disso, hoje em dia, você trabalha lá em Manhuaçu, tem a coisa do Caminhantes... Quanto do seu tempo de lazer vocês ainda vem pra cá?

Amanda: Bastante, né?

Valéria: É.

Amanda: Bastante. Para o Alto Caparaó menos... porque a gente acha que aqui, como é muito explorado turisticamente, a gente gosta do lazer mais contemplativo, silêncio, então a gente foge daqui porque sabe... [tosse] porque sempre tá muito cheio, né? No Vale Verde, às vezes, você não consegue ficar ali contemplando... é menino... é família... Então, assim, [tosse] às vezes, a gente não vem muito pra cá. Mas para o Parque, para os Parques, né? Tanto o Caparaó

mais pela portaria de Pedra Menina quanto o Brigadeiro pela portaria de Fervedouro fazem parte das nossas folgas hoje, né? Então, quando eu não tô no hospital Manhauçu e não tô no hospital em Manhumirim, a gente tá aqui, tá no Parque... ou aqui ou no Brigadeiro. Hoje é parte... A gente já não sabe dizer mais se é lazer, se é trabalho porque a gente tá fazendo os dois juntos, né? Um final de semana do Lastro Turismo lá... foi trabalho? Foi? Mas a gente tava em lazer? Tava, né? Tem a responsabilidade, mas para a gente, também foi uma curtição muito grande o que a gente tá fazendo... Tem essa mistura hoje, né? Assim, antes era mais só lazer, a gente vinha só pelo lazer, hoje já está mais misturado assim... E aí, esse Lazer-Trabalho acontece mais, mas o Lazer puro, né? Aí, às vezes, uma vez por mês. Que é tipo assim, não tem voluntariado, não vamos marcar nada, aí é eu e ela. Aí, a gente vem para contemplar, para passar o dia... Acho que isso, pelo menos uma vez por mês, é um tempo nosso sem compromisso com ninguém. Mas, por exemplo, você hoje, fosse para lá e tivesse um pouco mais de tempo... seria um compromisso com você, mas a gente estaria fazendo na nossa cabeça: Lazer. Porque é gratificante pra gente, né? É gratificante usar esse tempo para ficar nas unidades de conservação. Acho que é isso.

Luiz: Vamos ouvir a Valéria nessa primeira parte.

Valéria: Então, a minha história é um pouco diferente, né? Porque eu nunca tinha / eu sou de Belo Horizonte, né? Apesar de ter tido uma infância com meu pai indo para sítio, para fazenda, sempre tive essa vinculação com a natureza, de gostar de natureza. Então, eu nunca tinha acampado, na minha cabeça, acampar era algo inimaginável. Eu num *camping*, dormir na barraca e conhecendo a Amanda, ela falou:

_ Vamos para você conhecer. A nossa primeira experiência... a minha primeira experiência foi justamente do lado de Pedra Menina. E quando a gente veio a noite, estava chovendo, e a gente achou que ia parar na macieira e nós conseguimos... quando acabou a estrada, a gente tava lá na Casa Queimada [risos] E foi a primeira vez que eu acampe, uma chuva danada! Só tava a gente no Parque... E essa vivência me fez mudar meu conceito, né? De estar na montanha, o que simboliza para mim, se isso é, que experiência foi essa? E do que a Amanda falou, da gente começar a pensar / porque a gente pensava assim: “É tão legal o que a gente passa”. Eu acho que isso vem da minha experiência, foi tão marcante isso... que eu superei um conceito, e hoje eu não vejo outro lugar que seja, quando a gente viaja, a gente sempre fala assim: _ Tem

camping? Pela liberdade que o camping, por esse estilo mais que a gente fala: Não é nem minimalista, é essencialista. Você só ter aquilo que você precisa. Para mim, a experiência de estar na montanha foi algo assim... que mudou minha forma de ver / mudou minha forma de ver. Quando a gente fala assim... que a Amanda tava falando da história, eu acho que tem... eu brinco assim: _ Por que você gosta de estar na montanha? E ela fala assim: _ Porque não tem paredes!

E eu percebo assim, nas pessoas que a gente já acompanhou até o Pico, as experiências que a gente teve com as pessoas que a gente vê é essa: _ Nossa, nunca imaginei que eu seria capaz disso!

De estar na montanha, de estar num lugar que você não vê barreira. Então, as pessoas expressam isso e a gente vê isso nas pessoas. Essa sensação de que: “tive uma experiência que me fez ver de outra maneira.” Aí, eu não sei qual que é o conceito disso, né. Se é lazer, se não é... O meu lazer, se você falar: _ Qual o seu lazer preferido? Tem! É estar na montanha, as horas que eu tenho livre...é... quando a gente pode é sempre vir para cá ou para Brigadeiro. Quando a gente faz voluntariado, eu falo com ela, é um momento em que as pessoas são livres, voluntariado realmente é livre total...Eu deixo as pessoas seguirem, eu vou a frente, vou atrás, porque eu acho também que é uma hora para mim, né? Eu tô ali, mas eu falo assim: _ Eu vou aproveitar enquanto eu tô aqui a maior parte que eu puder. Então, a história de estar em uma unidade de conservação, isso é algo que é marcante pra mim também, é a questão que vem que é a natureza. Eu acho / que que eu percebo das unidades de conservação, além de serem as últimas remanescentes de um bioma, elas são um espaço público de lazer na natureza. As pessoas poderem perceber que elas podem estar nesse lugar, o que que simboliza isso, elas podem ter um guia, você pode ir sozinho, a experiência de estar ali, né? Eu percebo isso, da minha parte, a mudança que eu acho que acontece nesse sentido é: as pessoas experimentarem algo que elas não sabiam que seriam capazes até de gostar. Então, na minha experiência foi isso. Eu acho que hoje, o trabalho que a gente faz tem esse caráter realmente de fazer com que as pessoas vivenciem as unidades de conservação como lazer na natureza, mas também como exercício de cidadania, porque você está num local público, né? Então, você se sentir capaz de cuidar daquilo ali como se fosse seu, a gente vê dificuldades, igual tava falando, questão da educação ambiental... As pessoas não tem noção do que é o lixo, o que que representa deixar restos na natureza, então, é um complexo, eu acho assim, a relação de lazer, turismo e unidade de conservação é muito complexa, nesse sentido. Você perceber onde você está, como você se comporta nesse ambiente, o que que o ambiente exige de você, até de autopercepção corporal,

de percepção de si mesmo. Então, eu percebo essa dimensão assim, nesse lazer, de quem vem para a montanha.

Luiz: É aquilo que eu falei né, a gente está aqui, e o fluxo da entrevista é de uma conversa, eu vou ouvindo vocês pra conversar depois. Como que vira essa chave de: tô vivendo lazer, tô querendo vir pra cá, tô chamando amigo e num sei o que. Vou trabalhar com isso, vou conduzir as pessoas na montanha, esse desejo assim. Como que, vocês conseguem expressar, vocês duas? Valéria não é condutora credenciada, mas tá lá junto, tá fazendo. [risos]

Amanda: É... A chave virou por necessidade, pra mim, porque as ideias que a gente tinha de trazer Terapia de Floresta, né? Do projeto que a gente tinha... que hoje tá aí, tomando corpo que é o Movimento Sempre, que é a ideia de a gente sempre / todas as pessoas que eu convidei, muitas desistiram porque falaram: _ Ah, não! Pico da Bandeira é muito difícil! Tinha essa memória de ser muito frio, então, sentia isso como uma barreira para a experiência. A pessoa nem se permitia... Ontem, eu tava te contando um caso, de uma colega lá do hospital que é psicóloga e falando que queria ter essa experiência e eu falando: _ Eu te levo, vamos combinar! E ela: _ Ah, mas eu não gosto de mato, não gosto daquilo. Então, assim, percebi essa necessidade de realizar esse trabalho, primeiro, na unidade de conservação, e depois, a chance de também poder estar na montanha, fazendo o que a gente gostava, e por que não ser remunerado também, né? Que é importante. Mas, inicialmente, Luiz, não foi nem a condução em si, o fato de credenciar, foi para desenvolver os trabalhos que a gente lá em Belo Horizonte pensava. A pandemia atrapalhou bastante a gente colocar as coisas em prática, por isso que eu falei que agora tá tomando corpo, porque precisou desse tempo todo para a coisa começar a andar e que eu acredito que talvez se fosse apenas da pandemia já tivesse melhor estruturado. Mas, surgiu a condução, ser credenciada dentro do Parque, mais por esse princípio, por poder usar a unidade, ter a liberdade para usá-la e também ter a possibilidade de fazer esse termo de cooperação e de parceria com o Parque. Quando eu pensei em fazer Terapia de Floresta dentro da unidade de conservação, a forma para eu estar legalmente apta a fazer, seria ter o credenciamento para estar com 4 pessoas lá dentro e ser responsável por elas. Para mim, surgiu não como o condutor em primeira instância, mas em poder utilizar em forma... em forma de serviço, de poder utilizar a unidade conservação em forma de serviço ali, estando legalmente amparada para fazer, acho que foi isso. E a Valéria como não tinha essa

demanda... A gente tem / a gente tá tentando desenvolver aquele trabalho do Trilhas do Desenvolvimento, né? Não tinha essa demanda para ela assim de... de ter que fazer, né? Bastava só um para que a gente pudesse operar, e aí, fui eu. E na condução mesmo, na condução, eu acho que é sempre uma coisa que eu sempre fiz. Então, eu continuo fazendo e agora eu tô ganhando, entendeu? Para mim, eu tenho dificuldade, ela sabe disso, eu tenho dificuldade em cobrar. Se a pessoa me paga antes da gente subir, fica tudo tranquilo para mim. Se ela me paga quando a gente desce é muito problemático porque se o passeio foi bacana... a minha vontade é de não te cobrar, entendeu? [risos] E falar: _ Não precisa me pagar! Mas como é uma empresa e a gente tem todos os acordos, eu recebo, mas eu me sinto, às vezes, incomodada, porque a minha vontade é de falar: _ Cara, obrigada pelo dia de hoje! Foi um passeio incrível!

A oportunidade de ter estado na montanha com aquela pessoa, sabe? Não é o serviço do Caminhantes. E todo mundo acha que nosso forte é a condução, quando na verdade, é o que a gente menos faz. E quando faz, como a gente não depende disso, a gente escolhe, né? Eu recebo proposta o dia inteiro: _ Ah, me leva! Me leva!

Aí, eu olho a foto, olho o perfil, olho o que a pessoa mais ou menos e falo: _ Ah, vou te passar vou te passar pra um amigo, não tenho agenda!

Às vezes, eu olho e falo: _ Oh. essa pessoa é legal... Você vai pesquisar da pessoa e aí você vê que deve ser legal fazer uma caminhada um dia inteiro...

Então, eu não tenho tanto esse compromisso comercial com a condução, ele é afetivo. Eu ganho dinheiro com ele, mas ele não é foco do Caminhantes. O foco do Caminhantes está mais voltado mesmo para os projetos, para as trilhas, para... para o trabalho com as prefeituras, de parceiras... parceria com os órgãos de gestão dos parques, igual a gente tá firmando aí com o IEF, muito bacana! O foco do Caminhantes de serviço é mais outra instância, a condução surgiu pra gente tentar fazer isso de forma bacana, legal, sem precisar “ah, que que cês tão fazendo? Tão ganhando dinheiro?”. Porque quando a gente é condutor, cê tem que dar contrapartidas, né? Então, você ajuda a unidade, e dessa aproximação, acabou a gente entrando para o Conselho Consultivo. As pessoas percebem que a gente tá mais do que só subir e descer a montanha. A gente nem gosta disso de só subir e descer a montanha, assim, se você falar comigo: _ Ah, tô querendo ir. Tem só esse dia? Vou subir, vou descer e vou entrar no ônibus! Ah, não! A gente quer ter tempo [risos].

Valéria: É isso que eu ia falar, a gente / quando a gente fala assim, que a gente não escolhe o / mas a gente fala assim. // Amanda: Não é escolher [inaudível] ... // Valéria: É um público

específico! São públicos específicos, a nossa proposta de condução é de experiência, e não de ter que chegar no Pico. Então, você vai ter a experiência, e ter a liberdade de falar assim ó: _ Olha, daqui pra lá, eu não quero ir mais.

Mas aí, a gente faz, uma coisa que eu percebo assim, de conhecimento que as pessoas têm das questões da natureza. Então, a gente sobe, aí a gente pega a macela na beirada da trilha, dá para a pessoa cheira, pergunta se ela conhece, aí pega o poejo, tira o poejo, fala que faz chá com aquilo. Tem as formigas cortadeiras, que soltam o ácido, então assim... A gente cria uma relação da pessoa com o lugar, não simplesmente com o objetivo de chegar. Então, a Amanda como condutora, tem vários condutores que fazem esse bate-volta e a pessoa quer ir e vai. A gente quer que a pessoa tenha a experiência. A gente vai mostrando diferentes cenários, chamando atenção, às vezes, cê tá vendo o Pico lá em cima e a gente fala que tá pertinho, e na verdade não está. Então, como a gente é da saúde, a Amanda é fisio e eu sou psicóloga, a gente não tem um trabalho terapêutico não, é livre. Mas, eu gosto de conversar com as pessoas para despertar o cognitivo, aqui eles chamam de trilha interpretativa, mas a gente não fala o tempo todo com a pessoa, a gente tenta fazer com que a pessoa perceba o lugar que ela está. Teve uma vez que a gente estava subindo e o pai com o filho perguntou se tinha problema, porque a nuvem estava passando e ficou com medo de chover e a gente falou: _ Não, fica tranquilo.

Que foi o dia que a Amanda subiu e eu descii com uma que estava querendo voltar, e aí ele falou: _ Posso descer com você? Que a gente fica com medo de perder. A orientação aqui é sempre: veio uma nuvem, a nuvem passa, porque agora não é chuva, mas você espera para ver o caminho. Aí, tem um pedaço lá em cima que tem umas pedras cortadas quadradas e tinha um menininho de 10 anos e eu falei para ele assim: _ Você já pensou que essas pedras estão aqui desde a época dos dinossauros?

Aí, ele olhou assim pra mim, e aí começou a conversar e eu falei: _ Isso aqui tá aqui desde a época que os dinossauros apareceram, quem será que cortou desse jeito? Aí, vim contando a história e ele achou um formigueiro dessas fedorentas, que eles chamam... Aí, ele falou: _ Pai, olha isso aqui! E pôs o cajado assim e saiu aquele monte de formiga, e eu falei: _ Pera aí, deixa eu te mostrar. Peguei um graveto, coloquei lá, elas vem no graveto, mostrei para ele cheirar. Então, ele ficou: “Nossa, que que isso?” A nossa condução, ela é de experiência. Turismo de experiência? Não sei se é turismo de experiência, não sei qual que é o nosso conceito. Prefiro falar que é fazer aquilo que muitas vezes, você não percebe antes de estar: o tamanho das flores, a cor das flores, observar as montanhas. A gente quer que a pessoa venha para isso, para ter um momento de experimentar, vamos dizer, o lazer mesmo, na natureza.

Você não tá aqui por esporte e nem por superação de metas, você quer ter uma experiência prazerosa no seu momento de férias, né, de descanso, aí a gente, não sei qual seria o termo, que para a pessoa seria: É lazer? O lazer tem que ter frequência para ser chamado de lazer na natureza? Então, o nosso trabalho tem esse foco, do Caminhantes ser realmente caminhar... Mostrar para as pessoas o lugar. Que mais? Acho que isso.

Luiz: Agora que a gente tá nesse fluxo de falar das pessoas. Então, vamos falar da percepção que vocês tem das pessoas que têm vindo com vocês, subido, as expectativas delas, como que transforma nesse movimento que Valéria contou aí... Assim, de chegar no foco de ir para o Pico, e aí quando encontra com vocês, a experiência muda... Como vocês tem visto isso?

Valéria: Eu tenho a impressão que as pessoas não têm a dimensão do que é subir o Pico. Porque fala assim: _ Ah, você vai parar o carro no acampamento tal, vai subir tantos quilômetros, depois mais tanto, até chegar no Pico. Então, 3km da Casa Queimada, não é 3km andando em uma avenida, em uma ciclovia. As pessoas não têm a dimensão do lugar e vamos dizer que o espaço, né? O espaço, o tempo, o lugar. Então, essa surpresa é muito frequente nas pessoas, de falar: _ Nossa, tem que passar ali? Você mostra assim, as pessoas estão subindo lá na frente e você vê as pessoas tá desse tamanhinho, essa dimensão, eu acho, que o lazer na natureza, que a gente tem essa experiência com as pessoas... é... é... Esse lugar é tudo diferente daquilo que você imaginava, essa surpresa, eu acho, que acontece nesse sentido. De ver os atrativos, mas é de falar: _ É longe!

Andar 3km da Casa Queimada ou do Terreirão no Pico da Bandeira é longe! É longe! Porque é 3km que você... é uma escada sem fim como a gente fala, né? E o que que eu percebo, quando as pessoas experimentam estar lá em cima, elas voltam de outra maneira, cansadas e tudo, mas, você não vê ninguém xingando. Pelo menos, subindo com a gente, a gente para, passa café na montanha. A gente quer que seja realmente algo prazeroso para ela, e que ela aprenda a vir de maneira que ela possa voltar sem precisar de alguém para levar... Então assim, essa autonomia... Mas a gente percebe isso assim, o desconhecido que é estar numa região feito o Caparaó.

Luiz: Só antes de voltar aqui para a Amanda, você falou de passar o café na montanha. Vocês começaram isso, vocês mesmo? É um desejo? Porque o café não estava no foco dessa pesquisa, mas lá dentro, o café gritou pra mim.

Valéria: Então, que que é assim... na verdade, a gente é muito misturado assim! O que a gente gosta com o que a gente faz. Então assim, é muito prazeroso, pelo menos pra mim, que nunca tinha tido experiência com *camping*, passar um café no fogareiro, olhando a montanha. Então, o café passou a ser algo que você desperta para sabores, para a cultura, né? E passar o café na montanha também, às vezes, é estratégia, quando a pessoa tá querendo desistir, a gente fala: _ Não, vamos tomar um café aqui. Aí, para, faz o café. Então, eu acho que virou uma prática.

Amanda: Como surgiu isso, assim... Eu sempre, a gente sempre que vai para a montanha leva lanche, né? A gente sempre, até pouco tempo atrás, a gente fazia lá no parque, não tinha tanta... Eu não era condutora, mas era uma prática comum fazer choconhaque lá em cima e subia tomando choconhaque por causa do frio. Então, você sempre tinha algoquentinho para beber, ou pra comer, um caldo, alguma coisa assim. Quando a Valéria falou que isso mistura, eu acho que com a gente, o café foi realmente essa mistura, porque Valéria é fã do pãozinho com manteiga com café, é... A mãe dela era assim, e sempre... tanto é que, a gente não tinha o hábito de comprar manteiga, e aí, começa a comprar manteiga porque ela gosta do pão com manteiga e café. Então, quando a gente vem acampar, eu quero que a pessoa se sinta em casa, que que eu fiz? Eu trouxe o pó de café, trouxe a cafeterinha italiana, tinha pão, tinha manteiga, então assim... Daí pra lá toda vez que a gente vem, vamos levar o que a gente gosta de comer. Então, sempre de tarde, se a gente tá acompanhado, passa aquele cafézinho lá pelas 16h, aí acaba, o pessoal que tá chegando, que tá passando, sente o cheiro do café, faz conexões incríveis, né? Aí, aproxima, e a gente acaba servindo todo mundo ali quando a gente tá acampando. Aí, é uma prática que aproximou muito por ela gostar e a gente percebia que as pessoas que subiam, a gente perguntou o que gostam de beber e muitas pessoas respondia: _ Ah, gosto de café! Tô indo pra terra do café. A gente sentiu que tinha essa associação, né? De estar vindo para o Caparaó, terra dos melhores cafés. A gente também achou que seria um agrado, né? Para a pessoa, um carinho, né? Se a gente pudesse fazer esse café lá em cima. E acabou que esse café andou funcionando muitas vezes como [barulho de motor] ... um *redbull*. Muitas vezes, pessoas que pensaram em desistir, a gente passava o café, e aí, tomava aquele fôlego... “Vamos! Então

vamos.” Ele não foi nem uma estratégia de *marketing*, nem nada não, ele veio surgindo dessa aproximação da Valéria com o gosto por esse café, e depois dessa demanda dos próprios / dessa fala, né, nem era demanda, era a fala de tipo assim: _ A gente está indo para a terra dos melhores cafés. Então, a gente achou que seria legal fazer isso na montanha. A gente já levou outras coisas que não funcionaram tão bem, né? *Capuccino*, e aí, a gente viu que o café era meio que universal, né? Café e chocolate, a gente percebe que ter um docinho ali também na mochila, você pode motivar a pessoa a acabar de subir aquilo que ela acha que não tem forças mais. Acho que funciona, não como uma estratégia de marcha, mas para atingir, para o cliente não sair frustrado. [risos]

Valéria: E acho que tem a ver com a cultura nossa, mineira, né? Essa mineiridade, sentar para tomar um café, conversar, então assim, acho que o café é aglutinador. E a gente percebe, essas pessoas não têm o hábito de tomar o café. Tem gente que não gosto e prova e fala: _ Ah, mas é muito diferente daquele café que a gente toma.

Porque é um negócio assim, realmente é uma outra realidade, vamos dizer assim, de sabores, o café agroecológico, o café especial, a forma como ele é produzido. Eu acho que a gente tem esse interesse também de mostrar isso para as pessoas. // **Amanda:** Sim.// **Valéria:** De certa forma, voltando um pouquinho, não tem nada a ver, mas tem... As premissas da Rede Brasileira de Trilhas, quer que seja ferramentas de conservação, lazer e recreação na natureza e desenvolvimento local e geração de renda. Então, a gente tem isso muita da gente mesmo, de estimular os produtores, né? De falar para as pessoas conhecerem os produtores de café da região, desenvolver essa cultura, essa agroecologia, então, a nossa preocupação também é nesse sentido de que as pessoas conheçam esse lugar. Eu acho que quando fala assim: Caparaó! Agora tá tendo um peso muito grande, as redes sociais permitiram esse *boom* que a gente como Caminhantes, até ajudou a fomentar aqui. Então, acho que esse, não sei, se vira moda, sabe, Nicácio? Essa coisa do café, as pessoas querem provar o café, querem ir na cafeteria, mas no nosso sentido, na montanha, é a experiência mesmo. De parar, vamos tomar um café. E isso cria uma surpresa para as pessoas, né? A gente, às vezes, leva bananinha, então assim, eu acho que é igual a Amanda falou, é um afetivo mesmo, mais afetivo.

Luiz: E das pessoas, assim? Que a Valéria falou um pouco dessa percepção das pessoas virem, de mudar, como vocês têm visto o pessoal vivendo o Parque?

Amanda: É...

Luiz: Não necessariamente só os que vocês conduzem, mas no entorno, você falou que, às vezes, algumas pessoas chegam para tomar o café junto. Como é isso?

Amanda: O que eu percebo, em relação ao entorno, é... já era na minha época de adolescente aqui, quando a gente falava que ia para o Parque, assim, a gente era meio uma família esquisita. Porque todo mundo ia pro clube, né? E a gente ia para o Parque. Então, isso, as pessoas do entorno, acho que até mais gritante, elas têm um distanciamento da unidade de conservação. Por incrível que pareça! Se você for fazer uma pesquisa, talvez, no entorno, aqui... não sei... eu posso estar fazendo uma / mas a sensação que eu tenho é de que tem mais pessoas, talvez, em Belo Horizonte, que tenham vindo e vivenciado a unidade de conservação do que se você for pegar a média, em termos de população, BH tem tantos X habitantes e tantos já vieram. Aqui, você soma todo o entorno tem X habitantes, eu acho que a gente vai encontrar um número menor de pessoas que experimentaram a unidade de conservação, que tiveram experiência de camping, que fizeram travessia, que caminharam, que nadaram. É... o entorno explora mais o entorno do que a unidade. Então, a unidade parece, a sensação que eu tenho, é que parece que é até sem sentido ficar com essas terras aí tudo parada, né? [risos] “Essas terras aí, parada, para que isso aí?” [risos]. Não tem dimensão do que que é, do que que essas terras paradas, entre aspas, do que traz de benefício para eles aqui e para mais quatro bacias hidrográficas, então, não tem a dimensão... Não tem dimensão quando fala que a mata atlântica tá acabando, eles não conseguem enxergar isso. Para eles, tem mata demais ainda! Nossa, tem muita mata! Então, assim, muito complicado, eu acho, essa relação das pessoas do entorno com o parque, tanto aqui quanto no Brigadeiro. No Brigadeiro, talvez, um pouquinho diferente, porque no Brigadeiro, a própria população se deu conta que a água saia daí e eles mesmos fizeram um movimento para que aquilo virasse parque, diferente daqui que você viu, meio que bateu: _ Vai ser parque, e nós vamos indenizar.

Lá, as pessoas, no Brigadeiro, até hoje, doam terra para aumentar área do parque, são realidades bem diferentes, né, se você for ver. São duas unidades de conservação integral, mas que, uma gerida pelo estado, né, essa aqui pelo ICMBio, mas, se você for ver, a relação aqui do Caparaó, ela é muito, ela não tem essa amálgama, sabe? O negócio, eles não estão envolvidos, eles estão

envolvidos com café. Você vê as festas, você não vê uma abertura de temporada de montanhismo, você não vê ninguém falando nada de montanhismo, as feiras que tem não tem nada de montanhismo. É gado, café e tem *trail*, tem moto, tem uma montanha! E ninguém falando nada. Então, eu percebo isso. E os que vêm de fora, eles têm a ideia de que estão vindo para a terceira maior montanha do Brasil, mas eles não têm ideia do que... do que espera lá em cima. Eu sinto que muitos vêm achando que vai subir o Itacolomi, e quando chega vê que o negócio é muito maior! É... Que eu acho que é base do que nos trouxe para cá, que eu acho, foi esse incômodo também, né? De... de “nossa, não é possível que as pessoas não tem noção do que a gente enxerga, né?” vê assim, dessa riqueza, de biodiversidade, de endemismo, de coisas que realmente só tem aqui, no mundo inteiro, não tem em lugar nenhum! Então, acho que fora do Brasil, a gente tem uma valorização mais consolidada dessas áreas do que dentro. E o entorno, eu acho que ele enxerga... ofuscado... isso aqui, sabe? Não tem aquela lente transparente. E quem tá vindo de fora, tem uma lente, mas que não é a da realidade daqui, né? Vem com uma imagem de que vai encontrar X... Vê lá no *Instagram*, o Poço das Antas, “quero nadar”, e você vai nadar de roupa de *neoprene*, porque // Luiz: Gelada! // Amanda: Né?! Aí, vê a pessoa fazendo aquela filmagem e não sabe o que tem nos bastidores, né? [risos] Eu até brinquei outro dia, o pessoal morreu de rir, não se onde que foi... uma reunião que a gente teve com alguém: _ Gente, é tão equivocado, até a parte comercial, de quem explora, é tão equivocada, que eles colocam assim: Verão chegou! Venha para o Caparaó! [risos] É, assim, entendeu? Podia explorar isso aqui, acho que a cidade que melhor explorou, por exemplo, a temática do carnaval, foi Caparaó. Não sei se você viu, que eles colocaram “Carnaval da Tranquilidade”, né? É por aí, né? Aqui não tem carnaval! Então, “vem pro carnaval, é no Caparaó.” Não tem! Então, até essa divulgação do que é aqui, eu acho que é meio equivocada também, então, as pessoas também vendem um Caparaó, ele não é muito bem isso. É frio quase que o ano todo, a gente tá aqui, tá o sol aí, mas você não tá morrendo de calor igual em Carangola. Não tá. Você tá numa altitude, então assim, acho que não tem muito essa leitura de campo de altitude. As pessoas não tem muito essa leitura do bioma, né, de onde a gente está. E é de uma forma geral, e eu acho que falta isso, muito na educação mesmo, básica, das crianças. Eu, a minha impressão que eu tenho, é que as pessoas não / talvez por isso, talvez, a gente queira desenvolver esse trabalho de experiência. Porque eu, assim, queria te levar para você vivenciar o Caparaó, e não ver o que tá na foto e vir pra cá e querer fazer. Mas, é mais ou menos isso, o que eu percebo das pessoas, acho que isso é mais gritante no próprio entorno e fora, o que eles buscam, na verdade, o *marketing* está em desarmonia com o / e acho que por isso também que aqui fica esse turismo que vai, mas não vai. Você já percebeu? Ele vai, mas... você vê, igual

você falou: “ 16 anos, isso aqui mudou demais.” Mudou, mas, né? Se você for ver, comparar, às vezes... sei lá, uma cidadezinha aí, Monte Verde... Tô comparando porque é cidade de montanha, cidade pequena... Se você vê o que virou Monte Verde hoje, né?

Luiz: É.

Amanda: Então assim, por quê? A gente entende esses anos todos bem próximo do parque, que não é o foco deles, o turismo. Não é. E quem tá explorando o turismo aqui é a maioria de fora. Igual aquele cara lá do restaurante, é do Rio. Essas pousadas que cresceram aqui, são o pessoal de São Paulo. Os locais mesmo, mesmo o seu Natalino, o restaurante dele aqui, 16 anos, do mesmo jeito, porque ele não vive daquilo, ele vive do café. Tem isso também, essa dinâmica, de lazer e turismo, né? Essa dinâmica aqui, eu acho que ela ainda vai precisar de muita educação, mais que ambiental... geográfica, de lugar no mundo, de identidade... Tão tentando criar essa identidade aí para os cafés, né? A marca Caparaó: “Beba Caparaó”, “Beba um Caparaó”, né, eu acho que é isso que precisa, e acho que eles ainda não sabem muito o que fazer. Com a internet, com essas mídias também, eles se espelham em coisas que não são a realidade daqui, igual estou te falando: “É verão, venha para o Caparaó nadar.” Não era muito esse convite, né eu acho que é: Quer fugir do sol? Quer tomar banho de chuva? vem pro Caparaó! [risos] Né? Talvez falar da realidade daqui, enaltecer a realidade e não tentar ficar meio Capitólio, sabe? Um trem assim:

Luiz: “Tenha uma surpresa na montanha: Vai chover ou não?” [risos]

Amanda: [risos] Eu acho que em relação às pessoas é isso, de uma forma geral, tanto os que frequentam quanto os que exploram, eles / é uma relação que é... tipo água e óleo, ainda, sabe? Você não tem uma misturinha. Não é a pororoca lá, que mistura e que faz outra coisa. Ainda tá um negócio assim: “Eu não vivo disso.” Aí, quem vive disso é forasteiro, vem trazer bebida, aí gera conflito com a comida, as coisas começaram a ficar mais caras. A gente ouviu isso, né: “Agora as coisas são mais caras, turismo não é bom.” Então assim, o Caparaó tem muito o que evoluir como referência de montanhismo. O que é incrível porque está no estado que mais tem montanha, tem a terceira montanha mais alta do país, a primeira acessível, porque as outras duas você vai ter que andar pra caramba, e que tem de montanhismo? A própria desconexão

de quem frequenta... A gente sobe e desce catando lixo... Lixo de papel higiênico, de lencinho umedecido... Igual aquela vez, quase meio quilo de lencinho umedecido! Porque tava umedecido mesmo [risos]. Então, assim, o pessoal despreparado, sobe de chinelo, sobe de bermuda, tudo bem, se você vai durante o dia fazer uma corrida, igual você falou, é legal! Mas, na sua mochila tem um kit básico Caparaó. A gente que tá aqui, que conduz, sabe que tem um kit básico, não dá pra você subir sem ele.

Luiz: O parque pede?

Amanda: Pede!

Luiz: Mas na hora que você está entrando, por exemplo, ontem, eu fui para fazer bate-volta, só lanterna... A única coisa que perguntam é de lanterna...

Amanda: É...

Valéria: Mas, por exemplo, você...

Amanda: Tem nas orientações, né?

Luiz: Sim, tá tudo...

Valéria: É isso que a gente fala, o nosso trabalho tem esse foco. // **Amanda:** Da pessoa entender o que está na montanha. O que a gente quer é desenvolver essa consciência, que você entenda que tudo pode acontecer. // **Valéria:** Então, a gente percebe isso, você tem que ter um protetor, você não sabe o que vai acontecer com você, a montanha é imprevisível, o clima você não controla. Pode estar quente aqui, chega lá em cima... // **Amanda:** A gente viu hoje, ué. Lá em

cima estava chovendo quando a gente chegou do lugar em que a gente estava de carro, ainda falei com ela que quem está acampando está tomando água.

Luiz: Tem duas fotos que eu tirei ontem, na hora que eu cheguei e subi, e aí, tudo aberto. E aí, na hora que eu cheguei no Terreirão, começou a chover e eu olho pra baixo e tudo fechado, diferença de menos de uma hora.

Valéria: Porque assim, às vezes, a gente fica parecendo aqueles ecochatos, né? Tem que ter consciência ambiental mesmo! Mas a gente percebe assim, a pessoa não tem a dimensão, vai subir o Pico e vai de sandália. Vai de bermuda, vai de calça jeans, de tênis. // **Amanda:** Eu tive dificuldade de conduzir uma vez, só pra você ter ideia, a pessoa estava tão perfumada, tão perfumada, que normalmente eu deixo o cliente ir na frente, para ele ter a experiência de estar na trilha sem ficar olhando o pé de ninguém. Eu deixo ele ir na frente e vou atrás sinalizando: Aí a frente à esquerda! Aí a frente à direita! Às vezes, eu deixo ele errar, entendeu? Para ele ter essa experiência mesmo, como se tivesse sozinho, só que eu fico atrás. Muitos dos condutores conduzem na frente, eu não gosto, eu gosto de ficar atrás. Eu não consegui, eu não consegui. Eu falei com a pessoa: _ Eu vou na sua frente, porque é melhor e tal. Porque eu ia passar mal [risos] perfume, aquele doce... Eu ia passar mal se eu continuasse atrás. // **Valéria:** Eu acho assim, quem vem, foi da minha experiência, quem vem pela primeira vez não sabe o que vai encontrar. Você vai subir, vai até onde? Você dá conta? Já foi? A gente pensa nisso. Como que vai ser uma experiência para você sem preparação, com preparação, às vezes, a gente fala para a pessoa: _ É assim, é assim, traz a blusinha corta-vento. Não tem a dimensão do que é estar a 2800m de altitude... Tem muito perfil, né? // **Amanda:** É! Tem os que já vem preparado! Já conduzi pessoas... A Areta, por exemplo, Areta ficou quilômetros na minha frente, e eu falei com ela: _ Só não me perde de vista. Porque o nosso modelo é tartaruguinha, é bem lento mesmo. O pessoal, às vezes, conduz com seis horas, a gente conduz com 8, 10, 12... Para ter calma para o processo, né? Para subir e descer. Então, quando vem essa turma mais preparada, que a gente vê que a pessoa tem perfil de montanhismo e tudo, a gente já direciona para os colegas que fazem esse trabalho de mulinha, mesmo, né. Que a gente brinca que tem os condutores mulinha, que são aqueles que sobe e desce três vezes por dia. O *Ciclano*, *Ciclana*, né? Os meninos que trabalham com eles ali, sobem, às vezes, duas vezes por dia e uma à noite,

para levar a última turma. Quando a gente vê que é esse perfil, a gente passa pra frente. Não conduz, né? É... Acho que é isso, né? Do perfil que a gente estava falando.

Luiz: Aí, você estava falando de preparação... Quando as pessoas procuram vocês, normalmente, tem um intervalo que vocês gostam de ter, então, alguém procurou vocês hoje para daqui uma semana. Vocês acham que isso é pouco? Como vocês tem feito esse movimento?

Amanda: Aí, depende da pessoa, como eu te falei, a gente até tem um questionário, um forms, que a gente manda para a pessoa dar noção para a gente da rotina funcional dela, o que que ela faz no dia a dia, se vai na academia, se pedala, se caminha, né? A gente tem esse questionário, mas, mais vem é da conversa com a pessoa mesmo. Então, por exemplo, a pessoa fala: _ Amanda, eu quero muito ir aí, mas eu não tenho, eu caminho, faço caminhada aqui em casa, mas nunca subi montanha. Eu quero ir a noite. Aí, a gente já tenta tirar ela desse programa, entendeu? Olha, você vai passar perrengue, não vai ver nada. Vamos fazer primeiro uma aproximação, e aí, você vê onde você vai, para depois saber desse noturno. Porque o noturno é outra logística, é mais peso, né, tem mais coisa para levar. Então, quando a pessoa fala que nunca foi, a gente tenta passar ela para esse roteiro do dia, que aí, a gente faz o dia ou a travessia de dia, que aí você entra de um lado e sai do outro, que a pessoa conhece o parque todo...

Valéria: A gente também tem... Hoje em dia, a internet facilitou muito, né? // **Amanda:** Fazendo videochamada. // **Valéria:** Porque, por exemplo, igual você falou, a pessoa nunca veio, não sabe como que é, então o que que a gente faz: A gente marca uma videochamada, a Amanda explica como que é a subida, o que que precisa, dá todos os detalhes, calçado, roupas. // **Amanda:** É... com quem já reservou, né? Obviamente.

Luiz: Arram.

Amanda: Essa pessoa que reservou, falou: _ Amanda, eu quero subir com você. Ai, essa vamos supor, essa que tem tempo, tem uma turma que já tá marcado pro meio do ano. Se eu não for, já vou direcionar para outros colegas. Mas eu sempre pego o serviço, porque às vezes, eu percebo que os condutores têm dificuldade de pegar o cliente pela lábia mesmo. Às vezes, você

precisa conversar com a pessoa, a pessoa não quer só pagar o condutor, ela quer que você fala para ela como é o clima, onde que pode se hospedar, então, esse retrato aí, a gente faz assim, a pessoa fala assim: _ Amanda, eu quero subir em maio. Então, essa pessoa que eu já sei que ela se programou, que tá se organizando, eu vou junto com ela. Vou organizando junto com ela. Essa que chegou e falou: _ Eu vou subir semana que vem. E eu não tô de plantão e eu tô querendo ir lá em cima, eu vou saber aquele... aquele... como que fala... aquele Sherlock Holmes, nas redes sociais de lá. Eu vou dar uma olhada pra ver quem que tá querendo ir. Se eu vejo que igual... várias, geralmente, é mulher, solteira e vem de ônibus, geralmente... Elas ligam e querem subir com condutora mulher, mas só tem semana que vem pra fazer o negócio, aí eu vou ver. Se eu vejo que é uma pessoa assim... Ainda até te falei isso: “Poxa, mulher, Valéria, vem de ônibus, eu tenho que levar! Não dá pra falar não. Acho que rola, por isso eu te falei, a condução é muito sentimental. Ela não é... igual o *Ciclano*. Ele trabalha com isso, ele faz isso. A gente faz, mas, a gente vai fazendo de acordo com o perfil do cliente e com o que a gente tem de disponibilidade de tempo, mas geralmente, acontece assim, esses que ligam, a gente vê se... eu não vou subir / porque não é o dinheiro que me leva lá em cima. Então, eu vou subir com alguém que eu vou passar raiva? [risos] Tem umas pessoinhas, que você vê, é até preconceituoso o que tô falando, mas tem umas pessoas você olha e tipo assim, não tem uma foto na montanha, todas as fotos você vê que tá com uma unha desse tamanho ... não tem perfil! Ela quer viver a experiência, mas eu não vou conseguir fazer essa experiência com ela, entendeu? Aí, eu encaminho para a *Ciclana*, pro *Ciclano*, pro *Fulano*...

Valéria: Igual eu falei, né... Como que a gente define o nosso trabalho, acho que é isso assim, é um afetivo mesmo. A gente quer que as pessoas tenham essa experiência e que ela seja prazerosa nesse sentido... de subir devagar, de parar para mostrar o que que tem, o que que não tem. // **Amanda:** De contar histórias, às vezes, a gente sobe em silêncio ouvindo a história da pessoa, acontece demais isso. A gente fala muito pouco, né? A pessoa que vai... então a nossa posição é bem atípica . Eu brinco com os meninos quando a gente se encontra na montanha: “A condutora nutella tá na área.” [risos]. Perto deles, eu não tenho o perfil comercial disso. // **Valéria:** Não é o nosso trabalho, né. // **Amanda:** Apesar de o Caminhantes, eu sei, ele passa essa cara na internet, mas é até um provocativo. Porque aí, as pessoas nos procuram e a gente acaba encaminhando para eles, entendeu? Por exemplo, já ouvi várias vezes: “Poxa, você é a única condutora que me respondeu.” “Amanda, obrigada, sua atenção é.. foi a única pessoa que me deu atenção.” E mal sabe ele, que depois, ele vai subir com aquele cara que não deu atenção

para ele, porque eu passo para ele. [risos] Mas, às vezes, é um provocativo para segurar a pessoa. A gente brinca que a nossa meta é que o parque esteja entre os 10 mais visitados. Então, eu quero muita gente aqui, nesse sentido, subindo a montanha. E a gente sabe que a gente não vai conseguir conduzir todo mundo. A gente não vai conseguir. Nem se a gente fosse agência, operando só pra isso, a gente ainda sim não ia dar conta... Você deve ter visto o número de visitação do parque, né? Nem os que estão aqui dão conta.

Luiz: Tem gente que sobe sem condução também, né?

Amanda: A maioria sobe sem. A maioria. Eu acho interessante subir sem, eu não vejo nenhum problema. Tanto que a gente fala com as pessoas: _ Você tem experiência? Se você tem experiência, a trilha é autoguiada. Eu falo. Só que, às vezes, a pessoa quer justamente subir com alguém que possa mostrar para ela que montanha é aquela, aqui eu to olhando para que, apesar, que os aplicativos hoje tem roubado isso, né? O *Beltrano* me mostrou um aplicativo, depois eu fui ver ele é pago, ele não é gratuito. Mas, o aplicativo! Nossa! Você vê aqui que montanha que é aquela ali, que altitude que ela está, vê tudo e ainda pode tirar foto daquele desenho da montanha sobrepor a foto que você bateu, se você quiser dar nome para a sua foto. Mas, ainda tem essas pessoas que querem vir, que querem conhecer, querem saber da história, esses a gente pega, esses a gente gosta, sabe, de subir. Esses que querem só subir e descer, geralmente, a gente passa para os colegas que operam isso mesmo, de forma mais radical. E na internet, mesmo não subindo com as pessoas, a gente tá sempre direcionando para o Caparaó, a gente tá sempre... as pessoas perguntam às vezes / até falo com a Valéria, às vezes é complicado, nessa que você que responde bem, aí o fulano do fulano do fulano “o fulano conversou com você, me passou o seu contato.” É...

Luiz: Bola de Neve.

Amanda: É. Então, quando a pessoa quer muito detalhe, eu marco uma videochamada, e eu cobro, é consultoria. Se você quer saber, se você quer que eu te ajude a ir pra lá, sem você precisar esquentar a cabeça com nada, te dar todas as dicas, aí, é consultoria. Se não, não faço mais nada também, né? Isso também acontece demais! Foi uma surpresa positiva. As pessoas

têm dificuldade de encontrar informações sobre o Caparaó. E essa dificuldade fez surgir essa demanda de pagar para eu ficar conversando com você... o tempo mínimo é meia hora, o tempo máximo é 2. Você me paga 200 reais, e aí, eu fico conversando com você. Aí, você vai me falar: _ Amanda, eu gosto de fazer isso, eu gosto de voo livre, tem aí perto. Tem. Aí, eu mando o mapinha, mando localização no *whatsapp*, vou enchendo ela de conteúdo direcionado. Coisa que parece que na internet não é. Você coloca Caparaó, você tem um tanto de coisa! Mas...E todo mundo elogia nosso site! Apesar de que, o nosso site foi a Valéria que fez, né? E ainda tá bem amador, mas todo mundo elogia o nosso site por isso, a gente condensou todas as informações da unidade de conservação ali... O que tem na portaria X, o que que tem na portaria Y, como sair de um lugar e ir pro outro. Então, as pessoas falam: _ Seu site me ajudou muito! A gente escuta muito isso: _ Seu site me ajudou demais! Porque eu não sabia nem onde que portaria que é o que.

Luiz: Que existem duas portarias, né?

Amanda: É! Tem isso também!

Luiz: Tem mais uma pergunta e depois se vocês tiverem vontade de falar e a gente encerra. Vocês falaram muito de subir... subir... E aí, fica com essa ideia do Pico, que inclusive, você pega placa que tá perto e fala assim: Alto Caparaó, Caparaó, num sei o que, Circuito Pico da Bandeira, não sei o que Pico da Bandeira... O pessoal procura vocês pra fazer outra coisa que não seja o Pico da Bandeira? Tipo, normalmente, todo mundo vem e Pico? Como que é isso?

Amanda: A demanda sempre é Pico, as cachoeiras do entorno e fazenda de café. As três, né?

Valéria: É, mas o nosso foco é bem o parque mesmo. // **Amanda:** O nosso foco, a gente sempre fala isso, o nosso foco é a unidade de conservação. Então, a gente só faz o trabalho dentro da unidade, eu não levo ninguém para a Cachoeira do Egito, por exemplo. Não levo, aí a gente direciona para quem leva.

Luiz: Mas, por exemplo, as cachoeiras dentro do parque...

Amanda: Todas, mas não faço com você, não. Eu não vou nas cachoeiras com você não. Eu te ensino a ir, só se você fala assim: _ Amanda, por favor! Aí, eu vou. Porque eu não acho um serviço legal, sabe? Primeiro, porque cachoeira você precisa ter tempo para uma cachoeira... esse negócio de levar na cachoeira para você tirar foto e voltar... Isso, eu não consigo fazer isso. Então, para a gente ir para a cachoeira tenho que ter kit de picnic, né, para a gente passar o dia, nadar, secar, molhar de novo, né, ficar lá, curtir, dar tempo para conhecer... Aqui do parque, tanto do lado de cá, quando do lado de lá, dá pra conhecer todas em um dia! Você pára em uma, que é a que mais bate sol e curte ali, né. Mas, igual, o *Ciclano* vende, a *Ciclana* vende esse serviço, eu acho legal, porque tem gente que busca isso. Mas, é... Mas, eu não tenho essa paciência de ficar lá parada esperando a pessoa tomar banho, aí... tomar banho rápido, porque tem que ir... // **Valéria:** Não é o nosso foco. // **Amanda:** É. Então, dentro da unidade de conservação, a gente faz só esses três serviços: O Terapia de Florestas, o Movimento SEMPRE e a condução. E a condução é para as montanhas, ou para o Calçado, Cristal, Bandeira ou a travessia ou Bandeira, ou só Bandeira e volta, ou só no Cristal e volta. As montanhas.

Valéria: Os lugares que as pessoas passam mas não vê, isso é muito interessante. Então, depois desses anos todos que a gente foi nas Duas Irmãs, e chegou lá. A gente sempre passa, né? Porque tá sempre subindo, aí eu falei um dia: _ Amanda, vamos nas Duas Irmãs. Então, assim, o visual que você tem dali, você vê o Cristal, o Calçado e o Bandeira lá trás, então, esses lugares que você passa mas não presta atenção no que você tá vendo. Então, o nosso trabalho é esse assim, a gente quer que a pessoa vem e fala assim: _ Oh, esse é o Cristal, visto pelo lado de Minas, ele é totalmente diferente quando você vê pelo Espírito Santo. O visual que você vai ver ao subir para o Pico, por Alto Caparaó ou por Pedra Menina é outro visual, você vê o Pico da Bandeira de outro ângulo, completamente diferente. Então, o nosso foco de subida é esse, que a pessoa venha para ver onde ela tá indo, para estar ali mesmo.

Amanda: E aí, a gente vai conversando de percepção, por exemplo, você está de um lado e tá vendo, vai filosofando, falando de ponto de vista, olha só como que muda. Vai aproveitando

isso e vai emendando os assuntos assim, tentando trazer para essa prática da vida, das realidades, mas não é o foco. O foco não é levar para cachoeira, cachoeira a gente ensina. Por exemplo, a gente sobe o Pico, desce com a pessoa e fala: _ Poxa, no outro dia, vai lá. Vai no Vale Verde. Porque como ela já foi no Pico, ela consegue ir no Vale Verde, e acho até legal ela ir sozinha, experimentar isso, então, a gente não faz esse passeio mostrar cachoeira, até porque todas as cachoeiras estão a menos de... no máximo, 1km, elas estão muito próximas da estrada do parque, todas tem sinalização para você ir, entendeu? Eu, não é... eu acho um *marketing* ruim, assim... Eu acho que eles erram nisso de cobrar... porque a gente que já visitou vários parques que já foi para vários lugares, eu me sentiria um pouco lesada, entendeu? “Como assim, você tá me cobrando para fazer um trem que eu poderia ter feito?” Eu acho / o parque, o parque não, mas as pessoas que exploram a possibilidade de fazer serviços no parque, no *marketing* elas patinam muito. Poderia fazer um *marketing* mais voltado para o montanhismo, para esse conceito de mais aproximação com a natureza, do que, às vezes, a gente vê muito voltado para esporte, e acho legal, mas são diferentes. Mas, de uma forma geral, o *marketing* aqui pega muito nisso, é o que eu tô falando...você não vê falando nada de montanhismo, você não vê uma loja aqui, só o Frutos da Terra, porque ele aluga. Mas você não vê nada, de nada, de montanha. Não tem cultura, não tem curso, não tem palestra, não tem um festival, poderia ter um festival de cinema, por exemplo, passando filmes de montanha. Então, ainda tem essa cultura de beber e subir o Pico. Acho que tem muita coisa...A gente vai envelhecer e ainda vai ter coisas para fazer, porque tem muita coisa que essa região, por aquela questão, de ser... como que chamava... O Território Proibido, tinha aquela questão da passagem do ouro, aqui sempre ficou muito... é... não sei... Acho que isso tá na cultura deles, eles não querem muito turista, né? Não tem... Ainda tá meio água e óleo, eu acredito que ainda vai virar um polvinho, um biscoito de polvilho assado bem gostoso [risos] mas vai demorar! A cidade ainda não absorveu e o que tá vindo, tá vindo, na minha opinião, em desarmonia, então assim, constrói chalé, e o chalé não tem uma janela, não tem, sabe? Muito concreto, muito ferro, você não explora os elementos naturais, não cria uma harmonia com aquilo, você olha e tá aquele monte de quadradinho na montanha, né? Meio replicando Campos do Jordão... Sei lá. Uns trem meio... eu não entendo assim, eu acho que é isso, é o que vem de fora que enxerga, mas vem descontextualizado. Quem está aqui não quer fazer, não depende disso. E aí também, as casinhas que eram deles vão virando outras coisas, vão virando comércio, vão virando loja, vai virando cafeteria, você já não tem mais aquela... Então, e pelo que eu estou percebendo, a juventude que está vindo aí, ela tá conectada fora daqui, né? Não tem ninguém aqui não. Os jovens, assim, eu percebo, um ou outro trabalho que a gente vê nas escolas aqui, mas assim, a tendência é

exportar mesmo a juventude, né. A gente não vê as famílias aqui: _ Ah, não. Vou fixar meu filho. Uma ou outra família aí de cafeicultor que tá vendo isso, estudando os meninos para exportar café e tal, daqui mesmo, fazendo curso de inglês, mas de uma forma geral, você não vê muito... as referências são os grandes centros, sabe? A referência de lugar desenvolvido, são os grandes centros. Nem é tanto BH, aqui é muito Vitória, Rio, né, a referência é Vitória e Rio.

Luiz: Para mim, maravilhoso já [risos]

Valéria: A nossa forma de ver, a gente fala assim, a saúde mesmo, a questão da saúde, do lazer, da natureza, né? E a gente tenta fazer esse *link* com as vivências, com as pessoas que vêm, assim, muito relato de gente falando assim: _ Nossa, não imaginava que era assim, que era tão grande! Tão bonito! A natureza preservada, né? Você chegar, mostrar onde está a Pedra Menina, né? A Face de Cristo, que são os lugares emblemáticos, né... Então, conta história, você conta histórias, então a nossa pegada é essa. Desse turista que vem para o seu lazer, mas que vem com uma vontade de vivenciar algo diferente, não tem essa pegada do turismo radical de levar nos atrativos fora do parque. Então, acho que público, demanda, né. Oferta e demanda, então, a gente tem esse foco que são pessoas que realmente queiram vivenciar a montanha de uma maneira mais afetiva, mais afetiva, não esporte, não esportiva, vamos dizer assim.

Amanda: Não tem nenhum problema com esporte na montanha. // **Valéria:** Sim, mas o nosso modo de trabalho. // **Amanda:** É, só que a gente não é essa pegada, tanto que o público 50+, poderia ser 50+ esportistas. Mas, não é. A gente quer o que está para aposentar lá no banco, que fica sentado o dia inteiro que acha que não vai conseguir, então é esse trabalho. Aquilo que você perguntou, que o cliente faz antes, a gente faz isso muito antes com o Movimento SEMPRE, ele a gente vai... a pessoa vai seis meses, a gente fazendo quase um trabalho mental mesmo para a pessoa, igual eu te falei, essa pessoa que trabalha que é servidor público de Carangola, né, que está acima do peso, que é tá com condicionamento zero, com a capacidade funcional comprometida, até para calçar o sapato é difícil... Essa pessoa que a gente vai fazendo essas aproximações sucessivas e o objetivo final do Movimento Sempre, que é a última letra, é levar lá em cima. É você engajar, é subir o Pico da bandeira! Esse é um trabalho mais lento. Mas a gente foge muito desse padrão condutor tradicional, foge muito mesmo! Porque a gente não se enxerga, talvez, nessa função específica, eu não me enxergo como condutor específico, igual a

gente vê o *Beltrano*, o *Aclano*, lá na Ilha Grande, o cara focado, ele faz é isso. O *Ciclano* aqui, faz isso. O nosso não é esse princípio.

Valéria: A gente aproveita a companhia! [risos]

Amanda: É! É difícil, às vezes, cobrar por isso, porque... agora com o negócio da trilha, tem um monte de gente lá do Brigadeiro que quer vir pra cá. “Amanda, você leva a gente?” Levo! Como que eu vou cobrar? Entendeu? É difícil! Então, eu sou condutora nutella mesmo! Da turma aí, tem 41 homens, se eu não me engano e 7 ou 6 mulheres, é... das mulheres eu acho que eu, a *Beltrana* e a *Ciclana* que vai mais. A *Beltrana* agora é guarda-parque, ela nem precisa conduzir mais, porque ela já tá dentro da unidade de conservação, que ela é uma ata, que é agente temporário. Então, se for ver, quem conduz mesmo, sobe e desce, é a *Ciclana*. Eu vou, encontro com a *Ciclana* no meio do caminho, uma vez por mês... Ou às vezes, menos. Por exemplo, tá chovendo, o cliente quer ir, eles levam... Eu não levo! Eu até falo: _ Cara, não vem não, tá mó chuva! Porque a gente já sabe que, né... Mas, é isso, Luiz... A gente que fica honrado de ser chamado pra esse bate-papo.

Luiz: Agradeço demais da conta!

Entrevista Sr. Aides

Data: 12 de fevereiro de 2024

Local: Alto Caparaó - MG

Entrevistado: Senhor Aides

Entrevistador: Luiz Gustavo Nicácio

Luiz: Pra começar, quero agradecer a disponibilidade do senhor para essa entrevista e pedir para o senhor assim... A entrevista é uma entrevista sem pergunta formal... O desejo é ouvir o senhor contar a história da família, da relação com o parque, a produção do café e deixar o senhor livre para contar isso para mim aqui e à medida que surgir alguma dúvida eu pergunto ao senhor.

Sr. Aides: Primeira pessoa que veio parar aqui em Alto Caparaó era, na época do Império, era uma família Dutra e o senhor era um homem assim, grandão, então, o apelido era Dutrão. Esse

Dutrão cometeu um crime e ele ia ser preso. Aí, ele *endenhou* por dentro das matas com a família dele e veio vindo por dentro das matas, fugindo. Ele tinha boi, cavalo e cabra, ele veio *endenhado* por dentro das matas e quando ele chegou por certa distância aqui, ele viu essas pontas de montanhas com vegetação baixa e ele então disse o seguinte: — Se eu conseguir fazer uma trilha e sair lá no alto, eu vou deixar meus animais fora da mata virgem.

Porque era tudo mata virgem. Aí, ele pegou um local aqui embaixo e saiu num local lá em cima que chama Macieira, porque tem uma planta que parece maçã... as folhas. Ele saiu onde hoje é a Casa Queimada, onde é a entrada ali pelo Espírito Santo. Aí, ele começou a montar um rancho lá, um curral para poder prender os animais e tal. E foi abrindo uma clareira aqui embaixo formando uma fazenda.

Passou bastante tempo, acabou o Império, virou República e esse senhor envelheceu muito, mas os animais foram crescendo lá em cima e não tinha quase ninguém para ver aquilo e eles foram ficando selvagens. Passou muito tempo, esse senhor, tal de Dutrão, faleceu e aí acabou o Império, virou República, os filhos já estão todos velhos também. Uma boa parte deles quiseram voltar para o Rio e meu bisavô adquiriu esses animais, os cavalos já tinham ficado selvagens, os bois selvagens e os cabritos selvagens. Mas, como ele tinha uma fazenda grande aqui embaixo, ele foi levando animais mansos para lá e foi domesticando eles lá. Passou muito tempo, esse meu bisavô também faleceu, aí ficou pro meu avô e pro meu tio. Era Francisco Monteiro... Meu bisavô era Francisco Monteiro de Oliveira e meu avô tinha o mesmo nome: Francisco Monteiro de Oliveira. E meu tio era Camilo Monteiro de Oliveira. Eles adquiriram a posse dos animais e compraram os animais, mas eles não tinham uma escritura definitiva... aquilo era terra do governo, eles falavam que eram terras devolutas, né? Mas foi crescendo, foi aumentando os animais e eles foram levando animais mansos para lá. Aí, eles fizeram a sede, a casa queimada, fizeram dois ranchos, em lugares assim, porque lá é muito distante... Às vezes, você estava procurando uma manada de um boi de um lado lá, entardecia e você chegava pro primeiro rancho... Para andar a noite lá, naquela época, não tinha condições, ainda mais a cavalo, e mesmo hoje, na trilha você anda, mas fora da trilha é muito difícil, tem muita pedra, muito buraco, muita *perandeira*. Eles foram ficando com aquilo lá, foi passando muitos e muitos anos, as pessoas daqui debaixo que queriam levar os animais pra lá também, era só marcar os animais com a sua marca e misturava lá com os animais de lá... Mas cada um tinha a sua marca, não é? E quando eu era novo, ficava pedindo ao meu pai... as coisas tinham ficado do meu avô, do meu tio, aí meu pai também tinha os animais lá em cima e eu pedia para ele me levar. Ele ia lá ver os animais do meu avô... Porque o lado do meu pai era o seguinte: Esse meu

bisavô era Francisco Monteiro de Oliveira, depois ficou para o meu avô que tinha o mesmo nome, e a minha avó era prima do meu avô, pai do meu pai, minha mãe e meu pai eram primos, então, meu pai tinha os animais lá em cima também. Ele levava e cuidava dos animais dele, do pai dele, da família e ia ajudando a olhar, um ajudava o outro lá em cima. E eu ficava pedindo ao meu pai para me levar lá porque eu queria conhecer, não é? E aí, meu pai me levou numa época bem fria, tava um frio danado lá, mas eu fui lá. Eu gostei muito do lugar, achei a paisagem muito bonita, né? Os animais também, muito bonito. As crinas dos cavalos encostava no chão, lá é frio, né? Os animais eram muito bonitos, tinha uns cavalos preto e branco, da raça campolina. Naquela época, ainda tinha muita onça lá em cima, tinha muito bicho. E a onça tinha muita comida, ela comia bezerrinho novo, comia potrinho novo, tinha muito cabrito, tinha muito porco do mato, tinha muito alimento para onça... tinha bastante onça. A área é muito grande, muita mata, né? E foram passando os tempos, o meu bisavô faleceu, as coisas ficaram para o meu avô e o meu tio, eles foram cuidado.

Foram passando muitos anos, veio nos anos 50 ... 1950 mais ou menos...Chegou um senhor aqui de uma cidade próxima, de Carangola. Carangola é como se fosse a nossa capital aqui. O Rio de Janeiro era a capital federal e tinha a estrada de ferro que vinha do Rio até Carangola todo dia. Então, esse senhor era político nos anos 50 e perdeu a política lá e veio para cá, achou esse lugar aqui muito bonito, chegou aqui e falou:

— Esse lugar aqui é muito bonito, isso aqui vai ter um futuro muito grande para turismo, mas, nós não temos estrada para o pessoal chegar aqui.

E a subida para o Pico era por aqui. Aí, ele falou:

— Aqui é muito íngreme, por lá dá um traçado e dá pra nós levarmos carro lá na tronqueira e se der dinheiro a gente leva até o Pico da Bandeira, se não der, leva até a tronqueira. Juntou todo mundo, fizemos uma trilha, levamos um *Jeepinho* daquele *Willys 51* lá na tronqueira. Aí, ele ficou todo entusiasmado e fez o projeto para criar o Parque. Nos anos de 1960, o Jânio Quadros passou fazendo campanha política aqui, em Manhumirim, uma cidade próxima daqui, a uns 20 quilômetros daqui. Ele pegou o projeto, chegou perto do Jânio com o projeto na mão e falou:

— Doutor Jânio, se o senhor ganhar para a Presidência da República, o senhor assina um decreto fazendo o Parque Nacional do Caparaó. Para preservar aquela riqueza que tem lá em cima, lá tem muita nascente, vamos preservar aquilo!

Jânio olhou e falou: — Ah, se eu ganhar eu vou assinar!

Pôs aquilo na pasta e foi para São Paulo. Ele ganhou, tomou posse em 1º de Janeiro de 1961, e

em 24 de Maio de 1961, ele assinou o decreto fazendo o Parque. Foi o Jânio Quadros que assinou. Então, como as terras já eram do governo, e eles usavam a posse, né? Aí, teve os animais, tiraram os animais, fizeram as indenizações necessárias e virou o Parque Nacional do Caparaó.

Mas, sempre vem / O Pico da Bandeira sempre foi a montanha mais alta do Brasil, até 1964. Em 1964, quando os militares assumiram o governo, eles fizeram um projeto que se chama Calha Norte. Eles queriam ver todas as nossas divisas. Começaram no Uruguai, colocaram o contingente militar a cada 100 quilômetros para proteger as nossas fronteiras, para acompanhar o que entra e sai. Eles foram, foram indo... Quando chegou lá nas divisas da Venezuela, da Guianas, eles acharam o Pico da Neblina, acharam que era do outro lado, mas o Pico da Neblina é nosso. O Pico da Bandeira, o D. Pedro II mandou colocar a bandeira do Brasil lá em cima, aí ficou com o nome de Pico da Bandeira. E o Pico da Neblina é um pouquinho mais alto e o Pico 31 de Março é um pouco mais alto. Então, o Pico da Bandeira ficou com o terceiro lugar. Mas, como ele é histórico, as pessoas do Brasil inteiro querem vir conhecer o Pico da Bandeira, eles vêm aqui para ir até o Pico da Bandeira, até hoje. O pessoal tem uma atração, a paisagem lá é muito bonita, a vegetação, então atrai pessoas do Brasil inteiro até hoje, vem muita gente aqui para ir no Pico da Bandeira.

Mas, antes eles colocavam até fogo naquilo lá, para limpar um pouco, mas a área do Parque hoje é 33 mil hectares, 70% da área do Parque está dentro do estado Espírito Santo e 30% está dentro do estado de Minas, só que, a chegada boa para a área do Parque é do lado de Minas. Eles fizeram uma entrada nova por lá... Tem duas entradas: tem a daqui do Caparaó aqui e tem a da Pedra Menina Paraíso... Eles fizeram uma entrada lá que sai na Casa Queimada e sai no Pico da Bandeira. Mas a chegada por aqui é melhor, aqui não é tão íngreme e lá é bastante íngreme. Então, o Brasil inteiro continua vindo para conhecer o Pico da Bandeira e aconteceu também, em um período lá, que houve uma guerrilha lá, né? Uma guerrilha no Caparaó. O nosso contingente militar daqui de Minas Gerais, o maior deles era em Juiz de Fora, e os militares todo ano fazem treinamento de montanha aqui em cima. Eles vem pra cá, geralmente, passavam por aqui para tomar café, a gente conversava bastante e eles ficavam lá um mês fazendo treinamento de montanha. Todo ano eles vêm, ainda continua. E aí, depois, um sargento daqueles que vieram aqui, quando surgiram... as guerrilhas... o... em 1965 ... 1966 terminou o mandato do Castelo Branco... em 1964 os militares assumiram o governo, né? E em 1966, terminava o mandato do Marechal Humberto de Alencar Castello Branco, mas aí em 65, a cúpula militar se reuniu e falou:—Não, não vai ter eleição, não. Prometeram fazer eleição... e ele saiu de lá aborrecido... Castello Branco era um homem muito respeitado porque

foi o nosso comandante das forças armadas do Brasil na guerra, na Alemanha e na Itália, e ele era o comandante geral, era um homem muito sincero, muito honesto e prometeu fazer eleição. Mas, a cúpula militar se reuniu e falou: — Não, não vai poder ter eleição não, porque nós não vamos ter voto, nós fizemos a Revolução agora em 1964 e não temos voto não, então, não vai ter eleição não.

Ele saiu de lá aborrecido, e como não saíram as eleições, começam a surgir as guerrilhas, mas... O João Goulart criou o Clube dos Sargentos no Rio de Janeiro e eles foram treinar guerrilha na Rússia, em Cuba... E como Fidel Castro subiu na serra Maestra e tomou Cuba / os militares ali de Juiz de Fora... E Juiz de Fora é ali muito perto do Rio, eles falam até que Juiz de Fora é um bairro ali no Rio de Janeiro. Então, os sargentos dali de Juiz de Fora passaram a pertencer ao Clube de Sargentos do Rio de Janeiro, eles foram treinar guerrilha em Cuba também, aí eles acharam essa montanha aqui, e como Fidel Castro subiu a Serra Maestra, desceu e tomou Cuba, eles acharam que aqui também era o lugar ideal, vieram e montaram uma guerrilha aqui... Mas, eles sofreram muito, coitados! Porque lá em cima é muito difícil para você sobreviver lá, mesmo com conforto, ainda mais com eles mudando... Eles mudaram muito o acampamento deles para disfarçar, para acharem que eles eram turistas. Eles passaram muita dificuldade lá. Mas, acabou que no final, eu não vou entrar muito em detalhes, mas eles... não aconteceu nada! Não mataram ninguém! Não atirou em ninguém. Ninguém matou nenhum deles, eles foram presos normalmente, e não deu um tiro aqui. Mas, veio um contingente muito forte de militares para cá, mas aí, já não tinha mais ninguém. Eram 9 sargentos, um cabo e um repórter, eles vieram montar a guerrilha aí em cima...

A Dilma Rousseff montou uma guerrilha no Araguaia, Lamarca montou uma guerrilha no Vale do Ribeira, e aí foram... Como não saíram as eleições, quem mais bateu o pé para não ter eleições foi o Costa e Silva... General Costa e Silva, e nomearam ele Presidente da República. E ele era um homem muito durão, um gaúcho muito duro e ele então.. começou a surgir as guerrilhas, e ele assinou assinou o Ato Institucional nº5, aí fechou tudo, porque começou a surgir a guerrilha... aí parou as guerrilhas, houve uma repressão bastante forte, então parou. Mas, eles ficaram aqui em cima, não deu problema com ninguém. Mas sempre teve um atrativo muito grande pela Serra do Caparaó, a Serra do Caparaó tem uns contornos muito bonitos, a paisagem aqui é cinematográfica. Então, as pessoas vêm aqui e ficam encantadas com a paisagem. Tem muitas cachoeiras muito bonitas, muitas nascentes de água! Cada recanto que você dê uma volta no entorno do parque, dá uns 150km... Anda um pouquinho e tem um riacho, um córrego, a montanha parece uma caixa d'água furada, todo lugar tem uma nascente, uma cachoeira e aí se criou muitas cachoeiras bonitas, muitos recantos

bonitos e isso dá uma atração muito grande para as pessoas que moram nos grandes centros principalmente, né? E a paisagem é cinematográfica. Então, atraia muita gente até hoje, mais ou menos, é isso daí! E tem vindo muitos turistas e tá aumentando o número de turistas do Brasil, aqui na Serra do Caparaó.

Luiz: E nesse período, o senhor está contando, né... que subia por causa do gado, a família do senhor, e o senhor mesmo subia para ir no pico, para ir em cachoeira, fazia parte...?

Sr. Aides: Também, fazia passeios também, para acompanhar os animais lá em cima. Era muito animal que tinha, muito cavalo, muita cabra... A gente andava de cavalo lá por todo lado. A gente conhece cada montanha daquela, cada riacho, cada nascente... E lá tem um problema muito sério: Às vezes, tá tudo assim, muito limpo e de repente desce uma neblina e ela fecha tudo. Se a pessoa não conhecer... Se a pessoa sair da trilha, ela se perde... Ela se perde porque a vegetação é muito parecida e não tem, assim, hoje não tem mais trilhas. Antes tinha mais trilha por causa dos bois e os cavalos faziam aquelas trilhas, então, você entrava num caminho daquele e saía... Mas tem que conhecer o local, lá é muito frio e já morreu gente de frio, lá. Ali no Terreirão, tem um lugar que chama Terreirão era onde a boiada ficava muito parada ali e os bois cavuca no chão, aí ficava aquela... era um terreiro mesmo, poderia descer até um aviãozinho desses pequenos, poderia descer lá que era um pátio bastante grande mesmo, extenso e... os animais ficavam ali e do lado tem uma montanha que se chama Cruz do Negro. A Cruz do Negro é o seguinte: O negro Diolino gostava muito de caçar, ele ia para lá matar cabrito bravo, matar um tipo de bicho e ele subiu para lá com dois cachorros e ele então, chegando lá, se perdeu. E a montanha é ali do lado do Terreirão e ele tava com dois cachorros e um dos cachorros desceu e ele não chegava... Há uns 3, 4 dias ele não chegava... Aí, esse cachorro que desceu, eles deram comida pra ele, trataram dele, ele começou a latir e eles acompanharam ele... Ele levou eles lá... A montanha que tem ali do lado do Terreirão, eles chegaram lá, o negro Diolino tava com um fecho de capim na mão, um fósforo, e morto, e o outro cachorro morto perto dele... Esse negro, o nome dele é Diolino, e eles pegaram o Negro Diolino, trouxeram ele embora e fizeram uma cruz e botaram lá... a montanha chama Cruz do Negro, ali do lado do Terreirão. O negro Diolino morreu de frio lá. Mas, lá é frio mesmo! Se bobear, a pessoa se perde e morre. Ele tava morto e o cachorro morto lá. Então, a gente

aconselha sempre quando as pessoas subir lá, levar um guia, porque de repente tá limpo, de repente baixa a neblina, se a pessoa descuidar e sair da trilha, pode se perder... Um tempo atrás, perdeu uma menina lá, de 16 anos. Ela ficou duas noites perdidas, meu primo que achou ela lá, porque ele conhecia bem a região. E o pessoal do Parque, às vezes, eles vêm de outros lugares para cá e não anda, às vezes, muito por causa de ser...trilha, lugar é muito fechado. Então, eles não conhecem muito o lugar lá e a gente conhece cada montanha daquela lá, cada nascente daquela lá a gente conhece. E lá em cima, na época das chuvas é perigoso porque lá... quando chove muito e é muita pedra, não tem muito lugar para a água se infiltrar, a água corre... Então, naqueles vale, todos aqueles vales lá formam uma corrente de água forte... porque tem um morro daqui, um morro dali, no meio tem uma nascente de onde vem água, aquelas águas corre tudo para dentro do vale e forma aquela cabeça de água forte, aquelas correntezas fortes. Se a pessoa não souber, a pessoa vai embora, aquela água carrega as pessoas. Às vezes, tem que passar por cima das nascentes para poder sair do outro lado, então, na época das chuvas é perigoso, cai bastante raio lá também, e a pessoa naquele descampado. A gente perdeu bastante boi, cavalo perdia com raio que caia nas coisas... E a gente, quando chovia lá, a gente não andava não. A gente saia... voltava para o rancho rápido, entrava pro rancho para se proteger, porque lá não tem onde se proteger. No descampado, a pessoa ali atrai o raio.

Luiz: O senhor, na visita que eu fiz aqui ano passado, o senhor contou um pouco a história daquela araucária entre...

Sr. Aides: Ah, certo! Sim. Ali tinha um rancho antigo de um lado e depois eles fizeram um ranchinho do outro lado... Eles falam Rancho dos Cabritos. O senhor tinha uns cabritos mansos que ele levou pra lá, tinha muito cabrito ali, aí pôs o ranchinho lá como Rancho dos Cabritos, aí do lado tem uma araucária que a minha tinha Elisa que plantou, ela deve ter uns 130 anos, mais ou menos, que ela plantou. Todo mundo chega lá e fala: - Como é que essa araucária veio parar aqui?

E só ela lá, e ela é alta, mais alta que toda a vegetação, então ela virou um atrativo ali, mas foi a tia Elisa que plantou...Deve ter uns 130 anos que ela plantou, essas terras aqui eram do meu tio, o nome dele era Manoel Gomes de Oliveira Barros e a minha tia é tia Elisa. Ela gostava de plantar, ela plantou aqui embaixo, plantou umas, aqui na subida tem uns também ao lado da estrada também e ela plantou aquela lá em cima e só tem aquela lá, absoluta. Todo mundo

fala:— Como que veio parar essa araucária aqui?

Foi a tia Elisa que plantou ela lá. Virou um atrativo lá, o pessoal, às vezes, chega aqui me mostra foto e fala:—Ah, eu tirei foto dela aqui! e eu falo:—Foi a tia Elisa que plantou. Mas, a família ia muito lá, gostava muito, passava uns dias lá, mas lá é difícil... a noite esfria muito, de repente. Às vezes tá limpo e de repente fecha e as chuvas também são um pouco perigosas. Então, a gente sempre aconselha quando as pessoas subirem lá, leva um guia. Porque o guia já tá acostumado, conhece bem os prós e os contras da natureza, né? Então, a gente aconselha. E hoje, o turismo tá aumentando muito em todo percurso do parque, em todo o entorno do parque, tá surgindo núcleos de turismo porque o lugar é muito bonito, tem umas cachoeiras muito bonitas, os rios, a água é muito cristalina, muito pura. Eles pegam um local daquele bonito e começam a construir, as pessoas vêm e querem ficar em contato com a natureza. Então, tá aumentando muito o turismo aqui. Na época do meu avô, ele colocou um livro lá em cima e quando a pessoa chegava lá, ela assinava o nome no livro. Quando passou para o IBAMA, o pessoal, no começo, não tinha muita gente para cuidar, tava assim... Eles, então, foi indo gente lá e acabou queimando o livro. Um livro histórico que as pessoas iam lá e deixavam o nome, a data, né, era muito interessante. Tinha uma bandeira também lá, mas não uma bandeira de pano, uma bandeira pintada. Agora, eu tô até querendo mandar pintar uma bandeira numa chapa de aço ou de alumínio e a gente deixar lá a bandeira... e deixar um livro para a pessoa chegar lá e assinar o nome também, da visita... Fica uma coisa histórica. Mas o livro, eles queimaram o livro... E eles fizeram uma casa também, quase no topo do Pico, nós levamos o material nos burrinhos, levamos o cimento, fez o alicerce e as paredes foram feitas todas de tijolo...de madeira... fizeram uns tijolos de madeira assim... a casa ficou muito bem construída, muito bonita! Mas, eles fizeram aquilo para colocar um aparelho... um aparelho para captar imagens de televisão, tanto para o Espírito Santo quanto para aqui, por causa da altitude da montanha lá. Então, quando passou para o IBAMA, o pessoal começaram a... não foi esse não... / Quando surgiu a guerrilha, eles começaram a usar aqueles aparelhos lá para a comunicação, aí o exército quando veio, retirou aquilo, porque eles acharam que tinha mais gente por lá e tal, mas não tinha mais ninguém. Então, eles pegaram aqueles aparelhos e levaram embora. Ficou aquela casa lá sem nada, os turistas chegam lá, muito frio, eles começaram a pegar aqueles tijolos, que eram de madeira...

Luiz: a fazer fogueira...

Sr. Aides: É, fazer fogo, acabou com a casa, queimaram tudo. Hoje só tem os alicerces lá de cimento. O resto acabou... e a casa poderia ficar lá porque poderia salvar uma pessoa numa chuva forte. Eu já subi lá uma vez com uns americanos e uns brasileiros daqui...um pessoal daqui do Rio de Janeiro e uns americanos e deu uma ventania tão forte que nós tivemos que deitar e tudo que tava desgarrado nosso, o vento levou. Nós tivemos que deitar e agarrar nas pedras para se proteger. Ali é alto, né? Eu já vi vento rolar pedra lá...naquelas barrocas, naquelas grutas, o vento dá aquele tufão de vento e a pedra tá meio deslocada e elas tiram do lugar. Às vezes, dá uma ventania muito forte e a pessoa tem que tá preparada para poder enfrentar aquilo lá quando vai lá em cima, porque é muito alto, né, são quase três mil metros de altitude, né?

Luiz: Hoje, o senhor está no Conselho Consultivo do Parque, né?

Sr. Aides: É, eu sou conselheiro do Parque. Então, como a gente conhece bastante lá, nas reuniões a gente sempre orienta, conversa, troca as ideias... porque são... do lado do Espírito Santo são 6 municípios que dividem com o parque e do lado de Minas é 5 municípios. Então, do lado Espírito Santo são 6 conselheiros, e o lado de Minas tem 5 conselheiros, a gente reúne e troca as ideias para proteger o Parque, né, das maneiras que tem que ser feitas e tal... E a gente tá sempre ali / Como eu conheço bastante da área, mais que qualquer um dos outros todos porque eu ia muito lá, passava semana lá, conheço cada pedra daquela. Às vezes, quando eles têm alguma orientação, que eles precisam, eles me procuram para a gente falar sobre o lugar lá, porque a gente tem a experiência vivida, né? Então, dá pra gente dar uma orientação naquilo que a gente sabe, né. Mas, ali é uma natureza extraordinária mesmo, é muito... são 33 mil hectares... de natureza / ali é tudo natural mesmo. Você não pode tirar nada de lá! Lá tem muitos remédios bons, muitas plantas que dá remédio bom... tem três tipos de matos lá que fazem uns chás muito gostosos. Tem um mato lá que chama Orelha de Burro que se você fizer um chá daqui e se você tiver a 100 metros de distância, você sente o aroma. É uma folha grande, parece uma orelha de burro mesmo, é muito cheiroso. Tem um poejo rasteiro muito bom, e um poejo de árvore muito especial também de fazer, sempre levava açúcar e fazia o chá lá em cima desses matos, era muito bom. Então, a gente / e lá também, me parece, que na área que hoje é a Casa Queimada, chegaram a achar pedras de águas marinhas lá também, lá deve de ter / e os jesuítas

passaram por lá procurando muita coisa lá, acharam depois ferramentas que eles levaram, alguma coisa que ficou perdida, foram os jesuítas que passaram lá procurando ouro, pedras preciosas.

Luiz: O senhor ainda vai pra lá de vez em quando?

Sr. Aides: Não, agora ultimamente eu não tenho ido não. Mas, eu tive lá um tempo desse atrás, eu fui levar meus filhos, levar meus netos também, né. Às vezes, a gente aparece, mas tem um bom tempo que eu não vou lá não... eu fui na última vez, fui até na Tronqueira, fui no Vale Encantado e fui no Rancho dos Cabritos, só. Mas no Pico da Bandeira já tem um tempinho que não vou lá não.

Luiz: E a história do café, como é?

Sr. Aides: A história do café é o seguinte...Em 1950, nós começamos a plantar café aqui, mas aqui era muito frio, a gente plantava as mudinhas e a geada matava tudo. Ai, aqui era muito difícil pra formar café, aí nós plantamos no plano, no plano, a geada desce e pega no plano. No morro, a geada não pega muito porque o vento espalha a geada, aí, começamos a plantar nos morros, aqui é quase só morro mesmo, né? Então, começamos a formar os cafés, mas foi de 1950 pra cá. Aí, nos anos 60, 1960, mais ou menos, eu fui para São Paulo, eu tava fazendo curso na Aeronáutica e acabou que eu fiquei lá um tempo e aqui chama Ninho da Águia por causa do meu pessoal da Aeronáutica que pôs o nome aqui. Eu tinha o meu pessoal da alta patente lá da Aeronáutica, aí eu falei: —Vou procurá-los para me orientar para saber como que eu tenho que fazer, né?

Mas aí, como eu tinha pouco estudo na época, meu parente falou assim: - Se você entrar lá como sargento, cê vai ficar a vida toda lá como sargento. Para entrar na aeronáutica, exército e marinha, você tem que entrar como oficial, para você subir para pegar...a...os cargos de cima. Senão, você vai ficar lá só como sargento, não dá não.

Aí, eu saí, fui ficar com eles lá, era ele e o Brigadeiro Faria Lima lá em São Paulo, eles eram como irmãos, tinham casa na praia, tinham uma fazenda no interior de São Paulo. Meu parente

tinha um haras lá, gostava muito de cavalo, tinha cavalo na hípica e no *jockey*. Eu fiquei lá com eles uns tempos, um fim de semana ia para a praia, eles eram como irmãos, onde um tava o outro... fizeram a carreira juntos na Aeronáutica. E o Brigadeiro Eduardo Gomes que também é meu parente, né. É da família. Ele criou o correio aéreo... e o meu parente chegou só a coronel, porque ele caiu lá nos Andes, ele aterrissou num trem de 5 mil metros lá, tava com 13 oficiais, eles iam fazer uma... tipo... um curso... eles iam fazer um curso lá nos Estados Unidos e ele tava indo com 13 oficiais, aí o avião pegou fogo na turbina, e ele gritou com eles lá: - Prepara todo mundo ou nós vamos morrer ou nós vamos nos salvar no topo daquela montanha ali!

Aí, ele aterrissou numa montanha de 5 mil metros, aí ele salvou todo mundo, não aconteceu nada com ninguém, eles condecoraram ele, ele saiu / aí falaram: - se quiser aposentar, pode aposentar também. E ele falou:—Então, vou aposentar.

Porque o Brigadeiro Eduardo Gomes tinha perdido na política e ele era ajudante de ordem do Brigadeiro Eduardo Gomes por causa do parentesco, né? Aí, ele pegou e saiu e o Brigadeiro Faria Lima tinha sido nomeado para comandar a Base Aérea de Cumbica lá em São Paulo e ele pegou e falou:— Ah, eu vou mudar pra lá também, cê vai aposentar logo, nós vamos fazer uma vida nova lá.

Eles compraram uma casa na praia, compraram uma fazenda, eles estavam sempre juntos, um fim de semana tava na praia, o outro tava na fazenda.

Aí, eu fui ficar com eles lá, depois, eu montei um comércio para mim lá, eu saí e montei um comércio. A minha esposa é de lá, e era ali perto da Hípica Paulista e eu ainda tenho uma casa lá hoje, meus filhos nasceram lá, mas como a minha família toda é daqui, todo ano eu vinha aqui porque eu queria... às vezes, a gente ia no Pico, ia passear por aqui, ver a família. Aí, quando a gente ia bastante na praia, o meu filho Clayton, ele aprendeu a surfar, gostava de *surf*. Aí, meu irmão caçula daqui falou para ele assim: —Cê gosta de surfar? Vem para cá mexer com café, que café, você trabalha seis meses, depois cê tem seis meses para você surfar. Mas, nos sistemas antigos que eles faziam os cafês, era mais ou menos assim: Cê colhia o café, cê passava a enxada na lavoura toda, limpava, adubava e ficava esperando até a outra produção. E aí, dava um tempo para a pessoa passear mesmo, se quisesse. Mas, ele pegou e ficou todo entusiasmado com aquilo e veio ficar junto do meu irmão que tava na época da colheita. Ele falou:— Eu vou ficar com ele lá, que assim, eu vou ver como é que ele mexe com café e vou começar a aprender.

Aí, meu irmão tava mexendo com os cafês aqui, ele pegou e falou: —Ah, eu vou... Saiu uns

cafés muito bonitos... Ele tomou o café, achou o café bom e falou assim: —Você deixa os mais bonitos para você tomar, como você faz?

Aí, ele falou assim: — Não, esses melhores aqui, nós vendemos. A gente deixa um mais inferior para a gente tomar. Aí, ele falou assim: — Uai, mas você tem que deixar o melhor! Um saco de café dá pra um ano? E ele respondeu:—Dá pra um ano. — Uai, então, deixa o melhor. Vamos tomar o melhor.

Aí, ele foi em São Paulo, lá para encontrar comigo, aí ele encontrou um / ele foi em uma cafeteria sofisticada, no Jardins lá, aí a mulher falou: - Olha, nosso café aqui é café especial, eu pego esses cafés aqui no Sul de Minas, no Cerrado, no interior de São Paulo. Aí, ele tomou o café e perguntou se era especial, aí ele falou:—Oh, se esse é o especial, o que eu tô tomando lá, eu acho que tá melhor do que esse aqui. Aí, ele pegou, chegou aqui e me chamou / ele chamou um amigo dele que estudou com ele lá, fizeram uma pesquisa de produção de cafés especiais e consumo no Brasil, nos países de fora. Aí, ele ficou impressionado de ver a Colômbia, um país pequeno, perto de nós, com cafés em todas as boas cafeterias do mundo, o Brasil tinha café no mundo inteiro, mas era café de *commodity*, não tinha café especial. Ai, ele falou: — Nós vamos fazer café especial aqui. Aí, o... o... / eles pegaram e falaram: — Aqui não vai entrar nada químico, tudo orgânico, nós vamos fazer terreiro suspenso, colheita seletiva, vamos colher só o maduro, que o maduro é doce, e vamos fazer café especial. Aí, começou. Ele ficou 10 anos aqui fazendo café especial e vendendo pelo mesmo preço dos outros. Ele ainda falava: — Um surfista meio doido que veio de São Paulo, tem um trabalho danado com café e vende pelo mesmo preço. Passou uns 10 anos fazendo isso, aí eu falei: — Continua fazendo!

Eu achei bom, saiu de São Paulo, tava aqui no interior, aqui é seguro. Aqui, hoje, tem mais de 18 anos que não tem um homicídio aqui no município. Então, aqui é tudo aberto, tudo seguro. Aí, ele pegou / A EMATER resolveu fazer um concurso de cafés especiais regionais aqui em Manhuaçu. Aí, entrou 60 municípios, cada município mandou 10 amostras. Mandaram 600 amostras, aí ele pegou e falou assim:— Vamos fazer uma experiência e ver se estamos caminhando bem aqui, se nós estamos fazendo o trabalho certo, vamos mandar duas amostras pra lá, para nós vermos como que estamos indo aqui.

Aí, mandou uma no nome dele e uma no meu nome, chegando lá, dessas 600 amostras, o café dele ficou em primeiro lugar e o meu ficou em segundo. Aí, os produtores da região falaram assim: — Ah, isso foi uma causalidade, isso nunca mais vai acontecer isso. Isso foi um negócio anormal. Aí, eu falei: — Tá vendo, meu filho. Nem você fazendo o melhor café, não vão

acreditar em você não. Aí, ele falou: — Mas, é isso. Eu sou surfista, tenho algumas tatuagenzinhas, não inspira muita confiança mesmo não. Brincou ainda. Aí, eu falei: — Vamos continuar! Aí, o pessoal da EMATER falou: — O café de vocês é muito bom, tem que mandar o café de vocês para participar do concurso do estado de Minas. Aí, ele falou: — Vamos mandar! Aí, entrou as fazendas *top* do Sul de Minas, do Cerrado, das fazendas que já ganharam muitos prêmios, café muito especial já espalhando pelo mundo inteiro. Aí, a participação no concurso do estado de Minas Gerais exigia que você tivesse 10 sacas de café de 60 quilos, igual a amostra que você mandou para lá. Porque, às vezes, a pessoa faz um punhadinho de café muito bom, manda para lá, mas não tem café para colocar no mercado, então não resolve. Então, o concurso de Minas exigia 10 sacas de 60 quilos, mandou a amostra e nós fomos para lá. Chegando lá, o estado de Minas... o / aí pegou... a amostra dele ficou em primeiro lugar, e a minha amostra passou para terceiro, passou uma amostra do Sul de Minas no meio, muito bom, em segundo lugar, mas o dele ficou em primeiro. Aí, pelo café dele ter ido para primeiro lugar, primeiro colocado, eles levaram essas dez sacas de café dele para leilão. Aí, eles arremataram o café dele, as dez sacas por 10 vezes o preço que estava no mercado. Então, vamos supor que se o café estivesse a 100, eles arremataram a 1000, dez vezes o preço que estava no mercado. Aí, os produtores ficaram impressionados com aquilo e começou a chegar produtor de café aqui de todo lado, para ver o que ele estava fazendo aqui... Porque eles tinham vendido o café dele no leilão dez vezes o preço que estava no mercado. Aí, eles chegam aqui e conversa animada e tal, quando eles veem o trabalho que dá, aí eles voltam a fazer o tradicional, aquele montão no terreiro, tudo misturado, faz quantidade... Mas para fazer qualidade tem que ser um trabalho artesanal mesmo, seletivo. Então, aí... por nós termos ganhado o melhor de Minas, nós temos até o troféu ali, na época, o governador era o Anastasia...entregando para ele o troféu, tem até a foto ali. Aí, o... eles falaram:— Agora, nós vamos participar do concurso nacional! Aí nós fomos participar do concurso nacional. No concurso nacional, vem três juízes estrangeiros, especializados em café especial, vem um da Europa, representando a Europa, vem um representando o Japão e um representando os Estados Unidos, que é onde se consome os cafés especiais, que eles têm poder aquisitivo melhor de pagar o café por um preço mais alto, né? Então, é onde se consome mais cafés especiais. Então, eles fazem um concurso lá todo ano, o campeão, já é o juiz credenciado que vem para participar do nosso concurso aqui. E o concurso no Brasil é feito aqui no Expominas em Belo Horizonte. Porque Minas Gerais é o maior produtor de café do Brasil, então, o concurso é feito no Expominas. Então, nos mandamos para lá também as amostras nossas e o nosso café foi chegando lá, o dele ficou em primeiro e o meu

ficou em terceiro... Aí, o campeão europeu ficou muito impressionado e quis vir conhecer aqui onde produz o café. Aí, ele veio aqui, era um noroegues, aí ele já levou o café lá para a Europa. Isso foi em 2014. Em 2015, nós fizemos de novo o melhor do Brasil. Aí, veio o campeão do Japão, o campeão dos Estados Unidos e o campeão da Europa veio aqui para conhecer onde produzia o café, ficaram impressionados. Aí, já levaram os nossos cafés para lá, aí o pessoal das cafeterias, todos participaram também do concurso, né? Começaram a vir aqui para ver o café para comprar café da gente, então hoje, tem café nosso em todas as melhores cafeterias do mundo. E todos os donos dessas cafeterias vem aqui. Eles prestigiam muito o produtor, eles gostam de mostrar o café de origem. Eles querem saber se você tá cuidando do meio ambiente, da ecologia, da água, se o funcionário é bem cuidado. Eles não importam de te pagar um pouco mais no café, não. Mas eles querem que você cuida do meio ambiente, né, todo o conjunto que tem que ser beneficiado. Então, a gente hoje tem o nosso café em todas as melhores cafeterias do mundo e todos eles já vieram aqui visitar, eles fazem questão de vir conhecer. A gente recebeu há um tempo desse atrás, chegou duas moças aqui de Moscou, elas tomaram nosso café lá em Moscou e vieram parar aqui para ver onde produzia o café. Umas moças loiras, altas, pareciam essas jogadoras de basquete, né? Chegaram aqui e ficaram encantadas de ver esses morros cheios de café e ainda falaram: — Puxa vida! Tanto café no mundo e o café chega muito caro para nós lá. Aí, eu brinquei com ela e falei: _ Não, minha filha, lá é muito longe, muito frio, até o café chegar lá... Elas acharam engraçado... Agora, pouco tempo depois, chegou um rapaz aqui da Sibéria. O mundo inteiro toma café... A gente aqui, praticamente, num... tem um cantinho do mundo que o pessoal não vieram aqui atrás do café. Depois da água, o mais consumido no mundo é o café. Então, a gente recebe gente aqui do mundo inteiro, eles ficam encantados aqui com a nossa região aqui. Os brasileiros vem aqui muito para ir no Pico da Bandeira, aí, sabe que tem um café bom aqui e aí vem visitar a fazenda. Agora, o estrangeiro não, ele vem de lá só pra ver o café... é difícil passar uma semana que a gente não recebe um ou dois países diferentes. Eles vêm aqui exatamente atrás do café. Às vezes, toma o café lá em Paris, quer vir conhecer onde produz o café. O outro tomou em Londres, quer vir aqui, o outro lá em Berlim, na Alemanha e vem aqui para conhecer. E o mundo inteiro tem o nosso café, nas melhores cafeterias hoje tem o nosso café e a gente, então, recebe muito estrangeiro aqui que vem aqui por causa do café.

Luiz: Acontece de estrangeiro vir por causa do café e acabar indo para o Parque?

Sr. Aides: Às vezes, muitos vão conhecer as cachoeiras, fazer o entorno do Parque para conhecer, uns sobem lá na montanha. Então, é um atrativo. O Parque sempre é um atrativo turístico, né.

Luiz: E o café, depois, mais pessoas começaram a // **Sr. Aides:** Agora, vem muita gente do Brasil inteiro, vem gente também por causa do meu café. Porque o Alto Caparaó é... onde levou o café... entre 2010 até 2015 mais ou menos... 2020... Todos os melhores cafés são da região aqui, e muitas pessoas que vieram aqui para aprender com meu filho aqui, ele ensinou dois que vieram aqui aprender, os dois já fizeram o melhor café do Brasil daqui da região. O meu filho estava dando palestra nas escolas trazendo os alunos aqui para mostrar para eles como que nós temos que cuidar do café da nossa região. Para a região ficar conhecida como café especial, não é só a gente aqui, é a região toda. E nós temos um percurso aqui de uns 40 km a 50, na parte beirando o Parque Nacional, todo ele, é onde tem os locais onde vai ter sempre os melhores cafés do Brasil e do mundo, não é só do Brasil não, é do mundo. Todo esse percurso é só fazer o café numa altitude, mais ou menos, de 1400 metros... aqui é interessante, que aqui a 1400 metros de altitude dá o mesmo microclima da Colômbia que é 3000 metros e mesmo microclima da Etiópia... O arábica é originado da Etiópia e ele tem a metade da cafeína. O Conilon robusto é originário também da África, mas é do Congo, o Conilon é originário no Congo e ele é de lugar quente e tem o dobro de cafeína, ele é um tipo de café, assim, mais selvagem, mais rústico... Então, é mais ou menos, isso.

Luiz: Se o senhor tiver desejo de falar mais alguma coisa sobre o café...

Sr. Aides: Sobre o café tá bom. Agora tá chegando gente. Ceis são de onde?

Visitante: Bom dia! Somos de Conselheiro Lafaiete.

Sr. Aides: Sejam bem vindos. Esse aqui é bom, é especializado em café, aqui tem que fazer café bom, né? Todo mundo tem que procurar fazer café bom. Nós estragamos muito o café na colheita e na torra. Cê tem que saber colher o café e saber torrar o café. Não existe torra de café

mais clara nem mais escura, nem torra média. A torra do café é a torra certa. cada café cê tem que fazer a torra certa. Quem torra café aqui pra nós... ele é professor de torra, ele é barista, ele classifica pontuação de café e é juiz de concurso. Agora, imagina bem, o cara toma meu café lá em Londres, ele chega aqui, ele tem que tomar um café igual ou melhor que tomou lá. Não é verdade? Então, a gente tem gente especializada aqui para fazer os cafés aqui. Eu tenho a torra ali, depois se você quiser tirar uma foto eu te mostro.

Luiz: Vou encerrar a gravação aqui, Senhor Aides.